

Universitat de Barcelona
Facultat de Biblioteconomia i Documentació

Programa de Doctorat Informació i Documentació en l'Era Digital
Bienni 2002-04

**Metodologia para a avaliação de colecções:
estudo aplicado a uma biblioteca portuguesa**

Tese de Doutoramento apresentada por **Pedro Manuel Cardina Maximino**
para a obtenção do título de Doutor em Biblioteconomia pela Universitat de
Barcelona

Director: Doutor **Ernest Abadal Falgueras**

Barcelona, Março de 2006

7. Estudo de caso

7.1. Estudo acumulativo na Biblioteca Universitária João Paulo II

O presente estudo de caso foi realizado na Biblioteca Universitária João Paulo II, em Lisboa. Esta investigação incidiu somente na colecção de Filosofia, esta opção deve-se a questões metodológicas, já que o acervo da referida biblioteca é multidisciplinar e demasiado amplo para que o possamos apresentar todo nesta dissertação.

Antes da avaliação da colecção de Filosofia, propriamente dita, impunha-se a compreensão geral do ambiente organizacional da biblioteca; esta fase é essencial para que a avaliação seja estruturada de acordo com os interesses e objectivos da biblioteca. Desta forma, decidimos iniciar o nosso estudo por uma observação e descrição participativa de todos os elementos que, de certa forma, são a base que antecedem a avaliação do acervo ou parte dele.

Assim, a primeira parte deste estudo acumulativo incide sobre os alicerces da avaliação. Estamos a referir-nos, sobretudo, à análise da missão da biblioteca; às competências profissionais; às novas tecnologias de informação; à estrutura e organização dos serviços e ao conhecimento dos leitores. Enfim, analisamos os aspectos que nos permitirão compreender o ambiente organizacional da BUJPII. Isto porque, a colecção de Filosofia não se encontra isolada da política geral da biblioteca: para se conhecer uma parte do seu acervo é indispensável integrá-lo no seu todo.

Assim, o conhecimento das competências profissionais aliadas às novas tecnologias é, por assim dizer, a coluna vertebral de qualquer avaliação. Dito de outro modo, temos que planear a nossa avaliação contando com as habilidades dos profissionais e do software disponível na biblioteca. Desta forma, daremos conta do nível de profissionalização dos vários recursos humanos existentes e das debilidade do sistema informático existente —Horizon. Esta deficiência é proveniente de vários upgrade que não contemplam qualquer tipo de estatísticas.

Por outro lado, o conhecimento das várias políticas organizacionais levadas a cabo pela BUJPII —política de doações— são uma excelente ferramenta para o conhecimento da estatura das colecção de Filosofia e de outras suas congéneres. A ausência desta política tem contribuído para a duplicação dos fundos da biblioteca, assim como para o envelhecimento da média das colecções existentes.

Nesta primeira parte do estudo de caso, faremos referência à funcionalidade dos vários serviços existentes. Sobretudo aos que directamente estão relacionados com a avaliação das colecções. Estamos a referir-nos aos serviços de selecção; aquisição; catalogação e indexação. Daremos, pois, conta da ineficácia dos serviços de aquisição. Este resume-se meramente a funções administrativas, a transacções de compra e à actualização dos ficheiros dos editores e intermediários.

Por sua vez, a selecção está estritamente controlada por entidades externas à biblioteca. Referir-nos aos vários departamentos da Universidade Católica dos diversos cursos existentes. Um dado grupo de professores desta universidade têm a decisão de decidir quais os livros que deverão ser adquiridos (ainda que estes por vezes venham a duplicar o acervo). Esta forma de seleccionar, a curto prazo, terá consequências indesejáveis: a biblioteca transformara-se num depósito de imposições. Ainda que os docentes aleguem a seu favor que são eles que melhor conhecem as necessidades bibliográficas dos seus alunos (não nos poderemos esquecer que esta biblioteca é frequentada por uma grande maioria de leitores externos).

Os serviços de catalogação e indexação fazem parte de uma só estrutura: muitas vezes quem cataloga também indexa. Para além deste facto, estes serviços encontram-se dispersos pela biblioteca. Há vários centros de catalogação e indexação, o que é impeditivo de um diálogo profissional e interinstitucional eficiente entre sectores. Exemplo deste facto é o caso do centro de catalogação dos periódicos, do projecto D e do CDE terem mornas de catalogação e indexação distintas umas dos outros.

A falibilidade dos sistemas informáticos traduz-se num total desconhecimento do perfil dos seus leitores. Estes permanecem anónimos numa biblioteca que tanto preza o seu santo nome. Os dados que dispomos para traçar o perfil dos clientes da BUJPII são na sua maioria provenientes de registos manuais do serviço de recepção e de sistemas informáticos externo à Universidade Católica, do Ministério da Cultura.

Elaborada esta análise organizacional, procederemos à aplicação dos três métodos escolhidos para a avaliação da colecção de Filosofia (listas de controlo, exame directo da colecção e empréstimos domiciliários). Esta escolha deve-se, em primeiro lugar, às preocupações de avaliarmos a colecção com métodos de cariz quantitativo e qualitativo e, em segundo lugar, devido à inaplicabilidade de alguns métodos devido a problemas institucionais.

Desta forma, nem todos os métodos são aplicáveis a todas as bibliotecas, cada metodologia em si mesmo está orientada para certos tipos de biblioteca. Ou melhor, os seus resultados são mais eficazes quando aplicados à tipologia e missão da biblioteca, adequadamente. Por outro lado, ainda que alguns métodos teoricamente sejam os mais adequados a uma dada biblioteca e colecção, vários entraves poderão ser um impeditivo para que alguns métodos sejam aplicados a uma dada colecção. Assim, devido à estrutura organizacional da BUJPII, na prática nem todos os métodos serão aplicáveis. Na nossa investigação eram inviáveis a aplicação de alguns métodos, como por exemplo, a análises de citações, o estudo da opinião dos utentes e o uso de estatísticas.

A inviabilidade da primeira metodologia deve-se fundamentalmente à falta de literatura cinzenta para tal. A opinião dos utentes é uma metodologia que não se enquadra dentro das ambições dos dirigentes da BUJPII. A biblioteca não carece de clientes e por tal este tipo de

estudos são tornam-se indispensáveis, assim o afirmam os principais gestores do conhecimento desta biblioteca. O uso de estatísticas, por outro lado, poderia ser um valor acrescentado ao nosso estudo. Não obstante, devido à ineficácia total do sistema informático —Horizon— este tipo de metodologia revelou-se totalmente inoperacional.

Mesmo com estas limitações, o nosso objectivo foi sempre usar metodologia de carácter quantitativo e qualitativo. Ou melhor, perante a observação da colecção e, sobretudo, a análises do ambiente organizacional que caracteriza a BUJPII, tornava-se vital uma análise que contemplasse, simultaneamente, os interesses dos utentes e o desenvolvimento da colecção. Assim, os primeiros dois primeiros métodos (listas de controlo e o exame directo da colecção) foram efectuados de Janeiro a Março de 2005. O terceiro método (empréstimos domiciliários) foi fruto de uma extensa investigação das análises de dados recolhidos do sistema informático de todo o ano de 2004 (tarefa tecnicamente morosa).

Assim, para se cumprirem os objectivos propostos, usamos as três metodologias acima mencionadas. Estas foram as que melhor se adaptavam à missão da biblioteca, devido às imposições impostas e às limitações organizacionais encontradas. Assim, o método listas de controlo está directamente vocacionado para a quantificação do material existente na biblioteca; permitindo-nos uma comparação com outras bibliotecas de missão similar. Para este facto, usaremos a Biblioteca Pontifícia de Salamanca e com a Biblioteca da Universidade de Coimbra.

Com o exame directo da colecção, um dos métodos fundamentais para a avaliação quantitativo, examinaremos todo o material directamente nas estantes. Devido à grande disparidade dos fundos na BUJPII, esta metodologia revelou-se essencial já que a colecção de Filosofia encontra-se ordenada pela CDU. Além de mais, este exame vai ao encontro dos principais problemas quantitativos da colecção, já que este método incide sobretudo sobre o tamanho, extensão, profundidade, significação e actualidade da colecção.

São vários os métodos para se registarem o uso dos materiais consultados nas bibliotecas, alguns deles personalizados. Por nossa parte, seleccionamos os empréstimos domiciliários (os empréstimos in situ apresentavam contornos difíceis de manipular). Na verdade, este tipo de método é uma forma excelente para a avaliação da circulação externa do acervo e, desta forma, é um meio de fidelização e aproximação dos utentes à biblioteca. Este método virá, de certo modo, colmatar a ausência dos estudos da opinião dos utentes. Porém, esta metodologia põe-nos em contacto directo com as dúvidas, as necessidades, as expectativas e preferências dos utentes da BUJPII. Os resultados obtidos são, assim, uma excelente oportunidade para se analisar a adequabilidade do acervo documental em relação às necessidades dos seus clientes.

Após a aplicação destas metodologias, na última parte do estudo de caso, procedemos a um estudo triangular das três metodologias, conjuntamente. Na verdade, este tipo de análise acumulativa fornece-nos as conclusões desejáveis para melhor se compreender a colecção de

uma perspectiva holística. Cada método em si proporciona-nos uma parcela da avaliação, quer de carácter quantitativo ou qualitativo. A síntese de ambas as perspectivas traduz-se numa avaliação pluri-metodológica que, neste estudo, apresenta as seguintes conclusões: modelos das existências; grau de discrepância da colecção em geral, níveis de solicitações, grau de conservação da colecção e alguns aspectos da política organizacional da BUJPII.

Na última parte deste estudo de caso, apresentaremos as conclusões que melhor se adequam à missão da BUJPII. Estas sugestões situam a BUJPII no ambiente das bibliotecas universitárias. Já que a sua colecção de Filosofia foi comparada com a BUC e a UPSA. Estamos cientes que estas sugestões melhorariam significativamente a colecção analisada e, quiçá, será uma excelente ferramenta para repensar a organização de todo o acervo da BUJPII.

Como todo o tipo de análises, actualmente, é baseada em sistemas informáticos, o programa usado para o tratamento de dados foi o SPSS. Este software é muito usado para as análises estatísticas das Ciências sociais. Com muita frequência são feitas análises de nível descritivo básico, de frequências, da moda e da média nestes domínios científicos. Em outros casos, fazem-se também estatísticas avançadas como as correlações e as regressões. Desta forma, o uso do SPSS permitira-nos analisar um conjunto de dados ao nível da circulação de fundos e, sobretudo, conhecer as necessidades dos clientes da BUJPII.

7.2. A missão da Biblioteca Universitária João Paulo II

A Universidade Católica Portuguesa (UCP) é uma instituição da igreja, criada pelo Episcopado da Santa Congregação da Educação Católica em 1 de Outubro de 1971 e reconhecida por Decreto lei N.º 307/71 de Julho. Este reconhecimento é legal nos termos da concordata entre Portugal e a Santa Sé.

A BUJPII está ao serviço da UCP, ajudando-a ao cumprimento da sua nobre missão: o incremento da cultura nos planos intelectuais, artísticos, morais e espirituais. De facto, a UCP promove a investigação no ensino universitário nos domínios das Ciências sagradas e humanas, numa perspectiva de integração e de síntese do saber. A UCP cumpre a missão da Igreja, tendo como especial finalidade a integração do Homem no mundo inspirado de valores e ideais cristãos. Para além de esta missão, esta universidade prepara leigos para a comunidade eclesial e para a sociedade civil perante uma educação deontológica conforme as exigências de sociedade actual.

Deste ponto de vista, a UCP procura estar presente na sociedade através da difusão de actividades culturais e científicas. Inclusive, a UCP promove a investigação científica tendo sempre em vista o bom desempenho de alunos e corpo docente. Para que esta missão seja efectiva, a BUJPII dispõe de um centro bibliográfico, documental e de investigação para o

apoio à UCP. Os seus leitores são, prioritariamente, os professores, os alunos, os funcionários e numa segunda fase esta biblioteca está de portas abertas aos leitores externos. Para que sejam satisfeitas as necessidades de todos estes leitores, a BUJPII apresenta um acervo documental estimado em 445.000 exemplares.

Foi neste contexto que a BUJPII surgiu —para promover o cumprimento da missão da UCP e, em primeira instância, para apoiar os seus leitores. Devido ao rápido desenvolvimento de novos cursos, tanto em áreas científicas como humanas a biblioteca sente a necessidade de expandir o seu acervo e abrir as suas portas à sociedade em geral. Referindo-nos aos leitores externos: investigadores, alunos de outras universidades e a vários outros estudiosos.

Em 1987 foi edificado um novo edifício devido às novas necessidades de informação. Nestas novas instalações, os três pisos centrais foram reservados inteiramente para a biblioteca. Esta biblioteca é, pois, um organização hierárquica dependente da reitoria, sendo o Professor bibliotecário, por inerência o Vice-reitor que tem a seu cargo os assuntos académicos. O seu adjunto terá, então, as funções de executivo.

7.2.1. As TICs

A gestão do conhecimento imposto pelas TICs vem impor às bibliotecas, nomeadamente à BUJPII, uma nova atitude face à informação —a educação ganha uma preponderância perante a globalização—, neste sentido a BUJPII em conformidade com a sua missão, não serve só os utentes da UCP mas também toda a comunidade que do seu acervo necessita. Na verdade, são sobretudo as bibliotecas que devem lutar contra a “utopia da informação”. A BUJPII, por sua parte, muito tem contribuído pela difusão do saber, enquanto estatuto de biblioteca universitária.

Em 1987 deram-se os primeiros passos para a informatização geral de biblioteca, tendo em vista as exigências do futuro que se avizinhava. Em Abril de 1992, definitivamente, trancaram-se todos os ficheiros manuais já que a biblioteca estava em condições de disponibilizar o seu catálogo informatizado em todas as áreas do conhecimento. Deste ponto de vista, a BUJPII teve a consciência dos sistemas de informação que preponderavam no mundo comunicacional. Dito de outro modo, esta noção de sistema de informação é um conceito pós-moderno oriundo dos finais da década 80 que foi concebida para designar a mudança da gestão e acesso à informação que, por tanto, a BUJPII tem vindo passo a passo a integrar no seu sistema organizacional.

Actualmente, a biblioteca é um sistema informativo. De facto, o conceito de sistema de informação designa, grosso modo, a gestão geral da informação electrónica e de interfaces de acesso. Deste ponto de vista, a BUJPII está a desenvolver uma multiplicidade de bases de

dados em conformidade com algumas necessidades dos seus utentes.¹ Por outro lado, a BUJPII tendo em vista o processamento da informação/disponibilidade, através da disponibilização de um pequeno grupo de hiperligações que vão, presumivelmente, ao encontro das necessidades dos seus clientes.²

Na verdade, os sistemas de informação estão invadindo progressivamente a BUJPII, com a finalidade de fidelização dos leitores. A biblioteca está, então preparando-se para enfrentar os novos paradigmas do conhecimento. Deste ponto de vista, as redes de informação são um desafio à gestão de informação da BUJPII. Como sabemos, as redes de informação estão criando a sua própria cultura organizacional no ambiente da informação. O modelo que caracteriza a BUJPII é, pois, ainda um modelo internalista, ou seja, a biblioteca é o centro de informação e os leitores são apenas agentes periféricos. Ainda que a biblioteca tenha dado passos largos para a integração das novas tecnologias, a sua estrutura organizacional é centrada nas suas preocupações administrativas.

Em termos conceptuais, como lhe chama a Ecologia da informação, a BUJPII caracteriza-se por ser um modelo ptolemaico. Dito de outro modo, a essência desta biblioteca centra-se apenas na administração do seu acervo documental e na sua projecção on-line. Para ilustrar esta situação poderemos referir, ainda que ao nível formal, a disposição do acervo documental na biblioteca: a maioria do seu espaço, quase 70%, está reservado à exposição do seu acervo e, por outro lado, a selecção negativa é uma medida de gestão quase inexistente.

Para além de esta forte tendência internalista que caracteriza o ambiente da BUJPII, existem alguns rasgos ou tentativa externalista. Na verdade, todo o tipo de divulgação de informação realiza-se num eixo internalista/externalista. Há ainda, por parte da BUJPII, uma tentativa de integrar novos modelos de gestão de informação periféricos. Deste ponto de vista, o sistema OPAC tem vindo a diversificar o seu acesso a vários conteúdos e bases de dados. Assim, a BUJPII tem um convénio com a Biblioteca Nacional (BN) ao nível do intercâmbio de informação. Ambas as bibliotecas usam o mesmo protocolo Z39.50 e o mesmo sistema operativo —Horizon. Assim, a BN detém nas suas bases de dados os registos da BUJPII. Ou seja, esta biblioteca está integrada numa rede de bibliotecas portuguesas.

Desta forma, há uma descentralização do modelo internalista, estamo-nos a referir à progressiva integração em modelos externalistas. O sistema periférico Web também é uma realidade que não lhe é alheia. Ainda que muito rudimentar, este modelo externalista na sua

¹ Exemplo das bases de dados: Diário da república; Diário da assembleia da república; Proquest direct (mais de 8000 publicações e algumas com texto integral); bases de dados de obras em CD-ROM; acceso à base de dados web of knowledge e Legis-bases de dados jurídicos.

² Exemplos de links: Northern light; Dr. T's econlinks; Eu sou economista; Dicionários da língua portuguesa, de inglês-português, francês-inglês; Dicionário one look; Dicionário teológico; Central intelligence agency; World fact book; Christus rex; New advent; Vaticano; Britannica; Mythica, etc.

essência já está presente na biblioteca. Por tanto, os clientes da UCP, podem aceder às suas bases de dados da BUJPII através da URL: <http://www.libri.ucp.pt/>.

Os alunos da UCP, ou seja, os leitores internos podem ainda aceder a uma série de serviços através da Web (12 computadores para consulta do catálogo on-line). Para aceder às várias bases de dados, a cada leitor é solicitado o seu número de leitor e uma password. Depois deste processo, o leitor poderá ter acesso a vários serviços de seu interesse pessoal, tais como, serviço gerais, serviço de pedidos, serviço de reservas, multas e até ao seu próprio perfil de leitor. Na verdade, devido às exigências do modelo externalista Web, a biblioteca desenhou uma homepage com 4 tipos de pesquisa: simples; avançada; elaborada e histórica. Ainda que todas elas tenham 17 itens de pesquisa:

1. Título;
2. Autor;
3. Assunto;
4. Editor;
5. Local de publicação;
6. Palavra-chave;
7. Lista de títulos;
8. Lista de autores;
9. Lista de assuntos;
10. ISBN;
11. ISSN;
12. Cotas;
13. CDU;
14. Cotas CDU;
15. JEL;
16. Lista de títulos serie (não há uma explicação de este tipo de pesquisa), e
17. Número interno (não se justifica esta pesquisa em OPAC).

No nosso entendimento estas 17 formas de pesquisa são excessivas, sobretudo, na pesquisa simples. O catálogo da Library of Congress, por exemplo, apresenta 10 formas de pesquisa e todas elas bem explicadas. A BUJPII apresenta 17 formas, todas elas sem qualquer tipo de explicação prévia. Porém, há alguns itens que são intuitivos como por exemplo a pesquisa por título, autor, editor, etc. Não obstante, isto não deverá impedir a presença de qualquer tipo de explicação.

Sem qualquer tipo de explicação prévia encontramos as pesquisas de listas de assuntos — não existe uma lista de assuntos que ajudem os leitores a qualquer tipo de pesquisa, nem uma informação sobre tais listas. Por outro lado, as pesquisas CDU podem ser muito frutuosas na BUJPII já que esta não indexa os seus documentos. Não obstante, a linguagem CDU não é muito acessível à grande maioria dos leitores. Assim, sem qualquer tipo de explicação prévia torna-se uma pesquisa difícil e demasiado profissional.

As pesquisas por Cota CDU não são muito funcionais devido ao seu elevado grau de dificuldade, para além disso, o software não a realiza (em qualquer pesquisa deste género obtém-se o seguinte resultado: *Error tracking number: 11136D108DW70234*). Por outro lado, a pesquisa JEL é o protótipo de uma pesquisa não funcional para os leitores. O JEL é um thesaurus elaborado pela BUJPII e que só o pessoal da biblioteca conhece os seus contornos. Deste ponto de vista, interrogamo-nos: como se poderá colocar em OPAC uma pesquisa que os leitores não conhecem nem se explica?

As alíneas 16 e 17 são, todavia, para o uso interno dos técnicos. Assim, não se percebe o que é na realidade uma lista de título serie; deduz-se que seja uma lista de nomes de periódicos, mas não poderemos saber ao certo o que significa tal lista. O número interno, pesquisa do item 17, é o número interno de cada registo, ao qual só os funcionários têm acesso. Este número só se torna acessível no sistema de catalogação, logo é desnecessário este tipo de pesquisa em OPAC. Então, como poderão os leitores proceder à pesquisa de tais números e qual é a sua utilidade numa pesquisa OPAC? Na verdade, não o poderemos saber e, acima de tudo, torna-se indesejável que os serviços de informática sejam autónomos e não escutem a propostas dos bibliotecários.

Tanto a pesquisa simples como a pesquisa avançada contam com 17 itens de pesquisa. Os itens de pesquisa são os mesmos, com a particularidade de na última forma de pesquisa se poderem cruzar todos os itens oriundos das distintas filiais da UCP (estas bases estão todas em testes, não funcionam). Apesar da inoperacionalidade da pesquisa avançada, no catálogo da BUJPII há a indicação de que se podem fazer pesquisas selectivas: delimitadas a certas áreas do catálogo, por exemplo, só no fundo de acesso livre ou em determinadas áreas do conhecimento (Filosofia; Ciências sociais; Economia; Generalidades, etc.) ou delimitações por cotas (monografias, periódicos ou mesmo sem nenhuma limitação). Apesar da multiplicidade das pesquisas referidas, nenhuma delas é operacional. Por exemplo, uma pesquisa delimitada às monografias de Filosofia pesquisada por autor —Hegel— o resultado foi: “não se encontra nada que verifique Hegel”.

Todavia, ainda se podem colocar limites às pesquisas usando operadores booleanos (=; <; > e !=), os quais não têm qualquer tipo de explicação prévia. Porém, a apresentação dos resultados desta pesquisa só é ordenada por data de publicação, título ou sem qualquer tipo de ordenação. Por sua vez, a pesquisa chamada de elaborada usa também 17 itens; o que a distingue das outras pesquisas é o facto de existir a possibilidade de a entrecruzar com 4 booleanos —and; or, not e xor— os quais não são definidos, mais uma vez. Seguidamente, a denominada pesquisa histórica nada mais é que a possibilidade de repetir-se qualquer tipo de pesquisa anteriormente realizada. Haverá outros aspectos importantes a considerar, em primeiro lugar, a pesquisa simples tem quase o mesmo grau de perfeição que as outras e usa o mesmo numero de itens. Por outro lado, a pesquisa avançada e a pesquisa elaborada em nada diferem. A sua única diferença reside no uso de booleanos.

Em síntese, as TICs estão dando os primeiros passos na BUJPII, destacando-se a possibilidade de impressões de documentos on-line e da impressão de documentos em acesso remoto do CDE. Podem-se também consultar os catálogos nos computadores existentes em dois pisos. Não obstante, como afirma Aguirre (2002), o conceito TICs não se limita a uma simples conexão do computador à Web. Na verdade, a noção das TICs é muito mais ampla e holística —há que ter em linha de conta uma panóplia tecnológicas, tal como: o scanner, o vídeo, a câmara, o faxe, a cinematografia, a radiodifusão, a televisão por cabo, etc. Este tipo de tecnologia ainda se encontra ausente do material da BUJPII.

Em termos gerais, os recursos tecnológicos da BUJPII são os indispensáveis para uma gestão rotineira do conhecimento. Como sabemos, as bibliotecas universitárias devem ser um dos recursos fundamentais para qualquer tipo de investigação —estes espaços devem, por excelência, colmatar a brecha digital e a iliteracia provocada pelas novas tecnologias de informação (NTI). Deste ponto de vista, a BUJPII tem nas suas mãos poucos recursos para ir mais além nesta luta; não existe entre o seu material um “campus virtual” que incentive os leitores à descoberta dos novos paradigmas do conhecimento e a metodologias educacionais com enfoque nos novos princípios de ensino.

7.2.2. Competências profissionais

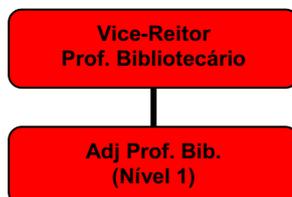
As competências profissionais são um conjunto de habilidades, actividades, conhecimentos teóricos e práticos indispensáveis para os técnicos de uma biblioteca cumprem suas funções de uma forma socialmente reconhecidas. Em termos gerais, as competências profissionais do pessoal da BUJPII podem-se agrupar em quatro níveis bem distintos:

- Nível 1: formação superior, pessoal licenciado em diversas áreas e com uma Pós-graduação em biblioteconomia;
- Nível 2: formação técnica, pessoal com um curso técnico em biblioteconomia;
- Nível 3: formação básica, pessoal com o curso das associações de bibliotecários e arquivistas (BAD) que tem uma duração aproximada de 6/9 meses, e
- Nível 4: sem formação, pessoal que não tem qualquer tipo de formação em biblioteconomia, não obstante, alguns são detentores de licenciaturas.

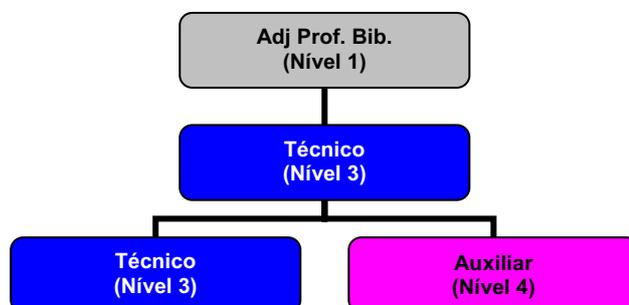
Com o organograma de funções seguinte poderemos, então, com maior nitidez delimitar a distribuição dos técnicos nos diferentes sectores da BUJPII. Para que melhor se compreenda esta dispersão, descreveremos os diversos sectores da BUJPII com o código correspondente de formação de cada técnico.

Gráfico 2
Organograma de funções da BUJPII

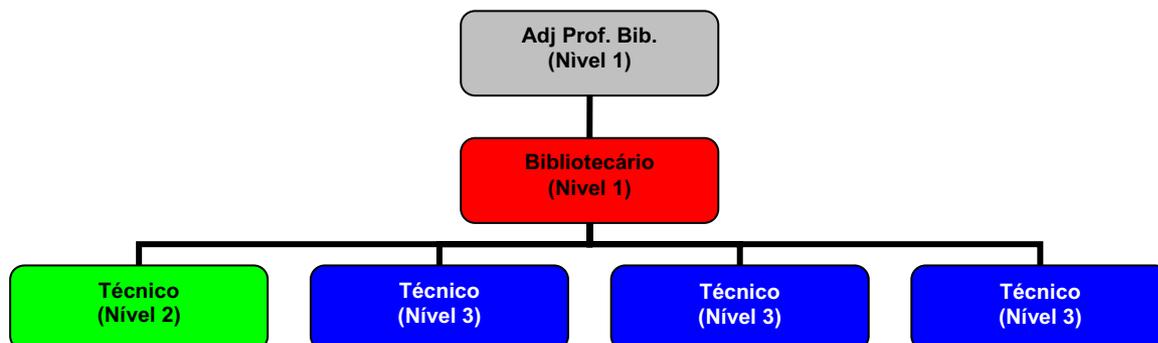
1. Direcção geral



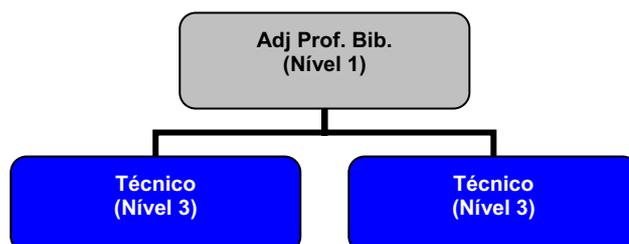
2. Serviço de selecção e aquisições



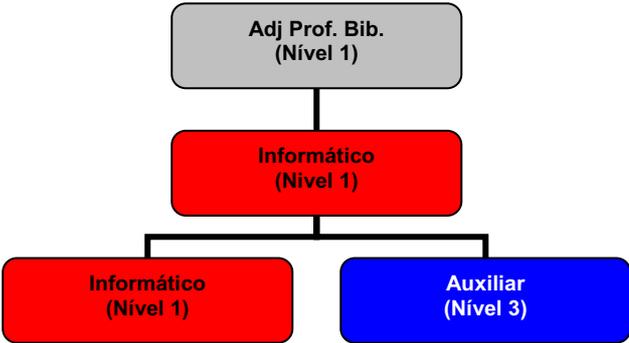
3. Serviço de catalogação e indexação



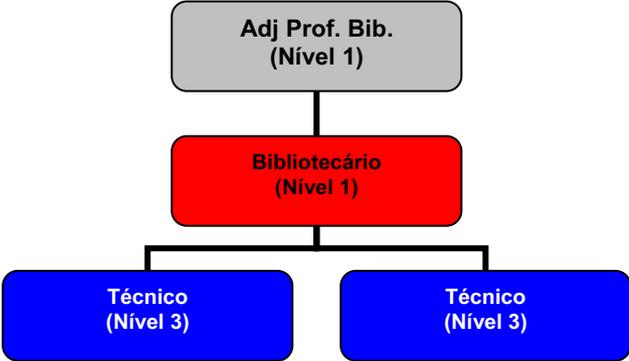
4. Serviço de periódicos



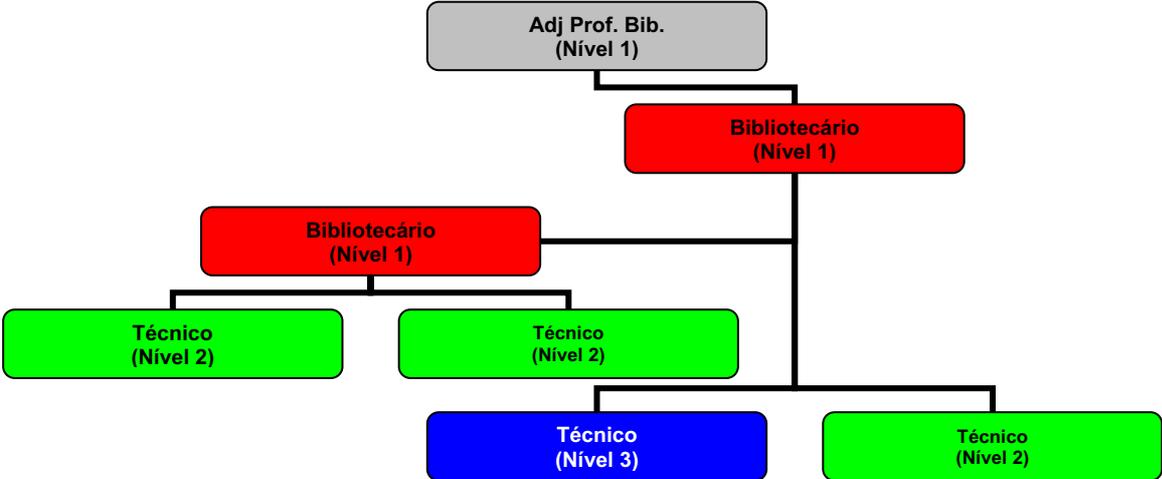
5. Informática



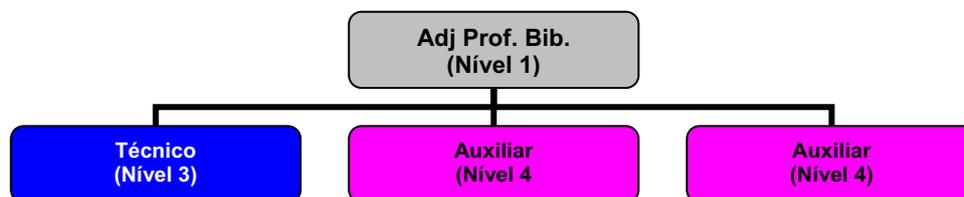
6. CDE



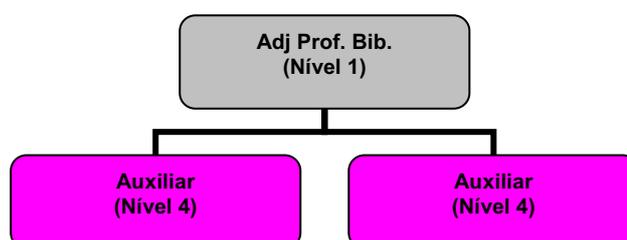
7. Proyecto D



8. Serviço de apoio ao leitor



9. Serviço de recepção



Como já afirmámos, a BUJPII é tutelada pelo Vice-reitor. Este não tem nenhuma formação biblioteconómica, não obstante, entre as suas funções destaca-se, a direcção da biblioteca e a organização dos assuntos académicos. Por outro lado, o adjunto do professor bibliotecário tem formação superior —Licenciatura em direito e Pós-graduação em arquivo

O serviço de selecção e aquisições tem três técnicos, sendo dois são pertencentes ao nível 3 e um ao nível 4 de formação. A sublinhar que o técnico pertencente ao terceiro nível de formação é o chefe deste departamento.

O serviço de catalogação conta com cinco técnicos, sendo o chefe do nível 1 licenciado e pós-graduado em biblioteconomia. Outro dos técnicos pertence ao nível 2 e os restantes técnicos ao nível 3.

O serviço de apoio ao leitor está dependente do mesmo chefe e conta com mais três funcionários cuja formação se poderá definir do seguinte modo: dois técnicos do nível 4 e um do nível 3. O serviço de periódicos conta com três técnicos, um dos quais tem formação do nível 1; outro do nível 3 e, ainda, outro do nível 4. Por outro lado, o serviço de recepção conta com pessoal sem formação específica, todos pertencentes ao nível 4.

O projecto D conta com dois técnicos do nível 1, três do nível 2 e um técnico do nível 3. Ou seja, existe um chefe para cada subordinado. Em síntese, a BUJPII tem uma frequência de 29 técnicos com quatro tipos de formação, como podemos verificar na tabela 4.

Tabela 4
Formação profissional na BUJPII

FORMAÇÃO		Frequência	Percent	Percent Valid	Percent Acumulativa
Valid	Formação superior	8	27,6	27,6	27,6
	Formação técnica	4	13,8	13,8	41,4
	Formação básica	12	41,4	41,4	82,8
	Sem formação	5	17,2	17,2	100,0
	Total	29	100,0	100,0	

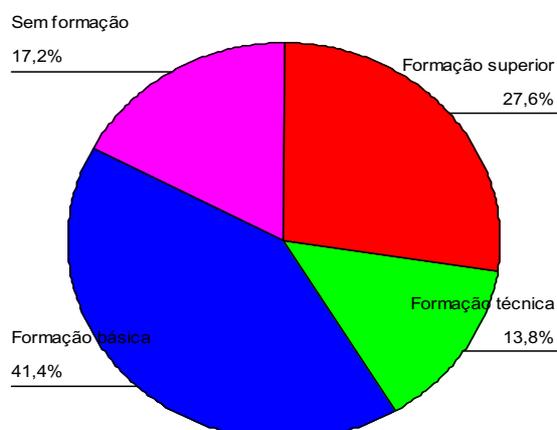
A grande maioria dos técnicos da BUJPII têm uma formação básica, esta formação é da responsabilidade da organização dos bibliotecários portugueses (BAD). Estes técnicos apresentam a frequência absoluta mais alta de formação na BUJPII (freq. 12).

O pessoal sem formação específica apresenta a terceira mais alta frequência absoluta (freq. 5). No entanto, dois destes técnicos possuem uma Licenciatura. Não obstante, estes tipos de funcionários apresentam uma frequência relativa de 17,2%.

Os técnicos com formação superior, ou seja, os que possuem uma Licenciatura e uma Pós-graduação em biblioteconomia, são geralmente os chefes das diferentes secções da biblioteca. Estes apresentam uma frequência relativa de 8%. Por outro lado, o pessoal com formação técnica tem a mais baixa frequência (freq. 4). Estes dois grupos de funcionários mais credenciados apresentam uma frequência relativa acumulativa de 27,6%.

Para melhor se compreender a dispersão das percentagens do índice de formação dos funcionários da BUJPII, passaremos a representá-las graficamente no gráfico seguinte.

Gráfico 3
Formação profissional na BUJPII



Como poderemos verificar no gráfico 3, a maior percentagem, 41,4%, são dos técnicos com formação básica. Seguidamente, o maior nível de percentagem de formação é pertencente aos técnicos com formação superior —27,6%. O pessoal sem formação específica é percentualmente superior aos técnicos com formação técnica, onde os primeiros apresentam uma percentagem de 17,2% e, os segundos uma percentagem de 13,8%.

A média geral de formação do staff da BUJPII é de um técnico com formação superior para 2,5 com formação do mais variado tipo. No nosso entendimento, este simples facto poderá equilibrar a cultura organizacional da BUJPII já que esta apresenta uma percentagem de 17,2% de pessoal sem formação adequada.

Tendo como base o esquema da cultura organizacional do gráfico 2, damo-nos conta que o projecto D é o sector que apresenta o mais alto nível de formação profissional (dois técnicos de nível 1, três técnicos do nível 2 e um do nível 3). No nosso entendimento, existe uma concentração demasiado alta de formação no referido projecto —a sublinhar que existem dois chefes para quatro subordinados e, na verdade, estes subordinados apresentam a mais alta qualificação profissional na BUJPII (formação técnica).

Não obstante, o serviço de apoio aos leitores conta com a colaboração de um chefe do nível 1 e com dois técnicos sem formação (nível 4) e outro com formação básica (nível 3). Não nos poderemos esquecer que este serviço é o rosto da biblioteca, já que não existe um serviço de referência. Então, não se entende como é que um serviço de serviço de apoio aos leitores conta com técnicos sem formação e o projecto D aglomera o mais alto nível de formação.

Como sabemos, o serviço de selecção e aquisições é, por assim dizer, a “pedra angular” das bibliotecas. Este serviço é fundamental para o desenvolvimento e avaliação de colecções, já que está na sua alçada a selecção negativa e as aquisições de novos materiais para o desenvolvimento de colecções. Enfim, o trabalho eficiente desta secção resultará na obtenção de colecções mais pertinentes. Não obstante, como poderemos verificar no gráfico 2, organograma de funções da BUJPII, esta secção é uma das que apresenta o índice de formação mais baixo. O chefe tem formação de nível 3 e os outros dois técnicos, uma formação de nível 3 e outro de formação 4. A questão coloca-se: não haverá um desequilíbrio entre os diversos sectores ao nível das suas competências profissionais?

No que diz respeito ao sector anterior, este não tem a função propriamente dita de selecção. Ou seja, as suas funções são meramente administrativas. A sua missão é, sobretudo, a administração das compras e a gestão do catálogo dos editores e vendedores (no capítulo. 7.2.4. este assunto será devidamente desenvolvido).

Por outro lado, apesar de 17,2% do pessoal da BUJPII não ter formação adequada para as suas funções, como poderemos verificar na tabela 4, a biblioteca apresenta uma frequência relativa acumulativa de 41,4% de formação adequada (freq. 8 —formação superior e freq. 4 formação

técnica). Partindo destes dados objectivos, as competências profissionais deveriam ser repensadas à luz dos novos paradigmas do conhecimento. Ou seja, os paradigmas de competências são, essencialmente, uma preparação para as novas mentalidades da gestão do conhecimento —alfabetização digital. Na actualidade as competências são vistas como uma capacidade profissional de saber fazer, saber estar e saber ser no mundo laboral. Deste ponto de vista, ser competente não é administrar isoladamente um só recurso de uma biblioteca.

Na BUJPII não existe uma grande interligação entre as distintas tarefas laborais, dito de outro modo, o pessoal que cataloga fá-lo a tempo inteiro; os empréstimos dos periódicos e das monografias são feitos em pisos diferentes, cada um com suas normas. Em conclusão, com o organograma do gráfico 2 verificamos que não existe uma inter-relação entre as distintas tarefas. Na verdade, se as bibliotecas são um organismo social por excelência, dever-se-iam implementar sistema de competências colectivas. Esta noção de competência colectiva nada mais é do que o resultado da cooperação individual entre todos os funcionários de uma biblioteca. Quando falamos em competências colectivas, referimo-nos à competência em rede, ou seja, à inter-relação entre homem/máquina/sistema de informação.

Assim, jamais se poderá ser competente em qualquer tipo de tarefas isoladas ou demasiado rotineiras. No nosso entendimento, dever-se-iam descentralizar os técnicos da BUJPII e, sobretudo, dar formação especializada aos 17,2% que se encontram neste momento sem formação específica para o desenvolvimento das suas tarefas biblioteconómicas. Por outro lado, os 41,4% dos funcionários que detêm formação básica também deveriam passar por uma formação adequada. Na verdade, estes dois grupos representam mais de metade do pessoal da biblioteca —58,6%.

Ao nível formal, a noção de competência em rede não está devidamente divulgado na BUJPII, ou melhor, não está devidamente implementada na consciência colectiva dos seus funcionários. Efectivamente, pensar esta biblioteca à luz destes novos paradigmas de competências seria projecta-la para a nova era do conhecimento —preparando-a para a nova revolução pedagógica. Se a BUJPII tem, de alguma forma, os recursos humanos para mudar a sua atitude perante as NTI, não se entende a sua atitude de resistência a tais mudanças. Na verdade, a resistência à mudança é uma realidade presente na grande maioria das bibliotecas portuguesas e em outros serviços de informação: a resistência à mudança na BUJPII é, infelizmente, devido a questões de estatuto.

7.2.3. Fundos documentais e política de doações

Partindo do princípio de que no ano de 2004 foram integrados 423 exemplares na colecção de Filosofia, esta tem um crescimento anual de 2,7%. Contudo, a média de crescimento nas outras áreas é bastante superior, estima-se que seja superior em 50% à de Filosofia. Dito de outro modo, se a biblioteca tem um acervo documental de 445.000 exemplares e a aquisição

de documentos em 2004 foi de 20.000 exemplares, o crescimento nas outras áreas é de 4,6% ao ano. Para além deste índice de crescimento, os leitores têm acesso a vários tipos de fundos documentais distribuídos por quatro pisos —fundos acesso livre e interdito. Espacialmente, o acervo documental está distribuído da seguinte forma:

Piso 0

— Depósito geral de doações e outro tipo de material.

Piso 3

— Dicionários e enciclopédias gerais e outras obras;
— Publicações periódicas e estatísticas;
— Livros antigos ou considerados valiosos;
— Centro da Documentação Europeu;
— Colecção do Instituto Português da Sociedade Científica Göerres (doação);
— Colecção de António Sardinha (doação), e
— Acervo de acesso reservado com monografias anteriores a 1920.

Piso 4

— Colecções temáticas: Filosofia, Psicologia, Teologia, Economia, Gestão, Historia e Ciências sociais;
— Colecção de Martins de Carvalho (doação), e
— Obras duplicadas e outras com consulta reduzida.

Piso 5

— Colecção temática: Literatura, Ciências Puras, Arte;
— Colecção de Campos Pereira (doações), e
— Obras não catalogadas (esperam o tratamento documental).

Piso 6

— Colecção de Eduardo Coelho (doação).

Todo o acervo está em acesso livre, com excepção das doações com carácter inseparável. Esta inseparabilidade deve-se às exigências dos doadores e, em termos físicos, não existe espaço para a sua reposição em acesso livre. Não só devido ao seu conteúdo e características físicas como também devido à pouca procura destes documentos por parte dos leitores.

Estas colecções doadas, grosso modo, têm o perfil intelectual dos seus doadores; entre estas colecções destacam-se: a colecção do Instituto Português da Sociedade de Göerres, a colecção de António Sardinha, a colecção de Martins de Carvalho e a colecção de Eduardo Coelho. Por outro lado, a colecção de Campos Pereira é de literatura, ainda que seja uma doação com características e exigências de inseparabilidade permanece em acesso livre. Este facto deve-se

não só à sua actualidade, como também às necessidades da BUJPII preencher o vazio na área da literatura dos novos cursos de literatura e tradução recentemente implantados na UCP.

É do consenso comum que esta última doação foi uma das mais úteis para a BUJPII, tendo em conta a sua missão. Não obstante, a inseparabilidade imposta pelo doador vem em muitos casos a duplicar o acervo de literatura já existente. Para além disso, as cotas atribuídas pelo doador não respeitam a uniformização do fundo geral de literatura já existente e, deste modo, criam ruído nas pesquisas documentais e dificuldades na sua localização nas estantes.

Outros casos haverá, menos significativos, em que as doações não apresentam estas características de inseparabilidade, mas as exigências da sua integração total no acervo existente provocam efeitos não menos desejáveis —duplicação da colecção, necessidade urgente de preservação (as doações em grandes quantidades quase sempre são caracterizadas por uma média de datas muito baixas) e, a ocupação do espaço destas doações para o desenvolvimento espontâneo da colecção é outro dos problemas a considerar.

Na verdade, o acesso à documentação na BUJPII é uma mistura de acesso fechado e livre. Para além desta dupla possibilidade, há uma série de documentos que se encontram em regime de acesso semiaberto. Ou seja, existem documentos do fundo geral que se encontram detidos no serviço de apoio ao utente. Estes documentos são cativos por ordem dos professores de cada curso devido à sua necessidade permanente. O objectivo da sua detenção é para que todos os alunos tenham acesso a elas no período de exames. Estas obras estão sujeitas a regras de empréstimos muito especiais.

Devido à falta de espaço com que, actualmente, a BUJPII se debate e devido às características de inseparabilidade de algumas doações ou à sua reposição integral do acervo doado nas colecções já existentes, a biblioteca da UCP encontra-se à beira de uma rotura de espaço. A pergunta é então pertinente: não se poderiam fazer descartes ou outro tipo de selecção negativa nos acervos gerais da biblioteca? Perguntando de outro modo, em que se baseia a política de doações da BUJPII?

Devido ao enorme volume de doações aceites pela BUJPII, foi criado um serviço especial para o tratamento deste tipo de documentação. Este serviço funciona desde 1991 com uma equipa permanente denominada projecto D. Este projecto é, então, um serviço com as mesmas características que o serviço de catalogação geral.

Estes acervos estão a ocupar um espaço muito grande da biblioteca, além de mais, alguns dos seus doadores fazem exigências quase incomportáveis para a biblioteca. Por exemplo, alguns exigiram instalações similares às da sua casa. Será a BUJPII o local apropriado para o depósito destas preciosas colecções? Estes acervos são adequados para os leitores desta biblioteca universitária? São estas as questões que, a priori, deveriam ser repensadas na constituição da política de doações da BUJPII. Segundo a experiência da Universidad Carlos

III de Madrid (2002), as doações devem estar em conformidade com a missão da biblioteca. Além disso, a actualidade destas colecções deverá ser ponderada para não se ocupar o espaço da biblioteca com documentos inadequados à sua missão.

Se as doações, em muitos casos proporcionam às colecções existentes uma homogeneidade, outros casos haverá em que representam um acréscimo de trabalho e uma duplicação da colecção já existente. Para ilustrar este facto, fizemos uma pesquisa no catálogo on-line da BUJPII em linguagem natural, com o termo: Martins de Carvalho. Para esta biblioteca que luta com falta de espaço, os resultados que seguidamente se apresentam reflectem uma descoordenação geral da política de doações da BUJPII.

A. *Recordações de Jácome Ratton : sobre ocorrências do seu tempo, de Maio de 1747.*

Cotas duplicadas:

1. 92 RAT BRY (compra);
2. CP-B1728 (doação Campos Pereira), e
3. MC-8692 (doação Martins de Carvalho).

B. *Collecção de memorias relativas ás vidas dos pintores, e escultores, architetos, e gravadores portuguezes, e dos estrangeiros que estiverão em Portugal.*

Cotas duplicadas:

1. 7:929 MAC (compra);
2. EC-7.01 TAB (doação Eduardo Coelho), e
3. MC-9210 (doação Martins de Carvalho).

C. *Homem de outros tempos.*

Cotas duplicadas:

1. 929(082.2) CAR (compra);
2. EC-929(082.2) CAR (doação Eduardo Coelho), e
3. CP-B769 (doação Campos Pereira).

D. *Apontamentos para a história contemporânea.*

Cotas duplicadas:

1. 946.9 CARM (compra);
2. CP-H265 (doação Campos Pereira);
3. GOER-AC 827 (doação Göerres), e
4. SARD-4714 (doação António Sardinha).

Como poderemos verificar com estes quatro exemplos, as doações na sua maioria duplicam mais do que uma vez a colecção adquirida por compra. Não obstante, as doações anteriormente descritas são um património cultural sem preço. Mas, as exigências de inseparabilidade e as consequentes duplicações daí resultantes são um acréscimo de trabalho para a BUJPII. Para além este facto, o seu índice de circulação muito baixo, a necessidade de espaços exclusivos, o seu tratamento documental especializado e a sua preservação pesam no orçamento da biblioteca.

Este quadro apresentado pela BUJPII é característico da ausência de uma política de doações. Face a estes motivos, a Lacombe Public Library (2001) determinou que as doações de qualquer tipo devem ser analisadas com muito cuidado. Assim, sugere-se que a BUJPII crie uma política de doações, para que os respectivos doadores a conheçam antes de fazerem as suas exigências. A BUJPII deveria, então ter as suas próprias exigências delineadas devido à sua falta de espaço e envelhecimento das suas colecções (como mais tarde veremos com a metodologia exame directo da colecção).

Outro exemplo a considerar é o caso da Lingnan University Digital Library (2003), esta biblioteca reserva para si o direito de não integrar todos os materiais doados nas suas colecções. Assim, o conteúdo, as condições físicas e a pertinência devem ser valores a ponderar na aceitação de uma doação, através de acordos mútuos. Com este tipo de política muito simples, a BUJPII poderá evitar a redundância das suas colecções e, sobretudo, a ocupação de espaços para o natural desenvolvimento das suas colecções.

A BUJPII também recebe doações que devido ao seu conteúdo específico estão incorporadas num só espaço físico —o acervo do CDE. Estes tipos de doações em toda a Europa são acervos que complementam os interesses dos leitores em qualquer biblioteca. Não obstante, é recomendável um protocolo dos documentos que mais interessam aos leitores quando se processa a implementação de um CDE. Para além destas doações de interesse inquestionável, a BUJPII também recebe doações espontâneas, as quais deveriam obedecer a critérios bem delineados, o que não é o caso.

Desta forma, a BUJPII deveria seguir a conduta do The British Film Institute (1999), na medida em que este instituto britânico menciona nas cláusulas da sua política de doações a possibilidade de doar de novo qualquer tipo de artigo que não obedeça aos critérios de selecção e aquisições gerais do instituto —sempre que haja uma disparidade entre a consonância colecção/leitor. Por outro lado, este instituto também reserva o direito da venda de documentação desnecessária à manutenção da sua colecção. Ou, ainda, à doação destas colecções a outras bibliotecas que delas mais necessitem.

7.2.4. Serviço de selecção e aquisição

Metodologicamente, os serviços de selecção e aquisição deverão estar inter-relacionados devido à sua forma complementar de operacionalidade e intervenção no seio bibliotecário. Este facto deve-se não só a uma questão de gestão mas de eficiência geral dos referidos serviços —o seleccionado geralmente é o adquirido.

Mas, na BUJPII, esta inseparabilidade é fracturada, em prole de uma política de selecção externa à biblioteca. Ainda que assim seja, não existe uma política escrita sobre tais orientações. Porém, é totalmente inexistente uma política geral sobre o desenvolvimento de

colecções; para além da inexistência de uma gestão estruturada e escrita, a selecção do acervo bibliográfico é manifestamente externa à biblioteca. Ou seja, é o corpo docente de cada área do conhecimento da UC que têm em seu poder seleccionar o acervo a adquirir anualmente (esta selecção está dependente do orçamento que cada departamento da UC dispõe para tal facto).

As consequências deste tipo de selecção levado acabo pela BUJPII são mais do que evidente —as principais normas para um eficiente desenvolvimento de colecções não são contempladas, tais como: as sugestões dos leitores, a tomada de consciência da debilidade das colecções, os valores oportunos para a colecção, a escassez de material nas colecções nas distintas áreas, etc. Ou seja, devido a esta política externa de selecção assistimos ao desenvolvimento das colecções de uma forma pouco uniforme e eficaz. Por exemplo, na colecção de Filosofia, a área dos Filósofos está muito desenvolvida e na área da Ética o seu desenvolvimento é pouco significativo (assunto focado posteriormente).

Por outro lado, os interesses dos leitores não são devidamente tidos em conta, ou melhor, estes estão privados de terem uma conduta activa na política de selecção. Assim, deduzimos que a colecção desenvolve-se de forma alheia aos reais interesses dos leitores. Porém, há uma tentativa de obviar tal situação; os leitores por seu mérito próprio poderão fazer sugestões de aquisições. Mas, estas sugestões são levadas à consideração dos professores de cada área temática —as normas externas sobrepõem-se à funcionalidade da biblioteca.

Desta forma, poderemos afirmar que qualquer tipo de selecção é sempre externa à biblioteca e, por sua vez, está estritamente dependente de um grupo de peritos das várias áreas e cursos da UCP. Os serviços de aquisição estão restringidos somente aos processos administrativo das compras e de outro tipo de serviços de contabilidade. Deste ponto de vista, não existe um controlo eficaz no desenvolvimento das colecções, ou seja, os ditos serviços encontram-se impotentes perante as imposições externas.

Esta restrição é frisada na conduta deontológica da BUJPII, no momento em que se afirma que cabe aos serviços de selecção e aquisição manter os serviços rotineiros administrativos, tais como, o fornecimento a cada departamento da universidade os seus respectivos gastos. Recebem as obras e notificam os distintos departamentos da sua chegada e são enviadas para os serviços de catalogação. Cabe ainda àqueles serviços contactar os vendedores e intermediários para a compra de material e a actualização dos endereços dos editores e livreiros. Basicamente, os serviços de selecção e aquisições da BUJPII dedicam-se aos serviços elementares das transacções comerciais. Assim, a sua essência está verdadeiramente comprometida, tendo consequências directas no desenvolvimento das colecções. Qualquer tipo de avaliação das colecções não poderá contar com qualquer apoio dos serviços de selecção e aquisições. Desta forma, o serviço de aquisições tem a função da aquisição do material bibliográfico para o fundo documental da BUJPII.

Na verdade, o desenvolvimento da colecção na dita biblioteca faz-se em três formas distintas: compra; doações e permutas.

As permutas são somente efectuadas através das publicações periódicas. As revistas publicadas pela UCP são essencialmente: a *Comunio* e a *Didaskalia* (Teologia); a *Direito e justiça* (Direito) e a *Revista de economia* (Economia e Gestão). A revista *Didaskalia* é uma das mais conhecidas publicações da UCP, assim, esta é a grande moeda de troca da BUJPII. Quase 100 títulos do acervo de periódicos existentes na biblioteca são permutados pela *Didaskalia*. Ou seja, o princípio de aquisições das revistas assenta sobretudo nas permutas e em algumas doações.

Por sua vez, as compras em formato tradicional ou em suporte digital são efectuadas pelas diversas faculdades dos distintos cursos da universidade. Sabendo que, são as várias faculdades que detêm o orçamento para estes fins. Na prática, a BUJPII está destituída de qualquer direito de decisão da selecção para o desenvolvimento do seu acervo. Ou melhor, as aquisições não obedecem a qualquer norma interna da BUJPII, ao contrário, há sempre fortes imposições externas. Manifestamente, este simples facto criará a curto prazo um desequilíbrio na colecção dos periódicos.

Na prática, o serviço de aquisições restringe-se à administração das compras e à gestão de critérios de selecção externos à biblioteca. Ou melhor, a biblioteca administra os critérios elaborados por um conjunto de professores sem qualquer formação biblioteconómica (este tipo de aquisição cair facilmente em técnicas impressionistas). Não admira, porém, que as compras são sempre efectuadas da forma mais tradicional, em moeda. Existe um profundo desconhecimento das práticas de aquisição de exame directo, de plano de aprovação, de pedido aberto (ver capítulo: 2.2. Formas de aquisição).

7.2.5. Serviço de catalogação e indexação

A catalogação assegura o tratamento técnico de todo o tipo de material que entra na biblioteca, na BUJPII existem, por assim dizer, quatro pontos distintos de catalogação a considerar:

1. Serviço de catalogação geral de periódicos;
2. Serviço de catalogação do CDE;
3. Serviço de catalogação de doações, e
4. Serviço de catalogação das aquisições monográficas e outro tipo de suportes.

Como verificámos, este serviço encontra-se demasiado repartido e, conseqüentemente, com vários responsáveis. Isto quer dizer que é dada demasiada importância ao tratamento documental. Além disso, as obras adquiridas através de compra perdem demasiado tempo na cadeia documental, este é um facto incontestável. Vejamos, uma obra depois de recepcionada

pelos serviços de aquisições é exposta nas estantes das novidades durante 15 dias, só depois irá ingressar na cadeia documental para posterior tratamento. Estes documentos enquanto expostos em modalidade de “novidades” não são susceptíveis de qualquer tipo de empréstimo. O que é indesejável porque estes documentos são os mais apetecíveis pelos leitores da BUJPII.

Os 15 dias em exposição somados ao tempo de tratamento documental fazem com que estes documentos percam demasiado tempo em processos burocráticos até serem disponibilizados aos seus leitores. Este tempo muitas vezes é agravado com o processo de classificação. Surpreendentemente, muitos são os casos em que a classificação é atribuída por professores de cada área temática, assim, o processo da cadeia documental fica interrompido pela disponibilidade ou indisponibilidade da colaboração de alguns professores. Por sua vez, como as cotas, na sua maioria, são de inspiração CDU estas só são atribuídas quando os professores fizerem a sua classificação (não existe nenhum professor com conhecimento biblioteconómico). Enfim, uma obra recepcionada na BUJPII perde um tempo indeterminado até à sua colocação nas estantes.

Com o que ficou acima exposto surgem algumas perguntas: haverá necessidade de quatro centros de catalogação? Os professores da UCP têm alguma formação, ainda que básica, para classificarem os documentos? Os quatro centros de catalogação não facilitaram a perda de tempo no seu tratamento documental?

Na verdade, estas questões ficam em aberto para que os gestores da BUJPII meditem sobre os prós e contras da descentralização dos centros de catalogação. Não obstante, poderemos sublinhar que a colaboração dos professores da UCP com a BUJPII, bem gerida, poderia tornar-se num valor acrescentado para a gestão dos serviços da biblioteca. Por outro lado, nos serviços de catalogação dos periódicos concentraram-se todos os serviços (excepto os de aquisições). Assim, estes serviços asseguram o controlo das colecções periódicas, quer sejam provenientes de compra, permutas ou doações.

Através de uma observação directa, verifica-se que os serviços de periódicos apresentam uma taxa de disponibilidade mais eficiente que qualquer outro serviço. Esta eficiência muitas vezes é proveniente da não necessidade de catalogação permanente dos novos documentos, na verdade, introduzem-se apenas os novos números dos periódicos recepcionados. Porém, este serviço é responsável pelo atendimento ao público —empréstimos domiciliários, consulta in loco, disponibilidade das bases de dados CD-ROM. No nosso entendimento, este serviço de periódicos poderia muito bem ser um exemplo a seguir por toda a biblioteca. O próprio departamento CDE segue os mesmos trâmites de gestão, daí a sua eficácia face aos outros departamentos.

A pesar desta disparidade organizacional, o fundo bibliográfico da BUJPII de Lisboa é divisível, teoricamente, em 12 áreas distribuídas por quatro pisos. Grosso modo, estas áreas

são as seguintes: Doações (várias); CDE; Ciências aplicadas; Ciências sociais; Direito; Economia; Filosofia; Generalidades; Gestão; História; Literatura e Teologia. Esta divisão é entendível a espécies monográficas e periódicas.

As áreas do conhecimento da BUJPII contemplam todas as áreas da CDU, no entanto, só a Economia e o fundo bibliográfico do CDE são indexados. Assim, a área de Economia é indexada o sistema de classificação usado na revista: *Journal Economic of Literature* (JEL).¹ Segundo o *Journal Economic of Literature: JEL* (2005), os descritores dos vários assuntos relacionados com a Economia são agrupados segundo uma ordem temática e, por sua vez, a cada tema corresponde uma letra do alfabeto. À semelhança da CDU, estes temas são subdivisíveis ao nível de horizontalidade.

Temos, então, notações alfanuméricas provenientes de cada área do conhecimento. Dito outro modo, a área da Economia geral e do ensino tem a notação geral de A; não obstante, esta notação é dividida: A1 (Economia geral); A2 (educação económica e ensino da Economia; A3 (assuntos vários sobre trabalho colectivo). Por sua vez, a notação A1 é divisível em várias subnotações: A10 (geral); A11 (papel da economia, etc.); A12 (interdisciplinaridade da economia); etc. Ao nível geral, a referida revista, apresenta 19 notações gerais sobre a área da Economia. Tendo em linha de conta que cada descritor geral é dividido num número significativo subdescritores. Assim, segundo a *Journal Economic of Literature: JEL* (2005), os descritores que classificam a economia são os seguintes:

- A – General Economics and teaching;
- B – Schools of Economic thought and methodology;
- C – Mathematical and quantitative methods;
- D – Microeconomics;
- E – Macroeconomics and monetary Economics;
- F – International Economics;
- G – Financial Economics;
- H – Public Economics;
- I – Health, education, and welfare;
- J – Labor and demographic Economics;
- K – Law and Economics;
- L – Industrial organization
- M – Business administration and business Economics; marketing; accounting;
- N – Economic History;

¹ “The *Journal of Economic Literature* (JEL) began publication in 1969 under the auspices of the American Economic Association with quarterly issues appearing in March, June, September, and December. JEL contains survey and review articles, book reviews, an annotated bibliography of newly published books, and a list of current dissertations in North American universities. Responsibility for producing JEL is shared by two offices, one in Pittsburgh and one in Stanford. The Stanford office manages the Articles, Communications, and Book Review Departments of JEL, and the Pittsburgh office produces the Bibliographic Departments of the JEL print and electronic editions, indexing new books, current periodicals, and dissertations using the *Journal of Economic Literature* classification system.” (*Journal Economic of Literature: JEL*, 2005)

- O – Economic development, technological change, and growth;
- P – Economic systems;
- Q – Agricultural and natural resource Economics, etc;
- R – Urban, rural, and regional Economics;
- Z – Other special topics.

Desta forma, a indexação da área da Economia da BUJPII reflecte a ordenação interna da própria revista, através da qual esta classificação foi inspirada. Resta-nos sublinhar que este thesaurus, por assim dizer, foi elaborado para ordenar e classificar o conteúdo de uma revista, e não de uma biblioteca. Para além desta disparidade analítica, a BUJPII usa os descritores JEL para a classificação das matérias económicas e, por sua vez, usa as respectivas notações para a elaboração das cotas da referida área.

Para melhor se compreender a indexação JEL realizado pela BUJPII, detenhamo-nos nos campos UNIMARC 606 e 966 do registo bibliográfico com o BIB N° 2760 do catálogo geral da BUJPII.

Número BIB (NCB): 2760
 LDR: 00630nam 22002171 45 0
 001: 2760
 010: \$a 0-255-36207-2
 100: \$a 19931010d1988 km y0 ba
 101: 0 \$a eng
 102: \$a GB
 200: 1 \$a Government as it is \$f William C. Mitchell \$g with a comment on the british scene by David G. Green
 210: \$a London \$c Institute of Economic Affairs, \$d 1988
 215: \$a 68 p. \$d 22 cm
 225: 2 \$a Hobart paper, \$x ISSN 0073-2818 \$v 109
606: \$a Clubes \$2 JELBUCP
606: \$a Decisão colectiva \$x comissões \$2 JELBUCP
606: \$a Escolha social \$2 JELBUCP
 675: \$a 32:33
 675: \$a 33:32
 675: \$a 338.98
 686: \$2 JEL \$a D71
 700: 1 \$a Mitchell, \$b William C.
 930: \$1 UCJPII \$d E-026 MIT
966: \$a 89-2646 \$1 UCJPII \$s E-026 MIT

Assim, o campo 606 do registo N° 2760 está preenchido com os descritores JEL: clubes, decisão colectiva; comissões e escolha social. Por outro lado, o campo 960 usa a notação numérica JEL 020. Antecedida da notação alfabética E (Economia), e precedida da notação MIT (autor). Assim, a cotação completa é E-026 MIT. Para além do uso desta listagem de controlada descrita pela revista *Journal Economic of literature* para indexar a área da Economia; o departamento do CDE da BUJPII usa thesaurus próprio para a indexação das matérias procedentes da Comunidade Europeia —EUROVOC.

Como sabemos, o EUROVOC é um thesaurus multilingue que cobre os campos nos quais as CE são activas em publicações. Este thesaurus encontra-se on-line¹ na sua última versão 4.2. São várias as instituições europeias e nacionais assim como os seus próprios leitores que cooperam na composição deste thesaurus. Um dos seus propósitos é a uniformização dos vários conceitos usados para o mesmo fim. Desta forma, entre os vários sinónimos dos vários conceitos, é eleito um para sua representação. Por sua vez, os outros sinónimos são considerados não-descritores.

Assim, segundo a estrutura do EUROVOC, somente podem ser usados descritores para a representação do conteúdo dos documentos. Não obstante, os não-descritores também fazem parte deste thesaurus para ajudar os profissionais a encontrarem o seu descritor correspondente. Dito de outro modo, o EUROVOC inclui —descritores (i.é. palavras ou expressões inequívocas que constituem os conceitos); não-descritores (i.é. palavras ou expressões em idioma natural, equivalentes ao conceito) e relações semânticas (i.é. relações baseadas em significados, primeiramente, entre descritores e não-descritores e, secundariamente, entre descritores).

A relação hierárquica entre os descritores é descrita através das abreviações BT (broader term) e NT (narrower term). A primeira abreviatura expressa a relação entre um descritor específico e outro mais genérico, acompanhada sempre de explicações detalhadas. A segunda, por outro lado, expressa a relação entre um descritor genérico e um mais específico. No entanto, a relação associativa entre descritores é feita pela abreviatura RT (related term) que expressa a associação entre dois descritores.²

Partindo desta filosofia de organização da informação, o acervo documental da CDE é equilibrado tanto ao nível do tratamento documental (catalogação, classificação e indexação) como ao nível das pesquisas. Vejamos o exemplo do resultado de uma pesquisa feita em linguagem simples pelo termo “Toxicomania” no OPAC da BUJPII:

Report on the drug situation in the candidate CEECs: 2002 / E.M.C.D.D.A., European Monitoring Centre for Drugs and Drug Addiction European Monitoring Centre for Drugs and Drug Addiction por União Europeia - Observatório Europeu da Droga e da Toxicodependência.

ASSUNTO:

- Toxicomania
- Alargamento da União Europeia
- Relatório

PUBLICAÇÃO: Luxembourg: OOPEC, 2002

DESCRIÇÃO FÍSICA: 52 p.: Mapas, Gráficos; 30 cm

¹ European Communities (2005). *EUROVOC thesaurus* [on-line]. Office for Official Publications of the European Communities <URL: http://europa.eu.int/celex/eurovoc/cgi/sga_doc?eurovoc_dif!SERVEUR/menu!prod!MENU&langue=EN> [Consulta: 14 Setembro 2005]

² O EUROVOC foi compilado conforme os padrões da ISO —ISO 2788-1986 e a ISO 5964-1985. Além de mais, todas as versões nos 16 idiomas em que é publicada esta enciclopédia de classificação incluem: 21 campos; 127 microthesaurus; 6645 descritores; 6669 relações hierárquicas (BT/NT); 3636 relações associativas recíprocas. Os campos: microthesaurus, descritores, relações hierárquicas e relações associativas são estritamente equivalentes entre todos os idiomas. O número de não-descritores varia de idioma para idioma.

RESUMO:

The Phare project 'Co-operation EMCDDA-CEECs' started on 1 March 2001. It specifically covers the 10 CEEC candidate countries: Bulgaria, Czech Republic, Estonia, Hungary, Latvia, Lithuania, Poland, Romania, Slovakia and Slovenia. Emphasis is placed on involving the countries as much as possible in the EMCDDA's activities through further development of National Focal Points (NFPs) and drug-information systems. All candidate countries are now establishing NFPs themselves. The 2002 Report on the drug situation in the candidate CEECs is an outcome of this joint effort, addressing key issues on drugs in the CEECs. It shows a different picture from the one now only five or seven years ago. These countries were then generally perceived only as drug 'transit' countries, with all the associated stereotypes in terms of 'danger' for the EU citizens. Today they have become a clear target for drugs consumption. Experimental and recreational drug use and responses. Problem drug use and treatment responses.

ISBN: 92-9168-138-5

CDU: 613.83(4)

URL: Acesso electrónico

Neste registo existem alguns pontos dignos da nossa consideração, primeiramente, a catalogação é sucinta e transparente para os leitores: o título, o autor, a casa editora; os ISBN estão bem identificados. Em segundo lugar, a classificação, a indexação e o resumo são pertinentes e adequados. A sublinhar que, a CDU é objectiva, classificando o assunto de uma forma directa, sem a complexidade que caracteriza a BUIPII em geral.

A indexação também é objectiva e só apresenta três notações do EUROVOC (Toxicomania; alargamento da UE e relatório). De uma forma complementar, mas não menos importante, o resumo é um excelente complemento à indexação e classificação —descreve-se em linguagem natural o que não foi possível dizer em linguagem controlada. Temos ainda que fazer referência, inevitavelmente, ao sistema de hiperligações usado, os quais dão acesso directo ao documento em PDF e, por sua vez, cada descritor dá acesso a um sem número de registos que estão classificados com a mesma terminologia e, finalmente, através do hipertexto União Europeia temos acesso a todos os departamentos da CE.

Na verdade, existe uma grande disparidade entre os diversos serviços de catalogação da BUIPII. É de sublinhar que o CDE só opera com um técnico de nível 1 e dois de nível 3. A pergunta é então pertinente: como é que uns sectores têm uma produtividade técnica irrepreensível e outros sectores produzem um trabalho tão afastado das necessidades dos leitores; não será o CDE um modelo a seguir pelos outros sectores da biblioteca?

Em contrapartida, os outros departamentos da BUIPII usam as tabelas da edição média da CDU. Consequentemente, a classificação é demasiado exaustiva na grande maioria dos fundos, com excepção da Economia e dos fundos CDE. Na BUIPII, a classificação CDU é, por assim dizer, um dos trabalhos considerados mais nobres dos chefes (nível 1).

Na homepage da BUIPII existe uma pesquisa CDU e outra JEL sem que sejam definidos os seus contornos técnicos e práticos. No nosso entendimento, são quase inexistentes os leitores que decifrem as notações CDU —esta é uma representação simbólica de assuntos, através de notações numéricas com o auxílio de sinais auxiliares; o objectivo é então representar o assunto chave de um dado documento. Estas sinalizações são estritamente profissionais e

portadoras de uma hermenêutica simbólicas, portanto, não acessível à grande maioria dos utentes. Por outro lado, a classificação JEL é totalmente desconhecida e não se encontra definida pela BUJPII. Deste ponto de vista, não se entende como é que em OPAC existem estas formas de pesquisa, ainda que estas sejam usadas pelo pessoal da biblioteca.

Por outro lado, estas formas de pesquisa deveriam somente estar disponíveis aos serviços internos da biblioteca, por questões óbvias. Além de mais, as classificações pecam pela sua extensão: há a pretensão de se abarcarem todos os pontos de vista temático de cada livro. Para ilustrar este facto, apresentaremos quatro exemplos de diferentes áreas —Generalidades; Filosofia; Teologia e Historia.

A. *Catálogo da exposição de obras de arte francesas existentes em Portugal.*

CDU para este título:

1. 061.4:7(44);
2. 7:061.4(44);
3. 739.1(44)“17”, e
4. 061.4(085.2).

B. *Psicología de las aptitudes: el análisis factorial y las funciones del alma.*

CDU para este título:

1. 141.11:519;
2. 519:9.01;
3. 159.928, e
4. 9.01:519.

C. *El mensaje de los cristianos: estudio bíblico-teológico en torno al contenido del testimonio y el anuncio de la palabra.*

CDU para este título:

1. 22:241.535.4;
2. 22:264-74;
3. 264-74:22;
4. 241.535.4:22.

C. *Archivistica ecclesiastica: problemi, strumenti, legislazione.*

CDU para este título:

1. 930.253:262(450);
2. 262(450):930.250;
3. 27(450), e
4. 348(450).

Como verificamos nos exemplos apresentados, este tipo de classificação, a priori, tem logo as suas desvantagens; ou melhor, as suas desvantagens são maiores do que as suas vantagens. Por exemplo, as notações extensas provocam ruído em qualquer tipo de pesquisa; a perda de tempo na duplicação das notações; a dificuldade na decifração das notações devido à sua extensão e conjugação.

Ainda que este tipo de pesquisa fosse indispensável aos utentes, da forma como está projectada causará grandes problemas sejam elas efectuadas por leitores ou pelo pessoal da biblioteca. Por exemplo, uma pesquisa que tenha como objectivo a recuperação de documentos sobre arquivismo eclesiástico; nomeadamente a recuperação do caso B: *Psicología de las aptitudes: el análisis factorial y las funciones del alma*. O investigador depara-se com uma classificação pouco objectiva e sintética, assim, este documentos teria que ser procurado nas notações mais inesperadas —Filosofia (1); Ciências puras (5) e nas notação de História (9).

A priori, poderá parecer-nos excelente esta múltipla forma de pesquisa para aceder a um só documento. Não obstante, uma pesquisa sobre o conteúdo desta obra de carácter metafísico (qualquer tipo de classificação atribuída parece-nos incorrecta) através de qualquer notação atribuída nunca permitiria chegarmos ao documento procurado. As notações que foram atribuídas a este documento significam:

1. A notação 141.11 —não se encontra nas tabelas CDU;
2. A notação 159.928 significa: distintas espécies de atitudes e capacidades;
3. A notação 5.19 significa: análise combinada e cálculo de probabilidade, e
4. A notação 9.10 significa: história do ponto de vista teórico.

Na verdade, a notação que mais se aproxima do conteúdo deste documento, ainda que muito vagamente, é a notação 159.928. Todas as referidas notações foram inter-relacionadas; correlacionando-se os problemas históricos com conteúdos matemáticos, assim mesmo, jamais se poderia aceder ao conteúdo deste documento. Para que melhor se entenda o serviço de catalogação e indexação da BUJPII iremos proceder à comparação de um registo em formato MARC entre a BUJPII e a Library of Congress. O registo MARC que servirá de comparação é, então, o anterior caso B descrito.

Formato MARC na BUJPII:

Número BIB (NCB): 12254

LDR: 00595nam 22002051i 45 0

001: 12254

100: ^a 19931010d1956 km y0 ba

101: 0 ^a spa

102: ^a ES

200: 1 ^a Psicología de las aptitudes ^e el análisis factorial y las funciones del alma ^f Mariano Yela

210: ^a [Madrid ^c Editorial Gredos, ^d 1956]

215: ^a 261 p. ^d 20 cm

225: 2 ^a Biblioteca hispánica de filosofía ^v 2

675: ^a 141.111:519

675: ^a 519:9.01

675: ^a 159.928

675: ^a 9.01:519

700: 1 ^a Yela, ^b Mariano

930: ^I UCJPII ^d 159.9.01 YEL

966: ^s 159.9.01 YEL ^I UCJPII ^a 82-709

999: ^a 12254

Formato MARC na Library of Congress:
LC Control Number: 57016708

```
000 00634nam 2200193u 450
001 6065312
005 000000000000000.0
008 840402s1956 sp 000 0 spa
035 __ |9 (DLC) 57016708
906 __ |a 0 |b cbc |c premunv |d u |e ncip |f 19 |g y-gencatlg
010 __ |a 57016708
040 __ |a DLC |c CarP |d DLC
050 00 |a BF39 |b .Y4
100 1_ |a Yela, Mariano. [from old catalog]
245 10 |a Psicología de las aptitudes, |c el análisis factorial y las funciones del alma.
260 __ |a [Madrid, |b Editorial Gredos, |c 1956]
300 __ |a 261 p. |c 20 cm.
650 _0 |a Factor analysis. [from old catalog]
991 __ |b c-GenColl |h BF39 |i .Y4 |t Copy 1 |w PREM
CALL NUMBER: BF39 .Y4
Copy 1
```

Em primeiro lugar, as duas bibliotecas não usam os mesmos campos MARC. Por exemplo, o título e o autor na BUJPII é descrito no campo 200 e, na LC o título é descrito no campo 245 e o autor no campo 100. Outras diferenças poderiam ser apontadas entre as duas bibliotecas, não obstante, o que queremos sublinhar é o facto de que embora ambas as bibliotecas usem notações de classificações bem diferentes (a BUJPII usa a CDU e a LC usa DLC), a LC só usa uma notação para a classificação da monografia em questão —BF39.Y4. Esta notação é simultaneamente a cota. Ao contrário, a BUJPII usa quatro notações, estando duas delas correlacionadas.

O que se pretende sublinhar com esta especulação é o facto de que a BUJPII usa demasiadas notações para um só título. Em síntese, o trabalho exaustivo de classificação a que já fizemos referência, na BUJPII causa ruído na pesquisa e representa demasiado tempo no tratamento documental.

7.2.6. Leitores reais e potenciais

Segundo os dados disponíveis na BUJPII dificilmente se poderia traçar o perfil dos seus leitores internos; o sistema informático não apresenta a eficiência indispensável para tal finalidade. Para além disso, a sua frequente remodelação dificulta qualquer tipo de obtenção de dados estatísticos. Os dados que aqui são apresentados são da exclusiva responsabilidade de entidades estatais, do Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior (OCES). Por outro lado, os dados dos leitores externos da BUJPII, são colhidos neste no serviço de recepção desta biblioteca, no seu sistema manual.

Assim, devido à eficiência do serviço de recepção poderemos ter acesso ao perfil colectivo dos leitores externos. Tendo em conta a ineficiência do serviço de informática, na recepção da

BUJPII registam-se de uma forma manuscrita todos os dados correspondentes aos leitores externos.

Tabela 5
Frequências dos leitores externos

EXTERNOS		Frequência	Percent	Percent Valid	Percent Acumulativa
Valid	Esporádicos	5347	95,2	95,2	95,2
	Estudantes	86	1,5	1,5	96,7
	Professores	72	1,3	1,3	98,0
	Advogados	60	1,1	1,1	99,0
	Outros	54	1,0	1,0	100,0
	Total	5619	100,0	100,0	

Segundo os dados do referido serviço, existe um total de 5619 leitores externos na BUJPII, onde a grande maioria são esporádicos —5347. Segundo a BUJPII devem-se entender por leitores esporádicos os que utilizam a biblioteca e não pagam os respectivos serviços. Estes podem nesta modalidade frequentar a BUJPII cinco vezes por ano sem qualquer tipo de pagamento. Esta classe de leitores apresentava uma frequência absoluta de 5.347 no ano lectivo de 2004/2005

Os restantes leitores externos descritos na tabela 5 são os que pagam os serviços da BUJPII, entre eles encontram-se estudantes de outras faculdades, com uma frequência relativa de 1,5%; os professores com uma frequência relativa de 1,3%; os advogados com uma frequência relativa de 1,1% e, finalmente, um conjunto de outras profissões com uma frequência de 1,0%.

Na verdade, os leitores internos da BUJPII só podem ser analisados de uma forma potencial —já que não sabemos na realidade quais são os alunos da BUJPII que utilizam a biblioteca. Os dados que seguidamente analisaremos foram recolhidos no OCES. Estes dados são públicos e encontram-se disponíveis on-line na URL: www.oces.mctes.pt/. Esta informação estatística é o resultado do tratamento de dados obtidos através de inquéritos aos alunos das diversas universidades portuguesas pela OCES. Os dados apresentados são referentes ao ano lectivo 2003/2004.

Tabela 6
Leitores potenciais de Licenciatura da BUJPII

LICENCIATURA		Frequência	Percent	Percent Valid	Percent Acumulativa
Valid	Comunicação	715	21,3	21,3	21,3
	Filosofia	34	1,0	1,0	22,3
	Literatura	115	3,4	3,4	25,7
	Serviço social	394	11,7	11,7	37,4
	Sociologia	102	3,0	3,0	40,5
	Tradução	53	1,6	1,6	42,0
	Direito	770	22,9	22,9	65,0
	Gestão	548	16,3	16,3	81,3
	Economia	312	9,3	9,3	90,5
	Teologia	218	6,5	6,5	97,0
	Ciências Religiosas	100	3,0	3,0	100,0
	Total	3361	100,0	100,0	

Na verdade, como poderemos verificar na tabela 6, a UCP de Lisboa é uma universidade de humanidades. Os cursos com maior frequência e, deste modo, com mais leitores potenciais são: Direito (freq. 770); Comunicação (freq. 715); Gestão (freq. 548) e Economia (freq. 312).

As licenciaturas da UCP têm uma frequência absoluta de 3.361 de leitores potenciais. Na verdade, o curso de Filosofia é o que apresenta o nível de frequência absoluta mais baixo, 34 leitores potenciais. Isto porque o curso de Filosofia foi extinto há dois anos devido ao excesso de profissionais no mercado de trabalho, assim o afirma o departamento de Filosofia.

Não obstante, não nos poderemos esquecer que o curso de Teologia apresenta uma frequência de 218 e as Ciências religiosas apresentam uma frequência de 100 casos. A essência destas duas áreas do conhecimento têm como base a Filosofia, logo a colecção de Filosofia será um produto directo para estes utilizadores. Deste ponto de vista, ao nível da licenciatura, temos que contabilizar uma frequência absoluta de 352 leitores potenciais para a referida colecção.

Tabela 7
Leitores potenciais de Pós-graduações na BUJPII

POS-GRADUAÇÃO		Frequência	Percent	Percent Valid	Percent Acumulativa
Valid	Tradução	2	,4	,4	,4
	Orientação sexual	75	15,1	15,1	15,5
	Gestão	177	35,5	35,5	51,0
	Direito	244	49,0	49,0	100,0
	Total	498	100,0	100,0	

O Direito é efectivamente a grande força das pós-graduações na UCP, estes alunos representam 49% dos leitores potenciais da BUJPII. A Gestão, por sua vez, apresenta uma frequência relativa de 35,5% das matérias especializadas solicitadas na BUJPII.

A Orientação sexual, nada mais é do que uma especialização em ética. Assim, mais uma vez a colecção de Filosofia, sobretudo, a área da Ética deverá estar devidamente desenvolvida para os 15,1% dos seus leitores potenciais. Os Mestrados em Filosofia são a segunda força em estudos especializados, com uma frequência absoluta de 34.

Tabela 8
Leitores potenciais de Mestrados na BUJPII

MESTRADO		Frequência	Percent	Percent Valid	Percent Acumulativa
Valid	Filosofia	34	12,1	12,1	12,1
	Teologia	10	3,6	3,6	15,7
	Literatura	7	2,5	2,5	18,1
	Serviço Social	12	4,3	4,3	22,4
	Gestão	218	77,6	77,6	100,0
	Total	281	100,0	100,0	

Assim, os leitores potenciais na área da Filosofia apresentam uma frequência relativa de 12,1% que, efectivamente, deverá ser acrescentada à frequência relativa de 3,6% de Teologia –ambos os cursos têm a mesma base na Licenciatura; nos Mestrados esta situação estará dependente dos assuntos investigados.

Desde modo, a colecção de Filosofia deverá estar apetrechada para esta nova realidade — estudos especializados— já que é a segunda força em especializações na UCP. Desta forma, torna-se indispensável uma avaliação da referida colecção, com o objectivo de tornar a Filosofia atraente e adequada às necessidades destes potenciais utilizadores.

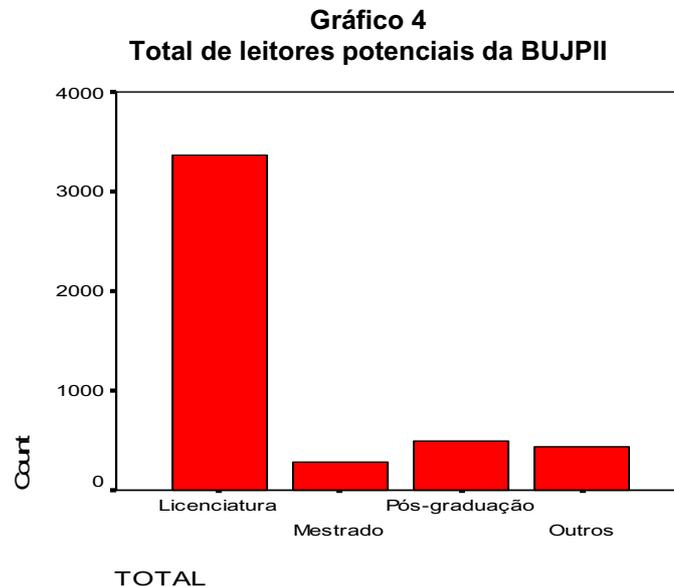
Assim, a BUJPII deverá estar preparada para servir um total de utilizadores potenciais da UCP com uma frequência de 4.574.

Tabela 9
Total de leitores potenciais da BUJPII

TOTAL		Frequência	Percent	Percent Valid	Percent Acumulativa
Valid	Licenciatura	3361	73,5	73,5	73,5
	Mestrado	281	6,1	6,1	79,6
	Pós-graduação	498	10,9	10,9	90,5
	Outros	434	9,5	9,5	100,0
	Total	4574	100,0	100,0	

As licenciaturas são, então, geradoras da grande maioria de leitores potenciais da BUJPII, com uma frequência absoluta de 3361. Por outro lado, as Pós-graduações são a segunda força, com uma frequência absoluta de 498. Finalmente, os Mestrados apresentam a frequência mais baixa de potenciais leitores, uma frequência absoluta de 281.

Se pretendermos representar a totalidade dos leitores potenciais da BUJPII, dizemos potenciais porque não há registo informático dos leitores reais, poderemos representá-los graficamente da seguinte forma:



As Licenciaturas apresentam uma frequência relativa de 73,5% de leitores potenciais na BUJPII. Por outro lado, os Mestrados apresentam uma frequência relativa de 6,1% e as Pós-graduações uma frequência de 10,9%. A dimensão “outros” é muito híbrida, esta apresenta uma frequência relativa de 9,5% onde se encontram incluídos neste percentagem os professores dos vários cursos, o pessoal da biblioteca e todos os funcionários da UCP. Não obstante, mais de 50% desta dimensão é pessoal que necessita de um acervo actual e altamente especializado.

Em síntese, os leitores reais apresentam uma frequência total absoluta de 5.619, estes são os alunos da UCP. A este valor deverão somar-se a frequência absoluta de 4.574 de leitores externos, perfazendo um total de 10.193 de leitores anualmente na BUJPII.

7.2.7. As bibliotecas universitárias —BUJPII

“Infelizmente as Bibliotecas universitárias em Portugal são praticamente inexistentes. Aconselhamos, para aqueles que têm tempo e interesse, a visita a algumas bibliotecas em Lisboa que detêm no seu espólio uma bibliografia básica sobre política. São elas: ISCTE, Instituto de Ciências Sociais (junto ao ISCTE), UCP João Paulo II, Universidade Nova de Lisboa, Instituto de Defesa Nacional, e Centro Europeu Jacques Delors (CCB).” (Ramos, 2005)

A ideia de que as bibliotecas universitárias portuguesas são “praticamente inexistentes” é ainda muito actual, como bem o demonstra Ramos (2005). Na verdade, este pessimismo é generalizado nas hostes intelectuais portuguesas. As próprias estatísticas do Instituto Nacional

de Estatística revelam que Portugal tem um dos índices mais baixos de leitura da OCDE — apenas 30% dos inquiridos afirmam ter lido um livro ao longo do ano de 1999.

Para dar resposta a estas situações de excepção foi previsto a aplicação do projecto Bibliopolis, nos concelhos de Braga, Coimbra, Évora, Porto e Lisboa, destinado a apoiar as bibliotecas dos grandes centros urbanos, nomeadamente as bibliotecas universitárias, que possam funcionar como parceiros de uma rede integrada.

Este projecto tem o seu início em 1987 com a criação do Instituto Português do Livro e da Leitura (IPLL) e depois, entre 1992 e 1997 no âmbito do Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro (IBL), —dentro das atribuições da Direcção de Serviços de Leitura Pública, à qual competia assegurar a planificação e execução da política nacional de leitura pública, através, nomeadamente, da colaboração entre a administração central e autárquica. Essas atribuições passaram a ser exercidas, a partir de 1997, pelo Instituto Português do Livro e das Bibliotecas (IPLB), através da sua Direcção de Serviços de Bibliotecas.

Com esse objectivo, logo em 1987, foi publicada legislação que viabilizava o estabelecimento de contratos-programa entre o IPLL e os Municípios, para execução de uma política integrada de desenvolvimento da leitura pública, no quadro da rede de bibliotecas municipais (Dec.-Lei n.º 111/87, de 11 de Março). Tendo sido pioneira, foi depois completada por outra, de aplicação mais genérica (Dec.-Lei n.º 384/87, de 24 de Dezembro).

Ainda que a BUJPII não estivesse contemplada com o projecto Bibliopolis, na sua essência, esta biblioteca assimilou os seus principais objectivos. Referirmo-nos à tentativa da criação de uma parceria em rede com outras bibliotecas universitárias para a futura ligação de todos os pólos da Universidade Católica dispersos pelo país. Há vários anos que existe a preocupação do sistema OPAC da BUJPII contemplar os dados bibliográficos das todas as congéneres católicas: Braga (Teologia e Geral); Porto (CDE); Viseu e Lisboa.

Por outro lado, a BUJPII integra o catálogo da base de dados de pesquisa bibliográfica que engloba as principais bibliotecas portuguesas, de todo o tipo de tipologias. Esta base de dados nacional é a “Sirius: pesquisa na Porbase”. Esta base de dados é gerida pela Biblioteca Nacional e encontra-se disponível on-line.¹ A própria BUJPII tem um convénio com a Biblioteca Nacional (BN) ao nível do intercâmbio de informação. Ambas as bibliotecas usam o mesmo protocolo Z39.50 e o mesmo sistema operativo —Horizon. Assim, a BN detém nas suas bases de dados os registos da BUJPII. Ou seja, esta biblioteca está integrada numa rede de bibliotecas portuguesas.

Para exemplificar o intercâmbio de informação e cooperação nesta base de dados nacional, recorreremos ao seguinte registo bibliográfico: *Atrium: revista dos Alunos do Seminário Maior do Porto* / dir. José Nuno F. Silva. —Porto: S.M.P., 1987. -21 cm. —Semestral.

¹ A base de dados Sirius está disponível na URL: <http://sirius.bn.pt/sirius/sirius.exe>.

- BN P.P. 18374 V
- BPMP PA-3146
- UACSD SDP 2(05)
- UAVSD 008D
- UCBG A-2-10-2
- UCJPII 05:2 =690-ATR

Como verificamos pelas cotas do referido periódico, este registo bibliográfico da base Sirius, está disponível em várias bibliotecas portuguesas: Biblioteca Pública Municipal do Porto (BPMP); Universidade dos Açores —serviços de documentação (UACSD); Universidade de Aveiro —serviços de documentação (UAVSD); Universidade de Coimbra —biblioteca geral (UCBG); Universidade Católica —Biblioteca João Paulo II (UCJPII) e Biblioteca nacional (BN).

Este base nacional de dados bibliográficos (Sirius) está acessível ao público desde Maio de 1988, conta actualmente com mais de 1.230.000 registos bibliográficos, ligados a mais de 1.080.000 registos de autoridade. Se exceptuarmos os registos da Biblioteca Nacional, verificamos que 81% dos dados que integram a base são oriundos de bibliotecas universitárias, o grupo mais representado na comunidade de cooperantes efectivos da Porbase que, neste momento, conta com 154 bibliotecas.

O projecto Bibliopolis ainda que despertasse, indirectamente, as bibliotecas portuguesas para projectos cooperativos de difusão da informação; os seus objectivos na esmagadora maioria dos casos ficaram-se por intenções teórico-políticas. Ou seja, ainda nos dias de hoje assistimos a uma escassez de profissionais de biblioteca, tanto ao nível técnico como em outras áreas específicas como são aquelas que necessitam de tecnologias de informação ou das necessidades de restauro e de conservação preventiva.

Para a investigação destas necessidades intermédias de formação, a Associação Portuguesa de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas (BAD) efectuou um inquérito, em Julho de 1999, através do qual concluiu que, num universo de 260 bibliotecas, 51 centros de documentação e 88 arquivos existentes no país, faltariam qualquer coisa como 513 técnicos de bibliotecas e 115 técnicos de arquivo. Em Fevereiro de 2001, estes números foram actualizados e mais uma vez se conclui que a médio prazo seriam necessários cerca de 3 mil técnicos de biblioteca e documentação e algumas centenas de técnicos de arquivo.

“Na sua maioria, as BU [bibliotecas universitárias] não dispõem de pessoal qualificado em número suficiente para poderem prestar o tipo de serviços que disponibilizam as suas congéneres da União Europeia.” (Moura; et al. 1996)

Em 1996, verifica-se que as bibliotecas universitárias portuguesas não dispõem de pessoal qualificado para se equipararem às suas congéneres da CE (Moura; et al. 1996). Efectivamente, em 2005 esta questão ainda é uma realidade que perdura na BUJPII. Esta biblioteca, ainda que tenha uma quantidade substancial de pessoal nos seus quadros, subscreve na íntegra as observações feitas pela BAD em 1999. Assim, em termos quantitativos apuramos, 27,2% do pessoal da biblioteca não tem formação específica em biblioteconomia; 13,8% dos técnicos têm formação técnica; cerca de 41,4% do dito pessoal só tem simplesmente formação básica; 17,2% do pessoal não tem qualquer tipo de formação biblioteconómica e, na maioria dos casos, desempenham serviços de destaque.

“As bibliotecas universitárias estão a viver grandes transformações no seu modo de funcionamento e nos serviços prestados à comunidade em que se inserem, sobretudo sustentadas na introdução de tecnologias de informação e comunicação, mas também devido a novas formas de gestão e de alocação de recursos, humanos e materiais.” (Gomes, 2005)

Como verificamos, Gomes (2005) salienta a necessidade das bibliotecas universitárias portuguesas se prepararem para enfrentarem os desafios dos novos paradigmas da gestão do conhecimento. A imposição das TICs faz despontar no seio biblioteconómico português a vontade política para a criação de um projecto colectivo de uma rede nacional das bibliotecas universitárias.

Segundo Moscoso (2004) as bibliotecas universitárias, em geral, são componentes essenciais dos novos modelos de ensino e aprendizagem, devido à sua posição estratégica no acesso aos recursos de informação e, acima de tudo, devido ao seu público-alvo estar motivado para as novas pedagogias. Em síntese, as TICs desempenham uma função essencial para a melhoria no acesso à educação e à qualidade de aprendizagem. Ao nível organizacional as TICs requerem hardware, software, habilidades, integração de sistemas, apoio operacional, infra-estruturas. Ou seja, o desenvolvimento produtivo das TICs requer inovação dos recursos existentes (Tuomi, 2004).

“The process of telemediatization also in universities makes it unavoidable that these three infrastructure units for information, communication and multimedia need to find new forms of cooperation which eventually will lead to a new coordinated knowledge and information infrastructure.” (Kuhlen, 2003)

Segundo Kuhlen (2003), a gestão do conhecimento é muito mais do que uma tarefa deontológica das bibliotecas, na medida em que todo o processo de telemediação conduzirá à comunicação entre bibliotecas, desenvolvimentos multimédia e a novas formas de cooperação. As TICs são o elemento essencial da sociedade actual e, por seu turno, estão invadindo as práticas dos bibliotecários, configurando novos contextos e ambientes, onde a tradição e a inovação devem confluir de modo a recriarem-se bibliotecas com espaços dinâmicos.

Para além destes factos, se tomarmos em consideração a citação acima proferida por Ramos (2005), verificamos que a BUJPII é uma das sugeridas por este estudioso, entre outras, devido ao seu acervo dispor de uma bibliografia básica sobre política. Não obstante, o seu esforço de adaptabilidade a novos paradigmas do conhecimento é ainda inglório. A confirmá-lo está a inadapabilidade do seu sistema informático às novas exigências organizacionais e sociais.

Sem pretender limitar a acção das bibliotecas universitárias no seio da sociedade portuguesa, estas são efectivamente pouco intervenientes. Face à consciencialização deste problema, em 12 de Fevereiro de 1996, os Serviços de Documentação da Universidade de Aveiro apresentaram ao Reitor desta universidade os fundamentos para a criação de uma rede de bibliotecas universitárias num futuro próximo. Assim, com a organização dos reitores das universidades portuguesas nasce o Concelho de Reitores das Bibliotecas Portuguesas (CRUP). A 6 de Dezembro do mesmo ano, este concelho cria os fundamentos teóricos da Rede Universitária de Bibliotecas Portuguesas (RUBI). Por sua vez, a CRUP em 1997 a RUBI para apresentar até 6 de Fevereiro de 1997 um relatório com as principais linhas orientadoras da futura rede de bibliotecas universitárias.

A RUBI tinha a pretensão de ser uma estrutura lógica que, mediante uma partilha de recursos, já existentes ou a adquirir, proporcione, de forma progressiva, e através de novas formas de cooperação, uma gestão integrada de informação. Na verdade, fica determinado que a missão da RUBI é contribuir para uma melhoria da qualidade do ensino, aprendizagem, investigação e gestão da universidade através de uma política global de gestão de informação

Segundo o plano de acção da RUBI (1998) os objectivos deste consócio de gestão de informação colectiva têm a seguinte finalidade:

1. Facilitar o acesso à informação e localização dos documentos existentes nas bibliotecas portuguesas;
2. Promover os meios de divulgação da produção técnico-científica nacional;
3. Promover mecanismos de apoio à aquisição de serviços ou recursos;
4. Rentabilizar os investimentos já efectuados ou em curso pelas universidades, tanto em termos de recursos documentais, como de recursos informáticos;
5. Apoiar a participação portuguesa em projectos de investigação e desenvolvimento de serviços de informação electrónica;
6. Incentivar a utilização dos meios tecnológicos avançados em pesquisa bibliográfica, e
7. Desenvolver estudos específicos de aplicações informáticas a situações concretas do âmbito da informação e documentação.

Em sínteses, pretendeu-se a construção de uma comunidade universitária nacional, fortemente ligada à sociedade civil, capaz de partilhar as fontes do saber (não só relatórios internos, dissertações ou teses, mas também pessoas, especialistas e grupos). Não obstante, este projecto nunca foi plenamente exequível. O seu falhanço, segundo Lemos; et al. (2003) deve-

se essencialmente à não participação activa neste projecto da Biblioteca Nacional e da Porbase: estas duas entidades são de inquestionável importância na cooperação das bibliotecas portuguesas, especialmente das universitárias. Por outro lado, muitas bibliotecas universitárias não possuem infra-estruturas informáticas, recursos humanos e organização de serviços que lhes permitam uma imediata integração num trabalho cooperativo.

Ainda que fracassado o projecto RUBI, actualmente, o projecto de uma base de dados colectiva de pesquisa bibliográfica nas principais bibliotecas universitárias é uma realidade, ainda que esteja a dar os primeiros passos ao nível formal e de conteúdo. Esta base é denominada por “FCT base de dados”, já está on-line.¹ Este catálogo colectivo contém as publicações periódicas das principais bibliotecas universitárias portuguesas; abrange os assuntos no campo das Ciências sociais, Humanas, Naturais e de Engenharia. Ao nível quantitativo cobre a existência de periódicos de mais de 500 bibliotecas que colaboram com o Serviço de Informação e Documentação (SID) e a Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT).

Sem por em causa o conteúdo de catálogo, ao nível formal quase tudo está por fazer: não há uma indicação e descrição quantitativa e qualitativa do acervo disponível; não se indicam quais as bibliotecas incluídas; os itens de pesquisa não são explicados²; os operadores booleanos são escassos e não definidos. A grande alternativa de pesquisa nesta base é processada por autor colectividade —por biblioteca. Os itens desta alternativa mais uma vez não são definidos e, desta forma, são quase ilegíveis. Referimo-nos, por exemplo, ao item “código da biblioteca” e ao “área de actividade”. Não sabemos a que tipo de código esta bases de dados se refere e qual a maneira de investigar tais códigos.

Ainda que sejam dados os primeiros passos na cooperação interbibliotecas universitárias, através da projecção de bases de dados comuns, é importante sublinhar que o acto de cooperar tem que ser visto de várias respectivas: local, nacional e global e, dentro de cada área poderemos ainda subdividir a noção por áreas de estudo ou por tipo de leitor (Line, 1997). Cooperar é, então, um trabalho de grupo com a finalidade de aceder a mais recursos e acima de tudo complementar a missão da biblioteca e da comunidade de leitores.

“Interlibrary loan is essential to the vitality of libraries of all types and sizes and is a means by which a wider range of materials can be made available to users. In the interests of providing quality service, libraries have an obligation to obtain materials to meet the informational needs of users when local resources do not meet those needs.”
(ALA, 1994)

¹ A base de dados FCT base de dados este on-line em: <http://www.fct.mct.pt/infodoc/sidbd/bdcat.htm>

² As possibilidades de pesquisa aprontadas são por: título, título, ISSN, país e ano de publicação colectividade editora, editor comercial, áreas científicas, CDU, língua de publicação, código de biblioteca. Os indicadores booleanos são *and*, *or* e *not*, sem qualquer tipo de explicação da sua aplicabilidade e utilidade. Acrescentando-se, ainda, que todos os campos de preenchimento livre poderá usar-se truncaturas. Resta saber, em que campos e como se utilizam tais operadores.

Como afirma a ALA (1994) o procedimento de cooperação requer normas específicas que regulamentem os procedimentos de solicitação de documentação e, para além destas normas primárias, são essenciais outros procedimentos que estabeleçam, por exemplo, as formas de envio; o período de empréstimo; o pagamento de gastos, o regulamento de cópias; os processos de conservação, entre outros. A normalização deste processo foi amplamente divulgada pela IFLA a partir de 1976. Mais recentemente, em Maio de 1999 os procedimentos foram institucionalizados com o interlibrary loan protocol (ISO 2002).

Ainda que a prática de empréstimos interbibliotecários (ILL) devidamente regulamentada sejam uma prática pouco habitual em Portugal, a BUJPII na sua homepage proporciona aos utentes o acesso a fundos documentais que possui no seu acervo e de outras bibliotecas e arquivos. Não obstante, não são esclarecidos como podem ser efectuados esses pedidos e não esclarece se as bibliotecas internacionais também estão contempladas.

Ainda que desconhecidas por a grande maioria das bibliotecas portuguesas, como é o exemplo da BUJPII, as directivas dos procedimentos ILL estão amplamente divulgadas pela IFLA on-line. As primeiras regras estabelecidas por esta instituição datam de 1954 até à última revisão em 2001. Além de mais, existe a tradução em português das normas ILL. Esta regras não só se destinam aos procedimentos de empréstimos como também normalizam os pedidos por fax e e-mail.¹

Nos trabalhos preparatórios de organização e implementação de um serviço ILL nacional em 2003, a Biblioteca Nacional (2003) demonstra que 70% das bibliotecas que praticam ILL não possuem qualquer tipo de regulamento. Por outro lado, 75% das bibliotecas desconhecem as orientações da IFLA para tais procedimentos e 65% das bibliotecas desconheciam o modelo do código nacional de empréstimos interbibliotecários. Esta situação geral das bibliotecas portuguesas, incluindo as universitárias, reflecte a ausência de orientação num campo onde as regras têm que existir, tanto nacionalmente como internacionalmente. Além de mais, este tipo de regras são vectores de credibilidade das bibliotecas que emprestam e que pedem.

Através de uma curta exposição na sua homepage a BUJPII, actualmente, ainda enuncia algumas normas internas ILL como se estas fossem um simples tabelado de preços. Dois anos após da Biblioteca Nacional dar a conhecer as normas de empréstimos interbibliotecas, a

¹ Normas da IFLA que regulamentam os pedidos gerais de ILL e as normas de pedidos por fax e e-mail:
- IFLA (2001) *International lending and document delivery: principles and guidelines for procedure* [on-line]. January 7, 2002. <URL: <http://www.ifla.org/VI/2/p3/illd.htm>> [Consulta: 20 Agosto 2005]
- IFLA (2001) *Empréstimo internacional e fornecimento de documentos: princípios e directrizes de procedimento*; trad da Biblioteca Nacional [on-line]. <<http://www.bn.pt/ei/docs/e-internacional.doc>> [Consulta: 20 Agosto 2005]
- IFLA (1999). *Universal availability of publications core programme: IFLA guidelines for sending ILL requests by email* [on-line]. February 16, 2000 <URL: <http://www.ifla.org/VI/2/p3/g-ill.htm#4>> [Consulta: 20 Agosto 2005]
- IFLA (1996). *The IFLA fax guidelines -universal availability of publications core programme: the IFLA fax guidelines* [on-line]. <URL: <http://www.ifla.org/VI/2/p3/g-fax.htm>> [Consulta: 20 Agosto 2005]

BUJPII continua a desconhece-las completamente.¹ Para além desse facto, o preçário levado a cabo pela BUJPII é, por assim dizer, um impeditivo à difusão da informação. A conformá-lo estão os preços levados a cabo por este tipo de empréstimos —uma simples pesquisas solicitada à BUJPII custa 4.99 €, acrescida ainda do preços da fotocópias e envios.

A cultura corre o risco de ser muito cara na Europa, inclusive, em Portugal. Desta forma, a Comissão Europeia, a 16 de Janeiro de 2004, decidiu pedir formalmente informações a Espanha, França, Itália, Irlanda, Luxemburgo e Portugal sobre a aplicação da Directiva 92/100/CEE, relativa ao direito de aluguer, ao direito de comodato e a certos direitos conexos aos direitos de autor em matéria de propriedade intelectual. Este simples pedido é indício que existe o risco generalizado de ser instituída uma taxa sobre o empréstimo de livros e outros documentos nas bibliotecas portuguesas, sejam elas públicas, escolares, universitárias ou outras, como acontece tão explicitamente na BUJPII.

Num país como Portugal, em que as dificuldades económicas e os incipientes hábitos de leitura dificultam o acesso a um conjunto de vectores da sociedade ao conhecimento e à cultura, uma medida dessa natureza revelar-se-ia catastrófica. Este movimento europeu de contestação de encarecer a cultura é apoiado em Portugal pela BAD. Esta associação de bibliotecários exige ao governo português que mantenha as inserções relativas às bibliotecas, arquivos, museus, contempladas no Decreto-lei nº 223/97, de 27 de Novembro.

Não obstante, alguns passos importantes se têm dado na investigação em Portugal, a produção científica portuguesa teve o maior ritmo de crescimento de toda a UE, atendendo a este facto, o Observatório das Ciências e das Tecnologias (OCT) subscreve ao Institute of Scientific Information (ISI) da Filadélfia a assinatura nacional das bases de dados de informação bibliográfica e bibliométrica digital *Web of Knowledge*. Este acordo foi preparado pelo OCT em conjunto com a Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) cujos programas de investimento asseguram o financiamento necessário.

O acordo contratual permite o acesso à *Web of Knowledge* do ISI a partir de todos os organismos do Ministério da Ciência e da Tecnologia e de todas as instituições de investigação científica e tecnológica: laboratórios do estado, laboratórios associados, unidades de investigação das instituições do ensino superior público e privado, unidades de investigação das instituições privadas sem fins lucrativos.

As bases de dados incluem o *Science Citation Index*, o *Arts and Humanities Citation Index*, os *Current Contents e Contents Connect*, os *Journal Citation Reports*, os *ISI Proceedings*, os *ISI Chemistry*. Estas bases possibilitam a pesquisa ao nível de títulos e resumos em mais de 8.450 das revistas científicas influentes e actas; a cerca de 10.000 conferências indexadas em cada

¹ A Universidade da Beira Interior disponibiliza o seu formulário de empréstimos inter-bibliotecas on-line. Este formulário obedece às regras da IFLA e, desta forma, poderá ser um exemplo a seguir pela BUJPII. Este formulário está disponível na URL: <http://ubi.ubi.pt/bi/biblioteca/formulario.html>

ano; ao acesso a informação de citação de artigos e ainda ao estudo de impacto de várias revistas científicas. Além disso, o *Web of Knowledge* é uma plataforma prática para se aceder aos textos integrais, cuja assinatura electrónica seja devidamente acordada com as respectivas editoras.

Para ser activado o acesso a uma dada instituição desta base de dados, esta deve solicitá-lo ao OCT como indicado na página Web deste organismo. Efectivamente, as bibliotecas universitárias, na sua esmagadora maioria, contam com a referida base no seus acervos electrónicos. Sem excepção, encontra-se a BUJPII que disponibiliza o seu acesso —este acesso é permitido a todos os utilizadores da BUJPII, através da configuração do seu PC com a proxy da UCP.

7.2.8. Súmula avaliativa

Não existe nenhuma política de desenvolvimento de colecções estruturada e escrita na BUJPII, como temos vindo amplamente a sublinhar. Assim, o pessoal da biblioteca e os seus próprios leitores estão privados de conhecerem os propósitos actuais e futuros do acervo desta biblioteca universitária. Aliado a este problema estrutural, não existe um serviço de referência; os postos de catalogação são excessivos; os serviços de aquisição são meramente administrativos e a selecção é externa à BUJPII; a política de doações também é inexistente; a gestão dos recursos humanos carece de uma reorganização e o sistema informático não responde às necessidades dos leitores e funcionários.

Existe na BUJPII um único serviço que tem como finalidade o atendimento aos leitores que se situa no 4º piso —serviço de recepção. Este serviço de recepção nas normas internas da BUJPII é destinado, sobretudo, para a requisição de monografias. E, por sua vez, no 3º piso existe um serviço de recepção para a requisição de periódicos.

“Atendimento e informações: no 4º piso da biblioteca funciona, em balcão próprio, um serviço de atendimento, que prestará aos leitores informações de carácter geral e onde se processam também os empréstimos domiciliários.” (Biblioteca Universitária João Paulo II, 2001)

Como verificamos, este atendimento tem um carácter geral e serve, sobretudo, para a requisição de espécies monográficas. Como sabemos, numa biblioteca distribuída por quatro piso, com um número significativo de leitores (5.619 leitores externos e 4.574 leitores internos potenciais) existe a probabilidade de estes manifestarem as suas dúvidas em relação à organização do acervo da biblioteca e à recuperação da informação.

Pois bem, os recepcionistas, tomam muitas vezes a iniciativas de “mediadores informativos”, louvável a sua atitude, mas não podemos esquecer-nos que este pessoal é o que menos

competências profissionais têm para o desempenho (sem qualquer tipo de formação biblioteconómica).

“Além do apoio prestado por este serviço específico, todos os funcionários da BUJP atenderão os utentes que necessitarem de esclarecimentos sobre os fundos bibliográficos e documentais, bem como sobre os contactos com outras bibliotecas nacionais ou estrangeiras.” (Biblioteca Universitária João Paulo II, 2001)

Para além dos factos acima mencionados, nos estatutos da BUJPII afirma-se que todos os funcionários têm a obrigação de prestarem esclarecimentos aos leitores. Aparentemente eficaz, esta medida servirá para colmatar a ausência de um serviço de referência; este facto poderá causar grande ruído na recuperação da informação. Dito de outro modo, um técnico que tem funções de catalogação, certamente, não está informado sobre a cooperação bibliotecária nacional e internacional, por exemplo.

“A reference librarian standing behind a desk waiting for someone to say, ‘I can't find what I'm looking for; can you help?’ might be justifiable if, as is the case with other service professionals, that librarian was the reason the person came to the building to begin with. But reference librarians have not served so central a function. They have stood ready to help ‘just in case’ —just in case navigating the building isn't clear, just in case the catalog doesn't produce wanted results, just in case the collections seem not to contain the desired material or information. In short, reference service-in particular point-of-need reference service-has been an afterthought, something to be considered after the building's signage or the finding aids or the collections fail the user.” (Lipow, 2005)

Como verificamos, o bibliotecário de referência não está à espera das dúvidas dos seus leitores. Na verdade, na BUJPII para além de não existir um bibliotecário de referência, são os leitores que têm que procurar os funcionários para os questionar com as suas dúvidas (una perspectiva tradicionalistas de divulgação da informação). Como sublinha Lipow (2005), o bibliotecário de referência deve manifestar uma prontidão na interajuda e antecipar as dúvidas dos leitores.

Apesar desta falha estrutural revelada pela BUJPII, a maior parte dos serviços desta biblioteca dedicam o seu tempo à catalogação. Efectivamente, existem quatro departamentos no mesmo piso que se dedicam constantemente à catalogação. Na verdade, reduzem-se os serviços bibliotecários da BUJPII a meros trabalhos administrativos. Contrariamente aos procedimentos da BUJPII, as orientações internacionais apontam para serviços de catalogação rápidos e eficiente.

“The Program for Cooperative Cataloging is an international cooperative effort aimed at expanding access to library collections by providing useful, timely, and cost-effective cataloging that meets mutually-accepted standards of libraries around the world.” (Library of Congress, 2005)

Como verificamos, a Libray of Congress (2005), lança recentemente um programa de acção cooperativo de catalogação internacional cujo objectivo é expandir o acesso a registos bibliográficos. Mas as medidas para levar a cabo este objectivo são a promoção de uma catalogação útil, rápida e com o mínimo de custos possíveis.

Para além de uma catalogação morosa, a BUJPII classifica os documentos somente com recurso à CDU e, normalmente, são utilizadas notações muito complexas (por exemplo, 241.535.4:22). Ao nível da recuperação de informação e, sobretudo, o seu uso extensivo nas cotas em nada facilita a pesquisa dos documentos por parte dos leitores. Partindo deste princípio, Slavic (2003) na *69th IFLA general conference and cancel* em Berlim, afirma que a tendência da classificação CDU é a aplicação de notações simples, para a fidelização de novos utilizadores a esta linguagem controlada.

“La plupart des nouveaux utilisateurs de la CDU tendent à choisir une application simple pour éviter les conflits et les problèmes additionnels dans le classement et l'affichage.”
(Slavic, 2003)

A utilização de notações simples, grosso modo, evita os problemas de ruído nas pesquisas, facilitam o seu manuseamento e leitura e favorecem a ordenação da documentação nas estantes (no caso das cotas serem de inspiração CDU, como é o caso da BUJPII). Ainda que a BUJPII utilize notações excessivamente longas, excepcionalmente, só o CDE tem a preocupação de as utilizar de uma forma simples e funcional.

Além de mais, este departamento é um dos únicos que se dedica à indexação do seu acervo documental: indexa, resume e efectua hiperligações. Desta forma, parece-nos que o CDE poderia ser o modelo a seguir por toda a biblioteca. Ainda que não detenhamos qualquer tipo de estatísticas para confirmar tais factos, a falibilidade do sistema informático não o permite, os resultados qualitativos deste serviço falam por si mesmo. Actualmente, o CDE é administrado in loco por um técnico com formação superior e dois com formação básica. Ainda assim, este serviço tem atendimento personalizado ao utente e, por outro lado, a organização e difusão da informação levada a cabo pelo CDE é um protótipo de gestão organizacional. Por exemplo ao nível bibliográfico, os registos expressam uma indexação equilibrada (3 a 5 descritores), apresenta o resumo do documento (8 a 10 linhas), a CDU é sucinta e, ainda estão dotados de vários géneros de links.

“A documentação existente no CDE é classificada pela CDU, mas por uma forma mais simples (só três dígitos) do que a utilizada na BUJP em geral; e é indexada pelo thesaurus EUROVOC, específico para os assuntos comunitários.” (Biblioteca Universitária João Paulo II, 2001)

Apesar de o CDE ter chegado tardiamente à UCP, só em 1980 foi implementado nesta universidade, este centro de documentação generalista apresenta um serviço de qualidade, ao nível dos seus produtos divulgados no catálogo da BUJPII e, sobretudo, no atendimento

personalizado prestado a cada leitor. Para além deste facto, sublinharemos que este departamento distribuir documentação gratuita sobre conteúdos da CE.

Na verdade, o CDE é nesta biblioteca símbolo de profissionalismo, não obstante, os seus procedimentos são fruto do bom senso, já que não existe na BUJPII uma política escrita sobre o desenvolvimento de colecções. Segundo as normas da ALA (1999), a política de selecção deverá ser escrita; contemplando as colecções especiais, o desenvolvimento dos critérios de selecção, a circulação dos documentos e sua preservação, as doações, etc. Não obstante, a BUJPII não tem qualquer programa escrito sobre o desenvolvimento de colecções, sobretudo, sobre os seus critérios de selecção e aquisição e doações.

“The policy should be written by those who are administratively responsible for the transfer program, usually the head of special collections, the head of collection development, or the two in concert. The development of selection criteria and transfer procedures depends upon wide agreement among all relevant components of the library: these will generally include special collections, reference, cataloging (including automated systems personnel), gifts, circulation, government documents, preservation and collection development.” (ALA, 1999)

Apesar destas normas enunciadas pela ALA serem sobejamente conhecidas e indispensáveis para facilitarem todos os tipos de procedimentos organizacionais, a BUJPII organiza as suas colecções de uma forma alheia a qualquer tipo de procedimentos preestabelecidos. Assim, o serviço de aquisições é um órgão meramente administrativo, na medida em que é apenas um intermediário entre os professores e os editores. Ou seja, os professores procedem à selecção e o serviço de aquisições processa a compra.

Por outro lado, ainda que o serviço de selecção seja a chave do desenvolvimento e avaliação das colecções, na BUJPII este é externo à biblioteca —está na posse dos docentes. Facilmente deduzimos que os critérios de selecção são tantos, quantos os cursos existentes na UCP. Mesmo no caso de qualquer leitor sugerir a compra de algum documento em particular, este será apreciado pelos docentes da respectiva área temática —a selecção e a aquisição estão fortemente controladas por entidades externas à BUJPII.

“Qualquer utente da BUJP pode fazer sugestões de aquisição, que este serviço recolhe e depois leva à consideração do professor da respectiva área temática, com uma informação sobre eventual existência dessa obra no fundo da BUJP. Depois de o professor ter autorizado a aquisição, o serviço de aquisições processa administrativamente a compra, procedendo à encomenda e acompanhando a respectiva facturação.” (Biblioteca Universitária João Paulo II, 2001)

Para além dos serviços de aquisição e selecção estarem subjugados a forças externas, as doações são uma das formas, por excelência, de aquisição na BUJPII. A ausência total de uma política estrutural desta forma de aquisição, poderá causar graves problemas no desenvolvimento das colecções. Na avaliação particular da colecção de Filosofia da BUJPII,

este problema será devidamente considerado, assim poderemos determinar as causas do crescimento desactualizado e descontrolado de algumas áreas da referida colecção (facilmente deduzimos que este problema é geral).

Por outro lado, uma percentagem significativa do espaço da biblioteca está preenchido pelos acervos doados, estima-se que seja superior a 30%. Estas colecções doadas, grosso modo, têm o perfil intelectual dos seus doadores; entre estas colecções se destacam: a colecção do Instituto Português da Sociedade de Göerres, a colecção de António Sardinha, a colecção de Martins de Carvalho e a colecção de Eduardo Coelho. A inseparabilidade das colecções destas colecções, imposta pelo doador, vem em muitos casos duplicar o acervo de literatura já existente. Para além disso, as suas cotas —atribuídas pelo doador— vem criar na colecção de literatura uma falta de uniformização dos métodos e técnicas de pesquisa documental, assim como na sua localização nas estantes.

“[...] o serviço de catalogação procede também na medida das suas disponibilidades à catalogação das bibliotecas memoriais e outros fundos acumulados provenientes de doações feitas à UCP ; para este efeito tem vindo a desenvolver-se nos últimos anos um projecto específico, denominado Projecto D.” (Biblioteca Universitária João Paulo II, 2001)

Como verificamos, para além dos problemas estruturais das doações, os problemas económicos são bem visíveis no orçamento geral da biblioteca: houve a necessidade de criar um departamento especial (projecto D) só para a catalogação das obras doadas à biblioteca. Este problema não é novo, efectivamente, esta forma de gestão das doações funciona desde 1991.

Para além deste facto, ao nível geral, os recursos humanos da BUJPII não estão bem geridos. Primeiramente, esta afirmação é confirmada pela disparidade geográfica dos vários centros de catalogação (4) e do nível de formação dos recursos humanos que cada centro dispõe. Outro dos exemplos, é o facto do serviço de aquisição ser gerido por uma técnica com formação básica, e o projecto D (serviço de catalogação de doações) tem o mais alto nível de técnicos superiores concentrados no referido serviço. Acrescido a este problema, verifica-se uma percentagem significativa de pessoal sem qualquer formação, cerca de 17,2%. O próprio serviço de apoio aos leitores é disponibilizado no serviço de recepção, na sua esmagadora maioria sem formação técnica para tal. Esta situação é de todo evitável, já que existe na média cerca um técnico com formação superior para cada 3,5 funcionários.

Não obstante, a BUJPII tem vindo a sofrer algumas vicissitudes na sua gestão, a própria inovação informática chega à biblioteca em 1987 e, passados 5 anos o catálogo era disponibilizado on-line. Actualmente, a biblioteca dispõe do mesmo sistema informático que a Biblioteca Nacional e de outras suas congéneres —o Horizon. Passados 18 anos desde os começos da sua informatização, a BUJPII tem a pretensão a ser um modelo periférico na

gestão dos seus recursos de informação. Para tal, o seu sistema deverá obedecer a critérios mínimos de qualidade.

"[...] centros de documentación de empresas de comunicación de todo tipo (prensa, radio, televisión) están incorporando directorios y bases de datos de recursos Web como un servicio más para sus clientes o usuarios y, siguiendo una acreditada tradición documental, procuran no reseñar Webs que no satisfagan unos mínimos de calidad." (Codina, 2000)

Segundo Codina (2000), os recursos digitais podem ser avaliados em vários contextos, este estudioso da Universitat Pompeu Frabra enuncia 14 parâmetros para a avaliação de recursos digitais, divididos em dois grandes grupos —a micronavegação¹ e a macronavegação². Para que melhor se compreenda a funcionalidade e qualidade da base de dados da BUJPII, usaremos os parâmetros de avaliação enunciados por este estudioso descritos no seu artigo: *Evaluación de recursos digitales en línea: conceptos, indicadores y métodos*.

Ao nível da micronavegação, a base de dados da BUJPII apresenta uma qualidade e volume de informação considerável, não obstante, esta número não está referido em qualquer parte da página Web (445.000 exemplares), ainda que a sua autoria e responsabilidade esteja bem destacada —Universidade Católica Portuguesa.

Ao nível da legibilidade e ergonomia, poderemos afirmar que a leitura é facilitada devido ao fundo ser branco e o texto preto, não obstante, existem demasiados espaços em branco e numerações irregulares nas sugestões. O desenho da Web é simples mas pouco funcional, numa sabemos onde nos encontramos, sem qualquer tipo de recursos de meta dados. Por outro lado, ao nível da navegação e representatividade da informação, apresenta um sumário das bases de dados existentes, mas só no módulo de pesquisa e, não estão operacionais. Para se aceder ao seu conteúdo, o leitor perde-se num emaranhado de links, não existindo um mapa conceptual da Web —o sistema de navegação é incoerente tanto ao nível de etiquetas textuais como de conteúdo. Além de mais, os ícones são pouco sugestivos e uni funcionais.

A recuperabilidade da informação é sobretudo feita através de linguagem não controlada, o uso de booleanos é inoperacional, e não estão definidos. Além de mais, existem operadores internos indecifráveis. Para além deste facto, a interactividade é inexistente, não existe um serviço de “perguntas ao bibliotecário.” Só existe um apartado de queixas, mas só os alunos da UCP poderão servir-se de tal link. A velocidade de descarga é satisfatória, já que este OPAC é minimalista, não poderemos, no entanto, salientar qualquer tipo de serviço adicional.

¹ Al nível da micronavegação os parâmetros de avaliação de Lluís Codina são: qualidade e volume de informação; autoria; responsabilidade e solvência; legibilidade e ergonomia; navegação e representação da informação; recuperabilidade; interactividade/computabilidade; velocidade de descarga e serviços adicionais.

² Na macronavegação são os seguintes parâmetros de avaliação: luminosidade; qualidade dos links; actualidade dos links; descrição, selecção e avaliação; visibilidade e autodescrição.

O que seria desejável, que esta biblioteca apresentasse um recurso de requisição on-line, assim como, serviços de reservas e historial dos leitores.

Outro dos vectores de avaliação propostos por Lluís Codina é a macro avaliação, assim, ao nível da luminosidade este OPAC tem uma quantidade de links oportunos e, alguns de excelente qualidade, como por exemplo a Proquest Direct e a Web of Knowledge. Além de mais, estes links foram devidamente seleccionados e estão actualizados.

A visibilidade da BUJPII na Web é muito baixa. No motor de pesquisa Altavista apresentou 1 página com 7 resultados (www.av.com) e o motor de pesquisa Google apresenta 2 páginas com 20 referências (www.google.com). A autodescrição desta base de dados, em certos momentos, é bem definida —o título que aparece na barra do navegador é claro e bem definido— como por exemplo: regulamentos da BUJPII; empréstimos domiciliários, etc. Por outro lado, não são explicados na página principal os conteúdos da base de dados, isto só é realizável com a ajuda complexa de hiperlinks. A sua pouca visibilidade deveu-se, entre muitos factores, à falta de meta dados de qualquer ordem.

“La evaluación y la descripción de recursos digitales, esto es, la determinación del valor de recursos tales como sedes Webs, publicaciones digitales o bases de datos en línea y cómo organizar la descripción de sus propiedades de manera que sean reutilizables por parte de diversas comunidades de usuarios.” (Codina, 2001)

Em síntese, ainda que o nosso objectivo não se centre na avaliação da base de dados on-line em profundidade, achamos que esta avaliação servirá para melhor situar a BUJPII face às TICs. Como afirma Codina (2001), a avaliação de publicações digitais e mesmo de base de dados on-line são uma excelente maneira de rentabilizar a comunidade de leitores. Na verdade, sem qualquer juízo pejorativo e tendo como base os parâmetros de avaliação de Lluís Codina, facilmente verificamos a insuficiência do sistema OPAC da BUJPII.

7.3. A colecção de Filosofia

A colecção de Filosofia, quantitativamente, apresenta cerca de 11.286 documentos em livre acesso e 4.000 em acesso fechado (devido à classificação muitas vezes errónea e à sua dispersão em outras áreas, o serviço de informática sente-se impotente para quantificar a colecção de Filosofia de uma forma exacta). Não obstante, estima-se que o acervo tenha uma totalidade de 15.268 exemplares.

A colecção de Filosofia está depositada no 4º piso, aqui encontra-se disponível a maioria de todo o acervo monográfico. Formalmente, a dita colecção está sinalizada com sistema ideográficos e pictogramas pouco visíveis e nem sempre oportunos. Ao nível espacial a

coleção está repartida por 342 estantes.¹ Devido à altura destas, as últimas estantes são quase inacessíveis —as cotas são difícil de visualizar e as obras tornam-se inacessíveis para a sua reposição e tiragem.

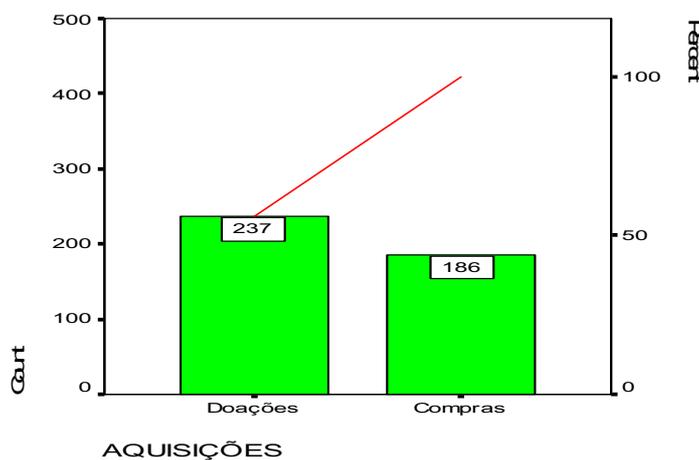
Como vimos afirmando, as doações são a forma mais habitual do desenvolvimento das colecções de BUJPII (ver capítulo 7.1.4. Serviço de selecção e aquisição), por seu turno, a colecção de Filosofia não constitui excepção. Esta apresenta uma superioridade de doações em relação às compras.

Tabela 10
Aquisições de Filosofia na BUJPII

		Frequência	Percent	Percent Valid	Percent Acumulativa
Valid	Compras	186	44,0	44,0	44,0
	Doações	237	56,0	56,0	100,0
	Total	423	100,0	100,0	

Efectivamente, os dados da tabela 10 são o resultado das aquisições do ano de 2004. Sabendo que a biblioteca comprou na totalidade cerca de 20.000 títulos e, unicamente, 186 são de Filosofia. Como verificamos na tabela anterior, as doações são o grosso das aquisições, apresentando uma frequência relativa de 56%. Por sua vez, as compras da responsabilidade do departamento de Filosofia, apresentam uma frequência relativa de 44%.

Gráfico 5
Frequências das aquisições na BUJPII



Para melhor se visualizarem as diferenças das frequências das aquisições na BUJPII, o gráfico 5 representa a relação entre as doações e as compras. A primeira forma de aquisição, apresenta uma frequência absoluta de 237 casos contabilizados no ano de 2004 e, por outro lado, as compras apresentam uma frequência absoluta de 186. Na verdade, as doações são a forma mais usual de aquisição em Filosofia. Sem qualquer juízo crítico, poderemos interrogar-

¹ Cada estante tem as seguintes dimensões: altura 2.28 cm; largura 93 cm e 38 cm entre estantes.

nos: se esta é uma das formas de aquisição por excelência e, por outro lado, não existe qualquer tipo de política de doações, como se processará o desenvolvimento desta colecção? Esta é uma questão à qual responderemos no nosso estudo de caso, por enquanto sublinharemos a necessidade da elaboração da referida política.

A colecção de Filosofia está ordenada pela Classificação Decimal Universal (CDU). Assim, este acervo respeita os assuntos preditos por este sistema de classificação.¹ Com este sistema de classificação e com as cotas de inspiração CDU, a colecção deveria apresentar uma ordenação temática nas estantes similar à das tabelas CDU. Ou seja, a colecção deveria forçosamente estar ordenada de uma forma hierárquica, onde as primeiras notações são as mais gerais e todas as seguintes mais especializadas.

Não obstante, devido ao uso sistemático de classificações demasiado específicas e ao uso de indicadores auxiliares das tabelas auxiliares CDU, tais como: indicador de relação (:), adição (+), continuidade (/), raça (=), etc., e de outros da exclusiva responsabilidade da BUJPII, as notações ganham uma complexidade tal que, em certos casos, estas notações são usadas nas cotas *ipsis verbis*. Do ponto de vista prático, existe uma certa descontinuidade na sequência temática da colecção.

7.3.1. Áreas e cotas

Apesar desta deficiente organização da colecção, esta segue grosso modo as orientações da CDU. Assim, a sua exposição nas estantes obedecem às orientações propostas pela dita classificação, a sua descontinuidade deve-se ao uso abusivo de indicadores proveniente das tabelas auxiliares da CDU. Não obstante, ao nível formal é visível alguma linearidade dos assuntos, divididos em 8 áreas específicas. Áreas estas que irão acompanhar-nos ao longo de todo o nosso estudo.

1. Geral;
2. Referência;
3. História da Filosofia;
4. Filósofos;
5. Metafísica;
6. Sistemas filosóficos;
7. Epistemologia, e
8. Ética.

Primeiramente, classificamos como área Geral toda a colecção de Filosofia que está correlacionada com as outras áreas do saber. Na prática a selecção foi feita do seguinte modo:

¹ Veja-se: UDC Consortiuin (2005). Welcome to the web pages of the Universal Decimal Classification Consortium [en línea]. 15 February 2005. <URL: <http://www.udcc.org/>> [Consulta: 26 Fevereiro de 2005].

quando a notação 1 estava relacionada (:) com outras ciências: Teologia (2), Ciências sociais (3), Literatura (8), Historia (9). Inclusive, quando a notação 1 estava relacionada com 02 (livros em geral).

Exemplos de CDU usadas nas cotas da área Geral:

- 1:2 GON —Livros de Filosofia com conteúdo teológico;
- 1:32 MAR —Livros de Filosofia com conteúdo social global, e
- 1(02) GAB —Livros gerais de Filosofia.

Deste ponto de vista, a área Geral é facilmente identificável com esta técnica nas estantes; porque se verifica uma relação da Filosofia com as outras áreas do saber. Por sua vez, a área de Referência foi seleccionada através da relação da notação de Filosofia (1) com as outras notações das tabelas auxiliares que indicam implicitamente que se trata de material de referência. Dito de outro modo, a notação 1 nas cotas está correlacionada com outras notações que simbolizam material de primeira necessidade.

Exemplos de CDU usadas nas cotas da área de Referência:

- 1(03) KRI-GAB —Livro de consulta e de Filosofia;
- 1(043) EDR —Tese de Filosofia, e
- 1(082) EG-BEMIO —Paligrafia, ou obras reunidas de distintos autores.

A Historia da Filosofia poderia, muito bem, inserir-se nesta área de Referência. Mas devido à sua quantidade, justifica-se a criação de uma nova área para esta material. Além disso, esta é uma das áreas em que a BUJPII mais atenção dedica na aquisição por compra. Por esta razão decidimos analisar este material separadamente da área de Referência. Assim, esta área foi seleccionada de uma forma muito prática: com a notação das tabelas auxiliares 091 que, em linguagem natural significa obras de conteúdo histórico de Filosofia.

Exemplo de CDU usadas nas cotas na área Historia de Filosofia:

- 1(091) EMCI —Historia da Filosofia.

Por outro lado, a área dos Filósofos não respeita a uma ordenação temática da CDU. Dizemos que não respeita esta ordenação porque na área dos Filósofos encontramos escritos sobre vários assuntos (por exemplo, a Filosofia de Hegel é muito holística, tem escritos sobre o conhecimento, estética, ética, lógica, religião, política, epistemologia, etc., e quase todos os seus livros são classificados como —1 Hegel). Descodificando, esta notação nada mais simboliza que a Filosofia geral de Hegel.

Não obstante, na área de Estética e Ética vamos encontrar também muitos dos seus escritos. Na verdade, existem alguns lapsos de classificação, os quais não analisaremos agora. O que interessa sublinhar é o facto de que todas as notações numéricas 1 seguidas de uma qualquer extensão verbal (esta representa o nome do filósofo ou do seu critico) pertencem à área dos Filósofos.

Exemplos de CDU usadas nas cotas da área dos Filósofos:

- 1 PLAT REP-EC —Livro de Filosofia de Platão;

- 1 POPP RUE —Livro de Filosofia de Carl Popper, e
 1 RIC TR —Livro de Filosofia de Paul Ricouer.

A área da Metafísica, ao contrário da área dos Filósofos, é inteiramente inspirada na hierarquia da CDU. Ou seja, esta área foi eleita nas notações CDU 11 até às notações 133. Esta área inclui notações, tais como Metafísica geral e Ontologia (CDU —111/129); Filosofia da mente e do espírito (CDU 13), etc.

Exemplo de CDU usadas nas cotas da área de Metafísica:

- 111.1 WEL — Livro que analisa o conceito de ser, existência, essência, etc.;
 111.85 PIV — Livro que analisa a beleza e fealdade ontológica, e
 128 SCI — Livro que analisa a natureza da vida e morte, etc.

Os Sistemas filosóficos são uma área que abarcam uma vasta amplitude de pontos de vista filosóficos, incluindo as notações CDU 141 até à notação 15. Nesta área estão representados os principais assuntos: Monismo, Materialismo ontológico, Platonismo, Racionalismo, Existencialismo, etc.

Exemplo de CDU usadas nas cotas da área Sistemas filosóficos:

- 141 ZAN —Livro sobre pontos de vista filosóficos;
 141.332 HOD —Livro que analisa a Teosofia, e
 141.82 STA-ANA —Livro que analisa os ambientes políticos.

A Epistemologia é uma área que engloba um leque de assuntos de cariz científico e afins. Deste ponto de vista, incluímos as notações da Lógica e das teorias do conhecimento (CDU 16), Logística e Lógica matemática (CDU 164), Epistemologia propriamente dita (CDU 165), Metodologia lógica (CDU 164/168), Métodos científicos (CDU 168). Em síntese, todas as notações CDU desde a 16 até à notação 17 fazem parte desta área da colecção.

Exemplo de CDU usadas nas cotas da área de Epistemologia:

- 160.1 QUI/1 —Livro que analisa da natureza e as funções da lógica;
 164.02 DUR-SET —Livro que analisa os signos e símbolos da lógica, e
 165.2 ROS —Livro que analisa a essência e a natureza do conhecimento.

A Ética é, então, a última das notações das tabelas CDU, na colecção de Filosofia da BUJPII também assim o é. Nesta área foram integradas todas as notações CDU desde a notação 17 até à notação 179. Nesta área são englobados vários assuntos, tais como: Filosofia moral e prática (CDU 17), natureza da moral (CDU 7.02), doutrina e pontos de vista éticos (CDU 17.03), Ética individual (CDU 171), Ética sexual (CDU 175), Ética e sociedade (CDU 177), Ética e temperança (CDU 179).

Exemplo de CDU usadas nas cotas da área de Ética:

- 17 GEN —Livro que analisa a Filosofia prática em geral;
 172.1 CHA —Livro que analisa a relação entre os indivíduos e o estado, e
 172.4 WIE —Livro que analisa a ética internacional.

Como já afirmámos, as cotas têm na parte inicial as notações CDU, assim, desta forma a colecção poderá beneficiar da ordenação hierárquica e sistemática tal como acontece na CDU. Na segunda parte das cotas, em geral, descrevem-se as três primeiras letras das iniciais do autor e, por vezes, também são descritas as três letras iniciais do título da monografia (isto quando existe mais que um livro do mesmo autor).

Para esta descrição das áreas da Filosofia tivemos como base a colecção que se encontra organizada no mesmo espaço e com as cotas começadas pela notação 1, ou seja, é a colecção que se encontra em acesso livre. Não obstante, foram inúmeros os problemas encontrados para a descrição destas áreas temáticas, devido à sua dispersão por todas as áreas do acervo documental da BUJPII. Ao que parece não existe um consenso bem definido entre os diversos sectores da catalogação sobre tal assunto. Assim, encontramos livros de Filosofia dispersos por toda a colecção, e além de mais, as suas cotas apresentam todo o tipo de formas: curtas, longas, começadas por notações numéricas CDU, começadas por notações alfanuméricas. Enfim, uma panóplia de situações dignas de uma hermenêutica para a descodificação de tão elaborados e engenhosos símbolos topográficos.

Para uma melhor compreensão deste problema, observamos directamente os leitores enquanto localizam as cotas nas estantes —inúmeros leitores não sabem localizar os livros. Inclusive, o pessoal da biblioteca com formação específica para tal admite alguma dificuldade na reposição dos documentos nas estantes. Para além deste problema, o que nos parece grave é o facto da colecção de Filosofia não estar localizada toda no mesmo espaço geográfico; alguns livros encontram-se distribuídos por outras colecções na BUJPII. Dito de outro modo, a Filosofia do direito encontra-se na colecção de Direito, a Filosofia económica encontra-se na secção de Economia, etc.

Para além destes desvios plausíveis, existem outros que são erros crassos —livros de Filosofia que se encontram em Literatura, Teologia, Ciências sociais e até na colecção Geral. Os próprios dicionários e enciclopédias estão integradas na colecção de Filosofia, deveriam, sim estar na secção de Referência. De uma forma simples, tentaremos demonstrar este caso através de uma pesquisa no catálogo, das diversas disparidades existentes na colecção. Para esta ilustração executámos uma pesquisa com o termo Hegel, os resultados foram surpreendentes:

1. *Language in the philosophy of Hegel*, está na estante de literatura, com a cota: 801(082) GCB-135;
2. *L'Ontologie de Hegel et la théorie de Historicidad* está na estante das generalidades, com a cota: 0(082) EK-55;
3. *Crítica de la filosofía del Estado de Hegel* está na estante das Ciências sociais, com a cota: 321.01 MARX;
4. *Estética III: a arte simbólica* está na estante de Filosofia, com a cota: 1(082) C1Q-HEG/1;
5. *Hegel e a tarefa actual de cristologia* está em Teologia, com a cota: 232"312" BRI, e

6. *Hegel: principios de filosofía del derecho*, está na colecção de Direito, com a cota: D-2/I TRU/3.

Esta disparidade na localização geográfica dos documentos, em nada facilita a pesquisa dos seus utilizadores, já que os conteúdos estritamente filosóficos estão dispersos por todo o acervo documental, sem uma justificação aparentemente plausível. Não se trata aqui de várias perspectivas de classificação para uma melhor recuperação de informação, ao invés, são atribuídas cotas diferentes para assuntos similares.

Para além destas disparidades de conteúdos existente na colecção de Filosofia, temos outros aspectos a considerar, primeiramente, detenhamo-nos nas cotas: 1(082) C1Q-HEG/1 e 801(082) GCB-135. Como poderemos verificar, os dígitos são muito extensos e quase indecifráveis. Um leitor “comum” jamais poderá localizar este tipo de documento. Além de mais, muitas obras encontram-se mal arrumadas pelo pessoal da biblioteca devido à difícil hermenêutica das cotas.

Em segundo lugar, nem todas as colecções da biblioteca se pautam pelo mesmo sistema de cotas, é então exigido aos leitores um esforço suplementar para a localização de tais documentos desejados (esta é uma biblioteca de acesso livre). Por outra parte, os adeptos do browsing¹ têm a sua tarefa dificultada, para não dizer quase impossível. Ou seja, quando um leitor procura directamente nas estantes um documento corre o risco de não estar perante todos os assuntos de que necessita, já que estes estão repartidos por vários sectores e pelas áreas mais imprevisíveis.

Com os exemplos apresentados, demos conta que existem cotas de difícil leitura tanto para o pessoal da biblioteca como para os leitores. Além de mais, não existe em nenhuma parte da biblioteca, inclusive no seu interface, qualquer tipo de informação sobre os vários tipos de cotas de Filosofia e como as localizar. Em suma, este sistema misto de cotas apresenta logo grandes desvantagens para os leitores: os seus dígitos são alfanuméricos (notações mistas) e, muitas das vezes, apresentam uma extensão demasiada extensa, o que por si só é um dos maiores impeditivos para a localização dos documentos de uma forma rápida e eficiente nas estantes.

¹ O browsing é considerado uma actividade não orientada, não programada, não sistemática, informal e casual. Segundo Naves (1998), este tipo de pesquisa tem os seus critérios e objectivos próprios, definidos previamente. Dito de outro modo, o processo browsing envolve uma interacção entre a informação que o leitor necessita e a assimilação de novas informações. Existem três níveis a ter em conta numa investigação browsing: o *acaso* (com uma colecção desconhecida), *quase acaso* (com uma colecção previamente explorada) e *semi-determinado* (com uma área intelectual já controlada). Existe, ainda, uma tipologia multidimensional a ter em conta, criada com o objectivo de distinguir essa actividade de outro tipo de pesquisas de informação e para caracterizar os seus diversos tipos. Deste ponto de vista, são apuradas as seguintes dimensões: *dimensão contextual* (esta dimensão parte do pressuposto que os leitores constroem significados a partir de contextos que incluem: organizações, feedback e economia; dimensão de comportamento (este aspecto envolve acções, condizendo a novas informações, objectivos, aprendizagens e descobertas de novos valores); *dimensão de motivação* (incluindo os propósitos e motivos de aproximação a certas actividades e intenções); *dimensão cognitiva* (incluindo conhecimento, experiência, categorias e estruturação prévia de conteúdos) e a dimensão de recursos (neste aspecto está incluída a forma: o objecto, a representação e os conteúdos). Estes contextos, a priori, vão ao encontro das necessidades de informação específicas de cada leitor. Assim, este tipo de pesquisa deverá merecer toda a atenção dos profissionais de informação que prestam serviços de atendimento público —algumas vezes, este processo de pesquisa é substituído por perfis de interesses.

“[...] la CDU, simplificada para que la signatura resulte corta y comprensible (3 dígitos para la sección de adultos y 1 o 2 para el fondo infantil). La signatura se completa con las 3 primeras letras del encabezamiento principal de la obra, y las tres del título.”
(Gómez Hernández, 2000)

Como afirma Gómez Hernández (2000), a CDU aplicada de uma forma curta e simplificada é mais compreensível na classificação dos conteúdos, inclusive nas cotas. Para além deste facto, para se possibilitar um melhor acesso aos acervos devem criar-se, afirma ainda o nosso estudioso, sistemas ideográficos que representem visualmente as classificações bibliotecárias, como por exemplo, os pictogramas e outros símbolos afins. Estes sistemas gráficos são uma ferramenta essencial para a localização da documentação. A CDU isoladamente, por si, é um mau indicador de localização, tal como é usado na BUJPII (esta também é a opinião informal dos leitores da BUJPII).

Desta forma, no nosso estudo de caso deparamo-nos com alguns problemas difíceis de contornar, referimo-nos nomeadamente à aplicação do método do exame directo da colecção. Se a colecção não se encontra toda junta, como poderemos fazer um exame directo da colecção?¹ Na verdade, esta metodologia assenta na análise directa da colecção das estantes, podendo, não entanto, ser efectuada directamente no catálogo electrónico. Ao nível da metodologia listas de controlo, este problema não se põe, devido ao facto de usarmos o catálogo on-line (www.libri.ucp.pt/).

8. Metodologia listas de controlo

Esta metodologia, uma das mais conhecidas entre os bibliotecários, é perfeitamente adequada para a avaliação da colecção de Filosofia na Biblioteca Universitária João Paulo II (BUJPII). Como são escassos os estudos de avaliação de colecções em Portugal, com esta metodologia poderemos comparar a referida biblioteca com outras de missão similar, referirmo-nos nomeadamente à Biblioteca Universitária de Coimbra (BUC) e à Biblioteca Pontifícia de Salamanca (UPSA).

Em termos metodológicos apresentaremos, primeiramente, uma análise teórica e, seguidamente, procederemos à elaboração das listas modelo. Estas duas fases foram previamente elaboradas, tendo em linha de conta os objectivos os propósitos das bibliotecas envolvidas na avaliação.

¹ Optamos por fazer uma SRS na colecção de Filosofia que se encontra em acesso livre, pois, esta está ordenada por CDU com algum rigor. Ou seja, a colecção que foi estudada é aquela cuja CDU começa pela notação CDU 1.

Finalmente, analisaremos a colecção de Filosofia da BUJPII; esta análise é um estudo comparativo. Assim, a referida colecção é comparada com as outras bibliotecas acima mencionadas e, por sua vez, os itens de comparação são os seguintes: quantificação das existências; a actualidade das existências; análises dos idiomas e, finalmente, a quantificação dos duplicados. Estes critérios de avaliação são analisados nas três bibliotecas e, finalmente, contrapostos com a BUJPII.

8.1. Análise teórica da metodologia

No primeiro estudo efectuado, listas controlo, toda a população foi inquirida. Ou melhor, foram elaboradas as listas modelo e, por sua vez, estas foram contrapostas a toda a população existente. A técnica utilizada foi o uso do catálogo on-line de Filosofia das três bibliotecas analisadas: a BUJPII, a BUC e a UPSA. Este estudo foi efectuado na segunda década de Fevereiro de 2005 nas três bibliotecas.

Na metodologia de listas controlo, a variável “data” apresenta um intervalo de confiança de 95%, as médias dos valores situam-se entre as datas 1986/1988. A amostragem utilizada foi de 300 indivíduos, numa população que se quantifica de 15.268 casos totais. Por conseguinte, o erro de amostragem máximo a considerar numa amostra de 300 num universo de 15.268 é aproximadamente de 1,42.

No nosso entendimento, a aplicação das listas de controlo, não só quantifica as existências na colecção de Filosofia na BUJPII como também nas outras bibliotecas referidas. Assim, esta metodologia para além mensurabilidade os dados quantitativos, poderá analisar outro tipo de dados provenientes do estudo de comparações, como são o caso dos dados qualitativos. Deste ponto de vista, iremos analisar a inter-relação entre as várias variáveis quantitativas e qualitativas: datas, idiomas, existências na BUJPII, na BUC e na UPSA, com a finalidade de determinar as áreas fortes e as áreas frágeis da colecção. Ainda analisaremos a actualidade da colecção, a percentagem de cópias existentes, a relação entre as existências, os idiomas e os duplicados.

Na elaboração desta metodologia, encontrámos algumas dificuldades. Em primeiro lugar, não existiam listas standard de Filosofia aplicáveis à missão da BUJPII. Desta forma, tivemos que fazer uma compilação, tendo em conta a missão da UCP e as necessidades dos seus leitores. Foi nossa preocupação elaborar tais modelos avaliativos de uma forma holística — compilação de listas da Web (lista A); listas de revistas portuguesas de Filosofia (lista B), e listas recomendadas pelo Instituto Internacional de Filosofia (lista C).

Estas três listas formam uma só, onde a grande maioria dos itens recompilados são das revistas portuguesas de Filosofia portuguesas publicadas pela Universidade Católica Portuguesa e pela Universidade de Coimbra.

No nosso estudo comparativo entre as três bibliotecas (BUJPII, BUC e UPSA) usámos tabelas de dados estatísticos; tabelas de frequências e tabulações cruzadas, entre outras. Este tipo de tabulação foi aplicado às três bibliotecas, assim, estamos convictos que esta forma de análise será uma excelente ferramenta para um estudo de avaliação e comparação entre as diversas variáveis em estudo.

De facto, também usámos um vasto conjunto de gráficos —gráficos de linhas, de sectores, de barras, histogramas e, finalmente, o gráfico de Pareto. Esta forma de representação gráfica dos dados ajudou-nos na síntese e organização da nossa investigação. O gráfico boxplot foi, essencialmente, a forma por excelência de medida da dispersão dos dados. Na prática, a metodologia listas de controlo foi efectuada em seis fases distintas:

1. Análises das listas modelo;
2. Análises comparativas das existências;
3. Actualidade das existências;
4. Análises comparativas do idioma;
5. Análises comparativas entre o idioma e as existências, e
6. Análises comparativas dos duplicados.

Numa primeira fase, analisámos as datas das listas modelo, assim, procedemos à medição da actualidade das monografias citadas pela comunidade científica. Com as medidas provenientes desta análise poderemos comparar as listas modelo com os catálogo on-line das três biblioteca sob estudo e, por sua vez, comparar os resultados provenientes das três bibliotecas. De facto, também a análise das frequências das listas modelo do idioma poderá fornecer-nos um excelente instrumento de medida, em termos de frequências relativas e absolutas. Assim poderemos compreender a dispersão estatística dos idiomas em cada biblioteca.

Para complementar este estudo, impunha-se uma análise da correlação entre as datas e os idiomas das listas modelo. Esta forma de estudo permitira-nos medir, com bastante objectividade, a dispersão das datas e dos idiomas. Estudo este que servirá sobretudo como ferramenta de comparação da variável “idioma” nas três bibliotecas analisadas através desta metodologia.

Numa segunda fase, efectuaremos um estudo comparativo das existências bibliográficas entre as três bibliotecas. Esta análise das frequências absolutas, frequências relativas e percentagens da UPSA e da BUC servirão como elo de compreensão da colecção de Filosofia da BUJPII. Dito de outro modo, os resultados das listas modelo só terão consistência objectiva depois da sua contraposição com os dados das três bibliotecas analisadas.

Numa terceira fase, procederemos ao estudo da actualidade das existências. Analisamos a dispersão dos dados das várias dimensões acima mencionadas, através da leitura do seu intervalo inter-quartil [Q (0.25), (Q (0.75))] e do intervalo inter-decil [Q (0.1), Q (0.9)]. Assim

como, também serão determinados os intervalos das amplitudes das dimensões que sejam consideradas oportunas para as nossas análises. Por outro lado, através das tabelas de comparação de meios entre as datas (VD) e as existências (VI), procederemos à medição da actualidade da colecção entre as varias biblioteca.

Numa quarta fase deste estudo, procederemos à análise comparativa dos idiomas. Assim, analisamos as percentagens de idiomas existentes em cada biblioteca, sempre com o intuito de compreender o acervo de Filosofia da BUJPII. Simultaneamente, analisaremos as frequências absolutas e as relativas da variável “idioma”; através desta análise estamos aptos à comparação desta variável entre a BUJPII, a BUC e a UPSA. Desta forma, estudaremos quantitativamente e qualitativamente as três bibliotecas, para melhor analisar a BUJPII.

Na quinta fase se procederá à análise comparativa entre o idioma e as existências, na verdade, saber qual é a actualidade das existências e das não existências será um estudo importante para os bibliotecários e os utentes da BUJPII. Esta análise será uma tomada de consciência da caducidade de umas partes da colecção e da actualidade de outras. De facto, um estudo dos idiomas existentes na BUJPII, comparado com as outras bibliotecas, fornecer-nos-á conclusões excelentes para a tomada de medidas em qualquer biblioteca, incluso na BUJPII. Verificaremos, então, se os idiomas adquiridos pela biblioteca estarão de acordo com as necessidades dos seus utentes.

Finalmente, procederemos à análise comparativa dos duplicados entre a BUJPII a BUC e a UPSA. Nesta sexta fases são analisadas, sobretudo, as frequências absolutas e relativas dos documentos duplicados nas três bibliotecas. Assim, teremos um instrumento de medida e comparação dos duplicados na BUJPII.

8.2. Elaboração das listas modelo

Como foram elaboradas as listas modelo e, na prática, como foram adequadas à missão da Biblioteca Universitária João Paulo II? Segundo a University of Wyoming Libraries (2002), existe uma ampla variedade de selecções possíveis de listas modelo ao nosso dispor. Assim, recorreremos à Web e aos documentos impressos —periódicos e sites de grande renome. Todavia, seguimos as orientações de Lancaster (1988), para este a melhor forma de adequar as listas ao objectivo da biblioteca é a sua elaboração personalizada, partido deste princípio, elaboramos as nossa próprias listas com bibliografias específicas.

Desta forma, foram elaboradas três listas apropriadas à avaliação da colecção monográfica de Filosofia da BUJPII de Lisboa. Tivemos sempre presente os conceitos enunciados por Kartz (1980) e Lundin (1989) como base na recompilação das listas. De facto, estes estudiosos afirmam que os conceitos chave para a elaboração de qualquer lista modelo devem obedecer aos critérios de alcance, público chave, oportunidade, selecção e formato. Partindo destes

conceitos, a nossa lista foi dividida em três partes distintas: lista A (geral), lista B (específica) e a lista C (oportuna).

A lista A é uma intercepção de vários dados bibliográficos, ou seja, é uma recompilação integral das monografias do curso de Filosofia administrado on-line por Philip A. Pecorino, Ph.D em Filosofia (Pecorino, 2000). O site deste curso, intitulado *First Course in Philosophy*, foi considerado pela Studyweb como um dos melhores recursos educacionais da Web em 2001 (www.studyweb.com). Por outro lado, colhemos mais informação digital no portal Doheny Libraries of St. John's Seminary (2005). De facto esta bibliografia electrónica destina-se a bibliotecas universitárias e, por sua vez, os dados foram cuidadosamente elaborados pelo pessoal do Pontifical Collage Josephinum Library com o consentimento do Doheny Libraries of St. John's Seminary, em Los Angeles.

A lista A é geral, tanto ao nível do conteúdo como da sua forma, ou seja, ao nível formal as suas datas de publicação vão desde 1940 até 2001. No total recorremos a 80 itens, onde 47 títulos provêm do Doheny Libraries of St. John's Seminary e 33 títulos provêm do *First course in philosophy de Pecorino*, o que perfaz na sua totalidade 80 referências bibliográficas. Nesta recolha de dados não fizemos nenhuma amostragem, os dados foram todos seleccionados, excepto os periódicos (a nossa avaliação só inclui a colecção monográfica de Filosofia).

Todavia, esta lista apresenta ainda uma grande variedade de documentação que vai desde dicionários, enciclopédias, indexes, bibliografias, sumários, histórias de Filosofia e monografias temáticas de autor. Ao nível de conteúdo, esta mesma lista engloba vários assuntos multidisciplinares: Filosofia geral, Ética, Metafísica, Lógica, Filosofia africana e outro sem número de estudos de valor. Em síntese, esta é uma lista geral adaptada às grandes necessidades da BUJPII.

Por outro lado, a lista B é oportuna devido ao facto de ser elaborada a partir de revistas portuguesas consideradas de grande renome pelos peritos de Filosofia em Portugal. Assim, a nossa recolha de dados incidiu sobre a *Revista portuguesa de Filosofia de Braga* e na *Revista de Filosofia de Coimbra*. Estas duas revistas destacam-se no panorama da investigação universitária da Filosofia portuguesas.

De uma forma geral, elegemos 10 destas revistas com datas de publicação que vão desde 2001 até 2004.¹ Ainda que a Filosofia não sobreviva meramente da actualidade, não obstante, com esta selecção garantimos aos leitores o que mais de recente se tem feito em Portugal nesta área do conhecimento. Como a Filosofia é um saber intemporal, as datas de publicações das bibliografias seleccionadas nas referidas revistas vão desde 1953 até 2002. Para além deste

¹ *Revista Portuguesa de Filosofia*. Braga: Faculdade de Filosofia de Braga da Universidade Católica Portuguesa; Vol. 57, Fasc. 4 (2001); Vol. 58, Fasc. 1-3 (2002); Vol. 59, Fasc. 1,2 e 4 (2003); Vol. 60, Fasc. 1 (2004). *Revista Filosófica de Coimbra*. Coimbra: Instituto de Estudos Filosóficos da Faculdade de Letras de Coimbra; Vol. 12, Nº 23 (2003).

facto, a novidade foi a grande quantidade de citações encontradas nestas revistas em língua portuguesa —os idiomas mais representativos nestas listas são: o português, o castelhano, o francês, o inglês e o alemão.

A Australian Libraries Gateway (2004b) apresenta on-line uma ampla lista de documentos destinados à elaboração de listas modelo para as diversas áreas do conhecimento. Este portal é do conhecimento colectivo e chama-se *Bibliographies and indexes for use in list checking in collection assessment*. Desta forma, servimo-nos das suas sugestões para a elaboração de listas modelo específicas de Filosofia.¹ Assim, para elaboração da lista C, seguimos atentamente a experiência da Australia Library e, desta forma, utilizamos um dos periódicos mais recomendados por esta biblioteca de investigação do Institut International de Philosophy: *Bibliographie de la Philosophie = Bibliography of Philosophy de la Library Philosophique J. Vrin*. Os anos seleccionados foram 1995 e 1996.²

Assim, as bibliografias seleccionadas deste periódico estão datadas de 1953 até 1997. Esta bibliografia, ao nível de conteúdo é muito ampla, englobando a Lógica, a Semântica, a Filosofia da ciência, a Metodologia, a Psicologia filosófica, os Dicionários, as Bibliografias e outras miscelâneas. Enfim, estão aqui contempladas todas as grandes tendências da Filosofia contemporânea.

Na verdade, nesta elaboração das listas modelo (A, B e C) privilegiaram-se as investigações realizadas em Portugal (119 títulos). *A Revista portuguesa de Filosofia* é a publicação de uma sucursal da Universidade Católica, portanto, é um documento privilegiado para a avaliação da colecção de Filosofia na BUJPII. As outras publicações, internacionais, são uma referência no mundo da Filosofia que não se poderiam ignorar.

“Una muestra de 300 es bastante fiable para establecer el grado de cobertura de una colección [...]” (Lancaster, 1996)

Seguindo, também, as orientações de Lancaster (1996) a elaboração desta bibliografia modelo obedeceu a critérios quantitativos —300 títulos monográficos. A lista A tem 80 títulos, a lista B tem 119 títulos e, finalmente a lista C tem 99 títulos. O que perfaz um total de 300 títulos para um universo estudado de 15.268 indivíduos.

¹ A Australia Library Gateway (2004b), recomenda um conjunto de documentos para a elaboração de listas modelo, tais como: Bynagle, Hans E. (1997). *Philosophy: a Guide to the Reference Literature*. Englewood: CO.: Libraries Unlimited. / De George, Richard (1980). *The Philosophers Guide to Sources, Research Tools, Professional Life and Related Fields*. Lawrence: Regents Press of Kansas. / List, Charles J. (1990). *Library Research Guide to Philosophy*. Ann Arbor, Mich.: Pierian Press / Arkinson, G. H. R. (1998). *Encyclopedia of Philosophy*. New York: Methuen. / *The Philosopher's Index, cumulative edition* (1969). Ohio: Philosophy Documentation Center, Bowling Green University. / *RLG Conspectus Supplemental Guidelines for Religion* (1990). Stanford: Research Libraries Group. / Ruben, Douglas. (1985) *Philosophy Journals and Serials: an Analytical Guide*. Cn: Greenwood Press. / Tice, Terence N.; Slevans, Thomas P. (1983). *Research Guide to Philosophy*. Chicago: American Library Association.

² Institut International de Philosophy (1995-1996). *Bibliographie de la Philosophie = Bibliography of Philosophy*. Paris: Library Philosophique J. Vrin; Vol. 42, Fasc. 1; 2/3; 4 (1995) e Vol. 43, Fasc. 3/4 (1996).

Em síntese, em todas as listas elaboradas tivemos em conta o assunto Filosofia, listaram-se tanto materiais específicos como gerais. Este produto final é sempre direccionado para a necessidade dos leitores. As listas B e C são as mais específicas para este tipo de avaliação tendo em conta os leitores da BUJPII —investigadores e estudantes universitários. Assim, o público desta universidade foi desde o princípio o ponto-chave da nossa investigação.

Ao nível da disponibilidade dos dados demos atenção a um amplo leque cronológico, na verdade, a Filosofia é uma disciplina com substratos históricos. Ou seja, os textos originais não caducam facilmente. Dito de outro modo, os investigadores têm sempre que manusear os textos primários dos filósofos. Assim, ao nível da oportunidade das listas tivemos, seleccionamos um amplo período cronológico —existe a necessidade de publicações retrospectivas nas investigações. De facto, a Filosofia vive da história das mensalidades, tanto das actuais como das mais antigas. Por outro lado, ao nível da oportunidade, a actualidade também foi contemplada porque existem filósofos consideráveis na nossa actualidade

8.3. Aplicação e análise das listas de controlo

Depois de elaboradas as listas modelo (Anexo 1), foram contrapostas à colecção de Filosofia da Biblioteca Universitária João Paulo II (catálogo on-line da BUJPII), da Biblioteca de Filosofia de Coimbra (Catálogo da Faculdade de Letras —I.E. Filosóficos) e da Biblioteca Pontifícia da Universidade de Salamanca (Catálogo General de la UPSA).

A razão pela qual seleccionamos a BUC, para a comparação de dados com a BUJPII, deve-se ao facto de existir um intercâmbio de docentes entre a Universidade de Filosofia de Coimbra e a Universidade Católica de Lisboa. Para além desta similaridade, ambas as universidades têm como missão formarem docentes e investigadores de Filosofia. Por outro lado, a eleição da UPSA foi devido à sua proximidade de Portugal e por razões culturais, histórias e geográficas.¹

As listas foram analisadas nas três universidades, com a finalidade de se compararem as respectivas colecções ao nível das suas existências. Esta forma comparativa é indispensável para analisar, em si mesmo, a colecção da BUJPII. Deste ponto de vista, usamos três variáveis distintas: as “existências” (dimensões: existe, outro idioma, não existe e existe autor); o “idioma” (dimensões: português, castelhano, alemão, francês e italiano) e, finalmente, a variável “datas”.

¹ A Universidade de Salamanca foi criada em 1200, por sua vez, a Universidade de Coimbra foi criada 88 anos mais tarde. A partir da criação desta universidade portuguesa estabeleceu-se um estreito intercâmbio de ideias entre as duas faculdades, primeiramente, a universidade espanhola por ser pioneira ajudava a universidade de Coimbra com a sua experiência académica. Mais tarde, o intercâmbio era bilateral, especialmente entre os professores, nomeadamente ao nível da Filosofia e da Teologia. Este diálogo permanente entre as duas universidades é permanente, actualmente, este intercâmbio ganha novos horizontes: o Centro de Estudos Ibéricos fundado em 2002 serve de elo de ligação entre a Universidade de Salamanca e as universidades do centro do país, designadamente, a Universidade de Coimbra, a Universidade da Beira Interior.

Com a análise destas variáveis lograremos de várias conclusões: análise comparativa das existências; actualidade das existências; análise comparativa dos idiomas; análise comparativa entre o idioma e as existências e da análise comparativa dos duplicados.

8.3.1. Análises das listas modelo

Um dos grandes motivos para a aplicação deste método é, segundo alguns entendidos, a obtenção de dados quantitativos das existências dos acervos documentais. Assim, na nossa investigação quantificaremos as existências monográficas da colecção de Filosofia da BUJPII e, por sua vez, os dados obtidos serão comparados com a colecção de Filosofia apresentada pela BUC e a UPSA.

Primeiramente, é importante quantificar as frequências dos idiomas que representam as listas modelo. Com esta análise poderemos compreender, grosso modo, qual é a tendência dos idiomas na comunidade científica, ao nível de frequências, percentagens e impacto nas citações dos investigadores.

Tabela 11
Tabela de frequências dos idiomas das listas modelo

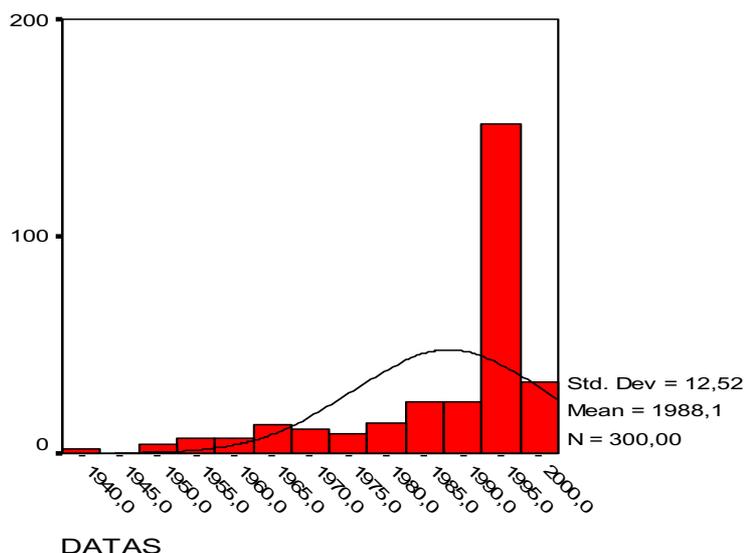
IDIOMA		Frequência	Percent	Percent Valid	Percent Acumulativa
Valid	Português	18	6,0	6,0	6,0
	Castelhano	18	6,0	6,0	12,0
	Inglês	168	56,0	56,0	68,0
	Alemão	39	13,0	13,0	81,0
	Francês	49	16,3	16,3	97,3
	Italiano	8	2,7	2,7	100,0
	Total	300	100,0	100,0	

A tabela 11 representa as frequências absolutas e relativas nas distintas dimensões da variável “idioma” das listas modelo. Assim, o idioma inglês é o que apresenta maior frequência relativa, 56%. Seguidamente, o idioma mais preferido pelos investigadores é o francês com uma frequência relativa de 16,3%.

Por sua vez, o idioma alemão é a terceira força nas listas modelo, com uma frequência relativa de 13%. O idioma português e o idioma castelhano apresentam cada um, uma frequência relativa de 6% e, conjuntamente, apresentam uma frequência relativa acumulativa de 12%.

Outro nível de análise de grande interesse para as posteriores comparações da BUJPII com a BUC e a UPSA é a frequência das principais datas citadas nas listas modelo. Para esta análise passaremos à interpretação do histograma do gráfico 6.

Gráfico 6
Histograma das datas das listas modelo



Tendo como base o gráfico 6, poderemos afirmar que os investigadores estão citando as obras filosóficas mais actuais. Ao nível de frequências relativas, o ano de 1993 apresenta a frequência de 7%; o ano de 1994 a frequência de 11,7%; o ano de 1995 a frequência de 18,7%; o ano de 1996 a frequência de 9,3%; o ano de 1997 a frequência de 4% e o ano de 2000 a frequência relativa de 4%.

Deste ponto de vista, “desfaz-se” o mito de que a Filosofia vive somente de obras históricas. Ou melhor, a média das datas encontradas nas listas modelo são de 1988, com um desvio padrão de 12,52. A Filosofia vive, sim, de fundos históricos mas predominam as citações com alguma actualidade. De facto, é importante que as bibliotecas tenham, então, obras actualizadas já que existe a tendência para as citações actuais. Assim sendo, interrogarmo-nos: quais são os idiomas apresentados nas listas modelo e, quais as médias de cada um deles? Para este estudo detenhamo-nos na tabela 12.

Tabela 12
Informação da VD datas e da VI idioma nas lista modelo

DATAS

IDIOMA	Média	N	Std. Desvio
Português	1989	18	10,551
Castelhano	1991	18	9,769
Inglês	1984	168	14,488
Alemão	1992	39	5,711
Francês	1993	49	6,561
Italiano	1991	8	9,910
Total	1988	300	12,516

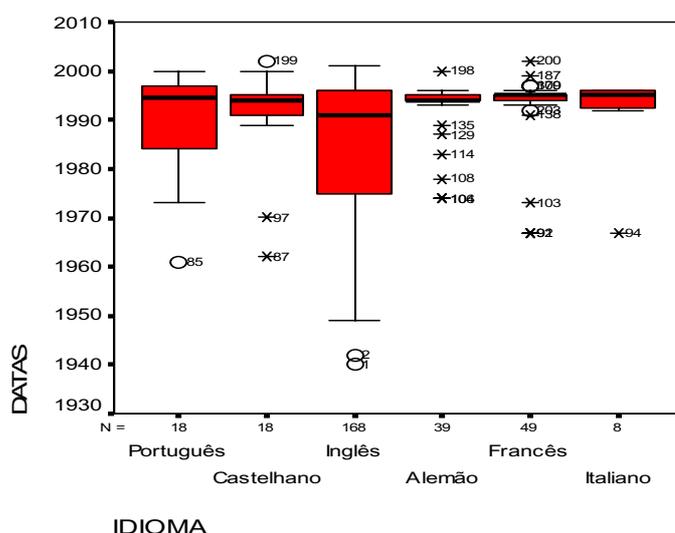
A média mais alta dos seis idiomas presentes nas listas modelo é o francês, com uma frequência absoluta de 49 e uma média de 1993. A colecção em língua francesa é então, a

mais actual e com um desvio padrão de cerca de 6,562 —a mais baixa das variáveis categóricas. Por outro lado, o idioma inglês apresenta uma frequência absoluta mais alta, 168 e uma média de 1984 com um desvio padrão de 14,488.

Se o idioma português e o castelhano apresentam a mesma frequência absoluta (freq. 18), por outro lado, o idioma castelhano apresenta uma média mais actual que o idioma português —o idioma castelhano tem uma média em 1991 e o português em 1989. Mas, o desvio padrão do idioma castelhano é mais baixo, cerca de 9,769.

Numa análise mais detalhada, podemos representar a dispersão dos dados das frequências da variável “datas” e “idioma” das listas modelo através do boxplot do gráfico 7. Este diagrama de caixa tem a vantagem de representar a dispersão dos dados de amostra (300) através de intervalos (inter-quartil e inter-decil) e uma série de valores.

Gráfico 7
Inter-relação entre as datas e os idiomas nas lista modelo



Como já verificamos, o idioma inglês é o que apresenta a maior frequência absoluta (freq. 168) com uma amplitude de 61 anos —os seus valores mínimos estão datados em 1940 e os seus valores máximos em 2001. Tendo em consideração um desvio padrão de 14,488. Além disso, neste idioma 25% das datas são inferiores a 1975 e 50% das datas são inferiores a 1991. Como verificamos no gráfico, a grande maioria das datas estão subscritas no segundo e terceiro quartil, onde 75% das datas são inferiores a 1996.

A segunda força de existências é o idioma francês (freq. 49), este idioma apresenta uma amplitude de 35 anos, desde 1967 até 2002. O seu desvio padrão é 6,561, mais baixo que o idioma inglês. Na língua francesa a dispersão dos dados poderá resumir-se assim: 25% dos dados são inferiores à data de 1994, a mediana é em 1995, assim, 50% das datas são inferiores

a esta data. Mais uma vez, a dispersão dos dados está bastante concentrada no segundo e terceiro quartil, onde 75% das datas são inferiores a 1995.

No idioma alemão, deveremos considerar que 25% das datas são inferiores a 1994, a própria mediana está subscrita nesta data —1994. Mas, 75% das datas são inferiores a 1995. Esta dimensão apresenta os seus valores máximos na data de 2000 e os seus valores mínimos na data de 1974, com uma amplitude de 26 anos.

O idioma português e o castelhano apresentam a mesma frequência absoluta (freq. 18), de facto existe uma similaridade na dispersão dos valores nos dois idiomas. Assim, o primeiro idioma nas citações das listas modelo, apresenta os seus valores mínimos na data de 1961 e os valores máximos em 2000. Na verdade, tanto no idioma castelhano como o português a mediana é 1994. Em ambos os idiomas 50% das datas são inferiores a 1994. O que os distingue é o primeiro e segundo quartil; no idioma português 25% das datas são inferiores a 1983 e 75% das datas são inferiores a 1997. Por outro lado, no idioma castelhano 25% das datas são inferiores a 1990 e 75% das datas são inferiores a 1995.

Finalmente, o idioma italiano é o que apresenta uma amplitude menor, 29 anos. As suas datas vão desde 1967 até 1996. De facto, a dispersão de valores é muito linear —25% das datas são inferiores a 1992, 50% das datas são inferiores a 1995 e 75% das datas são inferiores a 1996.

Em síntese, as listas modelo apresentam os seus valores mínimos na data de 1940 e os seus máximos na data de 2002, onde a moda de citações destes valores é na data de 1995. Sendo mais exactos, 25% dos valores são inferiores a 1984, 75% dos valores são inferiores a 1995 e 50% (mediana) das datas são inferiores a 1994.

8.3.2. Análise comparativa das existências

São estes os dados das lista modelo com os quais iremos contrapor os catálogos das três bibliotecas. Por agora, detenhamo-nos no estudo comparativo das existências. Assim, analisaremos a variável “existências” nas suas quatro correspondentes dimensões —“existe”, “outro idioma”, “não existe” e “existe autor”. Assim, poderemos apurar as existências da BUJPII e compará-las com a BUC e a UPSA.

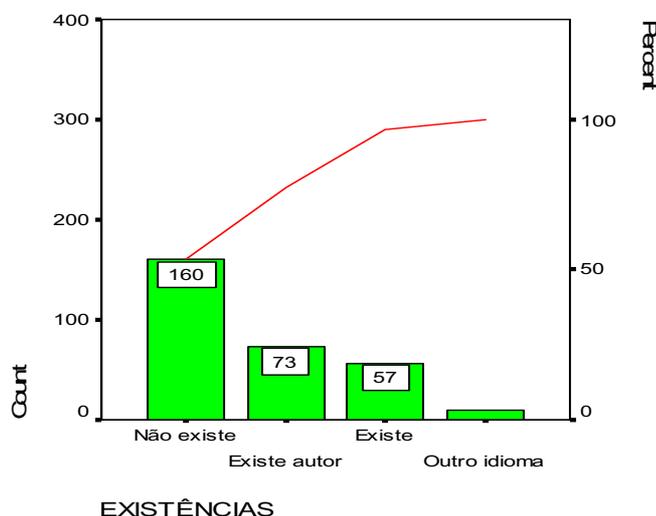
Tabela 13
Frequências das existências na BUJPII

EXISTÊNCIAS		Frequência	Percent	Percent Valid	Percent Acumulativa
Valid	Existe	57	19,0	19,0	19,0
	Outro idioma	10	3,3	3,3	22,3
	Não existe	160	53,3	53,3	75,7
	Existe autor	73	24,3	24,3	100,0
	Total	300	100,0	100,0	

O que mais se destaca na BUJPII é, sem dúvida, as não existências em relação à lista modelo (dimensão “não existe”). A frequência absoluta de 160 casos não existentes representa uma frequência relativa de 53,3%. Porém, existem 24,3% de casos em que não existe o título, mas existe a referência do autor na BUJPII. Ou seja, existe o autor mas não o título enunciado pelas listas modelo.

Existe, porém, uma baixa frequência relativa de títulos traduzidos (dimensão “outro idioma”), cerca de 3,3%. Em geral, estes são os casos em que foram feitas traduções em língua portuguesa (geralmente inglês/português). Em síntese, existe uma frequência absoluta de 57 casos que deverão ser somados à frequência absoluta de 10 de títulos traduzidos. Assim, perfazemos um total de 67 casos verificados. Para melhor se visualizar estas noções passaremos à análise do gráfico 8.

Gráfico 8
Análise de Pareto das existências na BUJPII



Como poderemos verificar, as não existências (dimensão “não existe”) são o grosso das frequências. Porém, a dimensão “existe autor” apresenta um alto nível de frequências absolutas (freq. 73) que, na verdade, nos insinuam que na BUJPII não existem uma grande parte dos títulos analisados. Não obstante, existem autores com outros títulos, ou seja, a referida instituição católica não desconhece totalmente os autores que actualmente são mais citados. Deveremos ainda sublinhar que as traduções existentes (dimensão “outro idioma”)

são quase inexistentes, com uma frequência relativa de 3,3%. Ou melhor, são poucas as traduções em língua portuguesa existentes na BUJPII.

Para melhor se entender este facto, passaremos à análise da biblioteca de Salamanca. Porém, queremos sublinhar que estas listas foram elaboradas principalmente a pensar na missão da BUJPII. Ou seja, apesar da proximidade física existente entre as duas bibliotecas, a Lista B foi estruturada a partir de revistas portuguesas: *Revista portuguesa de Filosofia de Braga* e da *Revista filosófica de Coimbra*, as citações subtraídas são de investigadores portugueses. Tendo em consideração tal facto, a UPSA apresenta resultados ligeiramente inferiores.

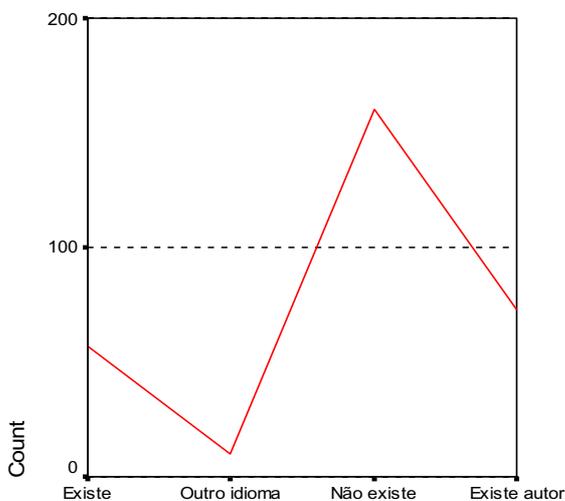
Tabela 14
Frequências das existências na UPSA

EXISTÊNCIAS		Frequência	Percent	Percent Valid	Percent Acumulativa
Valid	Existe	36	12,0	12,0	12,0
	Outro idioma	21	7,0	7,0	19,0
	Não existe	173	57,7	57,7	76,7
	Existe autor	70	23,3	23,3	100,0
	Total	300	100,0	100,0	

Assim, a colecção de Filosofia da UPSA apresenta uma frequência absoluta de existências (dimensão “existe”) de 36 casos, menos 21 casos que na BUJPII (esta disparidade poderá dever-se à aplicação da lista B). Porém, existe uma maior frequência relativa de títulos traduzidos (dimensão “outro idioma”) —cerca de 7%. Por sua vez, na dimensão “existe autor” as duas bibliotecas são muito similares. Em termos de frequência relativas, a BUJPII tem 24,3% e a UPSA uma frequência de 23,3%.

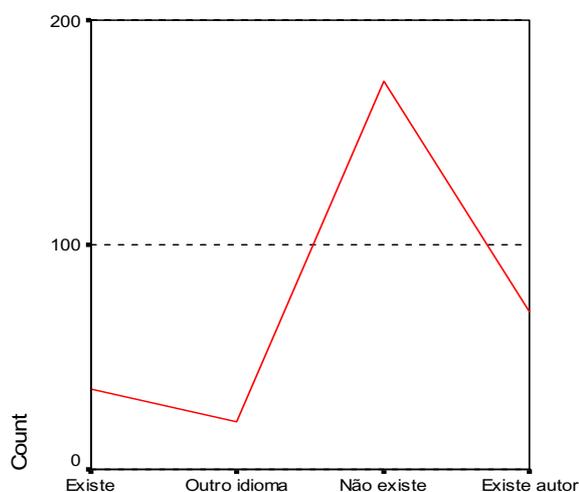
Comparação da variável existências entre a BUJPII e a UPSA

Gráfico 9



EXISTÊNCIAS BUJPII

Gráfico 10



EXISTÊNCIAS UPSA

Como verificamos nos gráficos 9 e 10, existe uma aproximação entre as dimensões “outro idioma”, “não existe” e “existe autor” nas duas bibliotecas acima referidas. A única diferença está na dimensão “existe”. Ou seja, nesta dimensão a BUJPII tem uma frequência absoluta de 25 e, por sua vez, a UPSA tem uma frequência de 14.

Pois bem, com estes dados (gráfico 9 e 10) e com a análise de frequências da tabela 13 e 14, estamos aptos a afirmar que a colecção da BUJPII é quase suficiente. Ligeiramente superior à da biblioteca da UPSA. Dizemos quase suficiente porque a referida colecção não atingiu nas três dimensões (“existe”; “outro idioma” e “existe autor”) 50% de valores esperados.

Na verdade, existe uma percentagem razoável de dados na BUJPII. Dito de outro modo, teremos de considerar 19% das existências efectivas; 3,3% de outros idiomas e 24,3% de autores investigados existem na biblioteca de Lisboa. Assim, a biblioteca encontra-se quase na medianidade do ranking que lhe é exigido para levar a cabo a sua missão.

Para completar esta especulação, passaremos à análise da Biblioteca da Universidade de Coimbra. Esta biblioteca apresenta resultados inferiores tanto em relação à BUJPII como à sua congénere espanhola, a UPSA.

Tabela 15
Frequências das existências na BUC

EXISTÊNCIAS		Frequência	Percent	Percent Valid	Percent Acumulativa
Valid	Existe	27	9,0	9,0	9,0
	Outro idioma	14	4,7	4,7	13,7
	Não existe	181	60,3	60,3	74,0
	Existe autor	78	26,0	26,0	100,0
	Total	300	100,0	100,0	

Ao nível das frequências das existências, a BUC é a biblioteca que mais baixas frequências absolutas apresenta na dimensão “existe” (freq. 27). Parece-nos nitidamente insuficiente esta quantificação nesta biblioteca universitária. Comparativamente, a BUJPII apresenta frequências relativas nas dimensões “existe” e “outro idioma” de 19%; enquanto a BUC somente apresenta somente 9%.

Por outro lado, as não existências na BUC (dimensão “não existe”) apresentam uma frequência relativa superior à BUJPII de 7%. Ou melhor, a BUJPII tem uma frequência relativa de 53,3% e a BUC uma frequência de 60,3%. Para melhor se entender tal facto usaremos os seguintes gráficos de sectores.

Gráfico 11
Percentagens das existências na BUJPII

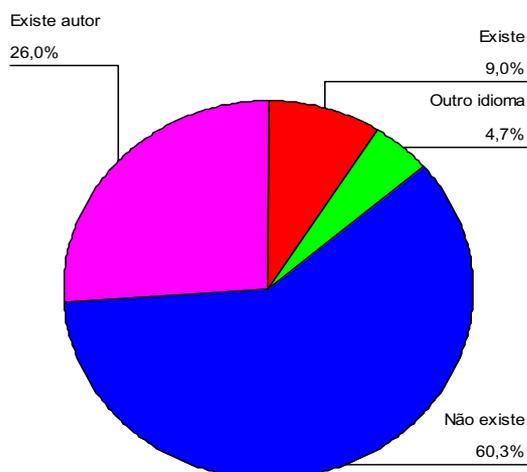
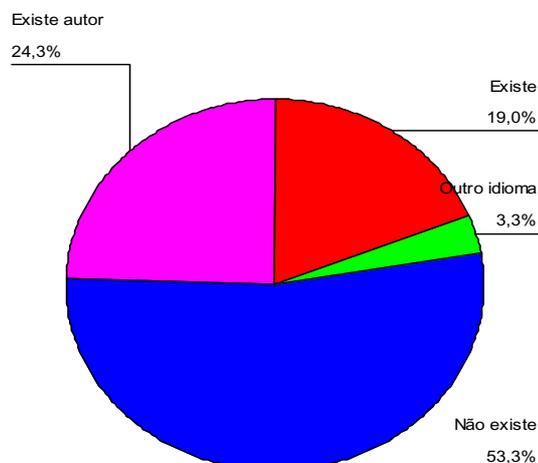


Gráfico 12
Percentagens das existências na BUC



Através de uma comparação percentual entre os gráficos 11 e 12, verificamos que nas existências da BUJPII e da BUC existe uma nítida diferença. Esta diferença é quantificada como uma superioridade na dimensão “existe” na BUJPII; esta apresenta uma percentagem de 19% e a sua congénere apresenta uma percentagem de 9%.

Não obstante, na dimensão “outro idioma”, ou seja, nas traduções dos títulos estrangeiros a BUC é superior à BUJPII —esta superioridade é quantificada em 1,34%. A mesma superioridade é verificada na dimensão “existe autor”, esta superioridade da BUC em relação à BUJPII é de 1,67%.

Na verdade, existe uma ligeira superioridade nas dimensões “outro idioma” e “existe autor” na BUC. O que é manifestamente positivo para esta biblioteca, na medida em que se verificam existências de outros idiomas na sua posse, normalmente são traduções para o idioma nativo.

Infelizmente, esta superioridade também se manifesta na BUC ao nível das não existências (dimensão “não existe”); o que se revela altamente negativo para esta biblioteca. Ou seja, não existem as monografias pesquisadas nem qualquer tradução, inclusive, o autor. A BUJPII apresenta uma percentagem de 53,33% menos 7,0% que a BUC.

8.3.3. Actualidade das existências

Depois da análise das frequências relativas e absolutas entre as várias bibliotecas, surge a necessidade de um estudo mais aplicado, ou seja, uma análise da actualidade das quatro

dimensões já referidas das existências. A pergunta imanente é então: qual é a actualidade das existências e das não existências em cada biblioteca?

Para respondermos à questão em epílogo passaremos à análise das tabelas e gráficos que se seguem. Com esta análise da amplitude inter-decil e inter-quartil das existências da BUJPII, a BUC e a UPSA teremos uma panóplia de dados para objectivar a actualidade e a distribuição dos idiomas nas três bibliotecas.

Tabela 16
Informação da VD datas e da VI existências na BUJPII

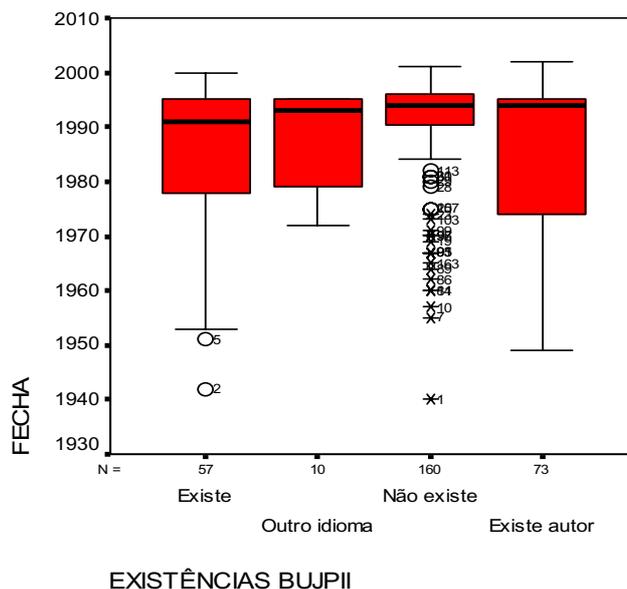
DATAS			
EXISTÊNCIAS	Média	N	Std. Desvio
Existe	1984	57	14,263
Outro idioma	1987	10	8,817
Não existe	1990	160	10,533
Existe autor	1985	73	14,477
Total	1988	300	12,516

Como sabemos, as tabelas de comparação de meios lêem-se em frequências absolutas, assim, a dimensão com mais alta frequência absoluta na BUJPII é a “não existe” (freq. 160). Esta dimensão representa positivamente as não existências no catálogo da BUJPII. Na verdade, estas não existências são as que apresentam a média mais alta —1990. Assim, deste ponto de vista, poderemos afirmar que o que não existe é mais actual do que existe.

Seguindo esta especulação, as existências (dimensão “existe”) são as que apresentam a média mais baixa (1984). Por outro lado, as traduções (dimensão “outro idioma”) apresentam uma média superior à antecedente dimensão, isto porque as traduções são sempre posteriores às suas edições originais. Esta dimensão apresenta uma média de 1987. Por outro lado, as existências do autor e não do título (dimensão “existe autor”) apresenta uma média de 1985.

Para melhor se compreender a dispersão dos dados da variável “existências” na BUJPII, passaremos à análise do diagrama de caixa do gráfico 13. Como sabemos, este tipo de análise é um modo de resumir um conjunto de dados numa balança de intervalos —usa-se sempre com um intuito exploratório.

Gráfico 13
Inter-relação entre as datas e as existências na BUJPII



As dimensões “existe” e “existe autor” representam as existências reais do acervo de Filosofia da BUJPII quando analisado o catálogo on-line. Estas dimensões apresentam uma frequência relativa acumulativa de 22,3% (ver tabela 13).

Em primeiro lugar, a dimensão “existe” tem uma média de 1984, ou melhor, 75% das datas das existências da BUJPII são inferiores a 1995 e 25% das datas são inferiores a 1978. A sua mediana coincide com o segundo quartil, onde 50% das datas da distribuição dos dados são inferiores a 1991. Sublinhe-se que esta dimensão apresenta os dados mínimos em 1942 e os máximos em 2000.

A dimensão “outro idioma” apresenta a sua média na data de 1987, com uma amplitude de 23 anos (com valores mínimos na data de 1972 e valores máximos na data de 1995). Além de mais, 25% das datas são inferiores a 1979, 50% das datas são inferiores a 1993 e 75% das datas são inferiores a 1995.

O valor da dimensão “existe autor”, surpreendentemente, apresenta a sua média em 1995. Assim, quando não existe o título, de uma forma correlativa, existe o autor das listas modelo. Além de mais, o valor inter-quartil e inter-decil são os que apresentam maior dispersão nesta amostra empírica. Os primeiros estão situados nas datas de 1995-1994, devendo considerar-se que os seus valores mínimos vão desde 1949 até 2002. As distribuições destas datas encontram-se quase na sua totalidade entre o segundo e terceiro quartil. Ou seja, 50% dos dados são inferiores a 1994 e 25% dos dados são inferiores a 1974 —na sua maioria a distribuição é muito assimétrica.

A dimensão “não existe” apresenta a sua média na data de 1990 e a sua mediana na data de 1994, ou seja, 50% dos dados subscritos são inferiores a esta mesma data. Ainda, 75% dos dados são, todavia, inferiores a 1996 e 25% dos dados são inferiores a 1990. Na verdade, estas datas são significativas na medida em que são muito similares às datas das listas modelo (ver gráfico 6). Porém, o intervalo inter-quartil desta dimensão é reduzido —de 1990 até 1996. Não obstante, esta dimensão apresenta uma frequência absoluta de 160, apresentam os seus valores mínimos na data 1940 e os seus máximos em 2001.

Ao nível geral, o valor mais frequente da dimensão “não existe”, a moda, é 1995. Considerando, todavia, que os seus valores máximos situam-se na data de 2002 e os mínimos em 1940. Além disso em todas as quatro dimensões os dados estão subscritos entre o segundo e o terceiro quartil, a dimensão “existe” é, pois, o caso mais paradigmático.

Para uma melhor compreensão destes dados, teremos que compará-los com as outras bibliotecas, assim, passaremos à análise da mesma variável na UPSA para a compararmos com a BUJPII.

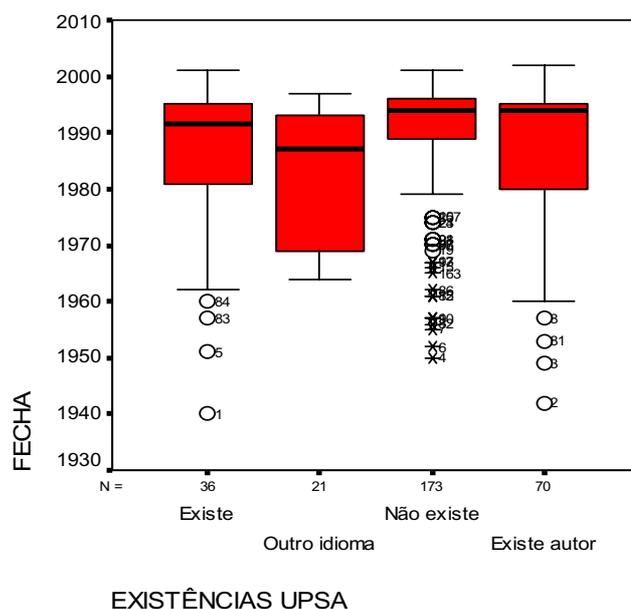
Tabela 17
Informação da VD datas e da VI existências na UPSA

DATAS			
EXISTÊNCIAS	Média	N	Std. Desvio
Existe	1985	36	15,118
Outro idioma	1982	21	12,931
Não existe	1990	173	10,905
Existe autor	1986	70	13,799
Total	1988	300	12,516

Tal como na BUJPII, a dimensão com maior frequência é a “não existe”, esta apresenta uma frequência absoluta superior à BUJPII —cerca de 173 casos. A média desta dimensão é também mais alta que a da BUJPII, datada a 1990. Mas, tal como na BUJPII as datas mais actuais são as que não existem nos catálogos da UPSA.

Não obstante, as traduções simbolizadas pela dimensão “outro idioma”, são inferiores às existências, deduz-se que estas traduções são efectuadas em obras antigas. As existências de autor (dimensão “existe autor”) apresentam uma média de 1986, um ano mais actual que na BUJPII. Para que melhor se compreenda esta comparação passaremos à análise do diagrama boxplot do gráfico 14.

Gráfico 14
Inter-relação entre as datas e as existências na UPSA



Como sabemos, a Biblioteca Pontificia de Salamanca apresenta em geral frequências mais baixas que a BUJPII. Com a análise desta gráfico poderemos, então, confirmar se a colecção da UPSA é ou não mais actual que a biblioteca de Lisboa.

Assim, a dimensão “existe” apresenta uma média de 1985, por conseguinte, os seus valores mínimos são datados em 1940 e os valores máximos em 2001 —apresentando uma amplitude de 61 anos. Para sermos mais objectivos, poderemos afirmar que a dispersão percentil dos valores é a seguinte: 25% dos valores desta dimensão na UPSA são inferior a 1980, 50% dos são inferior a 1991 e, finalmente, 75% dos valores são inferior a 1995. Portanto, a grande maioria dos dados estão subscritos entre o segundo e o terceiro quartil, tal como nas restantes dimensão.

A dimensão “outro idioma” apresenta uma amplitude de 13 anos —as suas datas vão desde 1964 até 1997. A considerar que a média é avaliada em 1982. Em termos de percentis, a dispersão estatística poderá escrever-se assim: a mediana da dimensão “outro idioma” é de 1987, ou seja, 50% das datas são inferiores a 1987, 25% das datas são inferiores a 1968 e finalmente, a grande maioria das datas, 75%, são inferiores a 1993.

Na dimensão “existe autor”, nos casos em que existe o autor e não a obra pesquisada, a média é de 1986, existindo uma amplitude de 60 anos. As datas vão desde 1942 até 2002. Efectivamente, 75% das datas são inferiores a 1995. A mediana é 1994, ou seja, 50% das datas são inferiores à última data descrita e 25% são inferiores a 1979.

As não existências apresentam uma média muito actual, ou seja, 25% das existências são inferiores a 1989, 50% das existências são inferiores a 1994 e 75% das existências são

inferiores a 1996. Esta dimensão apresenta uma amplitude de 51 anos, onde as suas datas vão desde 1950 até 2001.

Depois da verificação da dispersão de valores da UPSA, se pretendermos fazer um estudo mais interno, ou seja, entre as duas bibliotecas portuguesas os resultados serão mais distantes ao nível de frequências e mais próximos ao nível de médias de datas.

Tabela 18
Informação da VD datas e da VI existências na BUC

DATAS			
EXISTENCIAS	Média	N	Std. Desvio
Existe	1984	27	14,748
Outro idioma	1986	14	10,974
Não existe	1989	181	11,488
Existe autor	1987	78	14,017
Total	1988	300	12,516

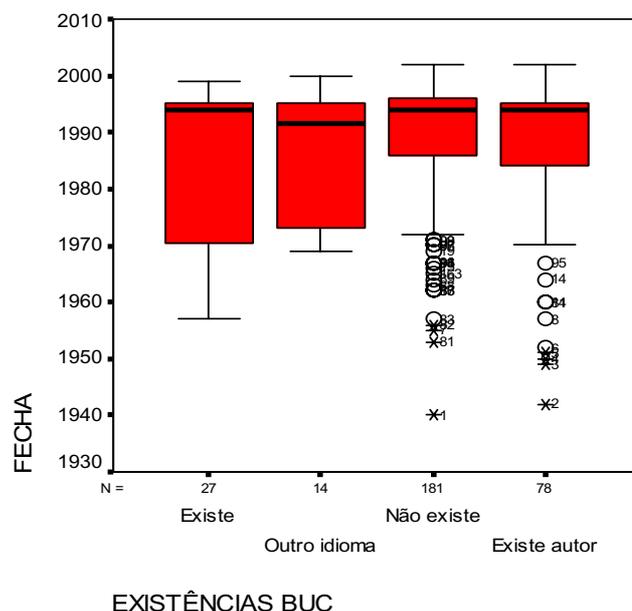
A frequência absoluta mais alta é, nesta biblioteca, verifica-se na dimensão “não existe”, com uma frequência absoluta de 181 —mais 21 frequências absolutas do que a BUJPII e com mais 8 de que a UPSA. Portanto, a BUC é a biblioteca que apresenta piores resultados nas suas existências. Na verdade, estas faltas no catálogo da biblioteca de Coimbra apresentam as mais baixas médias em relação às outras duas bibliotecas, 1989 —um ano mais baixo que a BUJPII e a UPSA. Ou seja, o que existe no catálogo da BUC é mais antigo que nas outras bibliotecas, o que positivamente é favorável a esta biblioteca.

Na tabela 18, damos conta que a frequências absolutas mais baixas nesta biblioteca são as existências (dimensão “existe”), com uma frequência absoluta de 27 um pouco inferior à média da BUJPII, esta com uma frequência de 57. Não obstante, a média das datas é a mesma —1984. As média da dimensão “outro idioma”, das traduções, são inferiores às da BUJPII (média 1987) e superiores às da UPSA (média 1982). Dito de outro modo, a média das traduções na BUC é de 1986.

A dimensão “existe autor” é a mais actual de todas as bibliotecas —cerca de 1987. Ou melhor, a BUC apresenta, por tanto, a maior actualidade de todas as bibliotecas. Na BUJPII a existência do autor (dimensão “existe autor”) tem uma média de 1985 e a UPSA mais um ano de média, cerca de 1986. Assim, positivamente, a BUC apresenta uma modernidade de mais 2 anos.

Para melhores conclusões da actualidade da colecção de Filosofia da BUJPII, é conveniente, então, a análise do gráfico 15, este apresenta a dispersão estatística dos valores da dimensão da variável “existências” da BUC.

Gráfico 15
Inter-relação entre as datas e as existências na BUC



A sublinhar que a Biblioteca da Universidade de Coimbra é a que apresenta mais baixa frequência absoluta nas existências (dimensão “existe”) e a mais alta frequência absoluta na não existência (dimensão “não existe”). Como bem demonstra o gráfico 15, a maioria dos dados estão subscritos entre o segundo e terceiro quartil.

Assim, na dimensão “existe” a BUC apresenta uma amplitude de 42 anos – as suas datas vão desde 1957 até 1999. Portanto, 25% das datas são inferiores a 1967, 50% das datas são inferiores a 1994 e 75% dos dados estão quase todos subscritos neste quartil e são inferiores à data de 1995.

A dimensão “outro idioma” apresenta uma amplitude de 31 anos; os seus valores mínimos estão centrados na data de 1969 e os máximos na data de 2000. Para além disso, 25% das datas são inferiores a 1972, 50% das datas são inferiores a 1991 e, finalmente, 75% das datas são inferiores a 1995. Neste último quartil encontram-se subscritos os dados desta dimensão.

Nesta última dimensão das existências (dimensão “existe autor”) a amplitude é estimada em 60 anos, a mais extensa de todas as bibliotecas. Onde os valores mínimos vão desde 1942 e os máximos até 2002. A média é de 1987, sendo ainda 25% das datas inferiores a 1983, 50% das datas inferiores a 1994 e 75% das datas são inferiores a 1995.

As não existências são as que apresentam a média mais actual —1989. A sua amplitude é também bastante extensa, abarca 62 anos de documentos não existentes. Os seus valores mínimos vão desde 1940 até a 2002. Para sermos mais precisos, 25% das datas são inferiores

a 1986, 50% das datas são inferiores a 1994 e, finalmente, onde se subscrevem a grande maioria dos dados são na data de 1996, cerca de 75%.

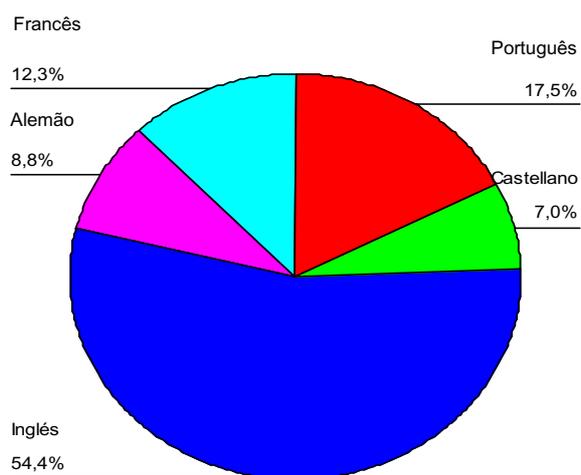
8.3.4. Análise comparativa dos idiomas

A actualidade ou não actualidade da colecção de Filosofia é, então, uma das primeiras perguntas a que um avaliador deverá colocar. Não obstante, haverá outro tipo de considerações a ter em linha de conta, não menos importante, para uma avaliação holística — a análise dos idiomas. Deste ponto de vista, a análise das frequências do idioma existentes em cada biblioteca e a sua consequente comparação será uma excelente ferramenta para a compreensão da colecção em termos qualitativos —atendendo às necessidades reais e virtuais dos leitores.

Para este estudo analisaremos a dimensão “existe” nas três bibliotecas, na verdade, é com esta dimensão que iremos proceder à comparação entre as três bibliotecas. Para que este estudo seja mais objectivo teremos sempre presente a tabela 11 —tabela de frequências do idioma das listas modelo.

Primeiramente, as tabelas de frequências 19, 20 e 21 que apresentaremos seguidamente carecem de uma explicação. Estas tabelas foram exclusivamente extraídas da dimensão “existe”. Assim, qualquer tipo de conclusão será analisada a partir das existências dos títulos encontrados nas três bibliotecas analisadas.

Gráfico 16
Percentagens dos idiomas na BUJPII



Como podemos verificar no gráfico de percentagens anterior, o idioma inglês é o que tem a mais alta percentagem na BUJPII, cerca de 54,4% das existências são em língua inglesa. A língua materna, a portuguesa, é a segunda força nas existências, com uma percentagem de

17,5%. Seguidamente, o idioma francês é o terceiro idioma que apresenta uma maior percentagem, cerca de 12,3%.

O idioma alemão e o castelhano são, então, os idiomas que apresentam menor frequência —o idioma alemão apresenta uma percentagem de 8,8% e o idioma castelhano é a língua com a menor frequência, cerca de 7,0%.

Tabela 19
Tabela de frequências dos idiomas na BUJPII

IDIOMA		Frequência	Percent	Percent Valid	Percent Acumulativa
Valid	Português	10	3,3	3,3	3,3
	Castelhano	4	1,3	1,3	4,7
	Inglês	31	10,3	10,3	15,0
	Alemão	5	1,7	1,7	16,7
	Francês	7	2,3	2,3	19,0
	Outras dimensões	243	81,0	81,0	100,0
	Total	300	100,0	100,0	

Como poderemos verificar na tabela 19, o idioma inglês apresenta a mais alta frequência absoluta nas existências (freq. 31) e, seguidamente, é o idioma português com uma frequência absoluta de 10 casos. O francês é o terceiro idioma existente, com uma frequência absoluta de 7.

Como analisamos no gráfico 16, o idioma alemão e o castelhano são os que apresentam menor percentagem e, logicamente, menor frequência absoluta. Onde o idioma alemão tem uma frequência de 5 e, o idioma castelhano uma frequência de 4. Na verdade, estes dados devem ser analisados confrontando-os com os da tabela 11, ou seja, com as tabelas modelo. Estas tabelas são o protótipo de comparação para melhor deciframos as frequências absolutas e relativas de cada biblioteca.

O idioma italiano está totalmente ausente nas existências da BUJPII; ainda que nas listas modelo este idioma apresente uma frequência relativa de 2,7%. O idioma inglês nas listas modelo apresenta uma frequência relativa de 56% e, por sua vez, na BUJPII apresenta uma mera frequência de 10,3%.

O idioma francês, nas listas modelo, apresenta uma frequências de 16,3 e na biblioteca de Lisboa uma frequência mais baixa, cerca de 2,3%. Por sua vez, o idioma alemão apresenta um modelo de 13% e na referida biblioteca tem apenas 1,7%. O castelhano é o idioma que apresenta a mais baixa frequência na BUJPII —1,3% e, nas listas modelo 6%.

Apesar desta disparidade entre as frequências da dimensão “existe”, é de todo interesse a análise da actualidade dos idiomas de cada biblioteca para posterior comparação com a BUJPII, assim passaremos à análise da tabela 20.

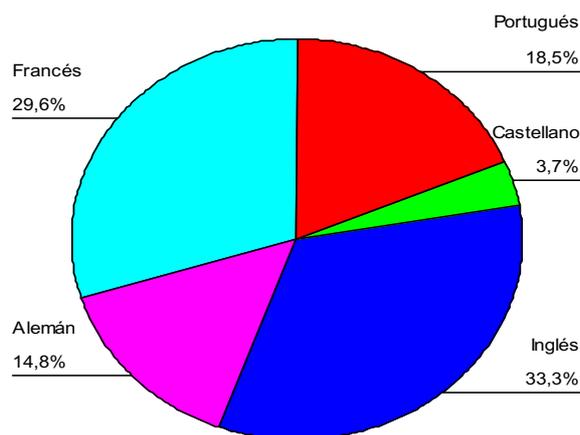
Tabela 20
Informação da VD datas e da VI idioma na BUJPII

DATAS			
IDIOMA	Média	N	Std. Desvio
Português	1986	10	12,102
Castelhano	1985	4	15,556
Inglês	1981	31	16,245
Alemão	1987	5	10,526
Francês	1994	7	1,464
Outras dimensões	1988	243	11,964
Total	1988	300	12,516

O idioma mais actual na BUJPII é, sem dúvida, o francês com uma média de 1994, ainda que este seja um dos idiomas com menor frequência absoluta. Seguidamente, o idioma alemão e o português são os que apresentam maior actualidade. O idioma alemão tem uma média de 1987 e o idioma português é a terceira força na actualidade na BUJPII, com uma média de 1986. Muito similar à actualidade do idioma materno da biblioteca de Lisboa, o idioma castelhano apresenta uma média de 1985, já ambos os idiomas apresentem a mesma frequência absoluta.

A Biblioteca de Coimbra apresenta percentagens mais baixas que a BUJPII, para tal comparação detenhamo-nos na análise do gráfico 17.

Gráfico 17
Percentagens dos idiomas na BUC



Na BUC, tal como nas outras duas bibliotecas, o idioma inglês é o que maior frequência apresenta. Assim há que considerar uma percentagem de 33,3% neste idioma, seguidamente, o francês é o idioma que maior frequência apresenta, cerca de 29,6%.

O idioma português é a terceira força nesta colecção, com uma percentagem de 18,5%, ainda que o idioma alemão esteja muito próximo deste idioma materno da BUC, com uma percentagem de 14,8%. Mais uma vez, a língua castelhana apresenta aqui a sua mais baixa percentagem, cerca de 3,7%.

Para melhor se compreender a dispersão destes dados na BUC, seguidamente analisaremos as frequências absolutas das existências nestas bibliotecas e a sua respectiva comparação com as lista modelo.

Tabela 21
Tabela de frequências dos idiomas na BUC

IDIOMA		Frequência	Percent	Percent Valid	Percent acumulativa
Valid	Português	5	1,7	1,7	1,7
	Castelhano	1	,3	,3	2,0
	Inglês	9	3,0	3,0	5,0
	Alemão	4	1,3	1,3	6,3
	Francês	8	2,7	2,7	9,0
	Outras dimensões	273	91,0	91,0	100,0
	Total	300	100,0	100,0	

O idioma inglês e francês são os que apresentam maiores frequências absolutas na BUC, ou seja, os idiomas existentes com maior força na colecção de Filosofia na BUC são o inglês com uma frequência absoluta de 9 e o francês com 8.

De facto, o idioma materno é a terceira força nesta colecção, com uma frequência absoluta de 5. Por sua vez, o idioma alemão está quantitativamente muito próximo de idioma português, com uma frequência de 4. O castelhano é o idioma que está representado com menor frequência, somente 1 caso registado.

Para melhor se entender a dispersão dos dados destas dimensões, faremos uma comparação entre as variáveis idiomas existentes na BUC e nas listas modelo (tabela 11).

Tal como na BUJPII, o idioma italiano não está representado na BUC. De facto, o idioma inglês e o francês tanto nas listas modelo como na BUC são as línguas com maior frequências absolutas —nas listas modelo o idioma inglês apresenta uma frequência absoluta de 168 casos e o idioma francês, por sua vez, uma frequência de 549. Na BUC o primeiro idioma apresenta uma frequência absoluta de 9 e, o idioma francês uma frequência de 8.

O idioma alemão é a terceira força nas listas modelo e na BUC, por sua vez, é a quarta força —com uma frequência absoluta de 4, menos 11,7% de frequência relativa que o modelo de comparação. O idioma português é a terceira força na colecção, com uma frequência absoluta de 5 e, por sua vez, o idioma castelhano é o que menos frequência absoluta apresenta nesta biblioteca, com apenas 1 caso registado.

A actualidade da colecção de Filosofia na Biblioteca Universitária de Coimbra poderá fornecer-nos elementos precisos para entendermos a modernidade da colecção de Filosofia da biblioteca de Lisboa.

Tabela 22
Informação da VD datas e da VI idioma na BUC

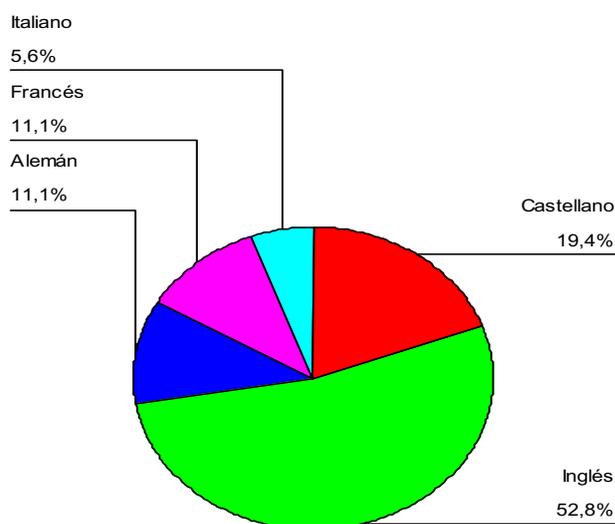
DATAS			
BUC	Média	N	Std. Desvio
Português	1987	5	15,754
Castelhano	1995	1	.
Inglês	1973	9	15,479
Alemão	1989	4	10,178
Francês	1991	8	9,862
Outras dimensões	1988	273	12,238
Total	1988	300	12,516

Na análise da tabela 22, poderemos concluir que o idioma castelhano é o que apresenta maior actualidade (1995), isto porque encontramos uma frequência absoluta reduzidíssima de 1. Seguidamente, o idioma que apresenta maior actualidade é o francês com uma média de 1991.

O idioma alemão é, pois, um dos idiomas com mais actualidade na colecção da BUC —com uma média de 1989. Por outro lado, o idioma português apresenta uma média de 1987, assim, a colecção de Filosofia da BUC é a quarta força com maior actualidade. Por último, o idioma inglês que apresenta a maior frequência absoluta com um desvio padrão de 15,479 é a dimensão com menos actualidade, a sua média é 1973.

Para finalizarmos esta investigação sobre a actualidade da colecção de Filosofia nas três bibliotecas e, sobretudo, para melhor se entender a actualidade da Biblioteca Católica de Lisboa passaremos à análise da Biblioteca de Pontifícia de Salamanca.

Gráfico 18
Percentagens dos idiomas na UPSA



O gráfico 18 representa as percentagens dos idiomas existentes na UPSA, fruto da análise directa do catálogo desta biblioteca. Sem excepção, o idioma inglês é o que apresenta a maior percentagem em todas as bibliotecas, inclusive, na UPSA com uma percentagem de 52,8%.

O idioma materno da Biblioteca de Salamanca é, na verdade, a segunda força na colecção de Filosofia nesta biblioteca, com uma percentagem 19,4%. Em simultâneo, o idioma alemão e o idioma francês apresentam a mesma percentagem —11,1%.

Sublinharemos, no entanto, que o idioma português não se encontra representado na variável “idioma” da UPSA. Não obstante, nas bibliotecas portuguesas analisadas o idioma castelhano está presente, ainda que seja o que menos frequência apresenta. Mas, verifica-se o reaparecimento do idioma italiano como a última força na colecção da UPSA, com uma percentagem de 5,6%

Tabela 23
Tabela de frequências dos idiomas na UPSA

IDIOMA		Frequência	Percent	Percent Valid	Percent acumulativa
Valid	Castelhano	7	2,3	2,3	2,3
	Inglês	19	6,3	6,3	8,7
	Alemão	4	1,3	1,3	10,0
	Francês	4	1,3	1,3	11,3
	Italiano	2	,7	,7	12,0
	Outras dimensões	264	88,0	88,0	100,0
	Total	300	100,0	100,0	

Como poderemos verificar na tabela 23, a dimensão “inglês” é a que apresenta maior frequência absoluta, 19 casos verificados. Na verdade, este idioma é a parte essencial da colecção em termos de frequências absolutas em todas as bibliotecas analisadas.

O idioma materno da Biblioteca de Salamanca é, pois, a segunda força com uma frequência de 7. O idioma alemão e o francês, por sua vez, estão representados nesta biblioteca com a mesma frequência absoluta, cerca de 4 casos cada. O idioma italiano ainda que ausente na colecção das bibliotecas portuguesas, na UPSA apresenta uma frequência absoluta de 2.

Como habitual passaremos, então, ao estudo comparativo da tabela 11 e 23, estudo este que será feito através de frequências relativas. De facto, a dimensão inglês apresenta uma frequência relativa de 6,3%, ou seja, menos 49,7% que nas lista modelo. Por sua vez, o castelhano apresenta uma frequência relativa de 2,3% e nas referidas listas 6%.

O idioma alemão e o inglês apresentam na UPSA a mesma frequência relativa —cerca de 1,3% cada. Nas listas modelo existe uma diferença significativa; o idioma alemão apresenta uma frequência relativa de 13% e o francês 16,3%. Assim, nesta biblioteca os referidos

idiomas têm uma frequência de 1,3%. Finalmente, o idioma italiano é o que menor frequência apresenta nesta biblioteca, cerca de 0,7%.

Tabela 24
Informação da VD datas e da VI idioma na UPSA

DATAS			
IDIOMA	Média	N	Std. Desvio
Castelhano	1989	7	12,515
Inglês	1982	19	17,702
Alemão	1984	4	11,529
Francês	1994	4	,500
Italiano	1981	2	19,799
Outras dimensões	1988	264	12,110
Total	1988	300	12,516

Como verificamos, ainda que o idioma francês seja o que menor frequência apresenta na UPSA, este idioma é o que maior actualidade apresenta, com uma média considerável de 1994. Seguidamente, o idioma castelhano é o que apresenta maior actualidade, com uma média de 1989.

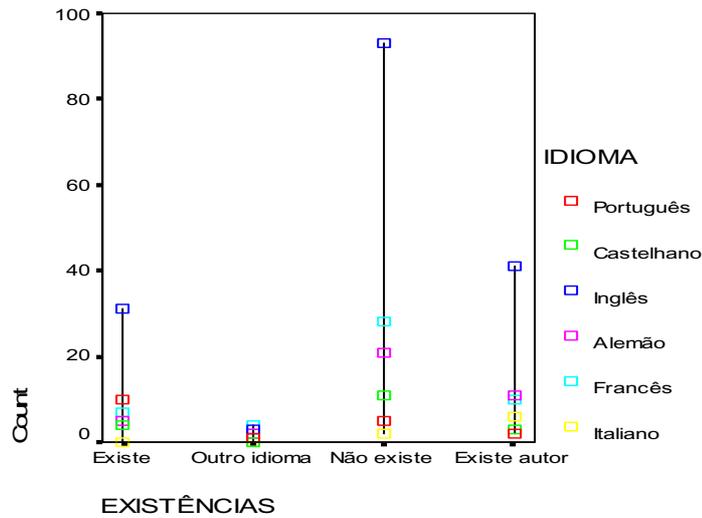
O idioma alemão, por sua vez, apresenta uma média de 1984. O idioma inglês ainda que tenha uma das maiores frequências nesta biblioteca, em termos de actualidade é a quarta força nesta colecção de Filosofia, com uma média de 1982. Por último, o idioma italiano é o que apresenta uma actualidade mais baixa, com uma média de 1981.

8.3.5. Análise comparativa entre o idioma e as existências

O estudo da actualidade das existências será, certamente, uma análise importante para os bibliotecários da BUJPII e leitores. Ou melhor, com estes dados poderemos tomar consciência do empobrecimento de algumas partes da colecção de Filosofia, assim como da sua actualidade. Por outro lado, um estudo quantitativo dos idiomas fornecer-nos-á conclusões excelentes para a tomada de medidas em qualquer biblioteca, inclusive na BUJPII. Assim, a interpretação desta variável qualitativa, através de uma leitura quantitativa, proporcionará uma triangulação metodológica que beneficiará as necessidades dos leitores.

De facto, os idiomas adquiridos pela BUJPII deverão estar de acordo com as necessidades dos seus leitores, este é um dos aspectos importantes a sublinhar. Não poderemos esquecer-nos, porém, que a BUJPII serve uma população universitária e de investigadores.

Gráfico 19
Inter-relação entre as existências e os idiomas



Partindo do princípio de que as listas modelo são, na esmagadora maioria, em língua inglesa não nos podemos surpreender que na BUJPII as dimensões da variável “existências” estejam no referido idioma. De facto esta análise poderá estar viciada devido à supremacia da língua inglesa, não obstante, este idioma continua a ser o mais citado na comunidade científica de Filosofia.

O gráfico 19 é uma representação das frequências absolutas do modelo que tomaremos para comparação: inglês (freq. 168), francês (freq. 49), alemão (freq. 39), português (freq. 18), castelhano (freq. 18) e italiano (freq. 8).

Para um estudo mais detalhado, passaremos a análise das tabelas cruzadas da variável quantitativa “existências” e da variável qualitativa “idioma” nas três bibliotecas. Assim, com a tabela 25 poderemos aperceber-nos das existências e seus respectivos idiomas, correlativamente.

Tabela 25
Tabela cruzada das existências * idioma na UPSA

Count	IDIOMA						Total
	Português	Castelhano	Inglês	Alemão	Francês	Italiano	
EXISTÊNCIAS							
Existe	0	7	19	4	4	2	36
Outro idioma	6	0	10	3	2	0	21
Não existe	8	9	98	26	29	3	173
Existe autor	4	2	41	6	14	3	70
Total	18	18	168	39	49	8	300

Na UPSA, não existem monografias em idioma português, como já foi afirmado. O idioma inglês, na dimensão “existe”, apresenta a sua frequência absoluta mais alta, 19 casos. Por sua vez, o idioma castelhano é a segunda força da coleção, com uma frequência de 7 casos. O idioma alemão e o francês são a terceira força na dimensão, simultaneamente, com uma frequência de 4 casos registrados.

Os idiomas alternativos existentes na UPSA, referimo-nos propriamente à dimensão “outro idioma”, assistimos à presença da língua portuguesa como a segunda força da coleção desta universidade, com uma frequência absoluta de 6, o que nos parece bastante significativo. O idioma inglês é, como esperado, a língua com maior frequência —10 casos a anotar nesta dimensão. A sublinhar que, o idioma italiano não está aqui representado ao nível de traduções, a sua frequência é 0.

A dimensão “não existe”, casos que não existe nem o autor nem o título pesquisado, a superioridade absoluta está centrada nos idiomas: inglês (freq. 98), francês (freq. 29) e no idioma alemão (freq. 26).

Na dimensão “existe autor” temos que considerar que mais uma vez que o idioma inglês tem a sua superioridade em relação aos outros idiomas, com uma frequência absoluta de 42. Por outro lado, o idioma francês tem uma frequência de 14 e, ultimamente, o idioma português é a quarta força com uma frequência de 4 casos.

Tabela 26
Tabela cruzada das existências * idioma na BUC

Count	IDIOMA						Total
	Português	Castelhano	Inglês	Alemão	Francês	Italiano	
EXISTÊNCIAS							
Existe	5	1	9	4	8	0	27
Outro idioma	2	1	7	2	1	1	14
No existe	5	11	104	25	30	6	181
Existe autor	6	5	48	8	10	1	78
Total	18	18	168	39	49	8	300

A BUC é a biblioteca que menor frequência apresenta na dimensão “existe”, com um total de 27 casos verificados. Nesta dimensão, verifica-se que o idioma inglês e o francês são os idiomas que mais altas frequências absolutas apresentam. O primeiro com uma frequência de 9 e o idioma francês com uma frequência de 8. Por sua vez, o idioma português é a terceira força ao nível desta dimensão na BUC, com uma frequência de 4.

Por outro lado, na dimensão “outro idioma”, teremos que sublinhar a existência de uma frequência absoluta de 2 casos no idioma português; isto quer dizer que existem traduções em

língua portuguesa nesta biblioteca de Coimbra. O idioma inglês é, mais uma vez, a força principal da colecção resultante das pesquisas no catálogo on-line da BUC, com uma frequência absoluta de 7 casos registados.

As não existências (dimensão “não existe”) são sobretudo nas línguas: inglesa (freq. 104), francesa (freq. 30) e alemã (freq. 25). Não obstante, deveremos sublinhar que existe uma frequência absoluta de 16 casos no idioma castelhano e português que não foram encontrados na BUC.

A dimensão “existe autor” é a segunda força da colecção da BUC. A saber, existem algumas traduções no idioma português e castelhano (freq. 11) nesta biblioteca. Por outro lado, o idioma inglês, francês e alemão, conjuntamente, apresentam uma frequência de 66 num universo total de 78.

Tabela 27
Tabela cruzada das existências * idioma na BUJPII

Count	IDIOMA						Total	
	Português	Castelhano	Inglês	Alemão	Francês	Italiano		
EXISTÊNCIAS								
	Existe	10	4	31	5	7	0	57
	Outro idioma	1	0	3	2	4	0	10
	Não existe	5	11	93	21	28	2	160
	Existe autor	2	3	41	11	10	6	73
Total		18	18	168	39	49	8	300

Na BUJPII a dimensão “existe” apresenta uma frequência absoluta de 57 casos. Por sua vez, a língua inglesa, portuguesa e francesa são as mais representativas na colecção de Filosofia da BUJPII. Na dimensão “outro idioma”, ou seja as traduções ou edições noutras línguas, o idioma francês, inglês e alemão são também as forças da colecção —na sua totalidade com uma frequência acumulativa de 10.

Na dimensão “não existe” devemos destacar que existem livros em língua portuguesa e castelhana, com um total de 16 casos verificados. O idioma inglês apresenta sempre uma das mais altas frequência absoluta, evidentemente, nesta dimensão tal idioma detêm uma forte incidência —apresentando uma frequência absoluta de 93 casos ausentes.

Nas existências do autor, dimensão “existe autor”, é pois a segunda força da colecção com uma frequência absoluta de 73 casos em diferentes idiomas. Os três idiomas mais representativos são: o inglês (freq. 11), o alemão (freq. 10) e o idioma francês (freq. 10).

Em termos gerais, o idioma português surge com uma totalidade de 18 ocorrências, nas quatro dimensões, apresentando a sua maior incidência nas existências, dimensão “existe”, com uma frequência absoluta de 10 casos. Surpreendentemente, no idioma castelhano as incidências são na dimensão “não existe” (freq. 11). Por outro lado, a língua inglesa apresenta um total de 168 ocorrências; a maior incidência deste idioma verifica-se nas dimensões “existe” (freq. 31), “não existe”(freq. 93) e na dimensão “existe autor” (freq. 41).

Ao nível comparativo, a BUJPII é a biblioteca que mais alta frequência absoluta apresenta na dimensão “existe”, com uma frequência absoluta de 57 caos. Além de mais, esta biblioteca é a que mais documentos apresenta na língua portuguesa (freq. 10), inglesa (freq. 31), francesa (freq. 79) e na língua alemã (freq. 5).

Na dimensão “outro idioma” a UPSA é a biblioteca que apresenta uma maior frequência absoluta, 21 casos verificados. A biblioteca mais mal situada neste ranking é a BUJPII com uma frequência de 10. A sublinhar que a UPSA tem uma frequência absoluta de 6 em língua portuguesa nesta dimensão; enquanto a BUC só tem uma frequência absoluta de 2 e, finalmente, a BUJPII uma frequência de 1.

O idioma mais traduzido (dimensão “outro idioma”) na BUJPII é, sem dúvida, o francês com uma frequência absoluta de 4 (esta questão será devidamente analisada na metodologia exame directo da colecção). Na UPSA e na BUC o idioma mais traduzido é o inglês; a primeira biblioteca apresenta uma frequência absoluta de 10 e a BUC uma frequência de 7.

As ocorrências das não existências (dimensão “não existe”) na BUJPII são, sobretudo, em língua inglesa (freq. 93), francesa (freq. 28) e em língua alemã (freq. 21). Nas outras duas bibliotecas este grupo de três idiomas são os que apresentam mais altas frequências absolutas nas falhas de documentação. Assim, na UPSA o idioma inglês apresenta uma frequência absoluta de 98, o francês de 29 e o idioma alemão de 26. Por sua vez, a BUC apresenta um total nesta dimensão “não existe” de 181 casos. Particularizando, no idioma inglês existem 104 a registar, no idioma francês 30 e no idioma alemão 25 casos.

Na dimensão “existe autor”, a BUC apresenta aqui uma superioridade visível em relação à BUJPII e à UPSA. Assim, a BUC apresenta uma frequência absoluta de 78, a BUJPII de 73 e a UPSA uma frequência de 70 casos. A sublinhar que a BUC é a biblioteca que, todavia, apresenta a maior frequência absoluta nesta dimensão em língua portuguesa, com uma frequência de 6, seguidamente a UPSA com uma frequência de 4 e por último a BUJPII com uma frequência de 2.

Em todas as bibliotecas a língua inglesa é a que mais frequências apresenta, a BUC apresenta uma frequência de 48, por sua vez, a BUJPII e a UPSA apresentam a mesma frequência de 41 casos. A língua francesa é, então, a segunda força nesta variável nas três bibliotecas, onde a

UPSA detém a sua superioridade com uma frequência absoluta de 14 e as outras duas bibliotecas portuguesas, simultaneamente, com a mesma frequência absoluta de 10.

8.3.6. Análise comparativa dos duplicados

Parece-nos de extrema utilidade, também, analisar os duplicados existentes nas três bibliotecas. Desta forma daremos conta, grosso modo, da necessidade da selecção negativa ou de outro tipo de medidas ao nível dos serviços de selecção e aquisições. Para este estudo passaremos à análise das tabelas 28, 29 e 30.

Tabela 28
Tabela de frequências dos duplicados na UPSA

	Frequência	Percent	Percent Valid	Percent acumulativa
DUP. Castelhano	17	5,7	70,8	70,8
Francês	5	1,7	20,8	91,7
Alemão	1	,3	4,2	95,8
Inglês	1	,3	4,2	100,0
Total	24	8,0	100,0	
Missing	276	92,0		
Total	300	100,0		

A dimensão “missing” representa os registos bibliográficos que não são duplicados, referimo-nos as dimensões “existe”, “outro idioma” e “existe autor”. Na verdade, estas três dimensões apresentam positivamente uma frequência absoluta de 276 casos na UPSA.

Ao nível formal a UPSA apresenta 4 idiomas nos seus duplicados, são eles: o castelhano, o francês, o inglês e o alemão. Assim, o total de duplicados de Filosofia nesta biblioteca espanhola é de 8%, onde a sua língua materna, o castelhano, apresenta a frequência absoluta mais alta, cerca de 17. Por sua vez, a língua francesa é a segunda força de duplicados com a frequência absoluta de 5. O idioma alemão e o inglês são os menos significativos, ambos apresentam uma frequência absoluta de 1 caso registado.

De facto, o idioma castelhano e o francês apresentam a maior frequência relativa na UPSA; o primeiro idioma tem uma frequência relativa de 5,7% e, o segundo uma frequência de 1,7%. Na verdade, estes são os idiomas que formam o grosso dos duplicados na UPSA.

Tabela 29
Tabela de frequências dos duplicados na BUC

		Frequência	Percent	Percent Valid	Percent acumulativa
DUP.	Português	2	,7	8,0	8,0
	Castelhano	1	,3	4,0	12,0
	Francês	12	4,0	48,0	60,0
	Alemão	2	,7	8,0	68,0
	Inglês	8	2,7	32,0	100,0
	Total	25	8,3	100,0	
Missing		275	91,7		
Total		300	100,0		

Por outro lado, na BUC existe uma distribuição mais uniforme nos duplicados, onde a frequência absoluta mais alta é verificada no idioma francês, com 12 casos. Por outro lado, o idioma inglês é a segunda força na colecção da BUC com uma frequência absoluta de 8; o idioma alemão e o idioma português apresentam a mesma frequência, com 2 casos em exequo. Por último, o idioma castelhano é o que apresenta menor frequência, a destacar só a existência de 1 frequência.

O idioma francês e o inglês são os que apresentam maior frequência relativa, assim, o francês tem uma frequência relativa de 4% e o inglês de 2,7%. Desta forma, na variável “duplicados” a BUC, na sua totalidade, apresenta 8,3% de duplicados no seu acervo documental de Filosofia.

Tabela 30
Tabela de frequências dos duplicados na BUJPII

		Frequência	Percent	Percent Valid	Percent acumulativa
DUP.	Português	13	4,3	54,2	54,2
	Francês	6	2,0	25,0	79,2
	Alemão	1	,3	4,2	83,3
	Inglês	4	1,3	16,7	100,0
	Total	24	8,0	100,0	
Missing		276	92,0		
Total		300	100,0		

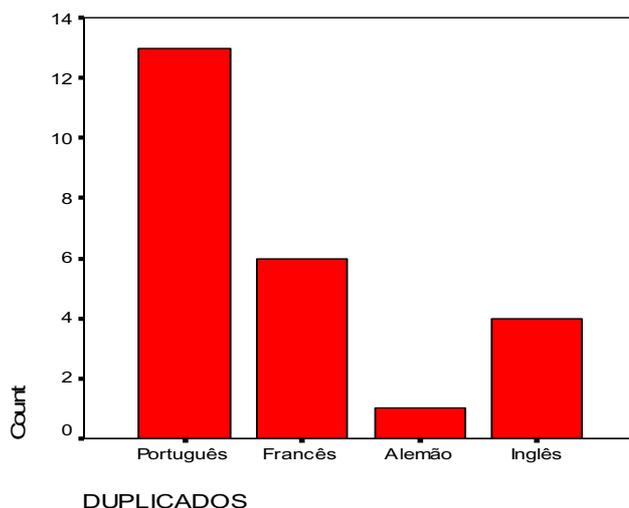
Na verdade a BUJPII é a biblioteca que detém mais alta frequência absoluta no idioma português (freq. 13). É necessário vincar que a UPSA apresenta uma total ausência de duplicados em língua portuguesa e, por sua vez, a BUC só tem uma frequência absoluta de 2 casos verificáveis.

Deste ponto de vista, o idioma português e o francês são, na sua maioria, o grosso dos duplicados na BUJPII. Assim, o idioma português apresenta uma frequência relativa de 4,3%

e o idioma francês 2%. Por outro lado, o idioma inglês é a segunda língua a destacar-se, com uma frequência relativa de 1,3% de duplicados.

Para melhor se entender a distribuição da variável “duplicados” na BUJPII, representá-la-emos no gráfico de barras seguinte.

Gráfico 20
Duplicados na BUJPII



De facto, a grande maioria dos duplicados são verificáveis no idioma português e no idioma francês, na BUJPII. Os duplicados no idioma português apresenta uma frequência relativa de 4,3% e o idioma francês de 2%. Por outro lado, o idioma inglês é, então, a terceira força de duplicados nesta colecção de Filosofia da biblioteca de Lisboa. Este último idioma apresenta uma frequência de 1,3%. O alemão é o idioma que menor frequência apresenta nos duplicados, com uma frequência relativa de 0,3%. A sublinhar que, efectivamente, o idioma castelhano não apresenta nenhuma frequência nos duplicados da colecção da BUJPII.

9. Metodologia exame directo da colecção

Para a aplicação desta metodologia em qualquer biblioteca, sem excepção a BUJPII, dever-se-á proceder ao planeamento teórico para se delimitarem os principais vectores da colecção a avaliar. Referimo-nos sobretudo às necessidades dos leitores, porque estes são sempre o fim último de qualquer análise e, por conseguinte, o pessoal da biblioteca também beneficiará das medidas de avaliação.

A aplicabilidade deste método à colecção de Filosofia torna-se vital para a BUJPII, na medida em que esta biblioteca não possui uma política de doações estruturada com a agravante da selecção ser externa da à biblioteca.

Com esta metodologia poderemos responder de uma forma cabal à questão do parágrafo anterior e, sobretudo, poderemos obter algumas conclusões que beneficiarão a gestão da colecção de Filosofia. Referimo-nos à análise da conservação da colecção; à análise dos idiomas e sua inter-relação com diversas dimensões consideradas oportunas; à análise das áreas e dos materiais.

9.1. Análise teórica da metodologia

O exame directo da colecção foi efectuado a partir de uma amostragem aleatória simples. Com esta técnica de amostragem seleccionamos um grupo de assuntos ou áreas de uma colecção, para se estudar a população na sua totalidade. Os elementos da amostragem são eleitos ao acaso, directamente da população e numa só etapa. Na prática, retiram-se ao acaso do senso da população os objectos de estudo, ou seja, os elementos que vão formar parte da amostragem —para este tipo de selecção, usam-se tabelas de números aleatórios. Na verdade, a amostragem aleatória simples aplica-se geralmente a populações pequenas e facilmente identificáveis, como é o caso da colecção de Filosofia.

Através desta técnica procedemos à selecção da nossa amostragem, primeiramente, agrupamos toda a população de Filosofia —ordenamos por cotas em folhas Excel cerca de 11.286 indivíduos. Depois desta ordenação, foram eleitas nas folhas Excel todas as células que terminavam em zero e cinco, assim obtemos a avultada soma de 300 indivíduos da população designada. Na metodologia exame directo da colecção aplicada à BUJPII, a variável “datas” apresenta um intervalo de confiança de 95%, as médias das datas estão entre os valores 1971/1976. Desta forma, o erro de amostragem máximo a considerar numa amostra de 300 indivíduos num universo de 11.268 é de 2,17.

Na BUJPII, esta metodologia foi delineada antecipadamente com vista à obtenção de resultados objectivos. Assim, seria importante conhecer quais eram as partes da colecção que necessitam mais de preservação, conhecer quais eram os idiomas mais lidos e os mais preferidos pelos leitores. Ainda que esta metodologia actualmente seja processada através do catálogo on-line, no nosso caso optámos por uma forma mista —através do catálogo e directamente nas estantes; devido à necessidade da obtenção de dados de conservação, estes dados só são adquiridos no confronto directo com as estantes.

Desta forma, aplicamos esta metodologia segundo as necessidades organizacionais da BUJPII, tendo por base as seguintes etapas:

1. Análise da conservação;
2. Análise de idioma;
3. Análise das áreas, e
4. Análise do material.

Na primeira etapa, analisaremos as datas mais representativas da colecção de Filosofia na BUJPII. Assim, de uma forma geral teremos acesso às suas médias, desvio padrão e, sobretudo, aos vectores gerais colecção. Assim, a avaliação da conservação foi um dos pontos fortes para esta análise directa da colecção. A leitura de tabelas de frequências é uma das formas mais usuais para o estudo da conservação de qualquer biblioteca —este foi um dos princípios utilizados, entre outros, para quantificar as percentagens da colecção a preservar.

Desta forma, procedemos à análise das frequências relativas e absolutas da conservação, analisamos ainda as médias de cada dimensão da variável “conservação” (bom, razoável e preservar). Além de mais, fizemos um estudo da dispersão dos dados da variável conservação, para determinar a amplitude percentil da referida variável. Com este estudo poderemos perceber se a colecção de Filosofia, ou as partes que a compõem, necessitam de intervenção devido ao seu envelhecimento ou devido ao seu uso intensivo. Para que este procedimento seja frutuoso usaremos, todavia, tabulações cruzadas entre as variáveis qualitativas para apurar quais as áreas que necessitam realmente de maior preservação. Dito de outro modo, quantificaremos quais são as frequências de cada dimensão da variável “conservação”.

Na segunda etapa analisaremos as frequências dos idiomas, assim, saberemos quais são as frequências de cada idioma que constituem a colecção de Filosofia da BUJPII. As conclusões deste estudo serão de extrema importância para a gestão dos serviços de selecção e aquisição da biblioteca. Ou melhor, com estes dados a BUJPII poderá proceder com maior eficácia às tarefas de selecção, aquisição e descarte.

Além de mais, faremos uma análise da dispersão dos dados, este estudo é, sobretudo, uma maneira de quantificação da actualidade dos idiomas existentes na colecção. Analisaremos, então, a média das datas de cada idioma. Assim, disporremos de um amplo leque de dados da colecção concernentes à sua amplitude inter-decil e inter-quartil, inclusive dos valores máximos e mínimos da actualidade de cada idioma. Impunha-se, pois, um estudo da inter-relação entre o idioma e as áreas; este estudo estatístico entre estas duas variáveis qualitativas servirá para uma melhor compreensão das distintas dimensões que compõem as referidas variáveis.

Na terceira etapa, procederemos à análise das áreas. O estudo detalhado das áreas torna-se, pois, indispensável para a quantificação das frequências e das percentagens de cada área que constitui a colecção de Filosofia da BUJPII. Estes dados quantitativos deverão, não obstante, ser sempre acompanhados de uma leitura qualitativa. Como se impunha, também, analisaremos conjuntamente a variável “datas” a variável “áreas”. De facto, é de todo o interesse para a organização interna da BUJPII analisar a actualidade de cada área. As compras dos diversos sectores da UCP deverão ter em conta os resultados desta metodologia —para que as compras dos professores incidam nas áreas menos actualizadas.

Para completar esta análise, inter-relacionaremos as variáveis quantitativas e qualitativas, este estudo estatístico é de extrema importância para obtermos conclusões sobre a dispersão dos dados. Particularmente, analisaremos a variável “áreas” em todas as suas dimensões para determinarmos a dispersão do seu intervalo inter-decil e inter-quartil, inclusive analisaremos os valores mínimos e os máximos desta variável.

Na quarta e última etapa, analisaremos todo o material existente na colecção. Como é óbvio, em primeiro lugar, mediremos as frequências do material existente na BUJPII (dicionários, enciclopédias e seriados). Esta quantificação deverá servir as necessidades dos leitores. Também elaboraremos tabelas cruzadas entre as variáveis qualitativas: “áreas” e “material”. Na verdade, com estudo cruzado entre as áreas e o material perceberemos quais são as frequências do material existente em cada área.

O estudo da dispersão estatística, nesta última etapa, impunha-se a elaboração de sínteses sobre a dispersão dos valores entre as variáveis acima descritas. Ou seja, analisamos a amplitude dos valores mínimos e máximos de cada dimensão, a mediana e o seu intervalo inter-decil e inter-quartil, inclusive a amplitude estatístico da colecção sob análise.

9.2. Análises dos dados do exame directo da colecção

No exame directo da colecção usamos, primeiramente, a técnica da observação e da descrição. Fizemos, então, uma observação directa da colecção de Filosofia para melhor descrever os dados a compõem. Além de mais, foi fundamental uma observação instrutiva sobre a colecção, para que os resultados obtidos permitissem a formação de um conjunto de conclusões quantitativas e qualitativas.

Os dados observados foram registados em tabelas de colheita de dados, criadas para os devidos efeitos (Anexo 2). Aqui foram sistematicamente registados uma série de dados que servirão para comprovar a viabilidade da colecção. Usamos, por outro lado, outras formas de investigações suplementares, tais como: o uso do catálogo on-line e o uso de estatísticas já elaboradas.

Devido à larga extensão da colecção, optaremos por uma amostragem aleatória simples. Depois, analisaremos a colecção com cinco variáveis pré-determinadas —“material” (dimensões: dicionários, enciclopédias, monografias e seriados); “conservação” (dimensões: bom, razoável e preservar); “idioma” (dimensões: português, castelhano, inglês, alemão, italiano e latim).

Como a colecção de Filosofia está classificada por CDU, por conseguinte, as suas cotas seguem quase na íntegra esta orientação. Partindo desta classificação, elegemos oito áreas representativas da colecção —a área Geral (é o acervo que se refere à Filosofia sem conteúdo

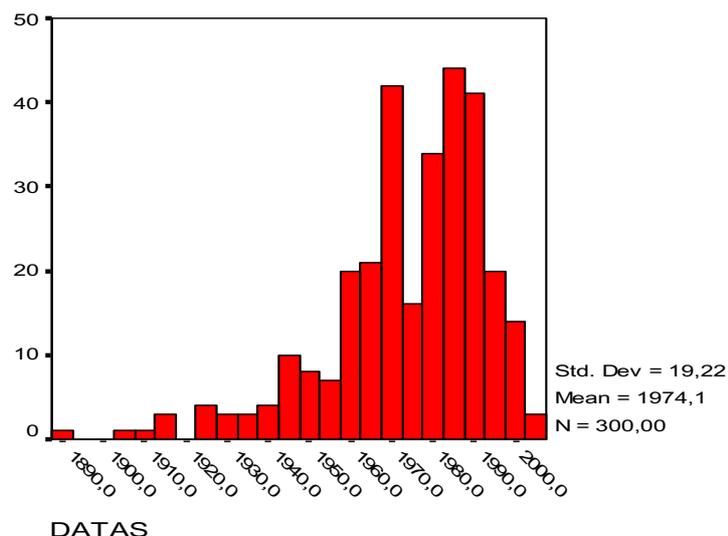
específico); a área Referência (são os documentos essenciais para a exploração da Filosofia); a área História Filosofia (são as resenhas históricas da Filosofia), a área Filósofos (são os livros de Filosofia dos filósofos ou dos seus comentadores que são classificados pelo nome do autor, por exemplo: 1 Hegel); a área Metafísica (inclui todos os tipos de ontologias e ocultismo); a área dos Sistemas filosóficos (são anotações sobre os pontos de vista da Filosofia); a área Epistemologia (são as Filosofia da ciência, Lógica e outros raciocínios sistemáticos) e a área da Ética (inclui a moral e os valores sociais, etc.).

9.2.1. Análise da conservação

Segundo alguns peritos (por exemplo, Lancaster, 1999), a análise da conservação da colecção é uma das tarefas mais importantes do exame directo da colecção. Na verdade, com o exame directo das estantes poder-se-á facilmente observar o estado de conservação dos documentos, inclusive, de outros factores que necessitem de uma observação participativa.

Mas no nosso entendimento, o estudo das frequências dos materiais é um dos factores chave para analisar a colecção, tanto ao nível da conservação como da quantificação do material existentes nas diversas áreas. Assim, o material analisado nas estantes da BUIPII foi contabilizado ao nível de frequências relativas assim: 1,3% de dicionários; 1,7% de enciclopédias; 66,7% de monografias e, finalmente, 30,3% de seriados. Na verdade, esta quantificação não nos surpreendeu já que as monografias são, efectivamente, a estrutura de qualquer colecção.

Gráfico 21
Histograma das datas do exame directo da colecção



O histograma do gráfico 21 apresenta um resumo das datas mais representativas da colecção de Filosofia. Porém, esta a variável apresenta os seus valores mínimos na data de 1892 e os seus máximos na data 2004, com um desvio padrão considerável de 19,22. Deste ponto de

vista, as datas mais significativas ao nível de frequências relativas na referida colecção são: 1969 (freq. 3,7%); 1970 (freq. 3,7%); 1984 (freq. 4%); 1986 (freq. 3,7%) e 1992 (freq. 4%). Em síntese, a média da colecção de Filosofia é de 1974.

A sublinhar que, as datas das listas modelo apresentam uma média de 1988 com valores mínimos em 1940 e valores máximos na data 2002. Por sua vez, a média da colecção Filosofia da BUJPII é inferior ao referido modelo em 14 anos, ou seja, a média do acervo documental é de 1974. Poderemos dizer que, a diferença dos resultados entre os dois métodos é de uma década e meia, o que nos parece bastante significativo. Esta disparidade da média indica-nos, a priori, a existência de uma colecção pouco actualizada.

Se a média da colecção de Filosofia é baixa coloca-se, então, a questão: qual será o nível de conservação da colecção?

Tabela 31
Análise das frequências da conservação

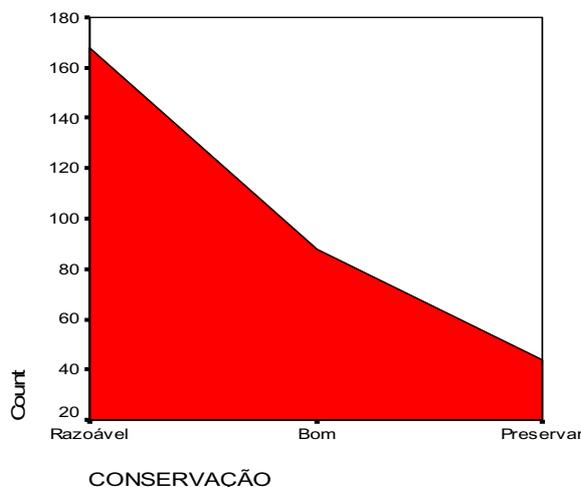
	Frequência	Percent	Percent Valid	Percent acumulativa
Valid Razoável	168	56,0	56,0	56,0
Bom	88	29,3	29,3	85,3
Preservar	44	14,7	14,7	100,0
Total	300	100,0	100,0	

A tabela 31 apresenta-nos as três possíveis dimensões que elegemos para a variável “conservação” na colecção de Filosofia (“razoável”, “bom” e “preservar”). Assim, apesar da sua média ser 1974, a colecção ostente um estado de conservação razoável —com uma frequência absoluta de 168 casos registados.

Apresenta, todavia, a frequência absoluta de 88 casos de boa conservação. Assim, estas duas dimensões referidas apresentam uma frequência relativa acumulativa de 85,3%, o que nos parece bastante positivo ao nível da conservação —mais de metade da colecção está bem preservada.

Não menos significativa é a frequência relativa do índice de preservação que a colecção deverá sofrer. Cerca de 14,7% da colecção deve sujeitar-se a uma intervenção de preservação. Para melhor se entender a variável “conservação” passaremos à sua representação gráfica.

Gráfico 22
Estado da conservação da colecção



Em termos quantitativos, pelo que foi observado directamente nas estantes, são diversas as razões pelas quais o fundo documental de Filosofia deverá preservar-se. Os motivos mais comuns são: capas rasgadas, cotas descoladas e pouco visíveis, folhas soltas, mau estado geral e alguns livros descolados (ver as observações do Anexo 2). Enfim, uma colecção com tão baixa média é mais do que evidente que existe uma frequência absoluta de 44 casos observáveis para preservação.

Dedicaremos, então, especial atenção à análise da conservação da colecção de Filosofia. Ou melhor, tentaremos compreender a relação entre a variável “conservação” e as suas médias apresentadas. Em síntese, iremos analisar se são os livros mais antigos ou os mais usados que necessitam de maiores cuidados de preservação.

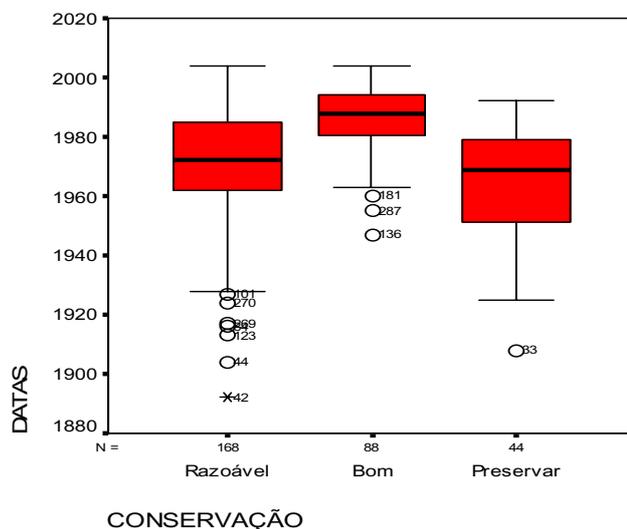
Tabela 32
Informação da VD datas e da VI conservação

DATAS			
CONSERVAÇÃO	Média	N	Std. Desvio
Razoável	1970	168	19,570
Bom	1985	88	11,417
Preservar	1964	44	19,770
Total	1974	300	19,216

Em relação à pergunta acima colocada, a tabela 32 apresenta uma resposta clássica. Ou seja, quanto mais antigos são os livros mais necessitam de preservação. Vejamos, a média do acervo que necessita de preservação é de 1964, por outro lado, o acervo que se encontra em bom estado é o que apresenta uma média mais alta, cerca de 1985. A colecção razoável é a que apresenta maior frequência e uma média intermédia —média de 1970 e frequência absoluta de 168 casos.

Para melhor compreender esta situação da conservação, iremos analisar o gráfico 23, este dar-nos-á sólidos resultados sobre a inter-relação do estado de conservação da BUJPII e as respectivas datas. Deste ponto de vista, saberemos mais amiúde se a preservação da colecção de Filosofia está relacionada com a sua idade ou com o seu uso.

Gráfico 23
Inter-relação entre as datas e a conservação



A dimensão “razoável” é a que detém a mais alta frequência absoluta (freq. 168), apresentado os seus valores mínimos em 1892 e os seus máximos em 2004. A sua média é 1970 e 25% dos seus valores são inferiores a 1962, a sua mediana (50% dos valores desta dimensão) é inferior à data de 1972 e 75% das datas são inferiores a 1985.

A dimensão “bom” apresenta uma média mais alta do que a dimensão anterior, cerca de 1980. Ou melhor, 25% dos seus valores são inferiores à data de 1980 e 75% dos seus valores são inferiores a 1994. Em síntese, todos os dados nesta dimensão são mais actuais que na dimensão “razoável”.

Como previsto, os documentos da colecção que deverão preservar-se são os que apresentam as médias mais baixas, vejamos: a média da dimensão “preservar” é de 1964, onde 25% dos dados são inferiores a 1950, 75% dos dados são inferiores a 1979 e a sua mediana é 1969.

Em síntese, como verificamos através da análise das três dimensões, o estado bom da colecção é o que apresenta uma média (1980) e uma mediana (1988) mais actual. Seguidamente de uma forma decrescente, a dimensão “razoável” é a que apresenta os seus valores mais baixos: a média é 1970 a mediana 1972. Por sua vez, as obras que necessitam de preservação têm uma média de 1964 e uma mediana de 1969.

Em conclusão, estamos perante uma forma clássica de preservação —quanto mais baixas são as médias mais necessidade haverá de preservar a colecção. Interessa-nos, então, saber quais são as áreas que mais necessidades apresentam de preservação, ou seja, quais são as áreas que apresentam médias mais baixas.

Tabela 33
Tabela cruzada do exame directo da colecção: áreas * conservação

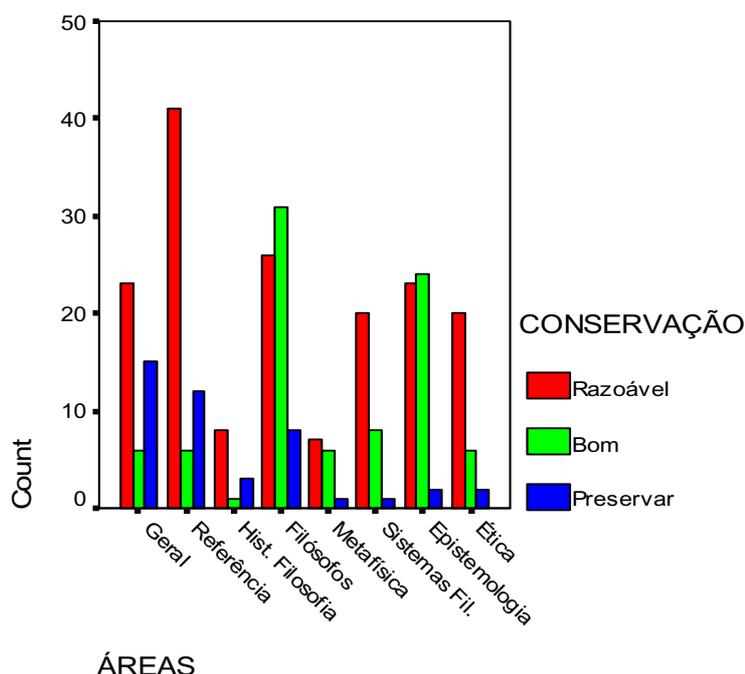
Count	CONSERVAÇÃO			Total
	Razoável	Bom	Preservar	
ÁREAS General	23	6	15	44
Referência	41	6	12	59
Hist. Filosofia	8	1	3	12
Filósofos	26	31	8	65
Metafísica	7	6	1	14
Sistemas Fil.	20	8	1	29
Epistemologia	23	24	2	49
Ética	20	6	2	28
Total	168	88	44	300

Como demonstra a tabela 33, as áreas que necessitam de maior preservação são, indubitavelmente, a área Geral (freq. 15); a área Referência (Freq. 12) e a área Filósofos (freq. 8). São, na verdade, estas as áreas que apresentam uma mediana mais baixa em relação às outras áreas da colecção.

A área com a conservação razoável tem uma distribuição uniforme em todas as suas dimensões, não obstante, a áreas Referência e a Geral são as que apresentam um razoável estado de conservação, inclusive, a área dos Filósofos apresenta a sua mais alta frequência absoluta (freq. 31) no seu estado bom de conservação. Aparentemente, poderá parecer-nos uma contradição mas com uma rápida análise ao Anexo 2, verificamos que estas são as áreas que sofreram mais intervenções (encadernações ou outro tipo de restauros).

Para saber quais são as áreas que necessitam de maior preservação, o que será desejável para uma intervenção mais fácil do pessoal da biblioteca, devemos analisar o gráfico 24.

Gráfico 24
Áreas e conservação



Numa rápida análise ao gráfico 24 e à tabela 33 verificamos que as áreas que mais necessitam de intervenção são as mais usadas —34% da área Geral e 20% da área da Referência. Estes dados empíricos são visíveis em qualquer sistema browsing. Por sua vez, a área dos Filósofos é a terceira área que mais cuidados de intervenção necessita, cerca de 12%.

As áreas com menor número de títulos, na verdade, têm maior probabilidade de apresentar frequências mais altas de preservação. Como é o caso da área Geral, da área de Referência e a da área dos Filósofos. Deste ponto de vista, quanto mais extensa for a colecção maior será a probabilidade de encontrar livros “mal estimados”.

Em concomitância com este princípio básico, como verificamos no gráfico 24, as áreas que apresentam médias mais baixas são as que necessitam de maior intervenção. Assim, a área Geral apresenta valores mínimos em 1885, com um intervalo inter-quartil entre 1995 e 1985. De facto, a área da Referência e a área dos Filósofos, também apresentam medianas muito baixas e os seus valores mínimos vão desde 1910 (Filósofos) até 1915 (Sistema filosóficos).

Deste ponto de vista, quanto menores forem as medias/medianas menor será a necessidade de preservação da colecção. Aliado a este problema, temos que considerar a falta de profissionalismo ou de certos cuidados de preservação do acervo por parte do pessoal da biblioteca (no Anexo 2, nas observações, este problema está bem documentado). Assim, existem certos cuidados de rotina a ter em conta na BUIPII para a preservação do acervo, como por exemplo, não direccionar as luzes directamente para os livros, não usar tapetes,

fazer formação de leitores, não usar estantes com altura de 2.28 cm já que estas dificultam a sua deslocação e arrumação das obras.

Não obstante, este tipo de preservação é muito fácil de executar e poderá ser levada a cabo pelo pessoal da biblioteca. Além de mais, este problema é muito próprio de uma colecção envelhecida pelo uso. Mas, existem outros tipos de problemas que poderão ser evitados para uma boa gestão da colecção. Referimo-nos, especialmente, às estantes demasiado apertadas da área da Referência. No entanto, existem outras estantes quase vazias —porque é que se sobrecarregam umas estantes ficando outras vazias? Não nos poderemos esquecer que, as estantes demasiado cheias são um passo para uma má preservação do acervo documental.

Muitas vezes também nos deparamos com livros sublinhados a esferográfica. A pergunta coloca-se: não haverá formação de leitores ou estes não poderão ser devidamente controlados? Estamos convictos de que estes problemas são de difícil resolução, porém, poderão pôr-se em prática algumas campanhas de sensibilização para que os leitores se respeitem, respeitando a biblioteca —a sensibilização dos leitores, por certo, não solucionará o problema mas poderá minimizá-lo.

9.2.2. Análise dos idiomas

Através das frequências da variável “conservação” observa-se um certo cuidado com a preservação da colecção de Filosofia. No entanto, a variável “idioma” apresenta frequências inesperadas, dito de outro modo, os dados analisados no exame directo da colecção não são concomitantes com a metodologia listas controlo.

Nesta análise teremos sempre presente os resultados da metodologia anteriormente citada, assim, poderemos proceder à comparação entre os idiomas propostos pelas listas modelo e os existentes na colecção. Só deste ponto de vista, poderemos avaliar a colecção de uma forma holística (mais tarde analisaremos os idiomas procedentes das três metodologias).

Tabela 34
Análise das frequências dos idiomas

	Frequência	Percent	Percent Valid	Percent Acumulativa
Valid Português	52	17,3	17,3	17,3
Castelhano	41	13,7	13,7	31,0
Inglês	54	18,0	18,0	49,0
Francês	91	30,3	30,3	79,3
Alemão	37	12,3	12,3	91,7
Italiano	19	6,3	6,3	98,0
Latim	6	2,0	2,0	100,0
Total	300	100,0	100,0	

A tabela 34 apresenta os resultados da variável “idioma”. A frequência mais alta é, sem dúvida, a da língua francesa. O que, a priori, seria inesperado se atendermos à análise das listas de controlo (ver gráfico 19). Nestas, o idioma inglês domina todas as frequências, apresentando uma frequência absoluta de 168 casos neste idioma e, por sua vez, no exame directo da colecção só apresenta uma frequência de 54.

O português e o castelhano apresentam uma frequência alta em relação às listas de controlo. Porém, o português é o idioma materno e o idioma castelhano foi sempre considerado como uma das línguas mais desejáveis nas nossas bibliotecas —existe uma forte aproximação lexical e cultural entre as duas línguas.

Não obstante, quando comparamos os resultados dos dois métodos, numa atitude de triangulação metodológica, interrogamo-nos: porque existe um desvio tão acentuado entre os resultados das duas metodologias na variável idioma? Nas listas de controlo, a frequência absoluta da dimensão português e castelhano é de 18. Por sua vez, no exame directo da colecção a frequência absoluta da dimensão português é de 52 e o castelhano de 41.

O mais enigmático é, de facto, a subida de frequências dos dois referidos idiomas e a descida do idioma inglês, assim como o aparecimento do idioma latim na colecção. Na verdade, existem alguns factores que podem provocar esta aparente disparidade de frequências:

1. São metodologias diferentes;
2. As listas de controlo têm como objectivo quantificar as existências e não tanto a actualidade da colecção;
3. No método listas controlo as análises são generalistas;
4. No exame directo da colecção existe uma análise empírica e directa da colecção;
5. Esta última metodologia é um exame a toda a colecção, e
6. A análise directa da colecção, apesar de ser uma metodologia quantitativa, tem uma atitude mais qualitativa de que as listas de controlo.

Em síntese, as listas controlo partem de uma experiência a priori da colecção —o que a biblioteca deverá ter. Enquanto no exame directo da colecção parte da experiência a posteriori e na observação directa da colecção, do catálogo on-line e das estantes. Mesmo assim, poderemos concluir com esta aproximação metodológica que a língua portuguesa e a língua castelhana apresentam uma frequência muito similar na colecção da biblioteca da UCP. Porém, o inglês e o francês são línguas mais fortes na dita colecção.

De facto, também interessa para o nosso estudo a comparação das médias entre as variáveis “datas” e “idioma”. Assim, poderemos analisar as médias em cada idioma e o seu estado de desvio padrão. Este tipo de análise é fundamental para a tomada de medidas nos serviços de selecção e aquisição da BUJPII.

Tabela 35
Informação da VD datas e da VI idioma

DATAS

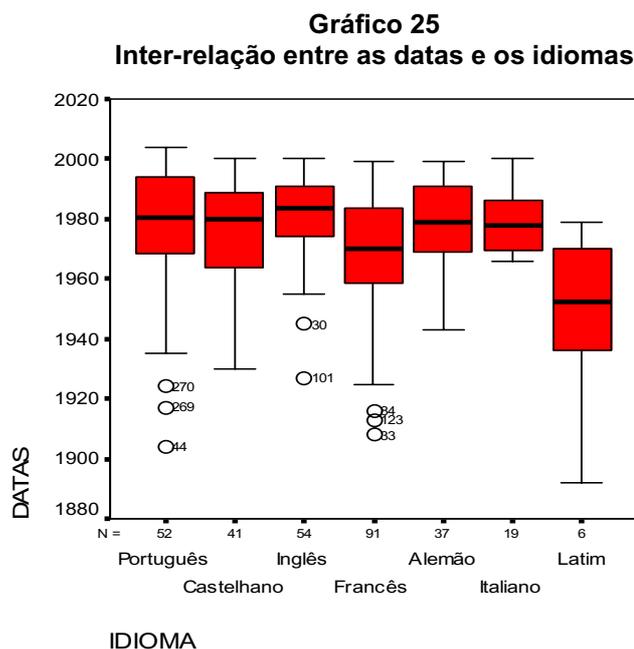
IDIOMA	Média	N	Std. Desvio
Português	1976	52	22,614
Castelhano	1975	41	18,735
Inglês	1981	54	13,430
Francês	1967	91	19,709
Alemão	1978	37	13,241
Italiano	1979	19	10,767
Latim	1947	6	30,867
Total	1974	300	19,216

A tabela 35 descreve as médias das datas dos idiomas que constituem a colecção de Filosofia, bem como as suas frequências e desvio padrão. Na verdade, todas as médias são relativamente baixas, situam-se quase todas na década de setenta. Ou seja, a média geral da colecção é de 1974, com um desvio padrão de 19,216.

Correlativamente, o latim é o idioma que menor frequência absoluta apresenta (freq. 6); é também o idioma que tem a média mais baixa —cerca de 1947. A média mais actual é a do idioma inglês, não obstante, não é a dimensão com maior nível de frequências. Com mais frequências temos a língua francesa (freq. 91) e, conseqüentemente, com uma média de 1967.

O idioma português e o castelhano apresenta uma frequência e uma média muito similar, respectivamente, 1976 e 1975. Não obstante, o desvio padrão é superior no idioma português —cerca de 22,614. Como já fizemos referência no histograma do gráfico 21, em geral, as datas apresentam o seu valor máximo na data de 2004 e o mínimo na data de 1892, sendo a sua mediana 1974.

Para se compreender quais os limites e as médias de cada idioma analisamos o gráfico 25.



Como sabemos, os idiomas que apresentam as maiores frequências são o francês e o inglês. O idioma francês apresenta uma amplitude de 91 anos —apresentando valores mínimos em 1908 e máximos em 1999. Por sua vez a média é de 1967 e a mediana de 1970— a distribuição da amostra é dissimétrica, assim, a média e a mediana estão muito próximas. O idioma inglês tem uma amplitude de 73 anos, apresentando os valores mínimos em 1927 e os seus valores máximos em 2000. A média deste último idioma é de 1982 e a mediana 1983.

Sendo mais analíticos, o idioma francês no acervo documental da BUJPII apresenta 75% das datas inferiores a 1983, 50% das datas são inferiores a 1970 e 25% das datas inferiores a 1955. Apesar do idioma francês apresentar uma amplitude maior do que a do idioma inglês, a sua média é mais baixa —cerca de 1967. Por sua vez, na língua inglesa o intervalo inter-decil é mais actual —1955/2001. Assim, o seu decil inferior apresenta uma data digna de um arquivo, estamos-nos a referir à política de doações não estruturada da BUJPII.

Outras das duas dimensões analisadas são o idioma português e o castelhano; ambas são muito homogêneas na colecção de Filosofia, com frequências absolutas muito similares (português, 52 e o castelhano, 41) e, inclusive as suas médias (português, 1976 e o castelhano, 1975). Apesar de haver uma ligeira diferença entre os intervalos inter-decil e inter-quartil nos dois idiomas, ambos apresentam 50% das suas datas inferiores a 1980. Teremos todavia que considerar uma diferença no primeiro e terceiro quartis nos dois idiomas; o idioma português no primeiro quartil apresenta os seus dados inferiores a 1968 e, por sua vez, no terceiro quartil 70% das datas são inferiores a 1994. No idioma castelhano, 25% das datas são inferiores a 1964 e 75% das datas são inferiores a 1989.

Estamos certos de que o idioma português e o castelhano são fruto de doações (normalmente uma biblioteca universitária não tem esta vocação). Existe, certamente, a necessidade de uma selecção negativa nestes dois idiomas. O caso mais paradigmático deste procedimento é, sem dúvida, o idioma latim na colecção com valores mínimos que vão até à data de 1892.

De uma forma geral, poderemos dizer que a média dos idiomas das datas na colecção é de 1974, considerando que 25% dos valores são inferiores a 1965, 50% dos valores são inferiores à data de 1978 e 75% dos valores são inferiores a 1988. Por sua vez, na tabela 36, analisaremos as variáveis “áreas” e “idioma” para se identificarem quais e quantos são os idiomas presentes em cada área.

Tabela 36
Tabela cruzada do exame directo da colecção: áreas * idioma

Count		IDIOMA						Total	
		Português	Castelhano	Inglês	Francês	Alemão	Italiano		Latim
ÁREAS	Geral	11	6	7	10	6	2	2	44
	Referência	2	6	4	35	6	3	3	59
	Hist. Filosofia	4	1	4	2	0	1	0	12
	Filósofos	8	11	11	22	8	4	1	65
	Metafísica	3	1	1	3	4	2	0	14
	Sistemas Fil.	6	5	4	9	5	0	0	29
	Epistemologia	12	3	19	5	8	2	0	49
	Ética	6	8	4	5	0	5	0	28
Total		52	41	54	91	37	19	6	300

Como analisámos anteriormente, a língua francesa e inglesa são as dominantes na colecção. Estes idiomas predominam em todas as áreas? Outras perguntas similares poderiam ser colocadas, como por exemplo, se o idioma português e o castelhano enquanto segundas forças da colecção, fazem parte de alguma área em particular ou estão difundidos na colecção?

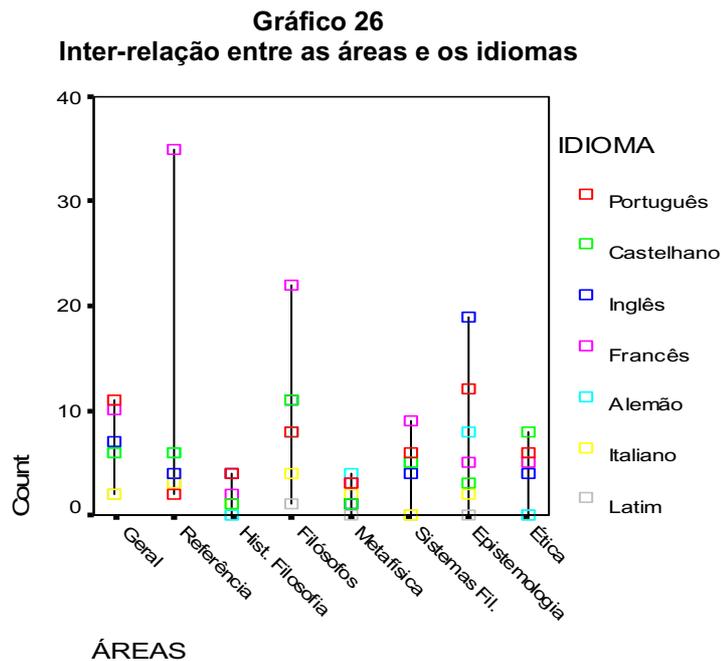
São estas, grosso modo, as perguntas essenciais que poderão ajudar-nos de um modo mais profundo a analisar a colecção. Assim, o idioma francês domina a área de Referência, com cerca de 59 casos registados, e a área dos Filósofos com uma frequência absoluta de 22 casos.

Por sua vez, o idioma inglês domina as áreas da Epistemologia —19 casos verificados. Outra área onde este idioma apresenta valores relativamente altos é na área dos Filósofos, com uma frequência de 11 casos.

O idioma português e o castelhano, também dominam algumas áreas, ainda que não estejam dispersos por toda a colecção, como seria desejável. Desta forma o idioma português é o mais

representativo na área Geral, com uma frequência absoluta de 11. Na Epistemologia este idioma é a segunda força representativa, com 12 casos. O idioma castelhano encontra-se representado ao lado da língua inglesa na área dos Filósofos, com uma frequência de 11. Na área da Ética é a língua castelhana que melhor está representada com 8 casos subscritos.

Se pretendermos uma mais análise geral, baseada na representação gráfica, das variáveis “idioma” e “áreas”, para melhor compreender a distribuição dos idiomas nas diferentes áreas, poderemos representá-la através do seguinte gráfico.



Assim, poderemos verificar que o idioma francês domina quase todas as áreas, com a grande excepção da Ética, nesta o castelhano tem a sua superioridade. A língua portuguesa está representada em todas as áreas com a sua superioridade na área Geral. Na totalidade, o idioma português está representado com uma frequência absoluta de 52 casos verificáveis. Na verdade, para além desta análise, o que nos parece realmente é saber qual é a preferência linguística dos leitores (este estudo será realizado com a metodologia empréstimos domiciliários).

9.2.3. Análise das áreas

Agora iremos analisar a variável “áreas”. Este tipo de estudo põe-nos em contacto com as frequências absolutas e relativas e outro tipo de dispersão de valores da referida variável. De facto, esta análise servirá para a compreensão das frequências e da actualidade das áreas que constituem a colecção de Filosofia.

Tabela 37
Análise das frequências das áreas

		Frequência	Percent	Percent Valid	Percent Acumulativa
Valid	Geral	44	14,7	14,7	14,7
	Referência	59	19,7	19,7	34,3
	Hist. Filosofia	12	4,0	4,0	38,3
	Filósofos	65	21,7	21,7	60,0
	Metafísica	14	4,7	4,7	64,7
	Sistemas Fil.	29	9,7	9,7	74,3
	Epistemologia	49	16,3	16,3	90,7
	Ética	28	9,3	9,3	100,0
	Total	300	100,0	100,0	

Como já referimos, as oito áreas seleccionadas são, grosso modo, as mais representativas da colecção. A área de Referência está representada com uma frequência absoluta de 59, uma das mais altas —o que nos parece útil, já que esta biblioteca está directamente vocacionada para os leitores universitários. Por outro lado, a História da Filosofia também apresenta uma frequência absoluta significativa —12 casos registados.

Para além da área de Referência, as áreas que mais frequências apresentam são a área dos Filósofos (livros dos filósofos e seus comentadores), a área da Epistemologia e a área Geral. Se os escritos originais dos filósofos e da Filosofia da ciência estão bem representados — estas duas dimensões apresentam uma frequência relativa acumulativa de 38%). No entanto, parece-nos enigmático que a área Geral só apresenta uma frequência relativa de 14,7%.

Entende-se por área Geral o acervo de documentos que dão apoio directo à colecção. Então, a pergunta que se coloca é: o acervo geral deverá estar representado com maior frequência que a Metafísica e os Sistemas filosóficos, ou a classificação não é a mais adequada?

Em termos qualitativos, depois de uma atenta observação, verificamos que o que foi classificado como geral, grosso modo, são pontos de vista sobre diversos sistemas filosóficos. Assim, a extensa frequência da dimensão “Geral” deverá entender-se como parte da colecção total e não uma área específica. De facto, este será um dos pontos a considerar, não se deverá classificar certos documentos como pertencentes ao domínio geral, mas enquadrá-los em áreas mais específicas —desta forma a disparidade das áreas na BUJPII diminuiria.

Para melhor se entender as áreas da Filosofia desta organização, passaremos à análise das médias de cada área.

Tabela 38
Informação da VD datas e da VI áreas

DATAS

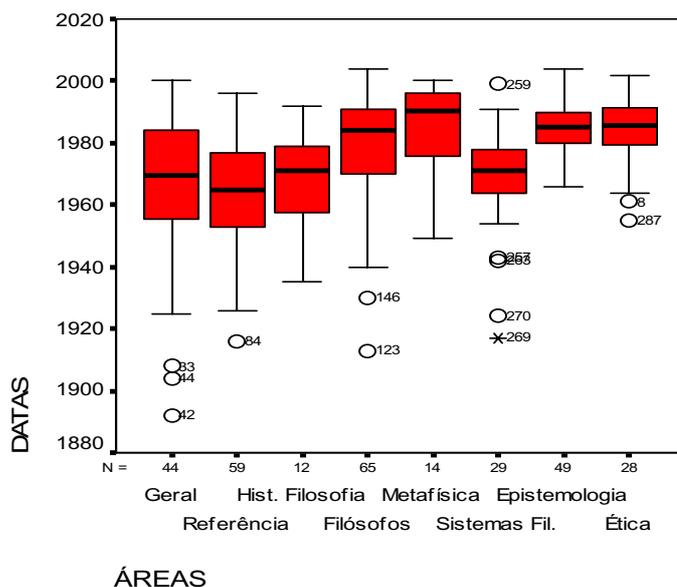
ÁREAS	Média	N	Std. Desvio
General	1965	44	25,450
Referência	1964	59	17,412
Hist. Filosofia	1967	12	16,830
Filósofos	1978	65	18,281
Metafísica	1984	14	14,902
Sistemas Fil.	1968	29	18,644
Epistemologia	1984	49	8,952
Ética	1983	28	12,028
Total	1974	300	19,216

A tabela 38 esclarece-nos quais são as áreas mais representativas da colecção. Geralmente, as que têm maior frequência são as que menor actualidade apresentam. Em termos quantitativos estes factos são compreensíveis, ou seja, quanto maior for a dispersão dos dados em cada área maior probabilidade haverá de estas apresentarem médias mais baixas. Mas, em termos qualitativos estas médias baixas são incompreensíveis já que, a priori, estas serão as áreas mais utilizadas pelos leitores.

Assim, é nítido que as áreas com mais frequências são as que necessitam de maior selecção negativa. Referir-mo-nos à área Geral, com uma média de 1965 e uma frequência absoluta de 44; a Referência com uma média de 1964 e com uma frequência absoluta de 59 e, ainda destacada, a área dos Filósofos com uma frequência absoluta de 65 e uma média de 1978. Existem outras áreas essenciais que apresentam médias muito baixas, como por exemplo, a área da Historia da Filosofia com uma média de 1967. Porém, a Epistemologia e a Ética apresentam as médias mais altas da colecção.

Para melhor se compreender esta a correlação entre as variáveis “datas” e “áreas” passamos à análise do gráfico 27.

Gráfico 27
Inter-relação entre as datas e as áreas



Como poderemos verificar neste boxplot anterior, a área Geral apresenta a sua mediana na data de 1969 e a sua média na data de 1965. Portanto, 50% das datas são inferiores a 1969 e os seus valores mínimos vão até à data de 1892. Assim, como poderemos verificar, no primeiro quartil 75% das datas desta área Geral são inferiores a 1984, 25% das datas são inferiores a 1955. O que se poderá concluir é que as aquisições nesta área são muito antigas e, simultaneamente, a sua classificação obedece a critérios que devem ser revistos.

A Referência é uma das áreas com mais frequências absolutas, esta apresenta uma mediana mais baixa do que a área Geral. A sua mediana é, pois, a data de 1965. Sendo mais precisos, 75% das datas são inferiores a 1977 e 50% das datas são inferiores a 1965 e 25% das datas são inferiores a 1953.

Outra área com uma frequência considerável (91 casos) é a área dos Filósofos que, no entanto, apresenta 50% dos seus valores inferiores a 1984 e 75% são ainda inferiores a 1991 e, por sua vez, 25% dos valores são inferiores à data de 1970. Nesta dimensão é ainda visível que o segundo e terceiro quartil apresentam a grande maior de concentração de dados registados. Dito de outro modo, entre o segundo e o terceiro quartil está representada a maior dispersão de dados.

Em síntese, as áreas examinadas com a metodologia exame directo da colecção apresentam os valores mais frequentes —moda— na data de 1984. Além de mais, os seus valores máximos vão até 2004 e os mínimos verificam-se na data de 1892. Por conseguinte, a sua a sua mediana é verificável na data de 1978, ou seja, 50% das datas são inferiores a esta data e 75% das datas são inferiores a 1988 e 25% dos casos registados são inferiores a 1965.

Na verdade, o problema poderá pôr-se deste modo, se a Universidade Católica tem 30 anos de existência, como poderá adquirir um acervo tão antigo, com valores mínimos das datas de publicação que vão até à data de 1885? A resposta é mais do que evidente, a BUJPII é uma forte adepta das aquisições doadas. Pode-se concluir que não existe uma política de doações estruturada, a par de uma política de classificação pouco uniformizada.

Deste ponto de vista, certamente haverá outras áreas que são fortemente afectadas por este tipo gestão, como por exemplo, a área de Referência, a área dos Filósofos e a área dos Sistemas filosóficos. Ou melhor, toda a colecção recebe doações, mas estas três últimas dimensões são as que apresentam valores mínimos mais baixos: a Referência (1916); os Sistemas filosóficos (1915) e os filósofos (1910).

Como afirma Kuhn (1997), a ciência está em progressivo desenvolvimento paradigmático, assim, a documentação ao nível da Lógica e da Epistemologia caduca progressivamente. Desta forma, atendendo a este epistemólogo, o acervo nestas áreas científicas deverá ser actualizado constantemente. No entanto, verifica-se que a mediana desta área é muito baixa —cerca de 1985. Além de mais, o decil inferior desta dimensão apresenta dados em 1996.

Surpreendente é ainda o facto da Metafísica, que é a especulação de índole ontológica, apresentar uma mediana superior à Filosofia da ciência. A sua mediana é 1990 e os seus valores vão desde 1966 até 2004; o que é manifestamente superior a qualquer outra área de especulação científica.

9.2.4. Análise dos materiais

Na análise do material existente, já efectuado, foi contemplada a colecção monográfica nas suas diferentes dimensões —dicionário, enciclopédia, monografia e seriado. Agora, procederemos à análise da dispersão dos valores nestas quatro dimensões da variável “material”.

Tabela 39
Análise das frequências dos materiais

		Frequência	Percent	Percent Valid	Percent Acumulativa
Valid	Dicionário	4	1,3	1,3	1,3
	Enciclopédia	5	1,7	1,7	3,0
	Monografia	200	66,7	66,7	69,7
	Seriado	91	30,3	30,3	100,0
	Total	300	100,0	100,0	

A priori, a distribuição do material na colecção de Filosofia parece-nos lógica, ou seja, o grosso do material da colecção são as monografias, os seriados, os dicionários e as enciclopédias.

Os dicionários e as enciclopédias têm, assim, uma frequência reduzida em relação a outro tipo de material. As monografias apresentam, então, uma frequência absoluta de 200 e os seriados de 91 casos. Assim, o material dito de referência, os dicionários e as enciclopédias, apresentam somente uma frequência relativa acumulativa de 3%.

Para melhor se compreender a distribuição da variável “material”, nas suas distintas dimensões, passaremos à análise da tabela 40.

Tabela 40
Tabela cruzada do exame directo da colecção: áreas * material

Count	MATERIAL				Total	
	Dicionário	Enciclopédia	Monografia	Seriado		
ÁREAS						
	Geral	0	0	23	21	44
	Referência	4	4	13	38	59
	Hist. Filosofia	0	1	5	6	12
	Filósofos	0	0	56	9	65
	Metafísica	0	0	13	1	14
	Sistemas Fil.	0	0	21	8	29
	Epistemologia	0	0	45	4	49
	Ética	0	0	24	4	28
Total		4	5	200	91	300

Como poderemos verificar na tabela 40, os dicionários e as enciclopédias só apresenta frequências nas áreas de Referência, ambos com uma frequência de 4 casos. Considerando ainda que os seriados apresentam uma frequência de 38 e as monografias uma frequência de 23 casos. Os materiais de referência são, na esmagadora maioria, publicações seriadas com conteúdos repartidos em vários volumes. As grandes maiorias das frequências dos seriados encontram-se na área Geral e de Referência.

As monografias apresentam a sua frequência mais alta na colecção de Filosofia, com uma frequência de 200. Por sua vez, os seriados são a segunda força com uma frequência absoluta de 91 casos registados. Por outro lado, o material de referência, os dicionários e as enciclopédias, têm uma frequência absoluta muito similar, 4 e 5, retrospectivamente.

Será ainda importante analisar as médias do material da colecção de Filosofia da BUJPII, assim, compreenderemos melhor a actualidade destes referidos materiais e, quiçá, a sua necessidade de descarte.

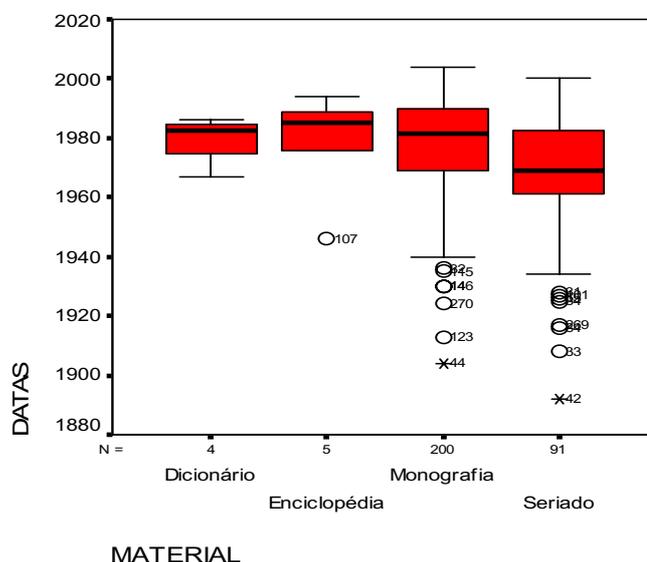
Tabela 41
Informação da VD datas e da VI material

DATAS			
MATERIAL	Média	N	Std. Desvio
Dicionário	1979	4	8,505
Enciclopédia	1978	5	19,066
Monografia	1976	200	17,683
Seriado	1967	91	21,273
Total	1974	300	19,216

Com os dados da tabela 41 poderemos concluir que os dicionários e as enciclopédias são os materiais com menores frequências, mas com as médias mais elevadas —1979 e 1978, respectivamente. Por outro lado, os seriados que são as publicações renováveis de uma biblioteca, não obstante, na BUJPII apresentam médias muito baixas, cerca de 1967 —deduz-se então que sejam aquisições não renováveis e, sobretudo, doações.

As monografias são, por assim dizer, o grosso de uma colecção e apresentam uma frequência absoluta de 200 com uma média de 1976, baixa portanto. Assim, para melhor compreendermos esta inter-relação entre as variáveis “datas” e “material” de uma forma mais profunda analisaremos a boxplot do gráfico 28.

Gráfico 28
Inter-relação entre as datas e os materiais



Efectivamente, os dicionários apresentam a sua mediana em 1982 e as enciclopédias em 1985. Assim, as datas dos dicionários são inferiores a 1982, onde 50% das datas das enciclopédias são inferiores a 1985. É de notar que, neste tipo de materiais, a dispersão dos seus valores está subscrita no segundo e terceiro quartil. Efectivamente, a dimensão “enciclopédias” apresenta os seus valores mínimos em 1967. Teremos que considerar que na dimensão “dicionários” 25% dos valores são inferiores a 1974 e 75% dos valores são inferiores a 1984. Por outro

lado, na dimensão “enciclopédias” 25% dos valores são inferiores a 1976 e 75% dos valores são inferiores a 1989.

Por sua vez, a dimensão “monografia” apresenta frequências superiores a todas as outras dimensões. Devido à sua alta frequência os valores vão desde 1904 até 2004. A sua média é de 1976 e a distribuição dos valores é a seguinte: 75% das suas datas são inferiores a 1990, 50% das datas são inferiores a 1981 e 25% das datas são inferiores a 1969.

A dimensão “seriados” é a segunda força da colecção que detém mais frequências; apresentado o segundo intervalo inter-decil mais amplo que qualquer outra dimensão —de 1925 até 2000. Por sua vez, a sua mediana é a que apresenta valores mais baixos —cerca de 1969. Além de mais, os seus valores mínimos vão até 1892. Assim, esta dimensão apresenta a sua dispersão concentrada entre o primeiro e segundo quartil. Dito de outro modo, 75% das datas são inferiores a 1982, 50% das datas são inferiores a 1969 e 25% das datas são inferiores a 1961. A sublinhar que os seus valores mínimos vão até de 1892, com uma média baixa, situada na data de 1967.

De um modo geral, a média da variável “material” apresenta uma média de 1974. A sua mediana está centrada na data de 1978, ou seja, 50% dos dados desta variável são inferiores à referida data. Além de mais, o intervalo mais frequente da distribuição é de 1984. Considerando ainda que o seu intervalo percentil vai desde 1965 até 1988. Ou seja, 25% das datas são inferiores a 1965, 50% das datas são inferiores a 1978 e 25% das datas são inferiores a 1988.

10. Estudos de circulação: empréstimos domiciliários

São várias as metodologias de estudos de circulação disponíveis para a avaliação de colecções, no nosso estudo de caso optamos pelos empréstimos domiciliários. Esta opção, primeiramente, deve-se ao facto de outro tipo de análises de uso na BUJPII não terem aplicabilidade. Por outro lado, estas indagações são de extrema importância para o conhecimento das necessidades dos leitores.

Antes da aplicação teórica desta metodologia propriamente dita, explanaremos os seus contornos teóricos. Esta fase reveste-se de grande importância já que a sua aplicação metodológica tem que estar perfeitamente adaptada à missão da biblioteca —as variáveis seleccionadas deverão ser devidamente ponderadas. Assim, analisaremos os três grandes vectores desta metodologia: as áreas e os idiomas mais solicitados, assim como os meses com mais requisições. Estes referidos campos de estudo dar-nos-ão as preferências dos leitores, tanto ao nível das áreas como dos idiomas. Por outro lado, teremos acesso aos meses onde a circulação externa é mais intensa.

10.1. Análise teórica da metodologia

Similarmente ao método anterior, a selecção dos dados para este estudo foi efectuado através de amostragem aleatória simples. Este procedimento foi efectuado em células Excel e, por sua vez, seleccionamos as que terminavam em zero e cinco. Desta forma, num universo de 1000 livros emprestados ao domicílio no ano lectivo de 2004, elegemos uma amostragem de 250 indivíduos. Após a elaboração dos dados, verificamos que a variável “datas” apresenta um intervalo de confiança de 95%, as médias destas datas circunscreviam-se na amplitude de 1997/1982. Assim, o erro de amostragem máximo a considerar numa amostra de 250 indivíduos num universo total de 1000 é de 2,35.

Segundo as apuradas observações da Sr.^a D. Amélia Oliveira, do serviço de requisições da BUJPII, os livros que são requisitados para a leitura domiciliária, na sua esmagadora maioria, são os consultados na sala de leitura. Excepto as enciclopédias que por imposições institucionais só se destinam à consulta na sala. Quais a classe de razões que justificam esta a conduta dos leitores? A primeira razão a considerar é o facto de haver poucos lugares na sala de leitura; a segunda razão desta situação é de índole qualitativa, pois, os leitores necessitam de tempo para assimilarem os conteúdos dos seus estudos. Estes dois factos, por si, justificam que uma grande maioria dos leitores requisite os documentos que lêem na sala.

Deste ponto de vista, dentro dos vários estudos de circulação ao nosso alcance, elegemos a metodologia empréstimos domiciliários. Na verdade, os estudos de circulação são muito úteis para “tomar o pulso” a certas situações concretas. Assim, auscultaremos indirectamente os leitores através das suas solicitações. Além de mais, com as metodologias anteriores, ficaram algumas conclusões em suspenso que agora tentaremos colmatar com novos dados provenientes das opções dos leitores.

Os dados dos empréstimos domiciliários foram os únicos possíveis de recolher através do sistema informático, além de mais, a colheita destes dados da circulação na sala na BUJPII eram de difícil de realização —os livros são regularmente repostos nas estantes e usados constantemente por mais de um leitor.

No nosso estudo procederemos a uma análise detalhada entre algumas variáveis qualitativas, tais como, áreas, idioma, solicitude e datas. Estas quatro variáveis serão devidamente inter-relacionadas para que obtenhamos mais facilmente resultados desejáveis no nosso estudo. Assim, efectuaremos tabelas de comparação de meios, inclusive analisaremos vários gráficos para que melhor se compreender a dispersão dos dados das requisições do ano 2004 efectuados na colecção de Filosofia (os gráficos utilizados são: os histogramas, os boxplot e gráficos de sectores).

Assim, procederemos à análise dos empréstimos domiciliários em três etapas bem distintas que, por sua vez, serão analisadas numa triangulação metodológica, a saber:

1. Análise das áreas das requisições;
2. Análise dos idiomas mais solicitados, e
3. Meses e áreas mais requisitadas.

Numa primeira etapa, analisaremos as frequências das requisições das áreas da colecção de Filosofia da BUJPII. Esta análise estatística é, sem dúvida, o tipo de estudo mais habitual levado a cabo nas bibliotecas, para obtenção de dados quantitativos do índice de circulação da colecção, ou de determinadas áreas em particular. Para além deste facto, conheceremos quais são as áreas preferidas pelos leitores, através das suas frequências absolutas.

Seguidamente, analisaremos as datas das monografias mais solicitadas. Assim, daremos conta da actualidade dos livros requisitados pelos utentes —média das requisições. Para tal, mediremos a dispersão dos valores em todas as áreas requisitadas. De facto, teremos acesso a uma panóplia de dados que nos ajudarão a concluir qual é o intervalo inter-decil e inter-quartil, mediana, valores mínimos e máximos das solicitudes em cada área específica.

Na segunda etapa estudaremos os idiomas mais solicitados, deste ponto de vista, mediremos as frequências absolutas e relativas destes idiomas. Esta análise levar-nos-á a conclusões valiosas para a avaliação das preferências dos leitores da BUJPII. Com este estudo poderão ser tomadas medidas sobre as aquisições que contemplem as preferências e necessidades dos leitores. Para a análise dos idiomas mais solicitados, nesta biblioteca, analisaremos a respectiva dispersão dos dados da referida variável; assim poderemos concluir qual é o intervalo estatístico da actualidade das solicitações em cada idioma e, sobretudo, qual é a média dos idiomas mais solicitados. Desta forma, é possível determinar com exactidão a actualidade de cada idioma das preferências dos leitores.

As tabelas cruzadas são uma forma de estudo estatístico muito frequente nas variáveis qualitativas, nesta análise pretende-se um estudo qualitativo e quantitativo dos idiomas mais solicitados nas suas diferentes áreas. Então perguntaremos, haverá idiomas preferidos pelos leitores em cada área, por exemplo, no material de referência haverão idiomas preferidos? — com esta análise esboçaremos hipóteses credíveis sobre tal questão.

Numa última etapa, teremos acesso às áreas e aos meses mais solicitados. De facto com esta análise quantificaremos, em cada mês, as frequências das requisições. Acederemos, então, a uma preciosa ferramenta para a tomada de medidas na BUJPII, sobretudo na colecção de Filosofia. Pretende-se assim, um estudo da circulação dos artigos mais solicitados pelos leitores. Estaremos, assim, na posse de dados que nos permitem saber se os leitores da BUJPII utilizam artigos actualizados ou não. A análise desta preferência é, a priori, uma das formas de traçar o perfil colectivo dos leitores de Filosofia, o qual está por fazer.

Por último, será efectuado um estudo das frequências absolutas e relativas de cada mês e área. Deste ponto de vista, teremos acesso às áreas mais solicitadas, ou seja, às que são mais

desejadas pelos leitores —este estudo poderá certamente ajudar-nos a compreender quais são as áreas que necessitam de um reforço documental.

10.2. Análise dos empréstimos domiciliários

Com a metodologia de circulação externa de documentos —empréstimos domiciliários— propomo-nos compreender as preferências e as necessidades dos leitores. Qualquer tipo de estudo de circulação interna, na sala de leitura, é de difícil aplicação na BUJPII devido às suas políticas organizacionais. O objectivo principal deste estudo não é tanto a análise quantitativa do acervo de Filosofia requisitado. Ao revés, trabalharemos com variáveis quantitativas e qualitativas para a obtenção de soluções holísticas. Desta forma teremos acesso às áreas mais solicitadas; à actualidade dos documentos requisitados, aos idiomas mais requisitados, etc.

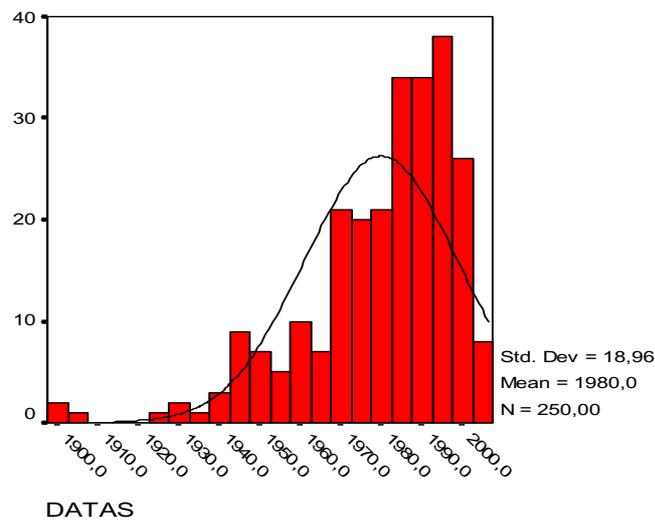
Analisaremos, quantitativamente e qualitativamente, os idiomas mais solicitados em cada área do conhecimento. Para além desta análise, determinaremos quais os meses com mais solicitações e em que áreas incidem essas requisições. Assim, elaborámos tabelas para a recolha de dados com quatro variáveis —“datas”, “idiomas”, “áreas” e “solicitudes” (dia/ano). Estas variáveis serão, então, uma forma de estudo para complementar as outras metodologias (ver Anexo 3).

10.2.1. Áreas das solicitações

É de todo o interesse para a BUJPII e para os seus leitores, o estudo das frequências das áreas mais requisitadas. Este estudo, cruzado com as frequências das oito áreas existentes na BUJPII, medirá a adequabilidade da colecção de Filosofia para os seus leitores. Além de mais, o estudo complementar sobre a actualidade de cada área solicitada, será certamente ser uma preciosa ferramenta para os gestores da BUJPII. Estes terão, certamente, nas suas mãos conclusões objectivas para reorganizarem a referida colecção.

Antes de qualquer tipo de estudo, passaremos à análise da média e do desvio padrão dos dados provenientes dos empréstimos domiciliários. O desvio padrão, como sabemos, é a medida comum de uma dispersão estatística, definida como a raiz quadrada da variância. Assim, como verificamos no gráfico 29, histograma de datas das solicitações, o desvio padrão é de 18,96 e a média dos dados é de 1980. Considerando, ainda, que o total da população inquirida é de 250 indivíduos.

Gráfico 29
Histograma das datas das solicitações



Através deste histograma verificamos que os utentes preferem documentos com uma média relativamente alta, cerca de 1980. As datas dos itens mais requisitados são, de uma forma decrescente em frequências relativas as seguintes: 1992 (freq. 6%); 1997, 1998, 1978 (freq. 4%) e 1996 (freq. 2,8%).

De uma forma geral, a dispersão dos valores poderá descrever-se assim: a moda é 1992, com uma variância de 359,476. Os seus valores mínimos estão subscritos na data de 1900 e os máximos em 2004. Além de mais, 25% das datas são inferiores a 1970, 50% das datas são inferiores a 1985 e 75% das datas são inferiores a 1985.

De facto, a colecção encontra-se com uma média distante dos dias actuais, aproximadamente cerca de três décadas. Evidentemente que as datas dos títulos requisitados terão que forçosamente reportar-se às datas existentes da colecção. Não obstante, as datas mais actuais são as preferidas pelos leitores. Para melhor compreendermos este facto, passaremos ao estudo das frequências das áreas mais requisitadas pelos leitores da BUJPII.

Tabela 42
Frequências das áreas das solicitações

ÁREAS		Frequência	Percent	Percent Valid	Percent Acumulativa
Valid	Filósofos	85	34,0	34,0	34,0
	Geral	18	7,2	7,2	41,2
	Referência	49	19,6	19,6	60,8
	Epistemologia	31	12,4	12,4	73,2
	Hist. Filosofia	8	3,2	3,2	76,4
	Metafísica	17	6,8	6,8	83,2
	Sistemas Fil.	9	3,6	3,6	86,8
	Ética	33	13,2	13,2	100,0
	Total	250	100,0	100,0	

Como facilmente verificamos na tabela 42, as áreas mais solicitadas da colecção de Filosofia são: a área dos Filósofos (freq. 85), a área da Referência (freq. 49), a área da Ética e a área da Epistemologia (freqs. 33 e 31, respectivamente). As áreas com mais apetência para as solicitações são, sem dúvida, a dos Filósofos com uma frequência relativa de 34% e a da Referência com uma frequência relativa de 19,6%.

Existe uma proporção qualitativa nítida entre as frequências das áreas da colecção e as suas solicitações. Vejamos, a área dos Filósofos é a mais solicitada com uma frequência relativa de 34%, por sua vez, no exame directo da colecção esta mesma área apresentava também a maior frequência —21,7% (ver tabela 37). Em termos qualitativos, ambas as dimensões dos dois métodos são a primeira força da colecção. Mas, em termos quantitativos existe um desequilíbrio entre a procura e a oferta.

Outro exemplo, a área da Ética é a terceira força em ambos os métodos analisados, ou seja, a dita área apresenta uma frequência relativa de 13,2% nas solicitações (empréstimos domiciliários) e quantitativamente está representada com a frequência relativa de 9,3% (exame directo da colecção). Mais uma vez, existe uma aproximação qualitativa e, por sua vez, um afastamento quantitativo que em termos percentuais é de 4%.

Nos Sistemas filosóficos existe uma distância tanto ao nível qualitativo como ao nível quantitativo, as requisições nesta área apresentam uns dos mais baixos índices da colecção, cerca de 3,6%. Por sua vez, é a quarta força da colecção com uma frequência relativa de 9,7%. Não obstante, a área da Referência é uma das mais solicitadas, com uma frequência relativa de 19,7% e a sua existência apresenta uma frequência relativa de 19,7%. Assim, verificamos que esta é uma das áreas que apresenta um equilíbrio maior entre as existências e os pedidos dos leitores.

Tabela 43
Informação da VD datas e da VI áreas

DATAS

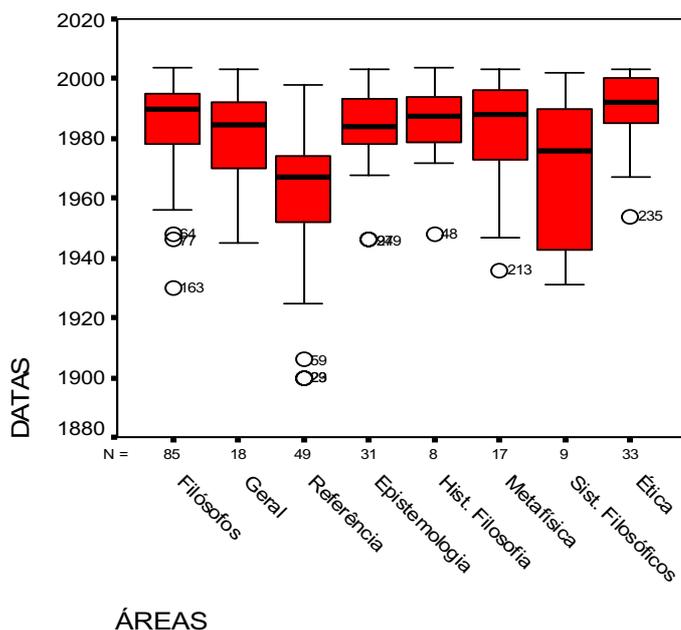
ÁREAS	Média	N	Std. Desvio
Filósofos	1985	85	14,104
Geral	1980	18	15,836
Referência	1962	49	21,435
Epistemologia	1983	31	13,628
Hist. Filosofia	1984	8	17,213
Metafísica	1983	17	18,927
Sist. Filosóficos	1966	9	26,319
Ética	1990	33	10,861
Total	1979	250	18,960

A área mais solicitada pelos leitores da BUJPII é, sem dúvida, a dos Filósofos com uma frequência absoluta de 85, para além disso apresenta uma média de 1985. A segunda força das preferências é a área da Referência com uma média muito baixa, cerca de 1962. Efectivamente, esta área na sua essência detém documentos intemporais que não perdem facilmente a sua actualidade, não obstante, a sua média é pouco actual. A terceira força nas requisições de documentos recai sobre a área da Ética, com uma média mais actual —cerca de 1990.

É de notar que, os Sistemas filosóficos são uma das áreas que apresenta frequências e médias mais baixas, a sua média é cerca de 1966. A posteriori, a Referência e os Sistemas filosóficos deveriam ter uma intervenção de descarte negativo —a primeira área devido à sua baixa solicitação e a segunda devido à sua alta requisição.

Se pretendermos uma representação gráfica da variável “datas”, para a melhor visualizarmos os seus dados, poderemos representá-la através do seguinte boxplot.

Gráfico 30
Inter-relação entre as datas e as áreas



A área dos Filósofos é, pois, a que apresenta a mais alta frequência absoluta (freq. 85) na colecção de Filosofia e, por conseguinte, apresentando uma média de 1895 com um desvio padrão de 14,104, com uma amplitude geral de 17 anos (1978/1995). Ou melhor, a dispersão dos dados desta dimensão é a seguintes: 25% das datas são inferiores a 1977, 50% das datas são inferiores a 1990 e, finalmente, 75% das datas são inferiores a 1995. A considerar ainda que a concentração dos valores na dimensão “Filósofos” é sobretudo no seu quartil inferior, de facto, os seus valores vão desde 1930 até 2004.

A área Geral, por sua vez, apresenta uma média de 1990, o que é significativamente inferior à dimensão anterior. Os valores máximos da dimensão “Geral” são datados em 2003 e os mínimos em 1945. Além de mais, 25% dos seus valores são inferiores a 1969, 50% dos seus valores são inferiores a 1984 e 75% dos seus valores são inferiores a 1992 (com um desvio padrão 15,836).

A Referência é a segunda força nas requisições na BUJPII, esta apresenta a seguinte dispersão de dados: uma amplitude de 98 anos, com valores mínimos em 1900 e máximos em 1998. A sua mediana é à data de 1967, ou seja, 50% dos valores desta dimensão são inferiores à última data, 75% das datas são inferiores a 1975 e 25% das datas são inferiores a 1951.

A Epistemologia apresenta uma média de 1983, com valores que vão desde 1946 até 2003, com um desvio padrão de 13,628. Então, a sua mediada é 1984 —estamos perante uma dispersão simétrica já que a média e a mediana estão muito próximas. Dito de outro modo, 25% dos seus valores são inferiores a 1978, 50% dos seus valores são inferiores a 1984 e 75% são inferiores a 1993.

A área da História da Filosofia e dos Sistemas filosóficos apresentam frequências absolutas muito similares (freq. 8 e 9, respectivamente). Na História da Filosofia 25% dos seus valores são inferiores a 1975, 50% dos seus valores são inferiores a 1987 e 75% dos seus valores são inferiores a 1995. Esta área apresenta valores mínimos à data de 1948 e os máximos à data de 2004. Por sua vez, os Sistemas filosóficos apresentam os seus valores mínimos à data de 1931 e os seus máximos à data de 2002. A dispersão dos dados desta última dimensão descreve-se assim: 25% dos valores são inferiores a 1942, 50% dos valores são inferiores a 1976 e 75% dos valores são inferiores a 1992.

A área da Metafísica apresenta uma média de 1983, esta é uma das dimensões mais actuais nas requisições, em que 50% dos seus valores são inferiores a 1988, 75% dos seus valores são inferiores a 1996 e 25% dos seus valores são inferiores a 1971. Por sua vez, a área da Ética apresenta uma média mais actual do que a dimensão anterior, cerca de 1990. Os seus valores máximos situam-se na data de 2003 e os valores mínimos na data de 1954. Apresentando, na verdade, uma amplitude de 49 anos. Desta forma, a dispersão dos dados é a seguinte, 25% das suas datas são inferiores a 1984, 50% das suas datas são inferiores a 1992 e 75% das suas datas são inferiores a 2000.

De uma forma geral, as requisições na colecção de Filosofia apresentam a seguinte dispersão de dados, os seus valores máximos estão datados em 2004 e os seus mínimos em 1900. A sua moda é 1992, desta forma 25% dos dados são inferiores a 1970, 50% dos dados são inferiores a 1985 e 75% dos dados são inferiores a 1994.

10.2.2. Idioma das solicitações

A análise dos idiomas das requisições é, sobretudo, um estudo que contempla os interesses dos leitores. Com esta análise teremos acesso às necessidades dos leitores no que diz respeito às suas preferências na colecção. Esta análise deverá servir para conhecer tais preferências e, ainda, as tendências da Filosofia nos dias de hoje —o que os professores sugerem aos seus alunos. Além de mais, estes resultados devem ser auscultados pelos bibliotecários da BUJPII, para supostas orientações nos seus serviços de aquisições.

Tabela 44
Frequências dos idiomas das solicitações

IDIOMA		Frequência	Percent	Percent Valid	Percent Acumulativa
Valid	Português	73	29,2	29,2	29,2
	Castelhano	21	8,4	8,4	37,6
	Francês	87	34,8	34,8	72,4
	Inglês	46	18,4	18,4	90,8
	Alemão	15	6,0	6,0	96,8
	Italiano	8	3,2	3,2	100,0
	Total	250	100,0	100,0	

Em termos quantitativos, os dados da tabela 44 são incontestáveis, não obstante, em termos qualitativos podemos sempre interrogar-nos: se a idioma francês apresenta a maior frequência na colecção, será este idioma é o mais requisitado? A resposta é negativa, os leitores preferem os idiomas que mais se adaptam às suas necessidades intelectuais.

De facto, no exame directo da colecção a língua francesa é a que mais alta frequência absoluta apresenta, cerca de 91 casos registados. Na teoria, a grande maioria das requisições deveria ser em língua francesa. Não obstante, a língua inglesa é a preferida pelos leitores —este idioma é o mais procurado, com uma frequência absoluta de 87 casos.

Outro caso digno da nossa atenção é o facto de no exame directo da colecção, a língua portuguesa ser a terceira força na colecção, com uma frequência de 17,3% (ver tabela 34). Por sua vez, nas requisições a língua portuguesa é a segunda força a considerar, muito similar à língua francesa, só 6,6% de frequência relativas separam os dois idiomas. Obviamente, as línguas maternas são as mais apetecíveis, não obstante, quando não existem estudos científicos no nosso idioma teremos que recorrer a outros que mais se adaptem às nossas necessidades. Na verdade, existem estudos científicos na língua portuguesa, a frequência absoluta desta dimensão assim o confirma (freq. 73).

O que nos parece também significativo é o facto do idioma castelhano baixar 50% entre as requisições e as existências na colecção. Dito de outro modo, na metodologia empréstimos domiciliários o idioma castelhano tem uma frequência absoluta de 21 casos e, por sua vez, no exame directo da colecção tem uma frequência absoluta de 41 casos.

O idioma alemão também manifesta esta tendência de descida, entre as requisições e as existências na colecção, baixando 50% nas requisições em relação à sua existência. Por outro lado o latim, é um dos idiomas que não apresenta qualquer tipo de frequências nas requisições —reforçando a nossa tese da necessidade de selecção negativa neste idioma.

De facto, nas variáveis “áreas” e “idioma” existe uma certa inadequação entre as solicitações e a colecção —esta distanciação é mensurável numa década e meia, o que nos dias actuais é bastante significativo.

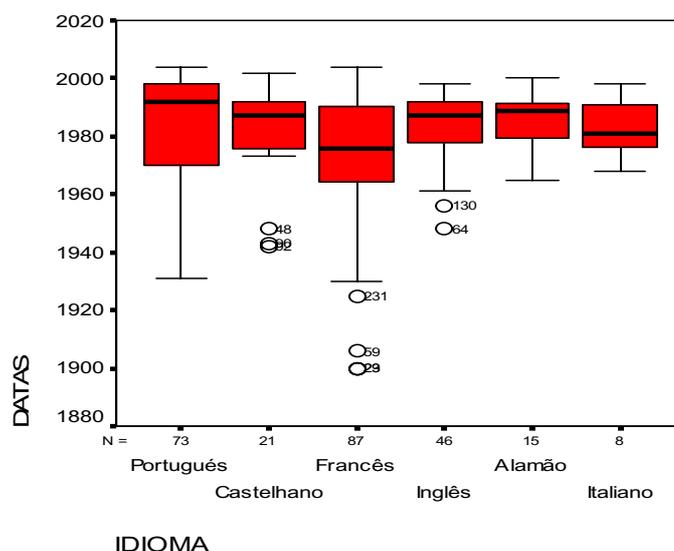
Tabela 45
Informação da VD datas e da VI idioma

DATAS			
IDIOMA	Média	N	Std. Desvio
Português	1983	73	19,236
Castelhano	1981	21	17,488
Francês	1973	87	22,190
Inglês	1984	46	11,460
Alemão	1985	15	9,927
Italiano	1982	8	10,232
Total	1979	250	18,960

Na tabela 45 poderemos analisar os idiomas mais requisitados no que diz respeito às suas médias. Esta comparação será muito útil para o nosso estudo, já que poderemos analisar quais são os idiomas mais solicitados consoantes as suas respectivas médias. Na verdade, o acervo solicitado pelos leitores da BUJPII apresenta uma relativa actualidade, quase todas as dimensões apresentam uma média final de 1979, verificando-se um desvio padrão de 18,960.

O idioma mais solicitado é o francês com uma média de 1973, seguido do idioma português com uma média de 1983. O idioma inglês, a terceira preferência dos leitores, apresenta uma média de 1984. Por outro lado, o idioma alemão é o que apresenta mais baixas frequências na colecção e, por outro lado, é o idioma que é requisitado com maior nível de actualidade, com uma média de 1985.

Gráfico 31
Inter-relação entre as datas e os idiomas



Os seis idiomas do gráfico 31 são os que os leitores da BUJPII preferem, como poderemos verificar, o idioma francês é o mais solicitado com uma frequência absoluta de 87 casos, seguidamente, o idioma português com uma frequência de 73 e o castelhano com uma frequência absoluta de 21.

De facto, com este gráfico poderemos determinar quais são as preferências dos leitores, não só em termos de quantidade como de actualidade. Como vimos, o francês é o idioma o preferido com uma média de 1973 e uma amplitude de 104 anos —os seus valores mínimos situam-se na data de 1900 e os seus máximos na data de 2004. A dispersão dos valores deste idioma é a seguinte: a mediana é 1976, ou seja, 50% das datas são inferiores a 1976 e 25% das datas são inferiores a 1970. Considerando ainda que a dispersão dos valores situa-se sobretudo no primeiro e segundo quartil, em 1991. Assim, 75% dos dados são inferiores a esta última data.

O idioma português é a segundo preferido, a sua média de preferência é de 1983, com uma amplitude de 73 anos —a suas datas vão desde 1931 até 2004. Além de mais, 25% das datas são inferiores a 1970, 50% das datas são inferiores a 1992 e 75% das datas são inferiores a 1998. Tal como no idioma castelhano, a concentração dos valores nesta dimensão estão subscritos no segundo e terceiro quartil.

Por sua vez, o idioma castelhano apresenta uma amplitude de 60 anos —de 1942 até 2002. A média desta dimensão é de 1981, desta forma a dispersão dos dados neste idioma é a seguinte: 25% das datas são inferiores a 1974, 50% são inferiores à data de 1993 —ainda que a maioria dos dados estejam subscritos no segundo e terceiro quartil.

O idioma inglês é a terceira força nas solicitações na colecção, apresentado uma amplitude de 50 anos, os seus valores mínimos são 1948 e os seus máximos 1998. Na verdade, 25% das suas datas são inferiores a 1978 e é, precisamente, nesta data que a grande maioria dos dados se concentram, 50% das suas datas respectivas datas são inferiores a 1978 e 75% das suas datas são inferiores a 1992.

O idioma alemão e italiano são os que apresentam menos solicitações. O primeiro idioma apresenta a sua média no ano de 1985, com uma amplitude de 35 anos —de 1965 até 2000. Além de mais, 25% dos valores são inferiores a 1978, 50% dos valores são inferiores a 1989 e 75% dos valores são inferiores a 1992. O idioma italiano, o idioma menos requisitado apresenta uma amplitude de 30 anos —de 1968 até 1998. A sua dispersão estatística poderá descrever-se assim: 25% dos dados são inferiores a 1975 e, é no primeiro e segundo decil que os dados se encontram subscritos. Ainda que, 50% das datas sejam inferiores a 1981 e 75% sejam inferiores à data de 1993.

Tabela 46
Tabela cruzada das solicitações: áreas * idioma

Count		ÁREAS								Total
		Filósofos	General	Referência	Epistemologia	Hist. Filosofia	Metafísica	Sistemas Fil.	Ética	
IDIOMA	Português	22	7	12	7	3	4	3	15	73
	Castelhano	4	3	2	1	2	2	5	2	21
	Francês	27	6	30	10	1	6	1	6	87
	Inglês	16	1	5	12	1	3	0	8	46
	Alemão	11	1	0	0	0	2	0	1	15
	Italiano	5	0	0	1	1	0	0	1	8
Total		85	18	49	31	8	17	9	33	250

As tabelas cruzadas são uma forma, por excelência, de correlacionar dados qualitativos. Com estas, poderemos lograr nos nossos estudos de avaliações acumulativas, como é o caso da intercepção das áreas com os idiomas. Assim, as áreas da coleção mais requisitadas em língua portuguesa são a dos Filósofos (freq. 22), a Ética (freq. 15) e a Referência (freq. 12). Na verdade, a língua portuguesa requisitada é a segunda força, com uma frequência absoluta de 73. Por sua vez, nas existências reais o mesmo idioma é a terceira força, com uma frequência absoluta de 52 casos.

A língua francesa, por sua vez, apresenta as suas frequências absolutas mais altas na área de Referência (freq. 30), dos Filósofos (freq. 27), da Epistemologia (freq. 10) e na área da Metafísica e da Ética, com uma frequência absoluta de 6 em exequo.

Na língua inglesa temos as seguintes áreas com mais frequências absolutas: os Filósofos (freq. 16), a Epistemologia (freq. 12) e a Ética (freq. 8). Por sua vez, a língua alemã apresenta a mais alta frequência absolutas na Ética e nos Filósofos, ambas as áreas com a mesma frequência absoluta, cerca de 11 casos cada. Inclusive, o idioma italiano também apresenta as suas frequências mais altas nas áreas dos Filósofos, com uma frequência de 5.

10.2.3. Meses e áreas com mais solicitações

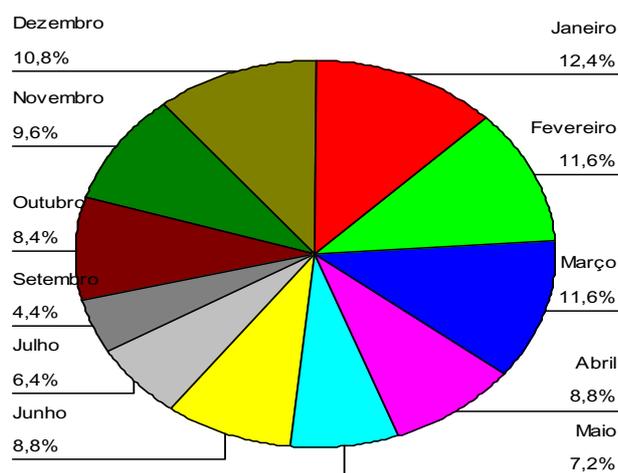
Perguntaremos, assim, quais são os meses e as áreas mais solicitadas e qual a actualidade das respectivas solicitações? Para responder a esta questão detenhamo-nos na tabela 47 que representa os meses com maior frequência nas requisições, estas são quase sempre efectuadas nos meses que antecedem os exames.

Tabela 47
Frequências das solicitações

SOLICITAÇÕES		Frequência	Percent	Percent Valid	Percent Acumulativa
Valid	Janeiro	31	12,4	12,4	12,4
	Fevereiro	29	11,6	11,6	24,0
	Março	29	11,6	11,6	35,6
	Abril	22	8,8	8,8	44,4
	Mai	18	7,2	7,2	51,6
	Junho	22	8,8	8,8	60,4
	Julho	16	6,4	6,4	66,8
	Setembro	11	4,4	4,4	71,2
	Outubro	21	8,4	8,4	79,6
	Novembro	24	9,6	9,6	89,2
	Dezembro	27	10,8	10,8	100,0
	Total	250	100,0	100,0	

Os meses com maiores frequências absolutas são Janeiro (freq. 31) Fevereiro e Março (freq. 29, cada), Novembro (freq. 24) e Dezembro (freq.27). Estes meses são, na sua esmagadora maioria, os que antecedem os exames ou mesmos os próprios meses dos exames. Não obstante, poderemos verificar que quase todos os meses, excepto no mês de Agosto que a biblioteca está fechada, existe uma dispersão de dados constante. Os únicos meses que apresentam menor frequências absolutas são o mês de Julho (freq. 16) e o de Setembro (freq. 11) —estes meses são períodos de férias escolares nas universidades portuguesas.

Gráfico 32
Meses mais solicitados



Como verificamos, existe um acréscimo de solicitações nos meses de Janeiro (freq. 12,4%), de Fevereiro (freq. 11,8%) e de Março (freq. 11,6%). Em termos quantitativos, estes três meses representam uma percentagem total de 35,6% de solicitações. Por sua vez, Novembro e

Dezembro são os meses com maior percentagem, o mês de Novembro apresenta uma percentagem de 9,6% e o mês de Dezembro 10,8%.

Fica demonstrado que, na verdade, os meses de Janeiro, Fevereiro, Março, Novembro e Dezembro são períodos em que é necessário um maior controlo das estantes, devido ao maior fluxo de circulação de material. Não obstante, todos os meses escolares apresentam uma frequência muito semelhante. Não nos poderemos esquecer que a BUJPII não serve só os alunos universitários como também os investigadores. Deste ponto de vista, justifica-se que todos os meses apresentem percentagens muito similares, com excepção dos meses de Junho e Agosto, ao nível das requisições.

Sabendo, então, quais são os meses mais solicitados, poderemos investigar a actualidade das solicitações. Para este efeito passaremos à análise da tabela 48.

Tabela 48
Informação da VD datas e da VI solicitações

DATAS			
SOLICITAÇÕES	Média	N	Std. Desvio
Janeiro	1980	31	18,926
Fevereiro	1976	29	22,820
Março	1986	29	15,484
Abril	1984	22	14,782
Mai	1979	18	16,518
Junho	1981	22	15,707
Julho	1982	16	12,237
Setembro	1979	11	26,983
Outubro	1972	21	24,693
Novembro	1978	24	19,726
Dezembro	1976	27	18,482
Total	1979	250	18,960

A tabela 48 é importante não tanto do ponto de vista das médias e dos meses mais solicitados mas, sobretudo, do ponto de vista da actualidade dos acervos documentais efectuados pelos leitores em cada mês escolar. As médias das datas mais actuais são, por conseguinte, solicitadas no mês de Março (média de 1986), de Abril (média de 1984), de Junho (média de 1982) e de Janeiro (média de 1980).

Assim, em forma de síntese, poderemos afirmar que a moda das solicitações na colecção de Filosofia é de 1979, com um desvio padrão de 18,960. A considerar que esta variável apresenta uma amplitude de 104 anos nas solicitações; os seus valores máximos estão centrados na data de 2004 e os mínimos na data de 1900. A dispersão dos dados inter-quartil descreve-se assim: 25% das datas são inferiores a 1970, 50% das datas são inferiores a 1985 e, finalmente, 75% das datas são inferiores a 1994.

De facto, já sabemos qual é a média, a moda e o intervalo inter-decil das solicitações feitas pelos leitores da BUJPII, não obstante, será de toda a utilidade saber ainda quais são as áreas mais solicitadas em cada mês do ano.

Tabela 49
Tabela cruzada das solicitações: meses * áreas

Count		ÁREAS								Total
		Filósofos	General	Referência	Epistemologia	Hist. Filosofia	Metafísica	Sist. Filosóficos	Ética	
SOLICITAÇÕES	Janeiro	15	0	4	4	2	1	1	4	31
	Fevereiro	7	4	9	2	0	1	0	6	29
	Março	10	1	5	3	0	3	1	6	29
	Abril	7	1	4	4	0	0	1	5	22
	Mai	4	2	3	2	1	4	2	0	18
	Junho	7	3	0	7	1	0	0	4	22
	Junho	3	4	3	1	2	1	1	1	16
	Setembro	5	0	1	1	0	1	1	2	11
	Outubro	8	2	5	2	1	1	1	1	21
	Novembro	9	1	8	3	1	2	0	0	24
	Dezembro	10	0	7	2	0	3	1	4	27
Total		85	18	49	31	8	17	9	33	250

A tabela 49 descreve tanto as frequências totais de cada mês como as frequências de cada área, inclusive a totalidade de cada mês e área. Assim, teremos acesso às áreas com mais solicitações —as mais desejáveis pelos leitores da BUJPII. Desta feita, os meses de Janeiro, Fevereiro e Março são os meses com mais frequências absolutas. Estes meses apresentam uma frequência relativa acumulativa de 24% (ver tabela 47). Ou seja 24% das solicitações são efectuadas nestes três meses. Em Janeiro as requisições são principalmente nas áreas dos Filósofos (freq. 15), na área de Referência, Epistemologia e Ética, ambas com uma frequência absoluta de 4.

Em Fevereiro, a área da Referência é uma das que detém mais requisições (freq. 9), seguidamente, a área dos Filósofos (freq. 7) e a área da Ética (freq. 6). Por sua vez, em Março, as áreas com mais requisições são a dos Filósofos (freq. 10), a Ética (freq. 6) e a Referência (freq. 5). Os meses de Novembro e de Dezembro são ainda períodos com altas frequências absolutas, O mês de Novembro apresenta os valores mais altos nas solicitações nas áreas dos Filósofos (freq. 9) e da Referência freq. 3). Por outro lado, o mês de Dezembro apresenta os respectivos valores mais altos nas seguintes áreas: Filosóficos (freq. 10), Referência (freq. 7) e a área da Ética (freq. 4).

11. Avaliação acumulativa

A análise acumulativa das três metodologias impunha-se, de forma a reagrupar todos os dados provenientes de cada metodologia (listas de controlo, exame directo da colecção e empréstimo domiciliários), esta intercepção metodológica é muito mais que um estudo formal. Ou melhor, a leitura em simultâneo de todos os dados, os oportunamente considerados, dar-nos-á uma perspectiva triangular (quantitativa e qualitativa) da colecção de Filosofia.

Muitas poderiam ser as micro análise levadas a cabo no nosso estudo, não obstante, somente apresentaremos as que melhor se adequam aos propósitos organizacionais da BUJPII. Na verdade, as leituras qualitativas têm que ser orientada de tal modo a que vão ao encontro dos objectivos do desenvolvimento das colecções.

Partindo deste suposto, este estudo acumulativo está dividido em cinco fases bem distintas que, por sua vez, reflectem os pontos fortes e as debilidades da colecção de Filosofia da BUJPII. Referir-mo-nos, nomeadamente, à quantificação das existências, idiomas e materiais (comparação da BUJPII com a BUC e a UPSA); ao grau de discrepância da colecção; às solicitudes e ao estado de conservação da referida colecção.

11.1. A BUJPII entre as bibliotecas universitárias

A comparação dos dados provenientes de várias bibliotecas, para melhor se compreender uma dada colecção em particular, é uma das formas mais tradicionais de avaliação. Como afirma Goldhor (1973), a comparação é uma das técnicas mais habituais de avaliação, sobretudo, através de dados quantitativos.

Ainda que esta técnica assente de algum modo em categorias quantitativas, desde logo, apresentou-se como essencial para a avaliação da colecção de Filosofia da BUJPII. Primeiramente, porque os estudos de bibliotecas universitárias em Portugal são quase inexistentes. Assim, esta análise comparativa é um modo de localizar a BUJPII entre as outras bibliotecas universitárias. Por outro lado, este tipo de comparação metodológica dar-nos-á dados fidedignos da colecção avaliada.

Este estudo é sempre efectuado comparativamente, tendo sempre como base a BUJPII, a BUC e a UPSA. Os moldes de comparação são os seguintes: a quantificação das existências, dos idiomas e dos duplicados; a actualidade da colecção no que diz respeito aos idiomas e materiais existentes. E, finalmente, compararemos a actualidade da colecção nas três referidas bibliotecas.

11.1.1. Quantificação das existências

Uma das vantagens reconhecidas do método listas de controlo é a verificação das existências da colecção —determinação das partes fortes e débeis da colecção. Para tal, este estudo deverá alargar-se a outras bibliotecas com a mesma missão, só assim, poderemos proceder a uma tripla comparação. Primeiramente, compara-se a colecção de Filosofia da BUJPII com as listas modelo e, seguidamente, os dados obtidos serão comparados com os respectivos dados da BUC e da UPSA.

Este triplo enfoque ajudar-nos-á a compreender a verdadeira quantificação das existências na BUJPII. Primeiramente, obtivemos dados quantitativos quando contrapusermos as listas modelo à colecção de Filosofia da BUJPII. Ou melhor, analisamos os dados em 4 dimensões: “existe”, “não existe”, “outro idioma” e “existe autor”. Seguidamente, quantificamos as mesmas 4 dimensões nas outras duas bibliotecas externas, estes são na sua essência os dados que servem de ferramenta de comparação.

Assim, apuraram-se os seguintes resultados quantitativos na BUJPII ao nível da variável “existenciais”, nas suas 4 dimensões previamente estabelecidas.

Tabela 50
Frequências relativas das existências na BUJPII

EXISTÊNCIAS		Percent
Valid	Existe	19
	Outro idioma	3,3
	Não existe	53,3
	Existe autor	24,3
	Total	100

A tabela 50 representa as frequências relativas dos dados obtidos da variável “existências” na BUJPII. Porém, para melhor compreendermos o que existe na realidade na BUJPII, deveremos ter em linha de conta a frequência relativa acumulativa das dimensões “existe” e “outro idioma”. Desta forma, temos uma frequência relativa acumulativa de 22,3% de casos existentes.

Por outro lado, existem autores que estão representados na BUJPII sem que a sua obra pesquisada existisse. Estes casos apresentam uma frequência relativa de 24,3%. De facto, as três dimensões, acima mencionadas, representam uma frequência relativa acumulativa de 46,6%. Em termos de avaliação quantitativa, foi esta a medida usada para a comparação com a frequência da dimensão “não existe”. Esta última dimensão apresenta na BUJPII uma frequência relativa de 53,3%, representando todos os casos de ausência total da monografia na colecção, tanto ao nível de traduções como ao nível do autor.

Tendo em conta só estes dados quantitativos da BUJPII, podemos afirmar que esta biblioteca apresenta coleção quase suficiente. Para melhor se compreender esta classificação deveremos compará-la com os dados quantitativos da variável “existências” da BUC e da UPSA.

A BUC apresenta valores quantitativos mais baixos que a BUJPII na referida variável no seu acervo de Filosofia.

Tabela 51
Frequências relativas das existências na BUC

EXISTÊNCIAS		Percent
Valid	Existe	9
	Outro idioma	4,7
	Não existe	60,3
	Existe autor	26
	Total	100

Assim, a BUJPII apresenta valores mais altos nas suas existências (dimensões “existe” + “outro idioma” + “existe autor”), com uma superioridade de 6,9%. Onde as não existências (dimensão “não existe”) na BUJPII têm uma frequência absoluta de 160 casos e na BUC uma frequência de 181. Em termos de comparação nacional, a BUJPII apresenta um índice de superioridade na sua coleção de Filosofia.

Para melhor se consolidar a classificação atribuída à BUJPII de quase suficiente, impõe-se a comparação dos seus dados com uma biblioteca estrangeira com uma missão idêntica à sua, referirmo-nos à Biblioteca Pontifícia de Salamanca.

Tabela 52
Frequências relativas das existências na UPSA

EXISTÊNCIAS		Percent
Valid	Existe	12
	Outro idioma	7
	Não existe	57,7
	Existe autor	23,3
	Total	100

A UPSA só se destaca na dimensão “outro idioma”, com uma superioridade de 3,7% em relação à BUJPII, ou seja, existe uma percentagem superior de traduções na UPSA. Não obstante, as existências (dimensões “existe” e “outro idioma”) na BUJPII são superiores cerca de 22,3% e na BUC cerca de 19%. Em termos gerais, a soma das três dimensões (“existe” + “outro idioma” + “existe”) a BUJPII apresenta uma frequência relativa acumulativa de 46,6% e a UPSA de 42,3%.

A superioridade da BUJPII mais uma vez é uma realidade verificável. Porém, a sua superioridade também é baixa na dimensão “não existe”, em relação à UPSA e à BUC. A BUC apresenta uma frequência absoluta de não existências de 183 —esta biblioteca é a que mais alta frequência apresenta nas não existências. Por sua vez, a UPSA apresenta uma frequência de 173, por outro lado, a biblioteca de Lisboa apresenta a mais baixa frequência absoluta na dimensão “não existe”, cerca de 160 casos não existentes.

De facto, a BUJPII apresenta uma colecção de Filosofia superior em relação às duas bibliotecas que serviram de elo de comparação, ainda que esta superioridade seja muito relativa. Deste ponto de vista, podemos afirmar que a colecção de Filosofia é quase suficiente, dizemos quase suficiente por que não chegou aos 50% de existências nas três dimensões analisadas.

Em síntese, a BUJPII nas três dimensões da variável “existências” apresenta uma frequência relativa acumulativa de 46,6%, a BUC apresenta nas mesmas três dimensões uma frequência de 39,7% e, finalmente, a UPSA detém 42,3%. Enfim, a biblioteca que mais se aproxima dos 50% é a BUJPII, faltando-lhe apenas 3,4%.

Em relação ao material existente na BUJPII, comparado com as listas modelo, esta biblioteca nas quatro dimensões analisadas (“monografias”, “dicionários”, “enciclopédias” e “seriados”) só apresenta um dicionário. Além de mais, as enciclopédias propostas pelas referidas listas modelo são inexistentes. As monografias (freq. 37 no idioma original + freq. 5 traduzidas) apresentam uma frequência total de 42. Efectivamente, esta frequência é muito baixa em relação às 113 não existentes. Por sua vez, os seriados (freq. 19 no idioma original + 5 traduzidos) apresentam uma frequência de 24, mas, a totalidade proposta pelas listas modelo é de 91, desta forma, a sua frequência também nos pareceu bastante baixa.

Em síntese, o que existe em relação ao que nos é proposto pelo modelo utilizado apresenta uma frequência de 67 (57 em idioma original + freq. 10 traduzidas). As não existências apresentam uma frequência de 160, o que nos parece manifestamente insuficiente na sua totalidade.

11.1.2. Quantificação dos idiomas

O estudo do idioma das existências é uma das análises mais importantes para a compreensão do conteúdo da colecção e, sobretudo, para ir ao encontro das necessidades dos leitores. Esta análise foi afectada em percentagens e por questões metodológicas, a variável “idioma” da tabela 53 só se refere à dimensão “existe” da variável “existências” do método listas de controlo.

Tabela 53
Percentagens de idiomas na BUJPII

IDIOMA		Percent BUJPII	Percent BUC	Percent UPSA
Valid	Português	17,5	18,5	5,6
	Castelhano	7	3,3	19,4
	Inglês	54,3	33,3	52,8
	Francês	12,3	29,6	11,1
	Alemão	8,8	14,8	11,1
	Total	100	100	100

Na verdade, na BUJPII não existe o idioma italiano e, por sua vez, o idioma inglês é o que mais frequência apresenta em todas as bibliotecas, inclusive na BUJPII. Este idioma apresenta uma percentagem de 54,3%. Isto quer dizer que mais de metade das existências da Biblioteca de Lisboa são em língua inglesa.

Como é óbvio, o idioma materno é a segunda força na colecção de Filosofia, com uma percentagem destacada dos outros idiomas existentes, cerca de 17,5%. Seguidamente, o idioma francês apresenta uma percentagem de 12,3% e o alemão de 8,8%. O que nos parece enigmático é o facto de o idioma castelhano só apresentar uma percentagem de 7%, este idioma costuma ser um dos substitutos do português.

A BUC é a biblioteca que menor frequências apresenta na totalidade das suas existências, o idioma inglês ainda que seja a primeira força na sua colecção de Filosofia (freq. 33,3%), este idioma é o que menos frequência apresenta em relação às outras bibliotecas avaliadas. A própria BUJPII apresente uma superioridade de 21,1% no idioma inglês em relação à BUC. Surpreendentemente, nesta última biblioteca o idioma francês é a sua segunda força; o idioma português apenas ocupa a terceira posição quantitativa na colecção. O idioma alemão ainda que esteja na mesma posição de ranking do português, na BUC apresenta uma percentagem superior de 6% em relação à BUJPII. Finalmente, o idioma castelhano é a última força nas duas bibliotecas, mas na BUC apresenta uma percentagem mais reduzida, cerca de 3,3%, ou seja, quase menos 50% que na BUJPII.

Efectivamente, o idioma inglês na UPSA é a primeira força da colecção, com uma percentagem de 52,8%, nas outras duas bibliotecas este idioma também é o dominante. O idioma materno da Biblioteca de Salamanca é a sua segundo força, tal como acontece com o idioma português na Biblioteca de Lisboa. A salientar que na UPSA o idioma castelhano, tem uma percentagem superior de 2,9% em relação ao idioma português na BUJPII. Assim, o idioma português na UPSA é o que apresenta menor percentagem, o idioma castelhano é, similarmente, na BUJPII também o que menor percentagem apresenta. Mas, na Biblioteca de Lisboa o castelhano apresenta maior percentagem (7%) do que o idioma português na UPSA (5,6%).

O idioma francês e alemão na UPSA ocupam o mesmo ranking, com uma percentagem de 11,1% cada um. Por sua vez, na BUJPII o idioma francês é a terceira força com uma percentagem mais alta do que na UPSA. O idioma alemão apresenta uma percentagem mais baixa na BUJPII, este é a quarta força e na UPSA é a terceira força quantificada.

11.1.3. Quantificação dos duplicados

Em termos gerais, apesar da discrepância verificada nos idiomas, teremos que considerar a existência de duplicados na colecção de Filosofia da BUJPII e nas outras bibliotecas que servem de comparação.

Tabela 54
Frequências dos duplicados

DUPLICADOS		Frequência BUJPII	Frequência BUC	Frequência UPSA
Idioma	Português	13	2	.
	Castelhano	.	1	17
	Inglês	4	8	1
	Francês	6	12	5
	Alemão	1	2	1
Total		24	25	24

A tabela 54 apresenta-nos as frequências absolutas dos duplicados existentes em cada biblioteca. Na verdade, como poderemos verificar todas as bibliotecas analisadas apresentam uma certa similaridade na sua frequência total de duplicados. Todas as bibliotecas apresentam uma frequência relativa de duplicados de 8%.

Na UPSA o idioma castelhano é o que mais frequência absoluta apresenta —17 casos duplicados, na verdade, este é o seu idioma materno. Assim, justifica-se tão alta frequência neste idioma na Universidade de Salamanca. Seguidamente, o idioma francês é o que maior frequência absoluta apresenta, estamo-nos a referir somente a 5 casos registados.

Na BUC o idioma francês e o inglês são os que mais frequências absolutas apresentam; o primeiro idioma apresenta uma frequência absoluta de 8 e, o francês uma frequência de 12. Os outros idiomas, nomeadamente o português e o alemão só têm uma frequência de 2 duplicados, cada idioma. Na verdade, esta biblioteca tem uma frequência relativa de 8,3% de duplicados na sua colecção de Filosofia.

Na BUJPII o idioma português é o que maior frequência absoluta apresenta, 13 casos duplicados registados. Seguidamente, o idioma francês e o inglês apresenta a maior frequência nos duplicados na colecção, o primeiro idioma com uma frequência de 6 e, o

segundo uma frequência de 4. Por outro lado, o idioma castelhano não apresenta qualquer tipo de duplicados.

11.1.4. Actualidade dos idiomas

O estudo da actualidade dos idiomas na BUJPII e a sua respectiva comparação com as outras duas bibliotecas, certamente, fornecerá conclusões que servirão sobretudo para sugestionarmos os serviços de aquisições e as expectativas dos leitores.

A BUJPII apresenta as seguintes médias nos idiomas existentes nas colecções de Filosofia:

Tabela 55
Médias dos idiomas na BUJPII

IDIOMA	Média
Valid Francês	1994
Alemão	1987
Português	1986
Castelhano	1985
Inglês	1981
Total	1988

Não poderemos menosprezar que estes dados provêm da dimensão “existe” do método de listas de controlo; posto isto, na BUJPII o idioma francês é o que apresenta a maior actualidade. Certamente, este idioma é o mais adquirido por esta biblioteca para o desenvolvimento da colecção de Filosofia, tal facto é verificável pela actualidade da sua média, cerca de 1994. Por outro lado, o idioma alemão é, surpreendentemente, a segunda força nesta colecção em termos de actualidade, com uma média de 1987.

Por sua vez, o idioma português apresenta uma das médias mais baixas na actualidade da colecção, cerca de 1986. O idioma castelhano, um dos substitutos do idioma materno, apresenta uma média de 1985. Finalmente, o idioma inglês que apresenta o mais alto nível de frequências em todas as colecções, na BUJPII detém a mais baixa das actualidades idiomáticas, cerca de 1981.

A BUC apresenta as seguintes médias nos idiomas na sua colecção:

Tabela 56
Médias dos idiomas na BUC

IDIOMA	Média
Valid Castelhano	1995
Francês	1991
Alemão	1989
Português	1987
Inglês	1973
Total	1988

Mais uma vez, a BUC está afastada dos padrões que regem as outras duas bibliotecas, assim, o idioma mais actual nesta biblioteca é o castelhano, com uma média de 1995 —este facto deve-se sobretudo à baixa frequência de documentos nesta língua. O idioma francês é a segunda força ao nível de actualidade na BUC, com uma média de 1991. O idioma francês é francamente mais actual nesta biblioteca do que na BUJPII.

O idioma inglês é o último no ranking de actualidade nestas duas bibliotecas, se bem que a BUC apresente uma actualidade mais baixa, cerca de 1973. Por outro lado, o idioma português nesta biblioteca detém uma das actualidades mais baixas, cerca de 1987.

Na UPSA a actualidade dos idiomas é o seguinte:

Tabela 57
Médias dos idiomas na UPSA

IDIOMA	Média
Valid Francês	1994
Castelhano	1989
Alemão	1984
Inglês	1982
Italiano	1981
Total	1988

Em termos comparativos, tanto a BUJPII como a UPSA apresentam o idioma francês como a primeira língua em termos de actualidade, ambas com a média de 1994. De facto, a UPSA tem o idioma materno como a segunda força de actualidade com uma média de 1989. Por sua vez, na BUJPII o idioma português é a terceira força na sua colecção de Filosofia, com uma média mais baixa que o idioma castelhano na UPSA, cerca de 1987.

Como poderemos verificar, na UPSA a dimensão “português” está ausente, por sua vez, o idioma italiano que estava ausente na BUJPII, reaparece nesta biblioteca espanhola como uma espécie de substituto, não obstante, com a média mais baixa de toda a colecção da Biblioteca

de Salamanca, cerca de 1981. Na BUJPII não se verifica a existência do idioma italiano na dimensão “existe”, além de mais, o idioma inglês na biblioteca de Lisboa apresenta a média de 1981. Na UPSA, este último idioma, apresenta só um ano mais de actualidade, cerca de 1982.

11.1.5. Actualidade dos materiais

A esmagadora maioria das frequências dos seriados encontram-se na área Geral e na Referência. As monografias apresentam a sua frequência mais alta na colecção (freq. 200) e, por sua vez, os seriados são a segunda força (freq. 91). O material de referência —os dicionários e as enciclopédias— têm uma frequência absoluta muito similar, 4 e 5 respectivamente.

Assim, procederemos à análise da dispersão dos valores das quatro dimensões acima mencionadas para analisarmos a variável “material”.

Tabela 58
Áreas a preservar

MATERIAL	Média	Percent
Dicionário	1979	1,3
Enciclopédia	1978	1,7
Monografia	1976	66,7
Seriado	1967	30,3
Total	1974	100,0

O material na colecção de Filosofia está distribuído de uma forma lógica, ou seja, o grosso do material existente são as monografias e os seriados. Os dicionários e as enciclopédias são a parte da colecção com menos frequências absolutas e, por sua vez, estão integrados no fundo geral da colecção.

Os dicionários e as enciclopédias têm, assim, uma frequência reduzida em relação a outro tipo de materiais. As monografias representam, pois, uma frequência relativa de 66,7% e, os seriados uma frequência relativa de 30,3%. O dito material de referência, os dicionários e as enciclopédias, apresentam somente uma frequência relativa acumulativa de 3%. Este material de referência é o que menos frequência apresenta e, conseqüentemente, é o material com mais alta média. Efectivamente, os dicionários apresentam uma média de 1979, com uma amplitude de 19 anos —de 1967 até 1986. As enciclopédias, por sua vez, apresentam uma média de 1978 com uma amplitude de 48 anos —de 1946 até 1994.

As monografias apresentam uma média de 1976 e uma amplitude de 100 anos —de 1904 até 2004, além de mais, 25% das suas datas são inferiores a 1965. Como já analisámos, este material é o grosso da colecção, com uma frequência absoluta de 200 casos verificados. Os

seriados são a parte da colecção que mais baixa actualidade apresenta, apesar de neste material estar representado com 30,3% na colecção. De facto a sua média é de 1967 e, apresenta uma amplitude de 108 anos. Os seus valores vão desde 1892 até 2000. Além de mais, tal como nas monografias 25% das datas são inferiores à data de 1965.

11.1.6. Actualidade da colecção

Como verificámos, a BUJPII é a biblioteca que apresenta uma superioridade nas existências, a sua colecção em termos quantitativos é mais completa, tendo por base o método das listas de controlo. Esta mesma metodologia poderá facultar-nos dados qualitativos da colecção, sobre a actualidade. A BUJPII apresenta uma actualidade geral na sua colecção de Filosofia de 1984, para melhor se compreender esta actualidade, passaremos à descrição das médias das várias datas que caracterizam as quatro dimensões das existências desta biblioteca.

Tabela 59
Médias das existências na BUJPII

EXISTÊNCIAS		Média
Valid	Existe	1984
	Outro idioma	1987
	Não existe	1990
	Existe autor	1985
	Total	1988

A sublinhar que a dimensão “não existe”, as obras não existentes na BUJPII, é a que apresenta a maior actualidade. Dito de outro modo, o que é mais actual nas listas modelo, não existe na BUJPII. De facto, esta dimensão apresenta valores mínimos que vão até 1942 e 50% das datas são inferiores a 1994. Por outro lado, as traduções (dimensão “outro idioma”) são a dimensão que maior actualidade apresenta nas existências, com uma média de 1997. Esta dimensão apresenta valores mínimos na data de 1972 e os seus máximos em 1995, além de mais 50% das suas datas são inferiores a 1993.

Por sua vez, a BUC é a biblioteca que mais baixa frequência apresenta nas existências e mais altas frequências nas não existências. Assim, a média nas quatro dimensões é a seguinte:

Tabela 60
Médias das existências na BUC

EXISTÊNCIAS		Média
Valid	Existe	1984
	Outro idioma	1986
	Não existe	1989
	Existe autor	1987
	Total	1988

A Biblioteca de Coimbra apresenta as suas não existências menos actuais que a BUJPII, o que é positivo. A BUC detém uma média de 1986 e a BUJPII uma média de 1990. A BUC apresenta nesta dimensão valores mínimos mais baixos que a Biblioteca de Coimbra (1940) e com uma amplitude mais extensa, cerca de 62 anos.

Na dimensão “existe” as duas bibliotecas apresentam a mesma média, cerca de 1984. Não obstante, a amplitude dos dados da BUC é mais pequena que a BUJPII, na primeira biblioteca a amplitude é de 42 anos, e na BUJPII cerca de 53 anos. Os valores máximos na BUC vão até 1999 e, por sua vez, na BUJPII vão até 2002.

Por sua vez, as traduções (dimensão “outro idioma”) são mais actuais na BUJPII, com uma média superior de um ano. Dito de uma forma estatística, a BUJPII detém uma amplitude menor e uma mediana superior, ou seja, 50% das suas datas são inferiores à data de 1993. Por outro lado, a BUC tem uma mediana de 1992. Mas, na dimensão “existe autor” a BUC é a biblioteca que mais actualidade apresenta —ainda que esta apresente uma amplitude de 60 anos. As suas datas vão desde 1942 até 2002 e a sua mediana é de 1994 e, a média 1987.

A biblioteca espanhola apresenta as seguintes médias, nas quatro dimensões seleccionadas:

Tabela 61
Médias das existências na UPSA

EXISTÊNCIAS		Média
Valid	Existe	1985
	Outro idioma	1982
	Não existe	1990
	Existe autor	1986
	Total	1988

Na verdade, na UPSA as não existências apresentam a mesma média que na BUJPII —cerca de 1990. Não obstante, na BUJPII 50% das datas são interiores a 1994. Pois, na mediana da dimensão “não existe”, a UPSA apresenta valores superiores. Não obstante, na dimensão “existe” e “existe autor” a Biblioteca de Salamanca apresenta uma média superior de um ano

em cada dimensão. Porém, nas traduções a BUJPII apresenta uma média mais actual, cerca de quinze anos.

Em síntese, na BUJPII destaca-se uma relativa superioridade em relação às outras bibliotecas. Assim, na dimensão “outro idioma” a BUJPII é a biblioteca que mais actualidade apresenta, cerca de 1997. Dito de outro modo, a BUJPII apresenta traduções com média superior à BUC cerca de onze anos e cerca de quinze anos em relação à UPSA.

Na dimensão “existe autor” a BUJPII é a biblioteca que menor actualidade apresenta; ou seja, a BUC é a biblioteca que mais actualidade apresenta, com uma média de 1987; seguidamente, temos a UPSA com uma média de 1986. Finalmente, a BUJPII apresenta uma média inferior a estas duas bibliotecas, com uma média de 1985, ainda que esta média esteja muito próxima das bibliotecas em questão. Por outro lado, Na dimensão “existe”, tanto a BUJPII como a BUC apresentam a mesma média, cerca de 1984. No entanto, a UPSA apresenta uma média superior de um ano, cerca de 1995.

Na dimensão “não existe”, a BUJPII apresenta uma relativa superioridade, ou seja, esta é a biblioteca que menor frequências apresenta. Os títulos monográficos que não foram localizados com a metodologia listas de controlo, tanto na BUJPII como na UPSA, apresentam uma grande actualidade. Por outro lado, a BUC é a biblioteca que melhores resultados apresenta na dimensão “não existe”, isto porque as médias nesta dimensão são mais antigas que nas outras duas bibliotecas.

11.2. Grau de discrepância na colecção

Como sabemos, muitas são as técnicas para a medição do grau de discrepância de uma dada colecção, por nossa parte, usaremos o índice circulação/fundo (C/F) utilizado amplamente por Wenger; et al. (1979). Na verdade, o C/F é calculado através de número de empréstimos que se efectuaram numa dada classe do acervo durante um tempo estipulado, dividido pelo número de documentos que integram a mesma classe. Esta discrepância pode ser analisada em termos gerais, ou pelo contrário, através de micro análise —dependendo das necessidades e das conclusões desejáveis. No nosso estudo procedemos a algumas micro análise da colecção de Filosofia, impunha a verificação de alguns sectores da colecção.

Assim, conforme demonstra a estrutura deste subcapítulo, a nossa investigação é orientada para os diversos sectores da colecção, tais como: discrepância das frequências e médias das áreas; discrepância das frequências e médias dos idiomas e a inter-relação entre a discrepância entre as áreas e os idiomas.

11.2.1. Discrepância das áreas

Como temos vindo a constatar, a colecção de Filosofia apresenta em algumas áreas uma discrepância entre os fundo e as áreas mais requisitados.

Tabela 62
Frequências das áreas: exame directo da colecção * empréstimos domiciliários

ÁREAS	Frequência Exame Directo	Frequência Emp. Domiciliários
Valid		
Geral	44	18
Referência	59	49
Hist. Filosofia	12	8
Filósofos	65	85
Metafísica	14	17
Sistemas Fil.	29	9
Epistemologia	49	31
Ética	28	33
Total	300	250

Como verificamos na tabela 62, para este estudo de C/F temos na nossa posse as frequências absolutas das áreas existentes e das áreas requisitadas. Ou melhor, a primeira coluna apresenta as frequências absolutas resultantes do exame directo da colecção e, por outro lado, a segunda coluna é o resultado da análise das frequências absolutas da circulação externa dos documentos.

Com estes dados, poderemos verificar que o grosso da colecção de Filosofia está infrautilizada, com excepção de três áreas —os Filósofos, a Metafísica e a Ética. A área dos Filósofos é a área da colecção que mais circulação apresenta, ainda que em geral não se possa falar de qualquer tipo de sobreutilizado. O seu C/F é apenas 1,30, o mais alto de todas as áreas, cerca de um livro e meio por ano de empréstimos em cada documento.

Por sua vez a Metafísica é a segunda área que mais C/F apresenta, com uma média de pouco mais de um livro por ano de empréstimos (1,21). A área da Ética, por sua vez, apresenta uma frequência absoluta de 28 existências e de 33 solicitações; isto que dizer que o seu C/F é pouco mais de um livro anual por cada documento emprestados (1,17).

A área de Referência é uma das que apresenta a maior frequência absoluta em toda a colecção (freq. 59). Não obstante, não é a área com maior C/F, nem a mais solicitada. Como já verificamos, esta área tem pouca actualidade, contudo, apresenta um C/F de 0,83. Ou seja, uma média anual que não chega à utilização de um livro anual por documento.

As áreas da História da Filosofia, da Epistemologia, Geral e dos Sistemas filosóficos apresentam uma infrautilização, por assim dizer. Assim, as duas primeiras áreas apresentam

pouco de mais de um livro emprestado anual por documento. No nosso entendimento, parecemos insuficiente devido à importância temática das referidas áreas. Por sua vez, a História da Filosofia tem um C/F de 0,66 e a Epistemologia 0,63.

Na verdade, as áreas que menos taxas de rotação apresentam são, efectivamente, a área Geral e a área dos Sistemas filosóficos. Em primeiro lugar, a classificação destas áreas é muito híbrida, estes documentos deveriam estar devidamente classificados e integrados nas áreas a que melhor lhes correspondem. Ou seja, o descritor Sistema filosófico poderá ser integrado em qualquer área, dependendo do assunto em questão. Devido a tais equívocos de classificação, estas áreas não chegam a ter uma taxa de rotação de meio livro anual por documento de empréstimo.

11.2.2. Discrepância da média das áreas

A Referência é uma das áreas com maiores frequências absolutas, cerca de 59 casos registados. Para além desta área os assuntos fortes da colecção de Filosofia estão circunscritos à área dos Filósofos (freq. 65), da Epistemologia (freq. 49) e à área Geral (freq. 44). Não obstante, as áreas mais representativas na colecção, as que apresentam maior número de frequências absolutas, são as que têm uma média mais baixa.

Tabela 63
Médias das áreas: exame directo da colecção * empréstimos domiciliários

ÁREAS	Média Exame Directo	Média Emp. Domiciliários
Geral	1965	1985
Referência	1964	1980
Hist. Filosofia	1967	1962
Filósofos	1978	1983
Metafísica	1984	1984
Sistemas Fil.	1968	1983
Epistemologia	1984	1966
Ética	1983	1990
Total	1974	1979

Uma das maneiras mais úteis de avaliar uma colecção é, sem dúvida, comparar a média da colecção existente com a média do uso da circulação. Assim, facilmente, verificaremos se a colecção está obsoleta e se serve convenientemente as necessidades dos leitores. Ao nível geral, como verificamos na tabela 63, a colecção apresenta uma média de 1974 e, por sua vez, as solicitações apresentam uma média de 1979. Existe uma discrepância pelo menos de cinco anos entre as existências e os seus empréstimos. Para conclusão mais objectiva, passaremos à análise de cada área isoladamente. Temos duas situações a considerar, em primeiro lugar, existem áreas em que são solicitados documentos mais actuais que a média apresentada pela

coleção e, por outro lado, existem outras áreas em que os documentos mais antigos são os preferidos pelos leitores.

Assim, na área História da Filosofia os documentos são solicitados com uma média inferior de 5 anos em relação à média que a coleção apresenta. Na verdade, a História da Filosofia são obras clássicas —o seu conteúdo poderá apresentar-se intemporal nesta área do conhecimento. Os leitores solicitam livros que vão desde 1948 até 2004, numa amplitude de 56 anos.

Um outro caso, aparentemente, enigmático é o da Epistemologia. Esta área tem uma discrepância de 18 anos, ou melhor, os leitores preferem o acervo com uma média de 18 anos inferior à média que a coleção apresenta. A coleção tem uma média de 1984 e os empréstimos são efectuados com uma média de 1966. Os leitores solicitam um acervo dentro de uma amplitude de 57 anos —os empréstimos vão de 1947 até 2003. Não nos poderemos esquecer que a Filosofia antiga já se dedicava aos problemas epistemológicos, esta poderá ser uma razão da discrepância. Não obstante, as áreas Geral, de Referência e a área dos Sistemas filosóficos são as que maior discrepância apresentam entre a actualidade existente e as respectivas solicitações —estas são áreas críticas que necessitam de grandes intervenções profissionais.

Assim na área Geral existe uma discrepância de 20 anos entre as solicitações e a coleção (1985/1965, respectivamente). Certamente, esta é uma das áreas mais obsoletas, além de mais, a coleção tem uma média pouco actual, cerca de 1965, os seus valores mínimos vão até 1892 e 25% das suas datas são inferiores a 1955. Por outro lado, a Referência é a segunda área que mais discrepância apresenta entre as médias das solicitações e a das existências, cerca de 16 anos separam a coleção das necessidades dos leitores (1880/1964, respectivamente). Na verdade, esta área é uma com mais frequências absolutas, porém, é uma das mais obsoletas. Vejamos, 25% das suas datas são inferiores a 1953, ainda que nas solicitações esta área apresente uma amplitude de 98 anos —são solicitados documentos neste acervo de 1900 até 1998. Uma outra área que apresenta um certo desequilíbrio entre as distintas médias é a área dos Sistemas filosóficos. Esta apresenta uma discrepância de 15 anos —a média da coleção é de 1968 e a média das solicitações é de 1983. Assim, esta área apresenta datas que vão desde 1917 até 1999 com uma amplitude de 82 anos, onde 25% dos seus dados são inferiores a 1963.

Por sua vez, a Metafísica é uma área neutra, dito de outro modo, tanto a média das solicitações como a média da coleção são as mesmas, cerca de 1984. Esta área é a que apresenta um equilíbrio na actualidade e na receptividade entre o que existe e o que é pedido de empréstimo. Por outro lado, as duas áreas com menos discrepância são as áreas dos Filósofos e da Ética. A primeira, apresenta uma discrepância de 5 anos entre as solicitações e a coleção real. A Ética apresenta uma discrepância 7 anos.

11.2.3. Discrepância dos idiomas

Com o método das listas de controlo, verificámos quais os idiomas que compõem a colecção de Filosofia, nomeadamente, as suas percentagens, as suas frequências e até algumas formas de dispersão dos seus dados. Com o referido método, analisado conjuntamente com o exame directo da colecção, poderemos reavaliar os dados obtidos em cada método. De facto, as listas de controlo são muito eficazes para as análises comparativas entre as bibliotecas. Mas, para a respectiva quantificação sistemática dos dados existentes numa colecção, fica muito aquém do esperado. Por exemplo, a análise global dos idiomas existentes na colecção, ao nível das suas frequências absolutas, só é viável com o exame directo da colecção.

Em síntese, com as listas de controlo a colecção é avaliada em termos de idealidade, com esta segunda metodologia a avaliação é empírica, com base no que existe realmente. Não obstante, o estudo cruzado entre as duas metodologias dar-nos-á resultados de considerável interesse analítico.

Tabela 64
Frequências dos idiomas: exame directo da colecção * listas de controlo

IDIOMAS	Frequência Exame Directo	Frequência Listas Controlo
Português	52	10
Castelhano	41	4
Inglês	54	31
Francês	91	7
Alemão	37	5
Italiano	19	.
Latim	6	.
Outras Dimensões	.	243
Total	300	300

Como poderemos verificar na tabela 64, existe uma grande dispersão de valores entre as duas metodologias, esta dispersão poderá dever-se ao facto de nesta análise as listas de controlo só contemplarem a dimensão “existe”. Não obstante, mesmo com estes valores, poderemos proceder a comparações, não só com as frequências absolutas mas também através do ranking que cada idioma apresenta nas duas metodologias.

Assim, o idioma que mais se destaca em frequências absolutas na colecção (exame directo da colecção) é o idioma francês, com uma frequência absoluta de 91. O qual é, por assim dizer, um dos idiomas que predomina na colecção de Filosofia da BUJPII. O idioma inglês, português e castelhano apresentam frequências absolutas muito próximas (freq. 54, freq. 52 e freq. 41, respectivamente). Por sua vez, o idioma alemão apresenta uma frequência de 37 casos verificados.

O idioma italiano reaparece nesta colecção, quando esta foi analisada directamente, este idioma tinha a frequência absoluta de 19, o que não se verificou na análise de aplicação das listas modelo, neste estudo tanto o idioma italiano como o latim estavam desprovidos de qualquer tipo de frequências, mas, na observação directa da colecção estes idiomas ganham outra amplitude. O idioma italiano reaparece nos estudos directos da colecção com uma frequência absoluta de 19, o que não se verificou com o controlo das listagens. Por outro lado, o idioma latino ainda que ausente na primeira metodologia, no exame directo da colecção apresenta uma frequência absoluta de 6 casos,

Poderemos concluir que muitas vezes os resultados das duas metodologias pouco coincidem, na verdade, cada metodologia tem os seus objectivos estruturais. As listas de controlo servirão sobretudo para apurar a existência e compará-las com outras organizações; o exame da colecção realizado directamente, destina-se à medição in loco da colecção —este último método apresenta a posterior análises mais fidedignas.

Para que seja provada a viabilidade quantitativa das frequências do exame directo da colecção, impunha-se o uso de uma metodologia que de alguma forma analisasse as preferências dos leitores em determinadas áreas da colecção. Para esta finalidade, usámos o estudo de circulação: empréstimos domiciliários.

Tabela 65
Frequências dos idiomas: exame directo da colecção * empréstimos domiciliários

IDIOMAS		Frequência Exame Directo	Frequência Emp. Domiciliários
Valid	Português	52	73
	Castelhano	41	21
	Inglês	54	87
	Francês	91	46
	Alemão	37	15
	Italiano	19	8
	Latim	6	.
	Total	300	250

Como verificamos na tabela 65, temos as frequências absolutas dos idiomas que formam a colecção de Filosofia da BUJPII e, por outro lado, temos as frequências absolutas dos empréstimos que foram efectuados em cada idioma.

De facto, no exame directo da colecção a língua francesa apresenta a mais alta frequência absoluta (freq. 91). Não obstante, a grande maioria dos pedidos de empréstimo não são feitos nesta língua, mas sim, na língua inglesa —este idioma é o mais solicitado, com uma frequência de 87 casos.

No exame directo da colecção, a língua portuguesa é a terceira força da colecção, com uma frequência absoluta de 52. Por sua vez, as solicitações efectuadas neste língua são a segunda força, com uma frequência absoluta de 73 casos.

O idioma castelhano baixa 50% entre as solicitações e a sua disponibilidade nas estantes. Dito de outro modo, na metodologia empréstimos domiciliários este idioma apresenta uma frequência absoluta de 21 e no exame directo da colecção a sua frequência absoluta é de 41 casos verificados. O idioma alemão é outro idioma que baixou cerca de 50%, ou seja, este idioma apresenta uma frequência de 37 na colecção e 15 nos pedidos de empréstimos.

Por outro lado, o latim não apresenta qualquer tipo de pedidos domiciliários; ainda que a sua frequência absoluta seja de 6.

No nosso estudo, o período de tempo considerado foi o ano lectivo de 2004 e a classe que nos interessa estudar são os idiomas. De facto, usando o índice C/F, a discrepância dos idiomas na colecção de Filosofia é a seguinte:

Tabela 66
Discrepância nos idiomas

DISCREPÂNCIA		C/F
Idioma	Inglês	1,61
	Português	1,40
	Castelhano	0,51
	Francês	0,50
	Italiano	0,42
	Alemão	0,40
	Latim	0

Em síntese, não poderemos falar, neste caso, de uma colecção sobreutilizada, ao contrário, existem idiomas que nesta colecção são praticamente infrautilizados. O idioma inglês é o mais solicitado na colecção de Filosofia, este apresenta um C/F de mais de um livro e meio por ano de empréstimos em toda a colecção. O idioma português, por sua vez, apresenta um índice de circulação de um livro e meio por cada ano. Com um índice muito mais baixo está o idioma castelhano e o francês, estes dois idiomas apresentam mais ou menos a média de uso de um livro por ano. Os documentos em língua alemã são pouco solicitados, ou seja, este idioma apresenta uma média de C/F de meio livro por ano; se bem que a língua latina não chega a ser solicitada.

11.2.4. Discrepância da média dos idiomas

É de todo o interesse para esta investigação a análise das médias dos idiomas, ou seja, a discrepância entre as solicitações e as existências da colecção de Filosofia de BUJPII. Para estas conclusões usaremos a tabela 67.

Tabela 67
Médias dos idiomas: exame directo da colecção * empréstimo domiciliários

IDIOMA	Média Exame Directo	Média Emp. Domiciliário
Português	1976	1983
Castelhano	1975	1981
Inglês	1981	1984
Francês	1967	1973
Alemão	1978	1985
Italiano	1979	1982
Latim	1947	.
Total	1974	1979

Em termos gerais, a discrepância entre as médias da colecção e as suas respectivas solicitações não são alarmantes. Ou seja, a colecção apresenta uma média final de 1974 e a média das solicitações são cerca de 1979. Como verificamos somente 5 anos separam o que existe na colecção do que é requisitado. Não restam muitas alternativas, os leitores solicitam o que existe no acervo. Não obstante, poderiam pedir documentos mais antigos.

Assim, o idioma português e o alemão são os que apresentam uma maior disparidade entre a média da colecção e as requisições dos leitores. Verificam-se 7 anos divergentes entre nas médias de cada idioma. Ou melhor, a colecção apresenta uma média de 1976 de documentos em idioma português, e as respectivas solicitações neste idioma são feitas com uma média de 1983. Por sua vez, o idioma alemão apresenta uma média de 1978 na colecção e as suas requisições são feitas na média de 1985.

O idioma castelhano e o francês são, seguidamente, os que mais divergem entre as respectivas médias, cerca de 6 anos entre a colecção e as solicitações. A colecção apresenta uma média de 1975 e as solicitações são feitas neste idioma na média de 1981. Por sua vez, o idioma francês apresenta uma média na colecção de 1967 e as suas requisições são efectuadas na média de 1973. Apesar destes dados, o idioma castelhano deverá actualizar-se com menor intensidade do que o francês. São três as razões principais para esta situação, a primeira razão é que a média da colecção do idioma francês é mais baixa do que a o idioma castelhano. O idioma francês apresenta uma média de 1967 e o castelhano de 1975. A segunda razão é que as solicitações na língua francesa apresentam uma superioridade de 66 frequências absolutas. A última razão prende-se com facto de ambos os idiomas apresentarem valores mínimos muito baixos, este valores vão até à data de 1908 e 75% das suas datas são inferiores a 1983.

O idioma inglês e o italiano são os que menos discrepâncias apresentam entre as respectivas médias, cerca de 3 anos. Não obstante, a média do idioma italiano é mais baixa que a média do idioma inglês. O primeiro idioma apresenta uma média de 1979 e, o segundo idioma uma média de 1981. Mas, as frequências absolutas das existências na colecção são muito superiores no idioma inglês, este com 46 e o outro idioma somente com 8 casos registados.

11.2.5. Discrepância entre os idiomas e as áreas

Como já vimos, existe algum grau de discrepância nos idiomas, não obstante, impõe-se também a análise à discrepância nas áreas da respectiva colecção de Filosofia. Para tal estudo, teremos como fonte as frequências absolutas das tabelas 33 e 42. Para este estudo usaremos a tabela 68.

Tabela 68
Grau de discrepância entre o idioma português * áreas

PORTUGUÊS		Frequência Exame Directo	Frequência Emp. Domiciliários
Áreas	Geral	11	7
	Referência	2	12
	Hist. Filosofia	4	3
	Filósofos	8	22
	Metafísica	3	4
	Sistemas Fil.	6	3
	Epistemologia	12	7
	Ética	6	15

Como poderemos verificar na tabela anterior, o idioma português apresenta um certo grau de discrepância em quase todas as áreas; com excepções nas áreas da Metafísica e da História da Filosofia. Efectivamente, nestas duas áreas as existências na colecção são muito semelhantes às suas solicitações. Neste idioma, haverá apenas uma situação poderá eventualmente classificar-se de sobreutilizados, é o caso da área de Referência; aqui existe uma média de empréstimos de seis livros por ano por documento (6).

Por outro lado, existem partes da colecção que são pouco utilizadas ao nível do idioma português, referir-nos sobretudo à Epistemologia e à área Geral. Na primeira área a circulação externa é pouco mais de meio livro por documento de empréstimo ao ano (0,58). A área Geral pouco mais apresenta de C/F que a anterior, cerca de meio livro por documento anualmente (0,63). Na área dos Filósofos, existe uma média de empréstimos em língua portuguesa de três livros por documento anualmente (2,75). Seguidamente, a Ética apresenta uma média de dois livros e meio por ano (2,5).

Por sua vez, o idioma castelhano nas distintas áreas apresenta as seguintes frequências absolutas, com as quais analisaremos os valores de C/F na colecção de Filosofia:

Tabela 69
Grau de discrepância entre o idioma castelhano * áreas

CASTELHANO		Frequência Exame Directo	Frequência Emp. Domiciliários
Áreas	Geral	6	3
	Referência	6	2
	Hist. Filosofia	1	2
	Filósofos	11	4
	Metafísica	1	2
	Sistemas Fil.	5	5
	Epistemologia	3	1
	Ética	8	2

Como poderemos verificar na tabela 69, o idioma castelhano não apresenta um grau de discrepância acentuado nos casos da História da Filosofia, da Metafísica, dos Sistemas filosóficos e da Epistemologia. No obstante, existe alguma infrautilização a sublinhar nas seguintes áreas: Geral, Referência, Filósofos e Ética. Assim, na área Geral existe uma média, neste idioma, de meio livro por documento de empréstimos (0,5). Por sua vez, na área de Referência não se chega a emprestar meio livro por documento, anualmente (0,33). Finalmente, a Ética é a área onde a infrautilização se acentua mais, aqui não se verifica mais de um quarto livro de empréstimo por ano (0,25).

Por sua vez, o idioma inglês nas diferentes áreas apresenta as seguintes frequências absolutas, com as quais analisaremos os valores C/F na colecção de Filosofia de BUJPII:

Tabela 70
Grau de discrepância entre o idioma inglês * áreas

INGLÊS		Frequência Exame Directo	Frequência Emp. Domiciliários
Áreas	Geral	7	1
	Referência	4	5
	Hist. Filosofia	4	1
	Filósofos	11	16
	Metafísica	1	3
	Sistemas Fil.	4	0
	Epistemologia	19	12
	Ética	4	8

A tabela 70 apresenta-nos três áreas em idioma inglês infrautilizadas, são elas a área Geral, a História da Filosofia e a área dos Sistemas filosóficos. Assim, a área Geral apresenta uma média de utilização de 0,14, ou seja, em sete livros existentes na colecção só se empresta um anualmente. Na História da Filosofia, no idioma inglês, em média só se empresta um quarto de um livro por ano (0,25). Por sua vez, nos Sistemas filosóficos não existe qualquer tipo de empréstimos. Pelo exposto temos duas opções — não adquirir qualquer tipo de documentos de língua inglesa para esta área ou, ao contrário, apostar no seu total desenvolvimento.

A circulação em língua inglesa é mais acentuada nas seguintes áreas: Filósofos, Epistemologia e Ética. Assim, na área dos Filósofos verifica-se uma média de 1,45 de circulação anual por documento. Ou seja, foi emprestado nesta área um livro e meio no ano de 2004. Por sua vez, a Ética é também muito solicitada no idioma inglês, em média cada livro é emprestado duas vezes por ano (2). Com menos solicitações, ou seja com menos C/F é a área de Epistemologia que apresenta uma média anual de 1,3 por cada documento.

O idioma francês nas diferentes áreas apresenta as seguintes frequências absolutas, com as quais analisaremos os valores C/F da colecção:

Tabela 71
Grau de discrepância entre o idioma francês * áreas

FRANCÊS		Frequência Exame Directo	Frequência Emp. Domiciliários
Áreas	Geral	10	6
	Referência	35	30
	Hist. Filosofia	2	1
	Filósofos	22	27
	Metafísica	3	6
	Sistemas Fil.	9	1
	Epistemologia	5	10
	Ética	5	6

Efectivamente, as áreas em idioma francês que menos C/F apresentam são: a área Geral, a área da Referência e área dos Sistemas filosóficos. Apesar da baixa rotação desta área, deveremos considerar que as duas primeiras têm um índice de empréstimos considerável em frequências absolutas. Mas, a discrepância entre o fundo e a circulação apresenta uma certa infrautilização. Na área Geral verifica-se, aproximadamente, o uso de meio livro por ano, em cada documento emprestado (0,6). Por sua vez, na área de Referência verifica-se o uso de quase um livro por ano em cada documento. A área que menos uso apresenta é a dos Sistemas filosóficos, com 0,1 de C/F por cada documento anualmente.

No idioma francês teremos que considerar que existem três áreas que apresentam a média de um livro por ano, são elas a área da História da Filosofia (1), a área dos Filósofos e a área da Ética (1,2). Efectivamente, as áreas que mais C/F apresentam são a área da Metafísica e a área da Epistemologia, ambas apresentam uma média de uso de dois livros por cada documento anualmente.

Por sua vez, o idioma alemão nas diferentes áreas apresenta as seguintes frequências absolutas, com as quais analisaremos a taxa de rotação da colecção de Filosofia:

Tabela 72
Grau de discrepância entre o idioma alemão * áreas

ALEMÃO		Frequência Exame Directo	Frequência Emp. Domiciliários
Áreas	Geral	6	1
	Referência	6	0
	Hist. Filosofia	0	0
	Filósofos	8	11
	Metafísica	4	2
	Sistemas Fil.	5	0
	Epistemologia	8	0
	Ética	0	0

O idioma alemão é um dos que apresenta uma infrautilização mais acentuada. Como poderemos verificar na tabela 72, existem cinco áreas que não apresentam qualquer tipo de solicitações, são elas: a Referência, a História da Filosofia, os Sistemas filosóficos, a Epistemologia e a Ética. De facto, também existem duas áreas que não apresentam qualquer tipo de frequências absolutas na colecção, estamos-nos a referir à História da Filosofia e à Ética.

As duas áreas que apresentam algum C/F são a área da Metafísica e a área dos Filósofos. A primeira apresenta uma média baixa, cerca de meio livro anual, por cada documento depositado nas estantes (0,5). A área dos Filósofos é, então, a área que mais C/F apresenta, com uma média de uso de quase um livro e meio por ano (1,37).

O idioma italiano nas diferentes áreas apresenta as seguintes frequências absolutas, com as quais analisaremos os valores C/F:

Tabela 73
Grau de discrepância entre o idioma italiano * áreas

ITALIANO		Frequência Exame Directo	Frequência Emp. Domiciliários
Áreas	Geral	2	0
	Referência	3	0
	Hist. Filosofia	1	1
	Filósofos	4	5
	Metafísica	2	0
	Sistemas Fil.	0	0
	Epistemologia	2	1
	Ética	5	1

O idioma italiano ainda que seja um idioma perceptível idiomáticamente à grande maioria dos leitores portugueses, este apresenta uma taxa de rotação muito baixa. Dito de outro modo, mais de 50% das áreas da colecção de Filosofia da BUJPII são infrautilizados. As quatro áreas que apresentam um C/F são: os Filósofos, a Epistemologia, a História da Filosofia e a Ética. Por sua vez, na área da Epistemologia quantifica-se cerca de meio livro por cada documento

por ano (0,5). Na área da Ética somente se verifica o uso de taxa de rotação de 0,2 anualmente. A área que mais taxa de uso detém é, na verdade, a área dos Filósofos; esta apresenta o uso de quase um livro e meio anual em cada documento (1,25).

O idioma latim apresenta nas diferentes áreas as seguintes frequências absolutas, através das quais iremos analisar a taxa de C/F:

Tabela 74
Grau de discrepância entre o idioma latim * áreas

LATIM	Frequência Exame Directo	Frequência Emp. Domiciliários
Áreas Geral	2	0
Referência	3	0
Hist. Filosofia	0	0
Filósofos	1	0
Metafísica	0	0
Sistemas Fil.	0	0
Epistemologia	0	0
Ética	0	0

Como sabemos, a BUJPII é uma forte adepta das aquisições doadas, assim, as três áreas que apresentam algumas frequências absolutas em latim são, certamente, desta forma de aquisição gratuita. Estamos-nos a referir à área Geral, à área de Referência e à área dos Filósofos. Este idioma na colecção de Filosofia é o que melhor exemplifica a nossa insistente teoria de que esta colecção necessita de uma selecção negativa urgente e, sobretudo, de uma política de doações bem estruturada. Como podemos constatar, a rotação deste fundo é totalmente nula —a discrepância entre o fundo e as solicitações é absoluta.

11.3. Solicitações

A investigação das áreas mais solicitadas, grosso modo, revela as preferências dos leitores perante o acervo disponível. No nosso estudo, verificamos que as áreas mais requisitadas da colecção de Filosofia são: os Filósofos (freq. 85), a Ética (freq. 49) e a Epistemologia (freq. 33 e 31, respectivamente). Porém, as áreas mais “desejadas” pelos leitores da BUJPII são, sem dúvida, a dos Filósofos com uma frequência relativa de 34% e a da Referência com uma frequência relativa de 19,6%.

Para melhor compreendermos esta problemática, sucintamente, a nossa investigação assenta em dois pilares: matérias/idiomas e meses/áreas. Desta forma, teremos acesso a um conjunto de dados que, certamente, ajudarão à reorganização da colecção de Filosofia da BUJPII, tendo em vista a sua melhor gestão e disponibilização.

11.3.1. Incidências nas requisições

É evidente que as requisições têm como base o material e os idiomas que existem na colecção. Porém, uma área da colecção pouco desenvolvida poderá ser mais requisitada que uma outra mais desenvolvida, tudo depende das necessidades dos leitores. Assim, nos dicionários a língua mais preferida pelos leitores é a francesa (freq. 2). Por sua vez, nas enciclopédias o idioma mais requisitado é o português (freq. 4). Nas monografias, o francês é o idioma mais solicitado (freq. 55), seguidamente, do português (freq. 48) e do inglês (freq. 31). Nos seriados continua a persistir a preferência pela língua francesa (freq. 30, seguidamente, do idioma português (freq. 20) e do inglês (freq. 15).

Ao nível temporal, Janeiro, Fevereiro e Março são os meses com mais frequências absolutas nas solicitações, apresentando uma frequência relativa acumulativa de 35,6%. Ou seja, 35,6% de requisições são efectuadas nestes três meses. Por sua vez, em Janeiro as solicitações são sobretudo efectuadas na área dos Filósofos (freq. 15), na Referência, na Epistemologia e na Ética (freq. 4 cada). Em Fevereiro, a Referência é a área mais solicitada (freq. 9), seguidamente dos Filósofos (freq. 7) e da Ética (freq. 6). Por sua vez, em Março as áreas mais requisitadas são a área dos Filósofos (freq. 10), a área da Ética (freq. 6) e a área da Referência (freq. 5).

Novembro e Dezembro são ainda meses que apresentam frequências consideráveis nas solicitações de materiais; onde por conseguinte, Novembro apresenta os seus valores mais altos na área dos Filósofos (freq. 9), seguidamente, das áreas de Referência (freq. 8) e da área da Epistemologia (freq. 3). Por sua vez, o mês de Dezembro apresenta as frequências mais altas na área dos Filósofos (freq. 10), na área da Referência (freq. 7) e na área da Ética (freq. 4).

Os meses mais solicitados são, efectivamente, os correspondentes aos períodos de exames em geral. Porém, as requisições mais actuais também se circunscrevem aos períodos de exames, mas sobretudo aos períodos de férias lectivas —Março (1996), Abril (1984), Junho (1982) e Janeiro (1980).

11.4. Conservação

O estado de conservação é, actualmente, uma dos vectores mais avaliados das colecções. Este simples facto implica que o exame directo da colecção não seja somente analisado através do catálogo informatizado, mas também a colecção presencialmente. Esta foi a nossa técnica, visto que a BUJPII é detentora de um acervo histórico, tanto ao nível da Filosofia como das outras áreas do conhecimento.

Como sabemos, a média da colecção é baixa, não obstante, a colecção apresenta um nível razoável de conservação. Contudo, existe uma frequência absoluta de 44 casos da colecção que necessita de ser preservada. Desta forma, apresentamos neste subcapítulo dois pontos essenciais para a compreensão do estado de conservação da referida colecção. Por um lado, damos enfoque ao estado geral da conservação da colecção, por outro lado, dedicaremos atenção à conservação específica de cada área.

11.4.1. Estado de conservação da colecção

Como já referido, a média da geral da colecção de Filosofia é de 1974. As datas mais representativas são: 1969 (freq. 3,7%); 1970 (freq. 3,7%); 1984 (freq. 4%); 1986 (freq. 3,7%) e 1992 (freq. 4%). Nas listas modelo, a média é de 1988, onde a média das datas mais representativas são: 2000 (freq. 4%); 1997 (freq. 4%); 1996 (freq. 9,3%); 1995 (freq. 18,7%) e 1994 (freq. 11,7%).

Sem qualquer outro tipo de análises, com estes dados poderemos afirmar que a colecção de Filosofia da BUJPII apresenta uma média inferior à das listas modelo de uma década e meia, o que é bastante significativo. As datas das listas modelo apresentam uma média de 1988 e, por sua vez, no exame directo da colecção o que existe na colecção apresenta uma média inferior de 14 anos, a sua média é de 1974 —esta disparidade traduz-se numa colecção pouco actualizada.

Tabela 75
Conservação

CONSERVAÇÃO		Frequência	Percent	Média
Valid	Razoável	168	56,0	1970
	Bom	88	29,3	1985
	Preservar	44	14,7	1964
	Total	300	100,0	1974

Apesar da média da colecção de Filosofia ser 1974, esta apresenta um estado de conservação razoável —frequência relativa de 56% de casos. Ainda temos que considerar uma frequência relativa de 29,3% de boa preservação. Assim, estas duas dimensões apresentam uma frequência relativa acumulativa de 85,3%. O que nos parece bastante positivo ao nível da conservação, cerca de 3/4 da colecção está bem conservada.

Não menos significativo, porém, é a frequência relativa do índice de preservação a que esta colecção deverá submeter-se: 14,7% da colecção deverá sujeitar-se a intervenções. Enfim, com uma colecção com uma média de 1974, é mais que plausível que haja uma frequência absoluta de 44 casos de preservação.

Dedicaremos, então, a nossa atenção à análise da conservação da colecção de Filosofia. Ou melhor, tentaremos compreender a relação entre a variável “conservação” e as suas médias.

Como verificamos na tabela 75, a situação é clássica, quanto mais antigos são os livros mais necessidade existe de preservá-los. Vejamos. A média do acervo que necessita de preservação é de 1964. Além de mais, a parte da colecção que se encontra em bom estado é a que apresenta uma média mais alta —cerca de 1985. Por sua vez, a parte da colecção que se encontra em estado razoável é a que detém maior número de frequências absolutas (freq. 168).

Para que melhor se entenda este imperativo: o mais velho é o que necessita de maior preservação, passaremos à análise da dispersão dos dados nas três dimensões da variável “conservação”. A parte bem conservada da colecção apresenta a média mais alta das três dimensões da colecção, além de mais, a sua mediana é também muito actual, cerca de 1988. Por outro lado, na parte da colecção considerada razoável, 50% das suas datas são interiores a 1892 e os seus valores máximos vão até 2004 e, por sua vez, 75% das suas datas são inferiores a 1985. A pergunta é então: se os livros mais antigos são os que mais necessidades apresentam de preservação, a parte da colecção razoável também apresenta dados mínimos que vão até à data de 1892, como se justifica este facto? —o acervo mais antigo foi recentemente preservado. Como previsível, os itens da colecção a preservação (dimensão “preservar”) são os que apresenta os dados mais envelhecidos, vejamos: a sua média é de 1964, com valores mínimos que vão até 1908.

11.4.1. Conservação das áreas

As partes da colecção mais obsoleta são as que necessitam de mais cuidados, disto em termos estatísticos, quanto mais baixa é a média da colecção mais necessidade existe na sua preservação. A pergunta impõe-se, será somente o envelhecimento da colecção que faz com que esta necessite de mais intervenção ou, pelo contrário, o seu uso também é um factor a considerar?

Tabela 76
Áreas a preservar

CONSERVAÇÃO		Frequência Preservar	Média	Total
Valid	Geral	15	1965	44
	Referência	12	1964	59
	Filósofos	8	1978	65
	Hist. Filosofia	3	1968	12
	Epistemologia	2	1984	49
	Ética	2	1983	28
	Metafísica	1	1984	14
	Sistemas Fil.	1	1968	29
	Total	44	1974	300

Como bem demonstra a tabela 76, as áreas que necessitam de mais preservação são, indubitavelmente, a área Geral (freq. 15), a área de Referência (freq. 12) e a área dos Filósofos (freq. 8). Na verdade, são estas as áreas que apresentam médias mais baixas na colecção. De facto, estas também são as áreas com maior número de frequências — a área Geral com uma totalidade de frequências absolutas de 44, a área de Referência com uma frequência de 59 e a área dos Filósofos com 65 casos de frequências absolutas.

Poderemos apresentar, todavia, dois exemplos de áreas que apresentam um baixo índice de preservação, são elas a Metafísica e a Epistemologia. Porém, estas áreas detêm a mais elevada média de actualidade; a Metafísica apresenta uma actualidade de 1984 com uma frequência absoluta de 1 caso de preservação e, todavia, com uma frequência total de 14 na colecção, por conseguinte pouco extensa. Por sua vez, a Epistemologia é outra área com um baixo nível de preservação, apresentando uma frequência absoluta de preservação de 2 casos e com uma actualidade das mais altas, cerca de 1984.

Em conclusão, verifica-se que as áreas mais usadas e com maior frequências absolutas, para além de deterem uma baixa média geral, são as que necessitam de intervenção, 34% da área Geral precisa de preservar-se e 20% da área de Referência também necessita de tais cuidados de preservação. Estes dados poderão ser confirmados empiricamente em qualquer sistema browsing. Por sua vez, a área dos Filósofos é a que mais cuidados de conservação necessita, cerca de 12% desta área deveria ser preservada.

Ao nível do senso comum, poderias pensar que estas são as três áreas mais utilizadas, assim, o seu continuado uso deteriora a colecção. Esta é uma das razões óbvias, porém, existem outra classe de razões, tais como:

1. Extensão da colecção;
2. Média da colecção;
3. Profissionalismo, e
4. Políticas institucionais.

As áreas com maior número de títulos têm maior probabilidade de apresentarem uma frequência mais alta de itens para preservação. Este é por conseguinte o caso das áreas Geral, da área de Referência e dos Filósofos. Deste ponto de vista, quanto maior for a colecção maior será a probabilidade de encontrar livros para preservar. Se bem que, as médias da colecção poderão ser um factor essencial a ter em linha de conta para o acto de preservação, ou seja, os livros mais antigos são os que mais fragilidades e cuidados apresentam.

Para além deste problema clássico, na BUJPII deveremos destacar a falta de profissionalismo, ou por assim dizer, a falta de certos cuidados de preservação rotineiros por parte do pessoal da biblioteca (no Anexo 2, nas observações, está documentado tal problema). Ou seja, existem cuidados básicos de conservação que não são cumpridos, como por exemplo, não direccionar directamente as luzes para os livros, não usar alcatifas, não colocar as estantes junto das janelas, não usar estantes com a altura de 2.28 cm, fazer formação de leitores, etc.

Este tipo de preservação é simples e, por conseguinte, facilmente poderá ser levada a cabo pelo pessoal da biblioteca, ainda que este não seja especializado. Outro tipo de problema a evitar são as estantes demasiado cheias. Referimo-nos, por exemplo, à área de Referência que apresenta um browsing caótico —estantes demasiado apertadas com documentos em alturas inacessíveis— este problema é evitável, se tivermos em conta que existem prateleiras quase vazias na referida colecção. Existem outros factores aos quais nos parece importante fazer referência, alguns livros estão sublinhados a esferográfica. Isto seria evitado com formação de leitores ou com mero controlo interno na sala de leitura.

12. Sugestões oportunas

Qualquer tipo avaliação de colecções deverá obedecer a uma estrutura metodológica específica, no entanto, na sua organização final deverão divulgar-se as respectivas conclusões e, quando possível, proceder-se à elaboração de sugestões. Partindo deste princípio metodológico, no capítulo anterior reunimos um amplo grupo de conclusões e, seguidamente, apresentaremos as sugestões que mais se adaptam à missão da BUJPII. Sublinharemos que, as sugestões são fruto de uma análise triangular, ou melhor, depois da reunião dos dados conclusivos, provenientes das três metodologias, procedemos à descrição das sugestões.

Assim, estruturamos este capítulo em cinco tipos de sugestões possíveis para se melhorar o desenvolvimento da colecção de Filosofia. Muitas outras sugestões seriam possíveis, não obstante, foram seleccionadas somente as que correspondiam às necessidades iminentes da BUJPII.

Primeiramente, elaboramos sugestões ao nível dos idiomas, das áreas e do material. Numa segunda fase, as sugestões incidem sobre a reorientação das solicitações. Seguidamente, são sugeridas a política de preservação levada a cabo por esta biblioteca. Finalmente, é dado enfoque à política de doações que e a outros tipo de factores que directamente estão correlacionados com o ambiente organizacional da BUJPII.

12.1. Nos idiomas

Em termos gerais, os três idiomas mais preferidos pela comunidade científica são o inglês, o francês e o alemão. Os professores da UCP deverão ter presentes os dados anteriores, já que são eles os principais responsáveis pela selecção na BUJPII. O valor mais usual nas citações em Filosofia na comunidade científica, ou seja, a moda das citações é cerca de 1995. Assim, para que os leitores desta biblioteca tenham acesso às novidades editoriais, necessitam de uma colecção actualizada.

Classificamos, porém, a colecção de Filosofia de quase suficiente, para que esta classificação seja superada, em termos quantitativos, será indispensável acrescentar novos documentos à colecção, sobretudo, traduções em língua portuguesa. A UPSA é a biblioteca que maior frequência apresenta na dimensão “outro idioma”, por sua vez, a BUJPII poderia seguir este exemplo espanhol e desenvolver o acervo documental na sua própria língua.

Por outro lado, é indispensável a aquisição de autores mais diversificados, na BUJPII ainda existe uma alta percentagem de autores que não contam no seu acervo. Além de mais, a BUC apresenta uma frequência mais alta na dimensão “existe autor”. Em termos quantitativos, a BUJPII apresenta uma relativa superioridade na variável “existências”, não obstante, as três bibliotecas necessitam de colmatar as suas não existências, estas são superiores às existências.

A UPSA é a biblioteca que apresenta mais actualidade na dimensão “existe”. A BUJPII deveria ter estes dados como modelo e, por conseguinte, actualizar o seu acervo com as novidades livrescas disponíveis no mercado. Tendo como base as listas modelo, na BUJPII a parte do acervo que não existe é mais actual do que existe, assim, mais uma vez se reforça a tese da renovação do acervo de Filosofia.

Por outro lado, na dimensão “existe autor”, comparando a BUJPII com a BUC e a UPSA, a Biblioteca de Lisboa é a que mais baixa actualidade apresenta. Na verdade, esta dimensão quantifica as existências dos autores e, por sua vez, é a dimensão que mais frequências apresenta nas três referidas bibliotecas —a referida dimensão, por si, é um dos elos mais eficientes de comparação estatística.

Partindo destes pressupostos, estamos aptos para afirmar que a BUJPII apresenta um acervo pouco actual, reforçando a ideia da necessidade de novas aquisições, prioritariamente, através

de compras. Esta forma de aquisição irá, de certa forma, ao encontro das necessidades dos conteúdos e dos idiomas que leitores necessitam e preferem. O ranking dos idiomas da colecção de Filosofia que, efectivamente, mais se aproxima das necessidades dos leitores é muito próximo do ideal proposto pela metodologia listas de controlo.

1. Inglês;
2. Português;
3. Francês;
4. Alemão, e
5. Castelhana.

Tendo em conta que o inglês é o idioma que apresenta o mais alto nível de frequências na BUJPII (54,4%) e que, por sua vez, é o idioma com médias mais baixas em toda a colecção (1981), a posteriori, deduzimos que deverá efectuar-se uma selecção negativa neste idioma na colecção. Para confirmar tal facto, verificamos que o idioma inglês apresenta uma das mais baixas médias na colecção, cerca de 1981 e com valores mínimos em 1927. Sublinhamos ainda que ao nível das solicitações, este idioma é o que apresenta uma média mais alta, cerca de 1984. Com estes dados poderemos deduzir que, na esmagadora maioria, este acervo é fruto de doações. Sugerimos, no entanto, que se procedam a descartes nas monografias nestes idiomas para que as colecções sejam mais actual e, sobretudo, mais funcional.

Tendo em consideração as percentagens do idioma português na BUC e na BUJPII, deviam-se proceder a novas aquisições, já que a primeira biblioteca apresenta um índice superior de existências em língua portuguesa. Deste modo, sugerimos a actualização e novas aquisições na língua portuguesa. Os valores das frequências absolutas das requisições assim o confirmam —73 itens requisitados em língua portuguesa. Por sua vez, o idioma alemão apresenta baixíssimas frequências nas solicitações, desta forma, a actualização da colecção neste idioma deverá ser ponderada, em detrimento de outros idiomas mais necessários, como é o caso do idioma português.

Tendo ainda em conta a actualidade do idioma castelhana na UPSA e do idioma português na BUJPII, facilmente deduzimos que deverão ser feitas actualizações e novas aquisições em língua portuguesa. Por outro lado, as requisições apresentam o seu índice mais alto de C/F nos idiomas português e inglês —cerca de um livro e meio por cada documento anualmente—, desta forma mais uma vez se confirma a necessidade de desenvolver a colecção com o idioma português, inclusive com o inglês. Além de mais, no método listas de controlo estes dois idiomas são os que mais frequências absolutas apresentam. A actualização da colecção tanto em língua inglesa como em castelhana é uma conclusão proveniente de dados objectivos, estes últimos idiomas apresentam valores mínimos que vão até à data de 1908.

Tendo como modelo a frequência relativa do idioma francês apresentada pela BUC, cerca de 29,6%. Por sua vez, o idioma francês na BUJPII é cerca de 12,7% inferior. Não obstante, a UPSA apresenta uma percentagem ainda inferior à BUJPII, cerca de 11,1%. Deste ponto de

vista, o idioma francês precisa de um reajustamento nas suas aquisições na BUJPII. Assim, o idioma francês é o que maior frequência absoluta apresenta no exame directo da colecção e, apesar disto, é infrautilização. Inclusive, o idioma castelhano também apresenta uma grande infrautilização. Deverão ser informados os serviços de selecção e aquisição para este problema, que no caso da BUJPII são os professores de cada área de Filosofia.

No idioma alemão, a BUJPII, é a biblioteca que menos percentagem apresenta em relação às outras duas bibliotecas. Deduzimos, efectivamente, que a grande maioria deste idioma é fruto de doações. Sugerimos, então, uma política de doações estruturada para se evitarem as fracas circulações dos fundos alemães. Como a Alemanha é um país com grandes tradições filosóficas, subentende-se a alta C/F na área dos Filósofos. Não obstante, deve-se repensar qualquer tipo de aquisições para a colecção de Filosofia devido à sua baixa rotação de documentos.

No acervo de Filosofia da UPSA consta o idioma italiano, ainda que este idioma detenha uma das médias das mais baixas do acervo, cerca de 1981. Por sua vez, a BUJPII ignora completamente este idioma, se bem que os filósofos italianos deveriam ser lidos no seu idioma original, esta é uma sugestão para aquisição.

O idioma português, castelhano, inglês e francês apresentam amplitudes muito vastas, os seus valores mínimos são de quase um século. Mais uma vez, somos forçados a pensar que estes acervos são abundantes em doações. De facto, a vocação de uma biblioteca universitária não deverá ser de arquivo, como acontece na BUJPII. Impõe-se, todavia, o urgente descarte nestes idiomas tendo sempre em conta as necessidades dos leitores. Na BUJPII os documentos mais requisitados são, grosso modo, os mais actuais.

A considerar que o idioma castelhano, o francês, o italiano e o alemão apresentam uma infrautilização na BUJPII —cerca de meio livros por ano de empréstimos. Além de mais, o latim está completamente infrautilizado; este idioma não apresenta qualquer tipo de frequências nas requisições, nem nas listas modelo. Deste ponto de vista, este idioma é o caso paradigmático da necessidade de descarte na colecção; esta língua apresenta valores mínimos que vão até 1892 e, sem qualquer tipo de solicitações no ano lectivo de 2004.

12.2. Nas áreas

Deveremos considerar um baixo uso da colecção de Filosofia na língua francesa e inglesa nas áreas Geral e Sistemas filosóficos. Assim, sugerimos uma intervenção quantitativa nestas áreas nas referidas línguas. Além de mais, devido à infrautilização na área dos Sistemas filosóficos nestes idiomas, sugerimos uma selecção negativa e, quiçá, uma reorganização estrutural desta área.

Desta forma, sugere-se uma reclassificação da área Geral e Sistemas filosóficos, havendo sempre a hipótese de integrar estas áreas em conteúdos mais específicos. Na verdade, os Sistemas filosóficos detêm uma certa caducidade, com valores mínimos que vão até 1917. Por sua vez, esta mesma área apresentam uma discrepância de 15 anos para satisfazer as necessidades dos seus leitores de uma forma eficiente.

A área Geral apresenta uma discrepância, entre a colecção e as solicitações, de 20 anos onde os seus valores vão até 1892, deduzimos que esta área é uma das que tem recebido o grosso das doações. Além de mais, os conteúdos nesta área são pouco objectivos e mal classificados. Sugerimos, por conseguinte, a aplicação de uma política de doações e uma reclassificação de algumas obras.

Sublinharemos, todavia, a infrautilização do idioma inglês na área Geral. Assim, a área Geral apresenta uma média de utilização de 0,14, ou seja, em sete livros existentes na colecção só se empresta um anualmente. Desta forma, dever-se-á proceder-se a uma apurada selecção negativa neste idioma desta área. Porém, ao nível das áreas Geral e de Referência novas aquisições neste idioma deveriam ser ponderadas. Por outro lado, sugerimos a selecção negativa do idioma castelhano nas seguintes áreas: Geral, Referência, Filósofos e Ética e, por outro lado, deveriam promover-se os estudos filosóficos no idioma castelhano. Também sugerimos a necessidade de desenvolvimento em língua portuguesa nas áreas de Referência, dos Filósofos, da Ética e da Epistemologia. Além de mais, a área da Ética e dos Filósofos também deveriam ser promovidas em língua inglesa

As áreas dos filósofos, da Metafísica e da Ética são as que mais bem sinalizadas nas estantes, facilitando as pesquisa browsing. Talvez por este motivo, apresentam uma das mais altas taxas de circulação. Deste ponto de vista, sugerimos uma boa sinalização de todas as áreas e micro-áreas de toda a colecção. A Metafísica deverá ser um dos exemplos de equilíbrio a considerar para a administração das outras áreas de Filosofia. Partindo deste exemplo, deveriam fortalecer-se as áreas da História da Filosofia, dos Filósofos e da Ética; de modo a se igualarem as taxas de circulação com a Metafísica e a Epistemologia.

12.3. Nos materiais

Os materiais existentes na colecção, em termos de frequências relativas, apresentam um certo equilíbrio: 66,7% de monografias; 33,% de seriados e 3% de material de referência. Os dicionários e as enciclopédias só apresentam frequências na área de Referência. Por sua vez, a grande maioria das frequências dos seriados também se verificam na área de Referência e na área Geral.

Os dicionários e as enciclopédias são o material com menos frequência na colecção, ainda que detenham uma das médias mais altas. Não obstante, seria útil proceder-se a novas aquisições

deste material, já que três décadas e meia o separam da actualidade. Tendo em conta que a língua francesa é uma das mais solicitada, os dicionários neste idioma deveriam apresentar frequências mais altas.

As monografias apresentam uma amplitude de 100 anos e, por sua vez, 25% dos seus dados são inferiores a 1965. Como verificamos, este tipo de material precisa inevitavelmente de uma selecção negativa. Porém, as novas aquisições em monografias e seriados devem ter em conta que as línguas preferidas pelos leitores neste tipo de material são a portuguesa e a francesa.

Os seriados apresentam uma média muito baixa, cerca de 1967 e uma amplitude estatística muito elevada, aproximadamente 108 anos. Perante tal panóplia de dados, facilmente deduzimos que este material é fruto de doações, portanto, de aquisições não renovadas. Portanto, uma selecção negativa neste contexto é mais que urgente.

12.4. Nas solicitações

Na colecção de Filosofia, 35,6% das requisições são efectuadas em Janeiro, Fevereiro e Março. Desta forma, sugerimos maior disponibilidade do acervo neste período; sobretudo nas áreas dos Filósofos, Referência, Epistemologia e da Ética —estas são as áreas mais solicitadas neste período de exames.

Em Novembro e Dezembro existe uma frequência relativa acumulativa de 20,4% de requisições. Por outro lado, as áreas mais solicitadas nestes períodos são as dos Filósofos, da Referência, da Epistemologia e da Ética. Os meses dos exames são os que mais solicitações apresentam, assim, Janeiro, Fevereiro, Março, Novembro e Dezembro são os períodos que precisam de mais controlo nas estantes, devido ao maior fluxo de circulação de material. Sugere-se, então, a reposição rápida do material fora das estantes, especialmente, nestas épocas.

12.5. Na conservação

Os principais problemas apresentados pela BUJPII na conservação da colecção podem-se reunir em dois grandes vectores: uso intensivo dos documentos e a sua idade. Aplica-se aqui o imperativo, quanto mais antigos são os documentos mais necessidade apresentam de conservação. Assim, os principais problemas apresentados na colecção são:

1. Capas rotas;
2. Cotas descoladas e pouco visíveis;
3. Folhas soltas;
4. Livro descolados, e
5. Alguns livros com mau estado geral (sublinhados, folhas rasgadas, etc.)

A confirmar tais factos, verificamos que a média geral do acervo de Filosofia é de 1964, daí a necessidade de cuidados de intervenção nesta colecção. Desta feita, as áreas que menos actualidades apresentam são as que, por conseguinte, de mais cuidados de preservação necessitam. Referimo-nos, sobretudo, à área Geral com uma média de 1965; à área de Referência de 1964 e os Filósofos, ambas com uma média de 1978.

Esta análise é consensual, quanto mais envelhecidas forem as áreas mais necessidade haverá na sua preservação (no caso da BUJPII são as áreas Geral e de Referência). Por outro lado, as áreas mais usadas e com maior frequência absoluta também necessitam dos referidos cuidados —são elas a área dos Filósofos, Epistemologia e dos Sistemas filosóficos. Ao invés, as áreas com menos documentos e mais actuais são as que menos necessidades têm de conservar-se, a título de exemplo, referimos a área Metafísica com uma média de 1984 e com uma frequência absoluta de 14.

Devido a alguns tipos de cuidados de preservação apresentarem um grau de dificuldade muito simples, sugerimos que o próprio pessoal da biblioteca o leve a cabo, mesmo os que não têm formação biblioteconómica. Percentualmente, 14,7% da colecção de Filosofia deveria sujeitar-se a intervenções de preservação, como nos demonstra o Anexo 2, existem factores profissionais que estão contribuindo para uma má preservação da colecção, assim, devem evitar-se:

1. Estantes demasiado cheias com livros apertados;
2. Uso de alcatifas;
3. Falta de formação de leitores;
4. Uso de estantes com altura de 2.28 cm, etc.

12.6. Na política de doações

A UCP tem aproximadamente 30 anos de existência, como poderá a sua biblioteca possuir um acervo documental que apresenta valores mínimos de publicação em 1885? Como sabemos, a resposta é evidente, a BUJPII é uma forte adepta de aquisições através de doações. Além de mais, a referida biblioteca não possui uma política de doações estruturada, para além deste facto, o seu sistema de classificação documental não é uniformizado e excessivamente extenso —este é o problemas de fundo de toda a biblioteca.

Deste ponto de vista, todo o acervo documental da BUJPII é afectada por esta política organizacional. Ao nível da Filosofia existem áreas que são fortemente penalizadas por esta política de desenvolvimento das colecções ou, por assim dizer, pela falta desta política. Assim, a área de Referência, dos Sistemas filosóficos e a área dos Filósofos são as que apresentam valores mínimos mais baixos —a área da Referência e a área dos Sistemas filosóficos vão até 1915 e área dos Filósofos até 1910.

Na verdade, as três bibliotecas apresentam um total de 8% de duplicados no seu acervo; o idioma inglês, na BUJPII, é o que mais contribui para este resultados. Partindo do princípio que este idioma apresenta valores mínimos até 1927. Facilmente deduzimos que estes duplicados são fruto de doações que deveriam ser descartadas. No entanto, interrogamo-nos: serão justificáveis tantos duplicados, nomeadamente na BUJPII, com uma baixa circulação em algumas áreas da colecção?

Em termos sucintos somos forçados a afirmar que, como esboçando em toda a nossa dissertação, não existe uma política de doações estruturada e escrita na BUJPII. Devido a esta lacuna, anunciamos alguns pontos a evitar que advêm da ausência desta regra básica de gestão bibliotecária.

1. Inserção de grandes acervos documentais nos fundos gerais da BUJPII com exigências incompatíveis do doador. Este obriga muitas das vezes à reestruturação constante do espaço da biblioteca —exemplos paradigmáticos são as doação do fundo António Sardinha, Eduardo coelho;
2. Política de inseparabilidade dos acervos doados;
3. Inserções no fundo geral da biblioteca acervos muito antigos, as próprias bibliotecas universitárias não têm esta vocação de arquivo;
4. Falta de espaço devido à aceitação constante de novas doações;
5. Duplicação sistemática do fundo geral;
6. Falta de uma política escrita para o conhecimento geral da biblioteca;
7. Política de selecção externa à BUJPII; é o corpo docente que faz a selecção sem qualquer tipo de formação.

12.7. Leitores/serviços informáticos

A BUJPII não apresenta qualquer tipo de conhecimento do perfil dos seus leitores; advertimos aos responsáveis por tal tarefa que tracem o perfil dos seus utentes, inclusive dos esternos já que estes últimos apresentam uma frequência digna de atenção (freq. 5619). Além de mais, o conhecimento dos leitores internos também deverá fazer parte das tarefas da BUJPII, traçando-se o seu perfil (por motivos informáticos foi-nos impossível tal análise).

Sugerir insistentemente aos serviços de informática a elaboração constante de estatísticas, tanto ao nível dos leitores existentes como em outros campos que a biblioteca tanto necessita. Os serviços de informática e a respectiva funcionalidade do seu sistema informático apresentam deficiências que põem em causa algumas tarefas rotineiras do pessoal da biblioteca, inclusive, dos leitores.

Aliado a esta deficiência informática, não existe uma intercomunicação entre os serviços informáticos e os outros departamentos, ou se existe é externamente frágil. Ainda que o referido serviço esteja implantado na biblioteca, está completamente desanexado das

necessidades gerais da biblioteca. Devido à enclausura e falta de diálogo bilateral com os bibliotecários do serviço informático, este têm vindo desde há muito contribuindo para graves lacunas na gestão da BUJPII. Apresentaremos seguidamente alguns exemplos, mas muitos outros poderiam ser descritos.

1. Links não actualizados presentes no sistema informático;
2. Modelo internalista dominante;
3. O OPAC com funcionalidades não operacionais;
4. Modelos de pesquisa não operacionais e sem uma metodologia aparente (OPAC);
5. Redundância nos descritores de pesquisa;
6. Operadores booleanos sem qualquer tipo de explicação prévia e alguns resultantes da invenção local;
7. Deficiente exploração do software —apesar da sofisticação do software e hardware não são disponibilizados indicadores estatísticos quer para consulta interna quer para consulta externa;
8. Etc.

13. Conclusão

13. Conclusões

Nesta parte final da dissertação iremos dar resposta às perguntas que deixamos em aberto na introdução e que, por sua vez, agrupamos em dois grandes âmbitos. Primeiramente, responderemos às perguntas que se referem à avaliação dos métodos utilizados para a avaliação das colecções e às que derivam do estudo de caso.

A utilidade dos métodos de avaliação de colecções está fora de quaisquer dúvidas. O processo de avaliação deve ser uma tarefa de fundo de todas as bibliotecas, sobretudo na actualidade em que a qualidade está adquirindo pleno protagonismo, com a implementação de standards e normas que regulamentam o desempenho das instituições.

O conhecimento dos diferentes métodos é indispensável para a realização das tarefas rotineiras dos bibliotecários; a sua consequente aplicação é uma ferramenta fundamental para desenvolver e organizar colecções de qualidade de acordo com as necessidades dos leitores. Para se estabelecer uma interacção afectiva entre a biblioteca e o seu ambiente organizacional, é imprescindível adaptar-se a informação aos interesses e necessidades de cada uma das actividades que fazem parte da vida dos leitores.

Além disso, não poderemos olvidar-nos que com os resultados dos métodos de avaliação adequados a cada biblioteca poderemos modernizar e criar novos serviços. Tanto a criação como a inovação de serviços deverão ser acompanhadas por avaliações consecutivas; considerando ainda que devem coexistir tanto os modelos tradicionais com as novas tecnologias de informação. Partindo deste pressuposto, poder-se-á consolidar o poder da biblioteca ao nível regional e nacional. Desenvolvendo-se, assim, um novo modelo de biblioteca como organização geradora de produtos de informação e de todo o do processo de transferência de conhecimento.

Finalmente, quando os métodos são usados de uma forma dinâmica e variada, convertem-se num instrumento eficaz de gestão capaz de orientar análises e processos de avaliação. O desenvolvimento das colecções requer normativas que indiquem como se realizam todo o processo avaliativo e que critérios se devem usar. O conhecimento das várias metodologias é, na verdade, uma ferramenta indispensável para uma avaliação eficaz.

Uma vez expostas as conclusões gerais, descreveremos algumas sugestões sobre a colecção analisada.

13.1. Sobre a determinação dos métodos de avaliação das colecções

O primeiro objecto, o qual nos propusemos analisar foi a determinação e análise dos principais métodos de avaliação recolhidos na literatura científica.

Depois de um amplo estudo de revisão bibliográfica, estabelecemos que os principais métodos para a avaliação das colecções são os seguintes:

- Listas de controlo
- Exame directo da colecção
- Exame da lista dos dados da estante
- Avaliação de peritos
- Uso de estatísticas
- Avaliação conspectus
- Aplicação das normas
- Empréstimos domiciliários
- Estudos de empréstimos internos
- Estudo de empréstimos interbibliotecários
- Estudo de disponibilidade nas estantes
- Estudos da opinião dos leitores
- Análise de citações
- Método acumulativo de avaliação

Uma das constatações que chegamos foi que as metodologias de avaliação carecem de uma sistematização e uniformização. Este facto é manifestamente visível na própria designação de cada metodologia, nas quais nem sempre se usam as mesmas terminologias. Assim, por exemplo, podemos encontrar as denominações “user opinion data”, “survey and/or interview data”, “survey of user opinions”, para a referência dos estudos de opinião aos leitores; ou “interlibrary loan data”, “analysis of interlibrary loan statistics”, para os estudos dos empréstimos interbibliotecas. Embora as terminologias não sejam muito dissipantes, mas podem induzir em erros crassos.

13.2. Sobre a classificação dos métodos

Partindo do principio de que quando se estudam alguns objectos da realidade (colecções bibliográficas ou periódicas) é de grande utilidade agrupá-los em classes. A base desta sistematização é normalmente proporcionada por pontos de vista teóricos que traduzem os atributos importantes dos objectos e das suas metodologias de avaliação.

Porém, a utilidade do estabelecimento de uma classificação dos métodos de avaliação é, grosso modo, uma maneira rápida e eficiente de identificação dos diferentes métodos com os quais poderemos realizar a avaliação das colecções, num contexto em que coexistem numerosas e variadas metodologias de avaliação. Assim, poderemos dispor de uma sistematização e classificação destas metodologias que, conseqüentemente, tem-se manifestado muito útil aquando se pretendem aplicar de uma forma múltipla e combinada. Desta forma, deveremos combinar as distintas orientações metodológicas para melhor usufruirmos das suas vantagens de complementaridade.

Um dos aspectos a sublinhar no processo de desenvolvimento das colecções de uma biblioteca é a determinação efectiva dos métodos que se empregarão para seleccionar os recursos de informação que integram os fundos. Assim, é imprescindível o conhecimento das várias metodologias de avaliação, discriminadas e classificadas devidamente.

Devido à grande variedade de metodologias de avaliação na literatura científica, necessitamos de um marco conceptual que as integre nas diversas áreas de interesse —avaliação baseada nas colecções e no uso que fazemos dessas mesmas colecções. Porém, ainda que esta classificação seja uma ferramenta estrutural para que os bibliotecários possam seleccionar os grupos ou métodos de avaliação apropriados às suas avaliações, segundo Hiller (2004), cada bibliotecário deverá escolher cada método de avaliação baseado nas seguintes questões:

- É apropriado?
- É oportuno?
- É rentável?
- Quem o aplicará e que experiência necessitará?
- Que representação deverá ter a população?
- Como se utilizam os resultados?

13.3. Sobre a aplicação dos métodos de avaliação

A terceira pergunta (A.3) referia-se à forma como se devem aplicar e usar os diversos métodos de avaliação.

Também a partir de uma revisão bibliográfica demonstramos que a biblioteconomia, como muitas outras ciências, não operam isoladamente sem qualquer fundamentação científica e técnicas usadas por outras ciências. Assim, nas suas análises é frequente o uso de paradigmas quantitativos e também qualitativos. A produção de estudos quantitativos aplicados à biblioteconomia é hoje uma realidade incontestável, como o demonstra o uso constante de técnicas e métodos baseados em denominadores matemáticos (os exemplos são múltiplos: as análises bibliométricas, cienciométricas, infométricas e webométricas que, actualmente, são uma realidade constante no processo de investigações nas nossas bibliotecas). Por outro lado, os indicadores qualitativos também são amplamente usados na biblioteconomia, tendo uma notável relevância nestas investigações.

Ao longo da nossa investigação tentamos demonstrar que esta dupla tendência não se pode entender como um mero duo fragmentado. Assim, a recompilação dos métodos de avaliação das colecções e, sobretudo, a avaliação propriamente dita foi sempre planeada à luz desta complementaridade paradigmática. Os conceitos que representam esta análise são a “triangulação” e a “acumulação”, as quais são utilizadas frequentemente nos estudos de caso (este foi o elo condutor da nossa investigação) para usufruirmos de análises baseadas em características complementares.

Esta noção de complementaridade é baseada na utilização dos métodos quantitativos e qualitativos. A correlação entre ambos, na nossa opinião, deverá apresentar uma perfeita simbiose de complementaridade, por defeito. Dito de outro modo, as duas metodologias pela sua “incompatibilidade” devem integrar-se no mesmo projecto científico.

13.4. Sobre a utilização conjunta de diversos métodos

O objectivo B desta investigação centra-se na aplicação dos diversos métodos de avaliação da colecção de Filosofia da Biblioteca João Paulo II, assim como na comprovação da sua eficácia.

A primeira pergunta referia-se à possibilidade de se utilizarem conjuntamente diversos métodos de avaliação das colecções (no nosso caso, as listas modelo, o exame directo da colecção e o estudo de empréstimos domiciliários) para a obtenção de informação global e complementar sobre a situação de uma dada colecção. Esta questão foi discutida no parágrafo anterior, ao nível teórico. Porém, faltará uma reflexão que tenha em conta e analise adequadamente a utilização real destes métodos numa dada colecção.

Depois do nosso estudo, ficou demonstrado que é possível utilizar de uma forma combinada mais de um método. Na verdade, cada método, em si mesmo, poderá ser instrutivo e gerar conclusões credíveis, mas não nos poderemos esquecer que estas conclusões somente abarcarão uma perspectiva do fenómeno estudado. Na nossa investigação, quando aplicamos cada metodologia isoladamente, obtemos um conjunto de conclusões credíveis, ainda que parciais. Não obstante, quando analisamos a colecção com todos os métodos, emprestamos à nossa conclusão uma profundidade e claridade antes não conseguida.

Dito de outro modo, perante as conclusões das listas de controlo ficou claro que havia vazios na colecção; com o exame directo da colecção e com a metodologia dos empréstimos domiciliários examinamos o que existe na realidade na colecção e quais os documentos mais solicitados pelos utentes. Assim, com a análise conjunta destas três metodologias, concluimos com maior nitidez o que deveria ser uma colecção ideal, os principais vazios da colecção, os pontos fortes da colecção e a adequação da colecção aos seus leitores —uma análise isolada jamais poderia responder cabalmente a todas estas conclusões propostas.

Actualmente, as investigações levadas a cabo implicam uma crescente integração dos projectos de pesquisa. Enquanto combinados, estes projectos são uma poderosa ferramenta de averiguações. Os estudos de integração multidisciplinar de vários métodos levados a cabo por Brannen (1992) e Creswell (1995) demonstraram que, apesar de algumas incompatibilidades, as conclusões são mais fidedignas para as expectativas dos leitores e para a biblioteca. A aproximação e combinação das várias técnicas e metodologias são cada vez mais uma

realidade emergente nos novos cenários da gestão do conhecimento. Com esta aproximação dispomos, em síntese, de informação complementar e contratada numa só conclusão.

As vantagens destes estudos multidisciplinares são, primeiramente, a análise das diversas facetas de um só fenómeno. Na verdade, as conclusões baseadas num só método ou em vários, analisados de uma forma solipsista, poderão dar lugar a visões simplistas da realidade e sem contexto organizacional. Pelo contrário, as investigações multidimensionais minimizarão a quantidade de trabalhos e, sobretudo, proporcionarão maior qualidade na investigação —os benefícios de uma metodologia irá colmatar as desvantagens de outra— e além de mais, proporcionará uma gestão de qualidade centrada na dialéctica quantidade/qualidade/cliente.

Para além destes factos, os desígnios da avaliação tendem à flexibilidade e à mudança. Ou melhor, os dados provenientes das diversas metodologias de avaliação de colecções devem proceder de fontes e perspectivas múltiplas, permitindo-nos uma representação mais completa dos problemas investigados. Assim, com uma compreensão holística dos fenómenos estudados poderemos mais facilmente formular problemas de pesquisa e avaliar de forma alternativa.

No que diz respeito às suas limitações, deveremos destacar a incompatibilidade existente entre as várias tendências que integram no mesmo projecto. Os resultados finais da análise das colecções, na sua maioria, têm uma aplicação específica (*in loco*) devido à grande dificuldade de se encontrarem noutras bibliotecas uma “combinação” comum para se poderem comparar os dados. Ou melhor, a sua aplicabilidade não é extensível a grandes comparações interinstitucionais devido a esta componente específica. Além disso, no uso de métodos integrados as vantagens de uns métodos superam as desvantagens de outros.

Depois de estas considerações, iremos responder às seguintes questões que formulávamos na Introdução e que se referiam, fundamentalmente, à caracterização do estado actual da colecção.

13.5. Sobre a aproximação dos fundos à lista ideal dos fundos

A seguinte questão, codificada como B.2, é referente à problemática da aproximação dos fundos da referida biblioteca com a lista modelo proposta na avaliação. Para esta análise usamos técnicas quantitativas, ainda que a nossa avaliação não se reduza a uma mera análise quantitativa, o uso destes dados é justificável devido à necessidade de compararmos a colecção de Filosofia da BUJPII com outras duas bibliotecas de similar missão. Uma outra razão de interesse é a necessidade de conhecer a referida colecção em relação a outros acervos com os mesmos propósitos universitários. Para tal, elegemos a Biblioteca da Universidade de

Coimbra (catálogo da Faculdade de Letras I.E. Filósofos —BUC) e a Biblioteca da Universidade Pontifícia de Salamanca (catálogo geral da UPSA).

As três bibliotecas foram avaliadas com os mesmos critérios quantitativos; com quatro dimensões ou indicadores: “existe” (existência do documento), “não existe” (não existia o documento), “outro idioma” (existência de uma tradução) e “existe autor” (existe o autor mas não o título do documento). Deste ponto de vista, concluímos que existe uma ligeira superioridade na colecção de Filosofia da BUJPII, na variável existências, em termos quantitativos. Esta superioridade traduz-se, em percentagens, nos seguintes valores:

- Na dimensão “existe”, a BUJPII é 10% superior à BUC e 7% superior à UPSA;
- Na dimensão “outro idioma”, a BUJPII é 1,4% inferior à BUC e 3,7% à UPSA;
- Na dimensão “existe autor”, a BUJPII é 7% inferior à BUC e 1% superior UPSA, e
- Na dimensão “não existe”, a BUJPII é 7% inferior a BUC e 4,4% à UPSA.

Tendo em conta os resultados comparativos descritos, a BUJPII nas três opções ou dimensões da variável existências (“existe” + “outro idioma” + “existe autor”) apresenta uma frequência relativa acumulada de 46,6% a BUC para as mesmas dimensões apresenta uma frequência acumulada de 39,7% e, finalmente, a UPSA tem uma frequência acumulada de 42,3%. Em fim, a biblioteca que mais próxima está dos 50% é a BUJPII, faltando-lhe apenas 3,4 de dados.

Assim, a BUJPII apresenta uma colecção de Filosofia superior às outras duas bibliotecas que serviram de comparação, ainda que esta superioridade não seja muito significativa. Deste ponto de vista, poderemos afirmar que a colecção estudada é quase suficiente em material existente, já que pouco falta para os 50% das existências nas três dimensões que representam o seu acervo. Para além deste facto, a sua inferioridade na dimensão “não existe” é, grosso modo, uma superioridade já que representa mais documentos que as outras duas bibliotecas.

Outra forma de quantificação comparativa da colecção é o estudo da variável “idioma” da variável “existências”. Trata-se, pois, de uma análise importante para a compreensão do conteúdo da colecção e, sobretudo, está relacionada com a necessidade dos utentes.

13.6. Sobre a actualidade da colecção

O terceiro objectivo do nosso estudo de caso foi a determinação do grau de actualidade da colecção. O estudo acumulado dos dados obtidos em cada método utilizado permitira-nos obter uma visão dos diversos aspectos relacionados com a actualidade da colecção. Neste aspecto, a BUJPII apresenta uma relativa superioridade em relação às outras duas bibliotecas.

Para o confirmar analisamos a colecção com as quatro variáveis anteriormente descritas. Assim, na dimensão “outro idioma” a BUJPII é a biblioteca que dispõe de fundos mais

actuais, com uma média de 1997. Dito de outro modo, a BUJPII apresenta traduções com uma média superior à BUC de 11 anos (média 1986) e cerca de 15 anos em relação à UPSA (média 1982).

Na dimensão “existe autor”, ao contrário, a BUJPII é a biblioteca que menor actualidade apresenta. Neste caso, a BUC é a biblioteca mais actual com uma média situada a 1987. Seguidamente, a UPSA tem uma média de 1986. A BUJPII apresenta uma média ligeiramente inferior a estas duas bibliotecas, já que se situa a 1985.

Na dimensão “existe”, tanto a BUJPII como a BUC apresentam a mesma média, 1984. Não obstante, a UPSA apresenta uma média superior de um ano, situando-se portanto a 1985. Porém, nas “não existência”, a BUJPII é a que apresenta maior superioridade, ou seja, é a biblioteca que menos frequências relativas apresenta (BUJPII —53,3%, BUC —60,3% e UPSA —57,7%). Não obstante, é mais actual o que não existe do que o que existe, tanto na BUJPII como na UPSA. Ou seja, o que existe —dimensão “existe” apresenta uma média de 1984 e na BUJPII e de 1985 na UPSA—, e o que não existe —dimensão “não existe” apresenta uma média de 1990 tanto na BUJPII como na UPSA— por outro lado, a BUC é a biblioteca que melhores resultados apresenta, na dimensão “existe” apresenta uma média de 1984 e na dimensão “não existe” uma média de 1989.

13.7. Sobre a distribuição dos idiomas

Seguidamente, com o objectivo B.4, propusemo-nos investigar a distribuição da colecção por idiomas. Uma vez mais, esta análise baseia-se na mensurabilidade quantitativa que, efectivamente, nos permitirá avaliar a distribuição dos idiomas e a sua consequente comparação com as outras bibliotecas estudadas.

Na BUJPII, o idioma inglês é o que apresenta uma frequência mais alta (superior a todas as bibliotecas estudadas). Este idioma apresenta uma percentagem de 54,3%; isto quer dizer que mais de metade das existências da BUJPII são em língua inglesa. Como parece óbvio, o idioma materno é a segunda força da colecção de Filosofia, com uma percentagem de 17,5%. Seguidamente, o idioma francês apresenta uma percentagem de 12,3% e o idioma alemão cerca de 8,8%. O que nos pareceu surpreendente é o facto do idioma castelhano somente apresentar uma percentagem de 7%; este idioma nas bibliotecas portuguesas costuma ser o substituto do idioma português.

O inglês também é a primeira força na colecção da BUC, ainda que como já foi mencionado, a BUJPII apresenta uma superioridade percentual (de 21,1%) neste idioma. Surpreendentemente, na BUC a segunda força da colecção é o francês, enquanto o português ocupa a terceira posição quantitativa na colecção. Seguidamente, o idioma alemão (é a quarta posição, como também o é na BUJPII com uma percentagem superior de 6% à BUC).

Finalmente, está o idioma castelhano com uma percentagem muito baixa, cerca de 3,3% — quase menos 50% que a BUJPII.

Na UPSA encontramos um resultado similar em relação ao referido idioma: o inglês é a primeira língua, com uma percentagem de 52,8%. O castelhano, por sua vez, é o segundo idioma (como verificado com o idioma português na biblioteca de Lisboa) ainda que tenhamos que sublinhar que na UPSA, o idioma materno tem uma percentagem superior que a BUJPII, cerca de 2,9%. Seguidamente, o idioma francês e o alemão apresentam a percentagem de 11,1%, em exequo. O idioma português na UPSA é o idioma que apresenta uma menor percentagem, em consonância com o que destacamos com o castelhano na BUJPII. Ainda que nesta última biblioteca o idioma castelhano apresente uma maior percentagem (7%) que o idioma português na UPSA (5,6%).

Os duplicados existentes nas três bibliotecas apresentam uma percentagem de 8%. Assim, na UPSA o idioma castelhano é o que maior frequência absoluta apresenta nos seus duplicados, cerca de 17, o qual parece lógico já que estamos a falar do seu idioma materno. Seguidamente, o idioma francês é o que apresenta uma maior frequência, já que foram contabilizados 5 duplicados neste último idioma.

Na BUC o idioma francês e o inglês são os que maiores frequências absolutas apresentam, com uma frequência de 12 e de 8, respectivamente. Outros idiomas, como o português ou o alemão só têm uma frequência absoluta de 2, respectivamente. Esta biblioteca tem uma frequência relativa de 8,3% de duplicados no seu acervo de Filosofia.

Na BUJPII o idioma português é o que maior frequência absoluta apresenta nos seus duplicados, foram 13 casos quantificados. Por sua vez, o francês e o inglês apresentam a maior frequência nos duplicados da colecção; o primeiro com uma frequência absoluta de 6 e, o segundo, de 4. Por outro lado, não se contabilizaram duplicados no idioma castelhano.

13.8. Sobre o estado de conservação dos fundos

O seguinte objectivo, B.5, pretende analisar o grau de conservação da colecção de Filosofia.

Antes de entrarmos na questão de preservação, propriamente dita, queremos fazer alguns comentários sobre a idade média dos fundos. Segundo os nossos dados trata-se de uma colecção pouco actual, já que a sua geral da colecção situa-se na data de 1974. As datas mais representativas são: 1969 (3,7%); 1970 (3,7%); 1984 (4%); 1986 (3,7%) e 1992 (4%). Por outro lado, nas listas modelo, a média é de 1988, onde a média das datas mais representativas são: 2000 (4%); 1997 (4%); 1996 (9,3%); 1995 (18,7%) e 1994 (11,7%).

Apesar de que a média da colecção seja de 1974, o estado de conservação que a colecção apresenta é razoável, já que encontramos uma frequência relativa de 56% de documentos que estão bem conservados dimensão “razoável”). Além disso, temos que considerar uma proporção de 29,3% de documentos em bom estado de conservação (dimensão “bom”). Assim, estas duas dimensões apresentam uma percentagem acumulada de 83,3%, a qual nos pareceu bastante positiva. Na verdade, um quarto da colecção está bem preservada.

Pelo contrário, é pouco significativo que 14,7% dos documentos da colecção terá que submeter-se a uma intervenção. Assim, com uma colecção que tem uma média de 1974, não nos parece excessivo que exista uma frequência absoluta de 44 casos para preservação.

Outro dado, quanto mais antigos são os livros mais necessidade existe de os preservar. Vejamos: a data média de publicação do acervo que necessita de medidas de conservação é de 1964, além disso, a parte da colecção que se encontra em bom estado é a que mais alta média apresenta, situa-se na data de 1985. Por sua vez, a parte da colecção “razoável” é a que detém o maior número de frequências absolutas, de 1968.

O bom estado de conservação apresenta a média mais alta das três dimensões analisadas de conservação (bom —1985; razoável —1970 e preservar —1964) da colecção analisada. Além disso, só 25% dos seus valores são inferiores a 1980 e 75% inferiores a 1994. Por sua vez, a dimensão “razoável” apresenta 25% dos seus valores inferiores a 1962 e 75% são inferiores a 1985. a dimensão “preservar” é a que apresenta datas mais baixas —25% dos seus dados são inferiores a 1950 e 75% são inferiores a 1979.

Em síntese, os livros mais antigos são os que mais necessidades apresentam de conservação; a parte da colecção razoável apresenta dados mínimos que vão até à data de 1892, como justificar tal facto? O motivo é que o acervo mais antigo foi recentemente preservado, sobretudo, encadernado.

Como previsível, a parte da colecção que deverá preservar-se é a que apresenta os dados mais envelhecidos, vejamos: a sua média é de 1964 e a sua mediana é de 1969, apresentado também valores mínimos que vão até 1908.

Num pólo oposto encontram-se duas áreas que apresentam um baixo índice de necessidade de preservação. Referimo-nos à Metafísica e à Epistemologia, duas áreas que têm a mais elevada media de actualidade: a Metafísica apresenta uma média de 1984, com uma frequência absoluta de preservação de 1 caso e, simultaneamente, com uma frequência absoluta de 14 na colecção —pouco extensa. A Epistemologia, por sua vez, tem uma média de idade de publicação de 1984 e apresenta um baixo nível de necessidade de preservação, já que tem uma frequência absoluta de 2 casos a preservar.

Em síntese, verificamos que as áreas com maior frequência absoluta (Geral —freq. 44; Referência —freq. 59 e Filósofos —freq. 65) são as que, por sua vez, apresentam uma média mais baixa (Geral —média 1965; Referência —média 1964 e Filósofos —média 1978) e são as que, portanto, necessitam de maiores cuidados de preservação. No que respeita às áreas que precisam de mais intervenção, teremos que destacar as seguintes: a área Geral (15 documentos, 6,6%), a Referência (12 documentos, 7,08%) e a dos Filósofos (8 documentos, 5,2%).

13.9. Sobre a adequação da colecção

O último objectivo pretende analisar a adequação da colecção em relação às necessidades dos seus leitores. O grau de adequação da colecção foi analisado a partir de duas perspectivas: áreas temáticas e idiomas. Para este estudo, tivemos a necessidade de cruzar os dados procedentes do exame directo da colecção e dos empréstimos domiciliários.

Na área da História da Filosofia os documentos são requisitados com uma média inferior a 5 anos em relação à média global da colecção. Este âmbito temático é constituído por obras clássicas e, o seu conteúdo é intemporal. Os leitores solicitam livros que vão desde 1984 até 2004, numa amplitude de 20 anos.

Na área Geral existe também uma discrepância de 20 anos, entre as requisições e a colecção (1985 – 1965). Esta é, na verdade, uma das áreas mais obsoletas. Além de mais, esta área tem uma média pouco actual (determinada em 1965) e os seus valores remontam até 1982 e 25% das suas datas são inferiores a 1955.

Por outro lado, a Referência é a segunda área que mais discrepância apresenta entre as médias e as solicitudes e as existências reais. Dito de outro modo, a área de Referência apresenta uma média de 1964 e, por sua vez, os pedidos nesta mesma área são em 1980; assim, e cerca de 16 anos separam a colecção das necessidades dos leitores.

Na verdade, esta área é uma das que dispõe de maior número de frequências absolutas, mas também é a que se encontra mais obsoleta. Vejamos, 25% das suas datas são inferiores a 1953, ainda que ao nível das requisições apresenta uma amplitude de 98 anos, já que os documentos são solicitados desde 1900 até 1998.

Outra área que apresenta um certo desequilíbrio entre as suas médias é a dos Sistemas filosóficos que, efectivamente, apresenta uma discrepância de 15 anos —a média desta área é de 1968 e a média das solicitudes é, no entanto, de 1983. Assim, esta área inclui documentos publicados desde 1917 até 1999, numa amplitude de 82 anos e com 25% das datas inferiores a 1963.

As duas áreas com menos discrepância são a dos Filósofos e a Ética. A primeira, apresenta uma discrepância de 5 anos entre as solicitudes e a colecção real. A ética, por sua vez, uma discrepância de 7 anos.

Como verificamos, a grande maioria da colecção está infra-utilizada, com excepção de três — os Filósofos, a Metafísica e a Ética. A área dos Filósofos é a que mais circulação parenta no seu acervo, ainda que em geral não poderemos falar de qualquer subutilização. O seu C/F é apenas de 1,30, o mais alto de todas as áreas (cerca de um livro e meio de empréstimos por ano por documento).

Por sua vez, a Metafísica é a segunda área com mais C/F, com uma média de pouco mais de um livro por ano (1,21). A área da Ética apresenta uma frequência absoluta de 28 existências e de 33 solicitudes, isto quer dizer que o seu C/F é pouco mais de um livro de empréstimo por ano (1,17).

A área de Referência é a que apresenta maior frequência absoluta em toda a colecção (freq. 59). Não obstante, não é a área com maior C/F, nem a mais requisitada. Como já verificamos, esta área tem pouca actualidade (média 1964). Porém, apresenta um C/F de 0,83, ou seja, uma média anual que não chega à utilização de um empréstimo por documento.

Por outro lado, as áreas da História da Filosofia, Geral e Sistemas filosóficos apresentam uma infra-utilização. Assim, as duas primeiras têm um C/F de um livro anual por documento. Na nossa opinião, parece-nos insuficiente este índice de circulação devido à importância temática das respectivas áreas do conhecimento — a História da Filosofia tem um C/F de 0,66 e a Epistemologia 0,63.

Na nossa investigação acumulada, tivemos a opção de proceder a várias micro análises sobre a discrepância da colecção em relação aos idiomas — analisamos cada idioma em particular —, assim ao nível geral poderemos afirmar que no idioma português existe uma amplitude de 98 anos. Este idioma apresenta valores mínimos em 1904 e valores máximos em 2002. De facto, este idioma ainda que seja a língua materna não é a mais actual da colecção de Filosofia da BUJPII, a confirmá-lo está o idioma alemão que só apresenta uma amplitude menos, de 56 anos e os seus valores mínimos vão só até 1943.

O castelhano e o francês são idiomas que, seguidamente, mais divergem entre as suas médias: cerca de 6 anos entre a colecção e as respectivas solicitudes. Não obstante, estes idiomas também divergem no seu nível de frequências absolutas; o idioma francês apresenta uma frequência de 87 e o castelhano de 21.

Por outro lado, o idioma francês apresenta uma amplitude de 91 anos (os valores vão desde 1908 até 1999) e, 25% das suas datas são inferiores a 1958. Por outro lado, o idioma

castelhano apresenta valores que vão desde 1930 até 2000 (numa amplitude de 70 anos) e, 25% das suas datas são inferiores a 1973.

Apesar destes dados, o idioma castelhano deveria actualizar-se com menos intensidade que o francês. Na nossa opinião, são três as razões principais: em primeiro lugar, a média do francês na colecção é mais baixa do que a do castelhano —o francês apresenta uma média de 1967 e o castelhano 1975. Em segundo lugar, as requisições na língua francesa apresentam uma superioridade de 66 casos, em frequências absolutas. A última razão está relacionada com o facto de que ambos os idiomas apresentam valores mínimos muito baixos, estes valores vão até 1908 e 75% das suas datas são inferiores a 1983.

O inglês e o italiano são os idiomas que menos discrepâncias apresentam nas suas respectivas médias: somente 3 anos. Não obstante, a média do italiano é mais baixa do que a do inglês — o primeiro apresenta uma média de 1979 e o segundo de 1981. Assim, as frequências absolutas das existências na colecção são do idioma inglês, que apresenta uma frequência de 46 enquanto o italiano de 8.

Além disso, o inglês apresenta valores mínimos em 1927 e máximos a 2000, com uma amplitude de 73 anos. Por sua vez, o italiano apresenta valores que vão desde 1966 até 2000.